



FUNDAÇÃO COMUNITÁRIA TRICORDIANA DE EDUCAÇÃO
Decretos Estaduais n.º 9.843/66 e n.º 16.719/74 e Parecer CEE/MG n.º 99/93
UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE DE TRÊS CORAÇÕES
Decreto Estadual n.º 40.229, de 29/12/1998
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

**PODER E SABER NOS EDITORIAIS DO “MONITOR SUL-
MINEIRO” DE 1872**

**Três Corações
2011**

JOÃO ROBERTO CAIXETA

**PODER E SABER NOS EDITORIAIS DO “MONITOR SUL-
MINEIRO” DE 1872**

Dissertação apresentada à Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR como parte das exigências do Programa de **Mestrado em Letras, Linguagem e Discurso**, para a obtenção do Título de Mestre.

Orientador

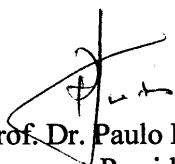
Prof. Dr. Paulo Roberto Almeida

**Três Corações
2011**


ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos quinze dias do mês de setembro de dois mil e onze, sob a presidência do **Professor Doutor Paulo Roberto Almeida**, e com a participação dos membros **Professora Doutora Cilene Margarete Pereira** e o **Professor Doutor Luciano Marcos Dias Cavalcante**, que se reuniram para a banca da defesa de dissertação do mestrando **João Roberto Caixeta**, aluno do Curso de Mestrado em Letras - Linguagem, Cultura e Discurso. O título de sua dissertação é *“Poder e saber nos editoriais de “O Monitor Sul Mineiro” de 1872”*. O resultado foi pela APROVAÇÃO. Eu, secretária, lavro a presente ata que, depois de lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos demais membros da banca examinadora.

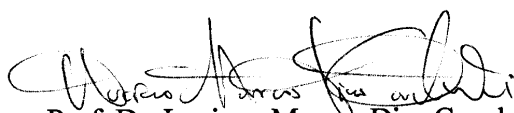
Três Corações - MG, 15 de setembro de 2011.



Prof. Dr. Paulo Roberto Almeida
Presidente



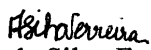
Prof.^a Dr.^a Cilene Margarete Pereira
Membro da Banca



Prof. Dr. Luciano Marcos Dias Cavalcante
Membro da Banca



Prof. Ms. Ivan de Oliveira Pereira
Pró - Reitor



Adriana da Silva Ferreira
Secretária Geral

A **Deus**, o meu parceiro maior nessa caminhada, por infundir-me a motivação necessária para persistir, acreditar nos meus sonhos e na possibilidade de realizá-los.

OFEREÇO

Aos meus pais, **Francisca e Antônio**, o reconhecimento pelo exemplo de vida, pelo amor incondicional e pela sabedoria em vislumbrar que a educação é a condição para a conquista da autonomia e o maior legado que se pode deixar aos filhos.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pelo dom da vida, pela sabedoria e infinitos talentos que nos oferece todos os dias. A Ele, o êxito dessa pesquisa.

Ao Prof. Dr. Paulo Roberto Almeida, orientador da dissertação, agradeço o apoio, a acolhida, a generosa partilha do saber e as valiosas contribuições para este trabalho. Obrigado por estimular o meu interesse pelo conhecimento e pela vida acadêmica. Admirável figura humana que alia a sabedoria à simplicidade, gesto tão nobre e peculiar aos homens superiores de espírito.

À Prof^a. Dr^a. Cilene Margarete Pereira (UNINCOR), pela disponibilidade em compor a banca. Além de partilhar a sua elevada sabedoria, a sua participação valorizou sobremaneira esse trabalho.

Ao Prof. Dr. Luciano Marcos Dias Cavalcanti (UNESP – Araraquara), pela sua colaboração na leitura da dissertação e pela sua participação como membro da banca de defesa. A sua presença é motivo de grande orgulho e só faz enaltecer essa pesquisa devido ao seu profissionalismo e competência.

À Prof^a. Dr^a. Aparecida Maria Nunes, por sugerir o tema, por apontar caminhos e por acreditar no meu potencial. A sua participação foi essencial para que esse trabalho se efetivasse. A minha admiração, respeito, eterna gratidão e amizade sincera.

Aos meus pais, Francisca e Antônio, pela confiança em mim depositada, pelo incentivo e, sobretudo, por serem o meu alicerce e um referencial de determinação, honradez e dignidade.

Às minhas irmãs Maria José, Maria Aparecida, Fátima e Cláudia pelo apoio, amizade e confiança no êxito dessa empreitada.

Aos meus sobrinhos Djenane, Melisa e Diego pelo carinho, paciência e apoio técnico.

Aos professores que participaram da qualificação e que foram essenciais no direcionamento dessa pesquisa: Prof. Dr. Sérgio Roberto Costa e Prof. Dr. Paulo Roberto Almeida.

Aos professores do mestrado: Prof^a. Dr^a. Aparecida Maria Nunes, Prof. Dr. Sérgio Roberto Costa, Prof. Dr. Paulo Roberto Almeida, Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Almeida, Prof. Dr. Luís Fernando Medeiros, Prof. Dr. José Guillermo Milan pela competência, profissionalismo e amizade.

Aos amigos do mestrado: Isabel, Emanuela, Djamar, Eufrânia, Rhadra, Christinne, Helen, Kellen, Rejane, Cida Sales, Bertuolo e Marcelo pela agradável convivência e saudade que deixaram.

Aos funcionários do Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort pela carinhosa acolhida, especialmente Elza Maria Carvalho Valladão pela generosidade, profissionalismo e desprendimento ao permitir o acesso a toda a documentação, indicando material que eu desconhecia, além da amizade e apoio incondicional a essa empreitada.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Machado, pelo apoio irrestrito a fim de que eu me dedicasse exclusivamente a essa pesquisa.

Aos funcionários da UNINCOR por aliarem o profissionalismo ao calor humano.

À Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR pela excelência do ensino ministrado.

“O diâmetro da imprensa é o diâmetro da própria civilização”.

Victor Hugo

“A imprensa é o termómetro da civilização de um povo e a expressão genuína do pensamento social.”

Bernardo Saturnino da Veiga, in Monitor Sul-Mineiro, Ano I, n. 2, 07/01/1872, p.3.

SUMÁRIO

	Página
LISTA DE FIGURAS.....	10
LISTA DE QUADROS.....	12
LISTA DE GRÁFICOS.....	13
RESUMO.....	14
ABSTRACT.....	15
INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO I ECOS DA IMPRENSA NO BRASIL COLONIAL.....	22
1.1 Uma história de luta e resistência à censura portuguesa.....	24
1.2 Imprensa e informação no Brasil do século XIX: a ideologia do poder.....	29
1.3 O nascimento da imprensa no Brasil: a oficialização do texto impresso.....	31
1.4 Gazeta do Rio de Janeiro X Correio Braziliense: o perfil ideológico da emergente imprensa brasileira.....	33
1.5 Nas páginas dos periódicos, as transformações econômicas, políticas, sociais e culturais.....	38
1.6 A proliferação das tipografias e dos periódicos.....	40
CAPÍTULO II A IMPRENSA OITOCENTISTA EM MINAS GERAIS.....	44
2.1 Os primeiros periódicos mineiros.....	47
CAPÍTULO III CAMPANHA: O BERÇO DA CULTURA SUL MINEIRA.....	52
3.1 A imprensa no sul de Minas Gerais: a cidade de Campanha.....	57
3.2 A família Veiga e a implantação da imprensa em Campanha.....	60
3.3 A gênese da 3ª geração da família Veiga no Brasil.....	66
3.4 O perfil de Bernardo Saturnino da Veiga.....	70
3.4.1 A vocação comercial e cultural de Bernardo Saturnino da Veiga.....	72
3.4.2 A biblioteca pública campanhense.....	75
3.4.3 Os almanaques de 1874 e 1884.....	77
3.4.4 A enciclopédia popular.....	79
3.4.5 Os vínculos burgueses e as relações sociais de Bernardo da Veiga.....	83
3.4.5.1 Euclides da Cunha e Bernardo Saturnino da Veiga.....	84
3.4.5.2 Os vínculos de Bernardo da Veiga com a monarquia.....	89
3.4.5.3 A admiração de Bernardo da Veiga pelo escritor José de Alencar.....	96

CAPÍTULO IV O MONITOR SUL-MINEIRO: LER NO PRESENTE PARA SOLETRAR NO FUTURO.....	102
4.1 A concepção gráfica e ideológica do Monitor Sul-Mineiro.....	104
4.2 A tiragem e o público alvo do Monitor Sul-Mineiro.....	118
4.3 O Monitor Sul-Mineiro e a Abolição da Escravatura.....	123
4.4 O Monitor Sul-Mineiro e a Proclamação da República.....	127
4.5 Lemos no presente e soletramos no futuro.....	131
CAPÍTULO V A IMPRENSA PERIÓDICA OITOCENTISTA: DA COERÇÃO À LEGITIMAÇÃO DE UM DISCURSO.....	134
5.1 O Monitor Sul-Mineiro, porta voz do discurso de modernidade de uma elite.....	136
5.2 Monitor Sul-Mineiro: presença constante no cotidiano de Campanha.....	139
5.3 As seções que compunham a linha editorial do Monitor Sul-Mineiro (estratégias para efetivar o discurso).....	142
5.4 Nos editoriais, a identidade do Monitor Sul-Mineiro e a gênese de um discurso	155
5.4.1 O programa político e ideológico do Monitor Sul-Mineiro	157
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	182
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	188
ANEXOS.....	191

LISTA DE FIGURAS

		Página
FIGURA 1	Gravura de Viegas de Menezes representando o governador Pedro Maria Xavier de Atayde e Melo e sua esposa.....	46
FIGURA 2	Placa comemorativa, quando em 1937 Campanha completou 200 anos de fundação.....	52
FIGURA 3	Placa comemorativa destacando a elevação da Campanha à Vila (1798) e, posteriormente à cidade (1840).....	55
FIGURA 4	Foto de litogravura da cidade de Campanha, no ano de 1840.....	57
FIGURA 5	Membros da família Veiga.....	61
FIGURA 6	Lourenço Xavier da Veiga e D. Jesuína de Salles (Ao centro). Genealogia da família.....	65
FIGURA 7	Família Veiga.....	69
FIGURA 8	Bernardo Saturnino da Veiga	71
FIGURA 9	Anúncio referente ao comércio de livros de Bernardo Saturnino da Veiga.....	72
FIGURA 10	Elite intelectual campanhense reunida na tipografia do Monitor Sul-Mineiro.....	88
FIGURA 11	Foto do prédio que abriga o CEMEC/SS.....	90
FIGURA 12	Foto do Monitor Sul-Mineiro.....	94
FIGURA 13	Monumento dedicado ao escritor José de Alencar.....	100
FIGURA 14	Foto do Monitor Sul-Mineiro, ano 1, n. 1, p. 1, 01/01/1872.....	106
FIGURA 15	Residência de Bernardo Saturnino da Veiga em Campanha, no séc. XIX.....	107
FIGURA 16	Foto do Monitor Sul-Mineiro – ano 1, n. 17, p. 1, 21/04/1872.....	110
FIGURA 17	Foto do Monitor Sul-Mineiro – ano II, n. 90, p. 1, 14/09/1872.....	112
FIGURA 18	Foto do Monitor Sul-Mineiro – ano II, n. 78, p. 1, 22/06/1873.....	113
FIGURA 19	Foto do Monitor Sul-Mineiro – ano II, n. 74, p. 1, 15/08/1873.....	114

FIGURA 20	Foto do Monitor Sul-Mineiro – ano 1, n. 46, p. 1, 10/11/1872.....	116
FIGURA 21	Foto do Monitor Sul-Mineiro – ano VI, n. 283, p. 4, 24/06/1877.....	117
FIGURA 22	Foto do Monitor Sul-Mineiro – ano XVII, n. 905, p. 1, 20/05/1888.....	125
FIGURA 23	Foto do Monitor Sul-Mineiro – ano XVIII, n. 984, p. 1, 24/11/1889.....	128

LISTA DE QUADROS

		Página
QUADRO 1	Frequência da publicação do <i>Monitor Sul-Mineiro</i> , no 1º semestre de 1872.....	140
QUADRO 2	Frequência da publicação do <i>Monitor Sul-Mineiro</i> , no 2º semestre de 1872.....	141
QUADRO 3	Monitor Sul-Mineiro - Ano I - 1º semestre -1872. Colunas que apresentaram maior frequência nesse período.....	143
QUADRO 4	Monitor Sul-Mineiro - Ano I - 1º semestre -1872. Colunas que apresentaram menor frequência nesse período.....	145
QUADRO 5	Monitor Sul-Mineiro - Ano I - 2º semestre -1872. Colunas que apresentaram maior frequência nesse período.....	147
QUADRO 6	Monitor Sul-Mineiro - Ano I - 2º semestre -1872. Colunas que apresentaram menor frequência de nesse período.....	149
QUADRO 7	Monitor Sul-Mineiro - Ano I -1872. Frequência das colunas veiculadas nesse período.....	152

LISTA DE GRÁFICOS

	Página
GRÁFICO 1 Monitor Sul - Mineiro – 1º semestre – 1872. Colunas que apresentaram maior frequência nesse período.....	144
GRÁFICO 2 Monitor Sul - Mineiro – 1º semestre – 1872. Colunas que apresentaram menor frequência nesse período.....	146
GRÁFICO 3 Monitor Sul - Mineiro – 2º semestre – 1872. Colunas que apresentaram maior frequência nesse período.....	148
GRÁFICO 4 Monitor Sul - Mineiro – 2º semestre – 1872. Colunas que apresentaram menor frequência nesse período.....	150
GRÁFICO 5 Monitor Sul - Mineiro – Ano I – 1872. Frequência das seções período...	154

RESUMO

CAIXETA, João Roberto. **Poder e saber nos editoriais do ‘Monitor Sul-Mineiro’, de 1872.** 2011. 217 p. (Dissertação – Mestrado em Letras, Linguagem e Discurso). Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR – Três Corações – MG*.

A presente pesquisa objetiva analisar os editoriais do *Monitor Sul-Mineiro*, em seu ano inaugural (1872), quando esse semanário catalisou as transformações políticas, econômicas e culturais e, especialmente, as novas práticas sociais, os discursos emergentes e os anseios de um novo sujeito histórico, estabelecendo novas relações de poder e saber na cidade de Campanha, sul de Minas Gerais. Por extensão, propõe discutir os desdobramentos que marcaram o surgimento da imprensa no Brasil, assim como a importância dessa cidade, no século XIX, quando ela exerceu notável influência econômica, política e cultural sobre vasta região, além de destacar a fecunda e substancial atividade impressa que, ali, se desenvolveu. O objetivo principal desse trabalho se insere nessa conjuntura, quando a imprensa campanhense – representada pelo *Monitor Sul-Mineiro* - ratificou as práticas discursivas e as estratégias de manutenção do *status-quo* de uma elite intelectual, liderada pela família Veiga. Assim, Bernardo Saturnino da Veiga implantaria os mecanismos necessários à validação da alocação desse grupo social à medida que nas páginas do seu periódico, articulavam-se discurso, poder, saber e verdade, na Campanha oitocentista.

Palavras - chave: Imprensa Oitocentista; Campanha (MG); *Monitor Sul-Mineiro*; Discurso e Poder.

*Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Almeida

ABSTRACT

CAIXETA, João Roberto. Strength and Knowledge on ‘Sul-Mineiro Monitor’s’ editorials, from 1872. 2011. 217 p. (Essay – Master’s degree in Arts, Language and Speech). Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR – Três Corações – MG*.

This current research aims at analyzing “Sul-Mineiro” Monitor’s editorials, in its opening year (1872), when this seminar catalyzed the politic, economic and cultural changes and, specially, the new social practices, emerging speech and wishes to a new historic subject, establishing new relations of strength and knowledge in Campanha city, south of Minas Gerais. For this reason, it is proposed to debate the deployment which featured the emergence of the press in Brazil, thus this city importance, in century XIX, when it prosecuted a remarkable economic, politic and cultural influence over a wide region, beyond drafting the fruitful and substantial printing activity which, there, was developed. The main goal of this work is inserted in this juncture, when the Campanha’s press – represented by “Sul-Mineiro” Monitor – ratified the discursive practices and the maintenance strategy of a” status-quo” intellectual elite, headed by Veiga family. Therefore, Bernardo Saturnino da Veiga would install the necessary mechanism to allocation validation of this social group as on his periodic page, the speech, strength, knowledge and truth were being articulated, in Campanha from nineteenth.

Key-words: Nineteenth Press, Campanha (MG), Monitor Sul-Mineiro, Speech and Strength.

*Leader: Prof. Dr. Paulo Roberto Almeida

INTRODUÇÃO

A cidade de Campanha é considerada a mais antiga povoação sul mineira e o berço cultural desse vasto território. O seu surgimento está diretamente relacionado ao nome do ouvidor-mor Cipriano José da Rocha que, em 1737, partiu de São João Del Rei com o intuito de tomar posse dessa região e, posteriormente, organizar a mineração clandestina que, ali, era executada por mineiros e paulistas, além de um considerável número de escravos.

O dia 2 de outubro de 1737, marcado pela chegada de Cipriano José da Rocha à região, foi instituído para celebrar a fundação de Campanha. Era o marco oficial do surgimento de uma cidade que alcançaria um elevado desenvolvimento econômico e cultural.

A atividade de exploração do ouro, aliada à estratégica posição geográfica (ponto de confluência entre mineiros e paulistas), bem como a rota para as tropas que buscavam o caminho da corte, impulsionaram o desenvolvimento do *Arraial de São Cipriano* que, posteriormente, foi denominado povoado de *Santo Antônio do Vale da Piedade do Rio Verde*.

O progresso e o expressivo vigor econômico contribuíram, demasiadamente, para elevar aquela povoação à condição de *Freguesia da Campanha do Rio Verde*, já em 1752.

A submissão a São João Del Rei limitava o desenvolvimento daquela sociedade - ávida pelo progresso - que ambicionava transformar-se na mais importante povoação ao sul da província de Minas Gerais.

Para que se efetivasse a sua emancipação política, a elite campanhense valeu-se da estratégia de oferecer a terça parte dos seus rendimentos (remetido em ouro fundido e do melhor quilate) à coroa portuguesa, mais especificamente à Princesa da Beira, Carlota Joaquina.

Esse artifício político, simbolicamente revestido de benemerência, respeito e obediência, fez com que, pelo alvará régio de 20 de outubro de 1798, fosse auferida a Campanha a denominação de *Real Villa da Campanha da Princeza* que, assim, conquistava a sua autonomia em relação a São João Del Rei, além de delimitar as fronteiras de um vastíssimo território que compreendia, a rigor, todo o sul de Minas Gerais.

Era delineada a história de um povo que, representado pela sua elite, almejava estabelecer um elevado nível de adiantamento cultural, a fim de consolidar a sua glória e perpetuá-la à posteridade.

O ouro impulsionou a economia de Campanha, trazendo-lhe opulência, prestígio e admirável importância econômica, política e cultural.

Porém, esse período foi efêmero, pois a mineração em pouco tempo decaiu, alterando significativamente o quadro econômico, político e social da cidade, que passaria então a estabelecer, por parte de sua elite intelectual, um audacioso projeto civilizador que mantivesse a relevância, o “status” e a glória conquistados no passado.

Além da decadência da exploração aurífera, outro fator que contribuiu para o enfraquecimento econômico de Campanha foram os sucessivos desmembramentos, nas primeiras décadas do século XIX, dos quais originariam mais de 150 municípios sul mineiros.

Assim, ao analisar a nova realidade econômica, advinda da escassez do ouro, instaurou-se o ideal progressista e civilizador campanhense que, estrategicamente, seria erigido ao priorizar a educação e a cultura como aspectos fundamentais no desenvolvimento daquela sociedade e fator de manutenção do seu poder e influência, ainda que diante dos desafios impostos pelos novos paradigmas estabelecidos por aquele contexto oitocentista.

É conveniente destacar que, nesse período, ocorria a interiorização da imprensa, a qual inserida nesse momento histórico refletia as transformações políticas, sociais e culturais do país, especialmente da cidade de Campanha. O seu primeiro periódico, o *Opinião Campanhense*, lançado em 1832, se tornaria o embrião de uma efervescente, fecunda e substancial atividade impressa, que se materializaria em dezenas de outros jornais - ao longo dos oitocentos - traduzindo os discursos emergentes e os anseios de um novo sujeito, inserido em uma sociedade que passava por profundas alterações em seus alicerces.

A elite campanhense, atenta às transformações políticas, sociais e culturais do século XIX, idealizou o projeto de uma sociedade letrada, que se tornasse referência ao se sobressair nos aspectos educacional e cultural. Assim, as glórias do passado seriam eternizadas e o brilhantismo dos cidadãos campanhenses seria motivo de orgulho às próximas gerações. Em uma sociedade onde a esmagadora maioria era constituída por analfabetos há que se destacar o desafio imposto por esse ideal civilizador.

Nesse contexto histórico, inevitavelmente, eram acentuados os vínculos com a corte à medida que se estabelecia, nessa cidade sul mineira, um microcosmo atrelado aos interesses econômicos, além de reproduzir uma organização social, política e cultural, referendada por um parâmetro civilizador pautado no progresso, modernidade e urbanização aos moldes oitocentistas europeus, tão em voga no Rio de Janeiro.

Diante desse pressuposto, desnuda-se a problemática dessa pesquisa ao analisar o papel da imprensa campanhense oitocentista - representada pelo *Monitor Sul-Mineiro* - visto que a cidade de Campanha constituiu um campo profícuo à proliferação dos periódicos no

século XIX, quando os jornais traduziram as lutas e as aspirações de uma elite representada pela família Veiga.

Como foco principal de nossa ação investigativa destacamos o domínio da elite cultural campanhense que detinha o poder de produzir o texto impresso. Através das práticas discursivas dos periódicos, ali editados, eram “reproduzidos” os acontecimentos que influenciavam, sobremaneira, a formação do pensamento com o intuito de “moldar” um novo sujeito integrado ao projeto de sociedade idealizado por aquele grupo social.

Nos estudos empreendidos na realização dessa pesquisa percebe-se, nitidamente, que o *Monitor Sul-Mineiro* - reflexo daquela sociedade oitocentista - constituiu-se uma ferramenta essencial na implantação de uma ideologia de manutenção do poder, a qual era mascarada por uma política de disseminação do saber, que transformaria o periódico em questão em um instrumento fundamental para acentuar a hegemonia de uma elite, visto que esse órgão de comunicação influenciava substancialmente a assimilação de normas ou padrões civilizatórios, a solidificação de novos valores sociais e, sobretudo, a apropriação de uma verdade instituída pelo discurso daquele grupo dominante.

O *Monitor Sul-Mineiro* foi concebido como um instrumento que viabilizaria a implantação de uma prática discursiva que consistia em ditar normas, padrões de conduta, visando à modificação de hábitos e à construção do pensamento coletivo, em conformidade com o ideal de uma elite representada pela família Veiga, mais especificamente, Bernardo Saturnino, o proprietário, redator e editor desse semanário.

É notória a importância - e a influência - dos Veiga, na implantação da imprensa na cidade de Campanha. Além do pioneirismo na criação de periódicos, essa família se destacaria também em empreendimentos culturais como a criação de livrarias e bibliotecas, a edição de enciclopédias e almanaques, a exemplo de Bernardo Saturnino da Veiga, que se utilizou desses precedentes para imprimir uma dinâmica especial à vida social e cultural daquela sociedade oitocentista, ao mesmo tempo em que disseminava conceitos, implantava valores, bem como a assimilação do discurso de uma elite que tentava referendar a sua alocação e hegemonia naquela urbe.

A presente pesquisa pretende destacar o *Monitor Sul-Mineiro* como instrumento na construção da identidade de um povo, parâmetro de civilização e, sobretudo, agente de discursos que visavam estabelecer o ideal de uma elite cultural, representada pela família Veiga, notadamente Bernardo Saturnino.

Considerando a longevidade do *Monitor Sul-Mineiro*, a complexidade estrutural, bem como a multiplicidade de abordagens em sua linha editorial, constatamos a inviabilidade de

análise desse periódico em sua forma ampla ou abrangente às quatro décadas em que ele foi editado.

Dessa forma, determinamos como objeto principal de análise os editoriais do primeiro ano de existência do *Monitor Sul-Mineiro* (ou seja, o ano de 1872), por compreender que assim delimitamos o *corpus* da presente pesquisa no que tange aos aspectos temporal e espacial. Porém, para desnudar o programa político e ideológico do semanário em questão, ressaltamos que a delimitação do *corpus* não exclui a incursão por outras edições que marcaram a existência desse periódico.

Esse recorte possibilita uma investigação do que é relevante na medida em que destacamos o que está intimamente relacionado à implantação de um veículo de comunicação, na segunda metade do século XIX, quando um grupo social objetivava a fixação de normas, condutas ou padrões “civilizatórios” ao mesmo tempo em que ocorria a construção e, por extensão, a legitimação do discurso daquela elite cultural.

Analisando os editoriais, em sua fase inicial (1872), compreendemos os princípios básicos que norteariam a existência do *Monitor Sul-Mineiro*, sendo que os mesmos caracterizariam a identidade desse periódico ao longo de sua existência.

Consideramos os editoriais desse semanário fundamentais para que se possa compreender o perfil adotado por essa gazeta em sua fase incipiente. Neles encontra-se inserido o programa político e ideológico do jornal, bem como a linha editorial implementada pelo seu idealizador. Destacamos o caráter inédito dessa empreitada, visto que não há estudos específicos no que tange à análise dos editoriais do *Monitor Sul-Mineiro*.

Nessa perspectiva, os estudos empreendidos motivaram a organização da presente pesquisa a qual apresento, resumidamente, através da divisão em capítulos.

O primeiro capítulo, *Ecos da imprensa no Brasil colonial*, destaca as tentativas de se produzir atividade impressa na colônia, no período anterior à chegada da corte portuguesa. É evidenciada a ideologia do poder que caracterizou a repressão imposta pelo domínio português ao coibir a divulgação do pensamento impresso. Destaca-se uma história de luta e resistência a essa imposição e, mesmo tardiamente, a imprensa emerge no Brasil testemunhando o contexto histórico, político e social que se esboçava nas primeiras décadas do século XIX, enquanto as tipografias proliferavam em direção ao interior, disseminando ideais através dos periódicos.

O segundo capítulo focaliza *A imprensa oitocentista em Minas Gerais* e, particularmente, ressalta os feitos do padre José Joaquim Viegas de Menezes - considerado o precursor da imprensa mineira - e as dificuldades impostas para se produzir qualquer

atividade impressa no período colonial, visto que nessa província também prevalecia o poder político cerceando a liberdade da imprensa. Em contrapartida, ao recorrer à pesquisa de José Pedro Xavier da Veiga, evidencia-se que o poder político estabelecido não foi suficiente para impedir a profusão de idéias, pois a imprensa em Minas Gerais - através de seus periódicos - apresentou participação ativa na construção de novos discursos históricos.

No terceiro capítulo, *Campanha: o berço da cultura sul mineira* explicita-se a relevância dessa cidade, enquanto centro irradiador de cultura, além de exercer grande influência nas questões culturais, sociais e políticas. Nesse capítulo expõe-se que o progresso e o desenvolvimento alcançados com a mineração impulsionaram o surgimento da imprensa em Campanha e, conseqüentemente, a disseminação dos periódicos.

É destacada, ainda no terceiro capítulo, a família Veiga - responsável pela implantação da imprensa em Campanha e pela edição de diversos periódicos. Ao apresentar a genealogia dos Veiga, ressalta-se a figura de Bernardo Saturnino (fiel representante daquela elite) fundador do *Monitor Sul-Mineiro* e proprietário desse periódico em sua primeira fase. Revela-se o perfil intelectual do jornalista, os empreendimentos culturais implementados por ele, além dos vínculos políticos e sociais com eminentes personalidades do império e da cena cultural brasileira.

O quarto capítulo *O Monitor Sul-Mineiro: ler no presente para soletrar no futuro* destaca a fundação desse periódico no contexto político e social do século XIX. É ressaltado o perfil ideológico, a linha editorial, a variedade de seções e a multiplicidade de abordagens desse semanário de literatura, indústria e notícias, como se auto-intitulava. Além da importância dessa gazeta, enfatiza-se a consolidação de Bernardo Saturnino da Veiga como principal interlocutor de um grupo cultural ao traduzir - através da imprensa - as lutas, aspirações e transformações daquela sociedade.

O quinto capítulo *A imprensa periódica oitocentista: da coerção à legitimação de um discurso* apresenta a discussão propriamente dita. Destacamos os resultados de nossa ação investigativa ao verificar - através de índices - a regularidade do periódico em questão, além de uma minuciosa apreciação das seções que o compunham. Coerente ao que nos propusemos, apresentamos a análise dos editoriais do primeiro ano do *Monitor Sul-Mineiro*, onde se concentra a essência dessa pesquisa, ao conjecturar que, em Campanha, a imprensa oitocentista - representada por esse semanário - foi utilizada para legitimar o discurso de uma elite, personificada em Bernardo Saturnino da Veiga.

Assim, enfatizamos o *Monitor Sul-Mineiro* (através dos editoriais de 1872) como um instrumento para assegurar a hegemonia da família Veiga, à medida que referendava um

projeto político, social e cultural. Ao legitimar o discurso de um grupo social, esse periódico tornou-se um suporte privilegiado à manutenção do poder, através da disseminação do “saber” e a implantação de uma verdade preconizada por aquela elite oitocentista.

CAPÍTULO I: ECOS DA IMPRENSA NO BRASIL COLONIAL

A transferência da Corte joanina, em 1808, tornou-se marco cronológico e histórico para referendar o nascimento da imprensa no Brasil. Nesse ano, nascia a Imprensa Régia, no Rio de Janeiro, quando D. João VI oficializou a atividade impressa na colônia. Antes dessa data era expressamente proibida a impressão de livros e de periódicos.

Porém, restringir o surgimento da imprensa brasileira à criação da Imprensa Régia é adotar uma visão simplista e desconsiderar toda a história de luta contra a censura imposta pela Coroa, nos anos que antecederam à transferência da Família Real Portuguesa para o Brasil.

Reprimir a divulgação de idéias impressas e impedir a livre expressão do pensamento caracterizou a ideologia da dominação portuguesa em terras brasileiras. Essas medidas repressoras visavam manter a colônia sob o seu predomínio, atrelada ao jugo europeu, além de evitar qualquer manifestação de ordem política que implicasse risco à ideologia dominante.

Porém, no Brasil, impedir a manifestação impressa representava, sobretudo, manter a colônia fechada à cultura e imersa nas trevas da ignorância.

Essas atitudes repressoras, por parte da Coroa Portuguesa, fizeram com que a imprensa surgisse tardiamente no Brasil, se comparada a outros países ou até mesmo a outras colônias, conforme atesta Sodré (1999, p.10) “[...] o México conheceu a imprensa, em 1539, o Peru, em 1583; as colônias inglesas em 1650”.

Por vários séculos a dominação portuguesa conseguiu que a sua colônia na América do Sul ficasse “a salvo” dos perigos e da ameaça que a imprensa - através da expressão do pensamento - representava à manutenção da ideologia exploratória.

O fato de algumas colônias espanholas utilizarem o texto impresso, anteriormente ao Brasil, não significou que nelas o processo de implantação da imprensa tenha ocorrido de forma pacífica ou até mesmo sob tolerância dos colonizadores. Ao contrário, sabe-se que a colonização espanhola, igualmente, agiu de forma repressora e intransigente.

Para que se compreenda o real motivo da implantação da imprensa nas colônias sob dominação espanhola, Sodré (1999) reitera que, nelas, os colonizadores encontraram povos em estágios avançados de desenvolvimento e complexidade cultural. Era preciso destruir e substituir essas culturas e os invasores assim procederam para que fossem implantados os instrumentos de sua própria cultura mercantilista.

Diante dessa atitude do povo conquistador, o referido autor tece considerações sobre tais desmandos, considerando-os como um “[...] sintoma de intransigência cultural, de esmagamento, de destruição, da necessidade de, pelos instrumentos adequados, implantar a cultura externa, justificatória do domínio, da ocupação, da exploração” (SODRÉ, 1999, p.11).

Constata-se pela análise do autor que o fato de a imprensa ter sido implantada alguns séculos antes em algumas colônias, não pressupõe que significou avanço a esses povos, pois representou a destruição da sua cultura e uma estratégia de ocupação do povo invasor.

Em contraponto a esse pensamento e para compreender o surgimento tardio da imprensa em terras brasileiras, segundo Sodré (1999, p.11), essa necessidade não se verificou no Brasil onde os colonizadores portugueses encontraram culturas primitivas, na fase cultural da pedra lascada: “[...] Essa necessidade não ocorreu no Brasil, que não conheceu, por isso, nem a universidade nem a imprensa, no período colonial”.

Sodré (1999) ressalta que o estágio cultural dos povos aqui encontrados pelos portugueses não oferecia risco algum ao domínio europeu e não havia, em primeiro momento, a necessidade de “substituir” essa cultura pela ideologia do colonizador.

Tais pensamentos também são apresentados por Isabel Lustosa ao expor o panorama brasileiro, relegado ao atraso por conveniência à autoridade portuguesa.

O Brasil colonial, ao contrário de alguns de seus vizinhos na América latina, não tinha universidade. Era também um dos únicos países do mundo, excetuados os da África e da Ásia, que não produzia palavra impressa. Até 1808, data da chegada de João VI, as letras impressas eram proibidas por aqui. As poucas tentativas de se estabelecerem tipografias esbarram na intransigência das autoridades portuguesas. Imprensa, universidades, fábricas – nada disso nos convinha, na opinião do colonizador. Temiam os portugueses deixar entrar aqui essas novidades e verem, por influência delas, escapar-lhes das mãos a galinha dos ovos de ouro que era para eles o Brasil (LUSTOSA, 2003, p.7).

Esse pensamento, por parte do domínio português, não só retardou o surgimento da imprensa no Brasil, como também contribuiu para acentuar a política que proibia a circulação de qualquer texto impresso em terras brasileiras. Dessa forma, qualquer tentativa de se implantar uma tipografia - por mais rudimentar que fosse – bem como toda manifestação de expressão do pensamento por meios impressos era proibida e imediatamente reprimida na colônia. Essa situação perdurou por todo o período colonial.

1.1 Uma história de luta e resistência à censura portuguesa

A implantação da imprensa no Brasil - bem como o seu progresso - foi sensivelmente contida pela severidade do controle político estabelecido pelo domínio português.

Porém, tal imposição visando coibir qualquer manifestação impressa na colônia não impediu que diversas tentativas aspirassem à livre expressão do pensamento, ainda no período colonial, anteriores à transferência da Corte Portuguesa para o Brasil.

Ressaltar esse período marcado pela censura por parte da Coroa Portuguesa é, acima de tudo, destacar esses momentos de resistência e de luta para que a imprensa - esse privilegiado instrumento de expressão de idéias - ainda que de forma incipiente pudesse se fazer presente no Brasil colonial.

Nessa história marcada pela resistência, destacam-se várias tentativas para que a imprensa no Brasil, ainda que de forma tardia, pudesse fugir ao severo controle que se instaurou e, conseqüentemente, desse os seus primeiros passos.

Esse período importante da história brasileira, quando já se aspirava ao direito de se constituir como nação - além da liberdade de expressão do pensamento - fica, muitas vezes, suprimido dos debates ou pesquisas quando se relega o nascimento da imprensa brasileira à criação da Imprensa Régia, em 1808.

A luta pela implantação da imprensa, no Brasil, já se fazia sentir em um período anterior à chegada de D. João VI através de diversas tentativas visando driblar o controle das autoridades portuguesas, como ocorreu com os vários boletins impressos na Bahia, que já reivindicavam o direito à liberdade e, conseqüentemente, à expressão do pensamento. Esse episódio é descrito por Sodré (1999, p.15) “[...] mas as idéias chegavam, realmente, burlando a vigilância: boletins espalhados na Bahia, às vésperas do movimento de 1798, diziam: “Animai-vos, povo baianense, que está para chegar o tempo feliz de nossa liberdade, o tempo em que todos serão iguais”.

Esses boletins impressos na Bahia, em 1798, eram insuflados pelos ideais libertários e iluministas ocorridos na França e demonstravam que, apesar do controle severo da Coroa, havia o desejo latente de liberdade e de expressão do pensamento, o qual se materializava ainda que houvesse proibições.

Como os ideais iluministas ecoavam além da Europa, Sodré (1999, p.15) assim ressalta a preocupação da Carta Régia de 1792: “[...] recomendava muito cuidado com o navio *Lê Dilligent* que andava nos mares do sul em busca do explorador La Pérouse: era pretexto

para introduzir nas colônias estrangeiras o mesmo espírito de liberdade que reinava neste país (a França) [...]”.

Transparece, mais uma vez, a preocupação por parte das autoridades portuguesas em impedir que não se veiculasse qualquer atividade impressa na colônia, sobretudo, que fosse propagado o temido e “perigoso” teor libertário das idéias iluministas.

Anteriores ao desembarque da Família Real Portuguesa, outras tentativas de utilização das páginas impressas também se fizeram notar, em terras brasileiras. Apesar do caráter de uma imprensa incipiente, merecem destaque três importantes manifestações como em 1706, em Pernambuco, em 1746, no Rio de Janeiro e em 1807, na então, Vila Rica, em Minas Gerais.

No século XVIII, já surgiam iniciativas de se produzir textos impressos no Brasil. Eram atividades isoladas que, quando detectadas, eram liquidadas e punidas com rigor pelas autoridades portuguesas. Dentre essas ousadas e pioneiras tentativas de se produzir textos impressos na colônia, merece destaque a instalação de uma rudimentar tipografia, em 1706, no Recife, com o aval de Francisco de Castro Morais, então governador dessa província.

Quando surgiram as iniciativas isoladas, no século XVIII, o papel das autoridades coloniais foi importante. Elas não decorreram, assim, de uma imposição social, mas de esforços isolados. Nem estes, entretanto, permitiu à metrópole que surgissem, liquidando-os no nascedouro. Em 1706, sob os auspícios do governador Francisco de Castro Morais, instalou-se no Recife pequena tipografia para impressão de letras de cambio e orações devotas. A Carta Régia de 8 de junho do mesmo ano, entretanto, liquidou a tentativa. Determinava que se devia seqüestrar as letras impressas e notificar os donos delas e os oficiais de tipografia que não imprimissem nem consentissem que se imprimissem livros ou papéis avulsos (SODRÉ, 1999, p.17).

Alguns historiadores consideram o ano de 1706 como o marco inicial da imprensa no Brasil, devido à importância desse feito, ainda no início do século XVIII, praticamente um século anterior à instalação da Imprensa Régia, no Rio de Janeiro.

Sodré (1999), apesar de considerar a importância desse feito pioneiro, ressalta a escassez de informações e até mesmo de registros, o que, de certa maneira, remete a esse acontecimento, no Recife, uma significação meramente cronológica.

Essa iniciativa pioneira tem significação meramente cronológica, pois não teve nenhuma função efetiva, nem a suspensão de sua atividade despertou atenção. Até mesmo as informações a respeito, numa época em que os fatos insólitos mereciam registro burocrático rigoroso, são escassas. Não se sabe muito mais a respeito do caso do que o registrado aqui. É o que repetem todas as fontes, sem variações. (SODRÉ, 1999, p.17).

Conforme explicita Sodré (1999), foram várias as tentativas frustradas de se imprimir na época colonial. Ainda que mal sucedidas em função da política da coroa portuguesa, que coibia de forma voraz qualquer expressão impressa (desde informações corriqueiras, de cunho burocrático ou até mesmo orações); manifestações como a do Recife, em 1706, evidencia ainda mais o objetivo das autoridades portuguesas em não permitir o desenvolvimento intelectual autônomo na colônia, para que não fossem alimentadas em solo brasileiro as idéias libertárias que eclodiam fortemente na Europa.

Dessa forma, uma rudimentar tipografia, no Recife, que sequer imprimia periódicos, foi alvo de uma decisão imperial, vetando-lhe a existência.

Outra tentativa de impressão na colônia é datada de 1746, no Rio de Janeiro, quando o português Antônio Isidoro da Fonseca¹, transferiu-se à colônia, conforme relata Rizini (1945).

Sodré (1999) ratifica esse episódio e salienta que, autorizado por Gomes Freire, então governador dessa província, o impressor português montou uma pequena tipografia que chegou a colocar em atividade, mas a corte portuguesa sentenciou que a mesma fosse queimada a fim de que não se propagassem idéias contrárias aos interesses do governo português.

Antônio Isidoro da Fonseca, antigo impressor em Lisboa, transferiu-se à colônia, trazendo na bagagem o material tipográfico com que montou no Rio pequena oficina. Chegou a pô-la em atividade, pois imprimiu alguns trabalhos, entre os quais se destaca a *Relação da Entrada do bispo Antônio do Desterro*, redigida por Luís Antônio Rosado da Cunha, com dezessete páginas de texto. Moreira de Azevedo conta, nos seus *Apontamentos Históricos*, que a metrópole agiu rapidamente para liquidar a oficina: “mandou a Corte aboli-la e queimá-la, para não propagar idéias que podiam ser contrárias aos interesses do estado”. Parece que teve relação com o episódio a ordem régia, de 6 de julho de 1747, onde se dizia ser sabido terem vindo para o Brasil “quantidade de letras de imprimir”, que mandava seqüestrar para o Reino, por conta do dono, notificando-o que “não imprimissem livros, obras ou papéis alguns avulsos, sem o embargo de quaisquer licenças que tivessem para dita impressão, sob pena de que, fazendo o contrário, seriam remetidos presos para o Reino para se lhes impor as penas em que tivessem incorrido, de conformidade com as leis e ordens a respeito” (SODRÉ, 1999, p.17-18).

Conforme havia anteriormente procedido em Pernambuco, a autoridade portuguesa, mediante ordem régia, reprimiu veementemente essa nova tentativa de impressão na colônia. Tal episódio ilustra mais um momento de censura e repressão à liberdade de pensamento que só fez corroborar para que, no Brasil, a imprensa configurasse o seu surgimento tardio (um atraso de mais de 200 anos em relação a outros países americanos, como EUA e México), salienta Bahia (1990).

¹ Antônio Isidoro da Fonseca era impressor conceituado em Lisboa, segundo Carlos Rizini em *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil*, Rio, 1945, p. 312.

Convém salientar que as forças de dominação portuguesa contribuíram, sobremaneira, para que o processo de implantação da imprensa não se efetivasse em terras brasileiras.

A coroa portuguesa procurou razões “elucidativas” para o fechamento da tipografia de Antônio Isidoro da Fonseca, no Rio de Janeiro, razões essas que ficaram claramente explícitas na ordem régia de 6 de julho de 1747.

Não sendo conveniente haver aí tipografias, nem mesmo utilidade para os impressos, por serem maiores as despesas que no Reino, de onde podiam vir impressos os livros e papéis, no mesmo tempo em que deviam ir as licenças da Inquisição e do Conselho Ultramarino, sem as quais não se podia imprimir nem correr obras. No dizer de Moreira de Azevedo, “não convinha a Portugal que houvesse civilização no Brasil. Desejando colocar essa colônia atada ao seu domínio, não queria arrancá-la das trevas da ignorância”. A ignorância, realmente, constitui imperiosa necessidade para que os que exploram os outros indivíduos, classes ou países. Manter as colônias fechadas à cultura era característica própria da dominação. Assim, a ideologia dominante deve erigir a ignorância em virtude (SODRÉ, 1999, p. 18).

Toda tentativa de imprimir textos de qualquer natureza, na colônia, passava pelo crivo da coroa portuguesa. Cada nova investida, no sentido de veicular texto impresso, era severamente reprimida pela metrópole, como reitera Costella (1970).

Todo um conjunto de fatores, interligados, contribuiu para que o processo de implantação da imprensa, no Brasil, se estendesse durante séculos. Sabe-se que, além da imposição portuguesa, faltavam as condições materiais, as sociais, as econômicas e, sobretudo, as condições políticas. Sendo que, esse último fator representou um obstáculo considerável, impedindo que qualquer atividade impressa progredisse na colônia.

Sobre o episódio envolvendo a censura a Antônio Isidoro da Fonseca, Sodré (1999) destaca também o pedido de licença pleiteado pelo impressor português, alguns anos depois, junto à autoridade portuguesa, inclusive a solicitação de liberação do material confiscado, já que o decreto régio assim preconizava.

Em 1750, requeria licença real para voltar a trabalhar no Rio, “com o intento de ganhar o que lhe era preciso e à sua mulher”. Esperava da autoridade real permissão para “estabelecer a dita imprensa no Rio de Janeiro, na mesma forma e para o fim que usava, ou na Bahia”. O despacho foi inexorável e seco: “escusado”. O nome de Antônio Isidoro da Fonseca tem o interesse de fixar as dificuldades, mais do que as realizações da imprensa, na colônia. Coube-lhe, de qualquer maneira, a prioridade: a Relação da Entrada foi o primeiro folheto impresso no Brasil (SODRÉ, 1999, p. 18).

Como atestou Sodré (1999), o nome de Antônio Isidoro da Fonseca - aliado a outros não reconhecidos pelos anais historiográficos - é sinônimo de luta e revela as dificuldades diante de uma história marcada pela imposição do poder português e pela resistência desses,

que, mesmo em condições precárias e adversas, acreditaram na força do pensamento livre (e impresso) para mudar as estruturas do poder.

Para Sodré (1999), desde que Gutemberg inventou os primeiros caracteres em 1436, é notória a força da imprensa - pelo poder do pensamento veiculado - em qualquer época. Dessa forma, ela constitui um eficiente meio de controle social, bem como um instrumento para legitimar autoridades tirânicas que fazem uso desse mecanismo para a sua manutenção no poder.

No episódio do período colonial brasileiro, onde prevalecia uma sociedade “iletrada”, optou-se por “impedir” o acesso à imprensa como forma de dominação e manutenção da autoridade vigente.

Nesse contexto, é imperioso também ressaltar o feito de um sacerdote mineiro, nascido em 1778, em Ouro Preto: o padre José Joaquim Viegas de Menezes, que estudou em Portugal e aprendeu com frei José Marianno da Conceição Velloso a arte da impressão, especialmente a calcografia. Viegas retornou a Ouro Preto, em 1802, onde colocou em prática os conhecimentos adquiridos em Portugal.

Assim, em 1807 - na então Vila Rica, em Minas Gerais - um ano antes da chegada da corte portuguesa e da criação da Imprensa Régia, o padre Viegas superou todas as exigências materiais da imprensa artesanal, e imprimiu um poema que homenageava o então governador da província de Minas Gerais, Pedro Maria Xavier de Athayde e Melo.

O padre Viegas já havia feito algumas impressões de estampas religiosas, mas ao imprimir o poema que homenageava o governador, entrou para a história da imprensa com essa, que é considerada pelos historiadores, a primeira impressão mineira.

Já em 1807, em Vila Rica, o padre José Joaquim Viegas de Menezes cometera a proeza, extraordinária para a colônia, de publicar um opúsculo de 18 páginas, das quais 15 impressas, abertas em cobre, com uma gravura, também calcográfica, representando o governador e sua mulher. Viegas de Menezes aprendera a arte na Tipografia Calcográfica, Tipoplástica e Literária, do Arco do Cego, em Lisboa, dirigida por Conceição Velloso. Sua capacidade ficara obscurecida na modéstia do meio colonial, a que retornara até esplendor na referida façanha e nas gravuras de cenas brasileiras que preparou para o pintor francês Pallière (SODRÉ, 1999, p. 18)

Apesar da grande contribuição do Padre Viegas de Menezes à implantação da imprensa no Brasil, infelizmente, poucos méritos lhe são conferidos. Seu grande feito calcográfico ficou ofuscado em meio à cena colonial e até mesmo na historiografia brasileira que não lhe confere o merecido destaque. A saúde frágil e todas as dificuldades do período

colonial não impediram esse amante das artes gráficas de se tornar um grande intelectual e um dos artífices da implantação da imprensa em nosso país.

No capítulo II, da presente dissertação, ao abordar a implantação da imprensa em Minas Gerais e o surgimento dos periódicos nessa província, será feita nova incursão acerca das façanhas do Padre Viegas de Menezes e a disseminação do pensamento impresso em terras mineiras.

Ao destacar três importantes tentativas de implantação da imprensa: em Pernambuco (1706), no Rio de Janeiro (1746) e em Minas Gerais (1807) - anteriores a Imprensa Régia - delineamos a luta contra a censura e a opressão da coroa portuguesa. Homens que ousaram desafiar esses desmandos e apesar das dificuldades materiais, somadas a outros obstáculos, deixaram impresso - através de seus registros - a ideologia de uma época, além de contribuir, sobremaneira, para que fosse escrita uma página importante da nossa história no que tange à implantação da imprensa no Brasil.

O período colonial brasileiro foi marcado pela imposição, pela supremacia do poder institucionalizado sobre uma população majoritariamente analfabeta que, em sua grande maioria, era composta de escravos e totalmente destituída de qualquer direito civil ou político. Esse cenário político e social permaneceu praticamente inalterado, mesmo após a independência, onde ainda era latente o desejo de controle não apenas dos textos impressos, mas também do pensamento do indivíduo.

1.2 Imprensa e informação no Brasil do século XIX: a ideologia do poder

No Brasil, até as primeiras décadas do século XIX, o conteúdo editorial era totalmente controlado pela corte e tal fato contribuiu para que a imprensa desse período pouco evoluísse, além de ficar praticamente restrita ao Rio de Janeiro, devido ao isolamento geográfico das cidades e vilas, consequência da precariedade de acesso ao interior.

Diante desse contexto, a incipiente e rudimentar atividade editorial brasileira pouco desenvolveu e tais empecilhos para a sua expansão eram favoráveis aos interesses da coroa que, dessa forma, impedia que as insatisfações e as críticas à autoridade portuguesa adquirissem proporções através das páginas dos periódicos.

Nas primeiras décadas do século XIX, o cotidiano das cidades do interior e vilas se restringia à vida agrária e totalmente dependente da mão de obra escrava. Pelas ruas lamacentas dessas vilas e cidades transitavam mulas de carga, porcos, galinhas e, praticamente, nenhuma informação que ferisse os interesses da Coroa Portuguesa.

No Brasil (assim como ocorreu em séculos anteriores), nos primeiros anos do século XIX a imprensa passou por severos mecanismos de coerção advindos da autoridade portuguesa que não permitia voz própria à produção editorial, utilizando-se desse recurso como forma de controle e, sobretudo, visando à manutenção do poder instituído.

Dessa forma, a imprensa não representaria - através do seu discurso - uma ameaça à hegemonia portuguesa e à política de perpetuação do poder em terras brasileiras.

Nesse contexto, é apropriado recorrer ao pensamento de Foucault (2008a) quando ele afirma que o discurso é continuamente permeado por relações de poder, por uma luta de vozes que visam se difundir.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atinge revelam logo, rapidamente, sua ligação com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que expressa (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto de desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é somente aquilo que traz lutas ou sistema de denominação, mas aquilo por que se luta, o poder de qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 2008a, p. 10).

O capítulo V, da presente dissertação, destacará o pensamento foucaultiano no que se refere às práticas sociais e as relações de poder e saber na validação de um discurso, visto que esses aspectos constituem os pontos fundamentais dessa pesquisa.

No caso da Coroa Portuguesa, era evidente a consciência de que não dando voz própria à imprensa no Brasil, além de regular o que era editado, era estabelecido um poderoso mecanismo de manutenção do poder ao reprimir os discursos subversivos, “deturpadores da ordem” ou contrários à moral e aos bons costumes.

Mesmo na fase inicial da imprensa no Brasil, quando o discurso impresso era produzido de forma artesanal e incipiente, já havia por parte da coroa portuguesa a preocupação em calar uma alocação que, seguramente, representaria uma ameaça ao poder instituído.

Exercendo esse poder de coerção sobre a imprensa, a autoridade portuguesa objetivava a não divulgação de idéias liberais que pudessem modificar o quadro de dominação e imposição de sua autoridade. Impedir o discurso da imprensa representava manter as estruturas econômicas e sociais, conter o avanço de idéias liberais e a emancipação política da colônia.

Os periódicos que seriam editados a partir de 1808, ainda que limitados pelo poder coercivo, pela falta de abrangência e pela prática rudimentar com que eram elaborados, mesmo assim se constituíram em importantes documentos de pesquisa e valiosos registros de

uma época, pois neles é possível perceber a visão de uma sociedade e de seu projeto político para uma nação que estava emergindo.

A imprensa oitocentista, através de seus periódicos e pela ação da palavra impressa, tornou-se fundamental para expor opiniões, abrindo em suas páginas o espaço político que transformaria as relações de poder na sociedade brasileira.

No Brasil colonial, muitos periódicos apresentavam como característica essas duas ideologias que se complementavam: o combate ao inimigo político e a manutenção das formas de poder e dominação, visto que a imprensa estava vinculada diretamente às elites políticas, segundo Le Goff (1994).

Os periódicos surgidos a partir de então, em diversas vilas e cidades do interior, encerravam em si mais que a transmissão de discursos², representavam a modificação progressiva nas relações sociais, bem como nas formas de poder.

Chartier (1987) ratifica que a imprensa, muitas vezes, legitima ou consolida o pensamento de determinado grupo social ou de uma parcela da sociedade que a ela tem acesso, porque em suas páginas reflete as idéias dessa elite, que através de seu discurso, encontra-se ávida para implantar novos conceitos ou representações sociais que lhes possam assegurar a manutenção do poder. Esse era o contexto histórico e ideológico do século XIX considerando a expressão do pensamento através das páginas da imprensa periódica.

Através do discurso ideológico das gazetas desse período, pode-se analisar a nova estrutura de poder que se articulava nas primeiras décadas do século XIX: a corte, uma pequena elite intelectual e os proprietários de escravos. Visualiza-se também a “efervescência” na vida da colônia nos variados segmentos que sustentavam as estruturas da sociedade brasileira da época.

1.3 O nascimento da imprensa no Brasil: a oficialização do texto impresso

Com a corte portuguesa aportando no Brasil, em 1808, foi criada a Imprensa Régia, no Rio de Janeiro. Mais do que um acontecimento histórico e cronológico, tal fato marca a oficialização da atividade impressa na colônia.

Esse ano é considerado o marco inicial - e oficial - da imprensa no Brasil. Antes dessa data, a impressão de livros ou de jornais era proibida na colônia, bem como o funcionamento de bibliotecas e universidades.

² CHARTIER, Roger. *Les usages de l'imprimé (XVe – XIXe siècle)*. Paris: Fayard, 1987. p. 8.

O advento da Família Real Portuguesa em terras brasileiras mudaria consideravelmente a vida da colônia, que ganharia novo impulso devido à chegada de funcionários régios, comerciantes, fidalgos, artistas e toda uma profusão de “novos colonizadores”, transformando a estrutura política e social vigente.

Segundo Dias (1982, p. 167) investiu-se em estradas para a circulação de mercadorias, pois se fazia necessária a “interiorização da metrópole”. Essas novas estradas, além de impulsionar a atividade comercial, facilitariam o abastecimento da corte, que necessitava dos suprimentos vindos do interior.

É importante destacar que esse processo de “interiorização” tornou-se um campo profícuo para alterar significativamente a vida econômica e política da colônia, especialmente a do interior, que com o advento das novas estradas, constituía-se um amplo espaço a ser desbravado e, sobretudo, um vasto campo para a disseminação da imprensa e de seus periódicos.

A presença da família real portuguesa motivou a criação da imprensa com a finalidade de divulgar as notícias convenientes ao poder português e também para que fossem impressos os decretos relacionados à coroa, além da movimentação social do reino³.

Sob auspícios de D. João VI, surgia a imprensa institucionalizada no Brasil. A historiografia registra um fato inusitado envolvendo o advento da corte portuguesa em sua transferência para a colônia, fato esse diretamente relacionado à instalação da imprensa no Brasil.

A imprensa surgiria, finalmente, no Brasil – e ainda desta vez, a definitiva, sob proteção oficial, mais do que isso: por iniciativa oficial -, com o advento da Corte de D. João. Antônio de Araújo, futuro conde da Barca, na confusão da fuga, mandara colocar no porão da Medusa o material fotográfico que havia sido comprado para a Secretaria de Estrangeiros e da Guerra, de que era titular, e que não chegara a ser montado. Aportando ao Brasil, mandou instalá-lo nos baixos de sua casa, à rua dos Barbonos (SODRÉ, 1999, p. 19).

Em consequência desse episódio casual, em 31 de maio de 1808, no Rio de Janeiro, por intermédio de D. João VI é oficializada a imprensa brasileira mediante o Ato Real.

À imprensa régia, recém criada, cabia divulgar as informações oficiais do Poder Real. Dessa forma artesanal de imprensa e de seus prelos rudimentares é que surge o primeiro periódico brasileiro: *A Gazeta do Rio de Janeiro*, após 308 anos de proibições e imposições.

³ BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

No dia 10 de setembro de 1808 era veiculada a primeira edição da *Gazeta do Rio de Janeiro*, considerada por muitos historiadores como o primeiro jornal brasileiro.

Há os que questionam esse fato histórico e consideram o *Correio Braziliense* como o primeiro periódico brasileiro, ainda que tenha sido publicado em Londres e, mesmo editado fora da colônia, foi veiculado três meses antes da primeira publicação do periódico joanino.

1.4 Gazeta do Rio de Janeiro X Correio Braziliense: o perfil ideológico da emergente imprensa brasileira

Para se evitar qualquer conflito de ordem cronológica e até mesmo histórica - no que se refere aos dois periódicos citados - seria mais sensato adotar o seguinte posicionamento: o primeiro jornal brasileiro foi o *Correio Braziliense*, produzido na Inglaterra e lançado no dia 1º de junho e a *Gazeta do Rio de Janeiro* foi o primeiro jornal impresso no Brasil, constituindo-se no diário oficial da corte, lançado em 10 de setembro, ambos começaram a circular no ano de 1808.

Os dois periódicos adotaram um perfil diferenciado, com ideais opostos. Além da questão da procedência, eles eram diferentes em tudo e quando se levava em conta a questão da orientação, a diferença chegava quase ao antagonismo (SODRÉ, 1999, p. 22).

A *Gazeta do Rio de Janeiro*, como era o Jornal Oficial, feito pela imprensa oficial, não continha atrativo para o público, pois nem era essa a preocupação dos que o faziam (SODRÉ, 1999, p. 20).

O seu primeiro redator foi frei Tibúrcio José da Rocha, que trabalhou quatro anos sem nada receber, demitiu-se e foi substituído por Manuel Ferreira de Araújo. À essa época, Hipólito da Costa tece comentário questionando a qualidade do conteúdo veiculado na *Gazeta do Rio de Janeiro* que, a seu ver, era considerado de qualidade duvidosa.

Frei Tibúrcio nada ganhava “para ser gazeteiro”: quatro anos aturou o ofício, e demitiu-se sendo substituído por Manuel Ferreira de Araújo. Hipólito da Costa lastimaria que se consumisse “tão boa qualidade de papel em imprimir tão ruim matéria”. A qualificação era merecida, sem qualquer dúvida, mas caberia, ao longo dos tempos, com a mesma justeza a muitas outras folhas. Consagrada como marco inicial da imprensa brasileira, a de frei Tibúrcio não teve nenhum papel daqueles que são específicos do periodismo, salvo o cronológico (SODRÉ, 1999, p. 20).

A *Gazeta do Rio de Janeiro* constituiu-se no diário oficial da corte e, apesar das severas críticas que lhe eram dirigidas, circulava três vezes por semana, no formato de quatro páginas e foi editada de 1808 a 1822. Considerado de estilo “noticioso”, além dos atos

oficiais da corte, a sua pauta incluía desde as informações sobre a família real até o estado de saúde dos príncipes europeus. Não havia nenhum teor crítico, visto que esse jornal encontrava-se sob domínio da autoridade portuguesa. Suas notícias revelavam um Brasil sem nenhuma insatisfação. Assim se estruturou ideologicamente a *Gazeta do Rio de Janeiro* nos quatorze anos de sua existência.

Por meio dela só se informava ao publico, com toda a fidelidade, o estado de saúde de todos os príncipes da Europa e, de quando em quando, as suas páginas eram ilustradas com alguns documentos de ofício, notícias dos dias natalícios, odes e panegíricos da família reinante. Não se manchavam essas páginas com as efervescências da democracia, nem com a exposição de agravos. A julgar-se do Brasil pelo seu único periódico, devia ser considerado um paraíso terrestre, onde nunca se tinha expressado um só queixume (SODRÉ, 1999, p. 20).

Certamente, havia muitos problemas, queixumes e insatisfações, porém os mesmos não eram refletidos nas páginas desse periódico por razões óbvias: era um jornal a serviço da corte, além de grande parte do seu conteúdo ser retirado da *Gazeta de Lisboa* ou de jornais ingleses, depois de ser lido e revisto pela autoridade portuguesa que não apresentava outra finalidade senão agradar a coroa.

Em contrapartida, o *Correio Braziliense* seguiria o espírito do seu polêmico idealizador. Segundo Isabel Lustosa (2003, p. 9), Hipólito José da Costa Furtado de Mendonça nasceu em 1764, na colônia de Sacramento, na Cisplatina - aquela parte do Brasil que foi formar depois o Uruguai. Chegou a Londres em 1805, fugido de Portugal, onde estivera preso durante três anos por obra e graça do Santo Ofício. Num relato publicado já na Inglaterra, questionava os ingleses e o fato de um país europeu viver submetido ao sistema da Inquisição em plena idade das Luzes.

Fiel à ideologia do seu emblemático redator, o *Correio Braziliense* abordava os mais variados assuntos, tais como: comércio, artes, literatura, ciências e como não poderia deixar de ser, o teor político.

Exilado na Inglaterra, foi através das páginas desse periódico que Hipólito José da Costa atacou a administração portuguesa, a corrupção e também criticou os monopólios estabelecidos por Portugal e Inglaterra, pois defendia o livre comércio. Havia espaço para se discutir longamente os mais variados assuntos, visto que esse periódico - cuja circulação era mensal - adotou o estilo brochura, contendo mais de cem páginas por edição.

Por ser editado na Inglaterra, o *Correio Braziliense* ficou imune à censura, podendo manifestar independência em relação aos assuntos abordados e até mesmo criticar as autoridades e a própria sociedade que, no Brasil, se instaurava.

Havia por parte de Hipólito José da Costa a consciência em relação ao poder do pensamento impresso e o temor que tais idéias provocavam na elite que centralizava esse domínio e fazia da censura a sua arma contra as “luzes” dos novos tempos preconizados pela imprensa.

Resolvi lançar esta publicação na capital inglesa dada a dificuldade de publicar obras periódicas no Brasil, já pela censura prévia, já pelos perigos a que os redatores se exporiam, falando livremente das ações dos homens poderosos. Razões óbvias: teria sido mesmo difícil, senão impossível, manter folha imune à censura, aqui, no início do século XIX (SODRÉ, 1999, p. 20).

Considerado por Werneck Sodré (1999, p.21) como um periódico do tipo doutrinário e não noticioso como a *Gazeta do Rio de Janeiro*, o jornal editado por Hipólito defendia ainda a abolição, contanto que ela fosse implantada de forma gradativa e propunha a adoção do trabalho assalariado e o incentivo à imigração, porém não partilhava os ideais de independência da colônia, que ecoavam cada vez mais fortemente.

Apesar de ser favorável às reformas, o jornalista não as preconizava sendo implantadas pelo povo.

[...] Ninguém deseja mais do que nós as reformas úteis, mas ninguém aborrece mais do que nós sejam essas reformas feitas pelo povo. Reconhecemos as más conseqüências desse modo de reformar. Desejamos as reformas, mas feitas pelo governo, e urgimos que o governo as deve fazer enquanto é tempo, para que se evite serem feitas pelo povo⁴ (SODRÉ, 1999, p. 28).

Hipólito, que nutria ideologia monarquista, era contrário ao desejo latente de independência do Brasil, como atesta Dourado (1957), o seu melhor biógrafo⁵.

Hipólito José da Costa explicitou nas matérias editadas quais eram os objetivos do seu jornal, bem como toda a dificuldade em veiculá-lo, sendo fiel aos fatos.

⁴Correio Braziliense, p. 573, VI.

⁵ Mecenaz Dourado: Hipólito da Costa e o Correio Braziliense, Rio, 1957, p.145, I.

Hipólito admite que o jornal surgiu com o fim de “preparar para o Brasil instituições liberais e melhores costumes políticos”. Mas admite também, que “evidentemente, não foi fundado para pregar a independência e não a pregou”. O próprio jornalista deixaria entrever, ou expressaria claramente, as suas finalidades, nas matérias que divulgava. Em 1819, por exemplo: “Ninguém tem atacado mais os defeitos da administração do Brasil do que o *Correio Braziliense*. Começou este periódico há mais de onze anos só para esse fim, sendo acidentais as outras matérias [...] tenhamos tido grandes dificuldades, já porque escrevemos em país estrangeiro, mais distante do nosso, já porque escrevemos contra os defeitos da administração, todas as pessoas em autoridade, principalmente as em que se fala diretamente, devem ser inimigos desta obra e embaraçar-lhe os meios de obter informações autênticas” (SODRÉ, 1999, p. 20).

Hipólito da Costa acabaria acatando os anseios de independência, visto que esse era o desejo dos leitores do seu jornal.

Segundo Sodré (1999, pp.24-25), em Londres, o *Correio Braziliense* era amplamente divulgado e lido pelos portugueses que lá residiam, além de ser muito lido no Brasil “por todos”. Convém ressaltar que, em uma época, onde a maior parte da população brasileira era analfabeta, os periódicos alcançavam uma tiragem de 200 a 500 exemplares.

Na historiografia, aqueles que preconizam o jornal de Hipólito José da Costa integrado à cena brasileira da época, ainda que editado no exterior, consideram a data do seu aparecimento como o marco inicial do nosso periodismo.

Quando surgiu a 10 de setembro a *Gazeta do Rio de Janeiro*, já circulavam dois números do *Correio Braziliense*. Considerando o tempo de transporte marítimo dos portos ingleses aos brasileiros - na época da navegação à vela - provavelmente, o *Correio Braziliense* já era lido em terras brasileiras quando o periódico oficial da corte começou a ser editado, no Rio de Janeiro (SODRÉ, 1999, p. 22).

O *Correio Braziliense* - independente de qualquer discussão envolvendo a primazia em ser ou não o primeiro periódico brasileiro - constitui relevante fonte documental e um grande feito para a época, levando-se em conta as condições exigidas para desenvolver qualquer atividade impressa, no Brasil, do início do século XIX.

Segundo Werneck Sodré (1999), esse periódico apresentava finalidade moralizadora e não modificadora, ética e não revolucionária e, independente de sua ideologia, editá-lo foi uma tarefa gigantesca para as condições da época, representando uma insubstituível fonte onde se reflete o quadro da independência, visto do ângulo da burguesia inglesa.

Esse periódico mensal, publicado em Londres, circulou de 1º de junho de 1808 a dezembro de 1822, variando de 96 a 150 páginas, alcançou um total de 175 números. Eram poucos os trabalhos assinados e Hipólito, confessou mais de uma vez que o fazia sozinho.

Agora é essencial ao nosso argumento o declarar aqui que todo o incansável trabalho de redação, edição, correspondência, etc; etc; deste periódico tem recaído sobre um só indivíduo que, aliás, carregado de outras coisas e mui diversas ocupações, que se lhe fazem necessárias, já para buscar os meios de subsistência, que não pode ter nos escassos lucros da produção literária deste jornal, já para manter a sua situação no círculo público em que as circunstâncias o obrigam a viver⁶ (SODRÉ, 1999, p. 23).

Duas confissões ficam evidentes no relato de Hipólito José da Costa: a de que ele redigia o jornal praticamente sozinho e a de que era obrigado a exercer outras atividades para sobreviver. O jornal era considerado uma publicação cara. Outra dificuldade de Hipólito estaria relacionada à parte comercial do seu mensário, que era extremamente prejudicada, levando-se em conta a orientação ideológica adotada pelo periódico.

Uma questão difícil de elucidar é até que ponto o *Correio Braziliense*, ao circular na colônia, teria cumprido a sua finalidade doutrinária de influir na opinião e cumprir seu objetivo moralizador. Circulando em Portugal, Inglaterra e Brasil, esse periódico demonstrou a sua força de comunicação. E, sabedora desse poder do *Correio Braziliense*, a corte do Rio de Janeiro tomou providências para deter o periódico em terras brasileiras.

Em 27 de março de 1809 foi determinada à alfândega, a apreensão de todo material impresso no exterior, contendo “críticas” ao governo, conforme explicita Sodré.

[...] O Príncipe Regente Nosso Senhor, a cuja Real Presença levei o officio de V.M.; juntamente com o Aviso e a brochura vinda de Londres, cheia de calúnias contra a nação e o governo inglês, cheia de atrozes falsidades contra várias pessoas e das maiores absurdidades sobre a economia política, o qual V.M. justamente deteve. É servido ordenar que V.M. mande guardar o mesmo Aviso e obras, não o entregando a pessoa alguma e que mesmo pratique com todas as cópias e exemplares de semelhantes obras que possam vir para o futuro, não querendo que S.A.R. permitir que se divulgue nos seus Estados uma obra cheia de veneno político e falsidade, e que pode iludir gente superficial e ignorante, além de ser um verdadeiro libelo (SODRÉ, 1999, p. 25).

Como era previsto, esse foi o primeiro ato da coroa portuguesa – muitos outros seriam expedidos - com o intuito de impedir que o *Correio Braziliense* veiculasse suas idéias no Brasil.

Mais uma vez, a autoridade portuguesa lançou mão da estratégia de censura e imposição do poder a fim de coibir um instrumento que veiculasse o pensamento impresso na colônia.

É interessante chamar a atenção para as datas que marcaram o surgimento (1808) e o desaparecimento (1822) do *Correio Braziliense*. Ele surgiu em um momento fundamental de

⁶ *Correio Braziliense*, p. 174, XXIII.

nossa história - quando o Brasil foi sacudido pela onda de cultura e progresso provocada pela presença do rei e de sua corte no Rio de Janeiro - e deixou de existir no ano em que foi proclamada a independência. Durante quatorze anos um brasileiro que nascera no Uruguai, se formara em Portugal, conhecera os Estados Unidos antes e melhor que qualquer outro de seu tempo e que viveria a maior parte de sua vida na Inglaterra se dedicou a publicar um jornal para o Brasil (LUSTOSA, 2003, pp. 8-9).

O *Correio Braziliense* incomodou tanto a corte que D. João VI estimulou o surgimento de outras publicações. Apesar dos atritos com a coroa portuguesa, o *Correio Braziliense* sobreviveu até a independência do Brasil, em 1822.

Independente de se discutir a quem coube a primazia de se consagrar como o primeiro periódico brasileiro, é inegável a contribuição de Hipólito da Costa que, ao editar o seu periódico, produziu aquele que é, sem dúvida, um importante documento retratando o nascimento de um país chamado Brasil.

Tanto a *Gazeta do Rio de Janeiro* como o *Correio Braziliense* - apesar de suas posições ideológicas antagônicas - constituíram importantes registros do nosso país, ainda na fase embrionária, quando iniciava como nação.

1.5 Nas páginas dos periódicos, as transformações econômicas, políticas, sociais e culturais

Marcadamente, o século XIX ficou caracterizado pelas profundas transformações na sociedade brasileira. Tais mudanças se acentuaram nos aspectos econômico e cultural e repercutiram fortemente na questão política.

Intensas transformações marcaram esse período e, como não poderia deixar de ser, através de uma participação ativa, a imprensa testemunhou em suas páginas esse novo contexto histórico, político e social que se desenhava nas primeiras décadas do século XIX.

A independência do Brasil, em 1822, se efetivou graças aos “ecos” desses novos tempos e em consequência das transformações e mudança na forma de pensar de uma elite, que desejava a emancipação política colonial, mas por contradição às idéias liberais européias, pretendia conservar as estruturas sociais - especialmente no que se referia à manutenção do sistema de produção alicerçado na mão de obra escrava.

Ao contextualizar os movimentos em torno da Independência, Sodré (1999, p. 56) ressalta a ideologia da classe dominante colonial que “pretendia uma separação em que não se rompesse com o passado, sem quebrar a louça, sem arranhão na estrutura colonial”.

A sociedade brasileira passava por uma efervescência sem igual. Mudanças de toda ordem alteravam a estrutura política, econômica, social e cultural da colônia recém independente.

Paralelo a essas transformações ocorre também o processo de urbanização que contribuiu para ditar novas formas de convívio e, conseqüentemente, novas formas de sociabilização.

Segundo os relatos de Sodré (1999), a cidade do Rio de Janeiro, reproduzindo modelos europeus de “refinamento” e “padrões culturais” que deveriam ser seguidos pelos brasileiros, acabou por se curvar às normas “civilizatórias” francesas, que introduziram novos hábitos burgueses como as atividades culturais relacionadas à imprensa.

Com a independência do Brasil, iniciou um “novo processo civilizatório”. Novos padrões e valores deveriam ser assimilados em função de um modelo europeu de civilização - que já havia sido implantado com a chegada da família real portuguesa - mas, agora, se fazia sentir intensamente na vida da jovem nação liberta.

Faz-se oportuno o pensamento de Norbert Elias (1990) ao afirmar que a evolução dos costumes caracteriza o processo civilizador e esse processo civilizatório ocorre quando se concretizam as transformações que o homem opera na natureza física e social do próprio homem e, dessa forma, em função dos interesses dos grupos sociais dominantes, define novos valores e padrões de agir, criando também novas formas sociais de convivência respaldadas por essa classe que detém o poder. Era o processo que ocorria, no Brasil, nas primeiras décadas do século XIX, ao se sujeitar aos costumes europeus como normas ou padrões aceitáveis de “civilização”.

Nesse contexto de transformações de ordem econômica, política, social e cultural, novas conjunturas se estabeleciam nas relações de poder. Esse cenário de forças, atento ao projeto civilizatório europeu, impõe um “novo saber” pelas páginas dos livros e dos periódicos. E, nesse país de maioria analfabeta, um projeto de “nação letrada” estaria a caminho.

Conforme preconiza Foucault (2008b), “um saber não se constitui sem a produção do discurso”, e assim, ao veicular valores e idéias adotadas na Europa, a imprensa no Brasil ganha o importante reforço de uma recente categoria: o público leitor, que embora incipiente, já começava a se fazer notar através da nova burguesia intelectual emergente e, futuramente, as mulheres.

Esse novo processo civilizatório foi assimilado pelos periódicos e Gilberto Freyre (1936) ressalta a importância desses jornais que, segundo o autor, constituem importante

material de estudo da nossa cultura, bem como subsídios para compreender o processo de europeização da sociedade oitocentista brasileira.

Em meio a essa efervescência, destacou-se também a atividade comercial gerada pela circulação de mercadorias, a necessidade de abastecimento dos centros urbanos - especialmente o Rio de Janeiro, personificado na corte portuguesa - tudo isso contribuiu para a formação de uma “teia” de interesses, que respaldada pelo aspecto econômico, alavancou profundas mudanças na vida social e cultural, além de se entrelaçar aos interesses políticos, conforme salienta Lenharo (1979).

A abertura de caminhos para o interior, que já ocorrera quando a família real aqui aportou, agora se intensifica. Movido pela necessidade - e pelo interesse econômico - são abertos também os caminhos para a imprensa rumo ao interior do país. E assim, ainda em 1822, mais de 40 jornais já haviam sido criados no Brasil.

Nesses periódicos do século XIX, encontra-se de tudo: desde a troca de mercadorias até os mais variados anúncios de compra e venda de negros, e, principalmente de fuga de escravos. Nas páginas desses jornais encontra-se um retrato da realidade brasileira do período (FREYRE, 1979).

À medida que ocorre a disseminação da imprensa pelo interior, bem como a proliferação dos periódicos, mais que anúncios de negros fugitivos, os jornais passam a expor motivos para revoluções e, principalmente, projetos políticos para o futuro da nação.

Segundo Sodré (1999), o advento dos “novos tempos”, proporcionado pelas rudimentares tipografias, trouxe através dos prelos da imprensa oitocentista a disseminação dos ideais de soberania e liberdade de pensamento, pois os periódicos se transformariam em propagadores de idéias panfletárias e, sobretudo, um espaço de ação política.

1.6 A proliferação das tipografias e dos periódicos

A censura imposta pelas autoridades portuguesas havia acabado em 1821. De certa forma, ela já havia sido amenizada em 1915, quando, seis anos antes já eram publicados convites, anúncios, enfim, havia uma relativa liberdade de imprensa, que fez surgir diversos jornais pelo país.

A maior parte desses periódicos era de caráter doutrinário, com uma linguagem muitas vezes, agressiva. Em sua maioria - eram efêmeros, não conseguindo se firmar em meio às profundas transformações que a sociedade brasileira enfrentava. Alguns desses jornais adotavam um discurso mais cultural, já outros, uma tendência mais política e ideológica.

A imprensa - através de seus periódicos - participava de um processo importante de conquista da liberdade, de formação da identidade brasileira, de estruturação do Estado, bem como a criação de instituições democráticas, conforme reitera De Luca (2005).

Foi o período de proliferação das tipografias e, conseqüentemente, de multiplicação dos periódicos. Em meio a uma população, em sua maioria analfabeta, era imprescindível que esse povo fosse “educado” através dos jornais, além de prepará-lo para estruturar o Estado brasileiro, bem como ocupar - como cidadão - o novo espaço público que se formava com a independência. Muitos periódicos desse período nasciam com um objetivo definido e segundo Isabel Lustosa (2000, p.102) “[...] se propunham a educar o povo para o futuro constitucional que se avizinhava”.

O historiador Werneck Sodré (1999, p. 36) registra o que seria o fenômeno da atividade tipográfica, no Brasil: “Em 1821, surgiram mais duas tipografias no Rio de Janeiro. No ano seguinte, o da independência, instalaram-se mais quatro”.

Não só no ano da independência, mas também nos que a antecederam, diversas tipografias eram instaladas por todo o Brasil. Na Bahia, desde 1811, funcionava a de Manuel Antônio da Silva Serva onde foi impresso, a 13 de maio, o *Prospecto da Gazeta da Bahia* e a *Idade de Ouro do Brasil*. No Recife, o comerciante Ricardo Rodrigues Catanho importou, em 1815, oficina tipográfica, mas faltava pessoal habilitado. Nessa tipografia, em 28 de março de 1817, foi impresso o documento político *Preciso*, onde era discutido o problema da liberdade. No Maranhão, a 10 de novembro de 1821, foi instalada uma tipografia, bem como uma outra no Pará, em 1820 (SODRÉ, 1999, p. 36-37).

Dessa forma, acompanhando a proliferação das tipografias, multiplicavam-se os periódicos por todo o Brasil. O *Diário do Rio de Janeiro* surgiu em junho de 1821 e durou até 1878, e é considerado o primeiro Jornal brasileiro com predominante teor popular. Em 1821, também no Rio de Janeiro, foi criado o *Malagueta*, de Luis Augusto May, um jornal que se destacou pelo forte tom político e pela polêmica. Ainda no ano de 1821 surgiu aquele que seria o grande jornal de caráter combativo e doutrinário: o *Revérbero Constitucional Fluminense*. Editado por Joaquim Ledo e Januário Barbosa, esse periódico criticava, ferozmente, a corte portuguesa. No dia 4 de agosto de 1821, surgiu na Bahia o jornal *Diário Constitucional*, com forte teor político. Em 1822, nascia o jornal *Sentinela da Liberdade*, fundado pelo baiano Cipriano Barata, considerado um dos primeiros jornalistas brasileiros, intelectual – republicano, contrário à escravidão - e extremamente politizado. Esse jornal inspirou a criação de vários outros periódicos com o mesmo nome pelo país.

Em meio à profusão de idéias, a proliferação de tipografias e a multiplicação de

periódicos, Cipriano Barata registrou o seu repúdio e indignação com alguns jornais que, a seu ver, não honravam o nome da imprensa periódica e o seu verdadeiro papel edificador.

Tem aparecido em público dúzias de Gazeteiros no Brasil, e eu já estou cansado de ler coisas, que pouco, ou nada podem concorrer para a ilustração de Povos livres, e bem da Pátria. Persuado-me, que um Gazeteiro é escritor, que pode ensinar, edificar, e fixar a opinião pública, e até moralizar os homens: meus desejos são estes. Hei de escrever para os da Cidade, e da Aldeia, homens, mulheres, sábios, e pouco instruídos: mas todos os meus discursos, se bem refletirem, hão de saber sempre ao bem geral da Pátria [...] (MARTINS, 1977, p. 126).

Também são dignos de registro o *Correio do Rio de Janeiro*, de João Soares Lisboa, criado em 1822, e o *Tifis Pernambucano*, que foi criado por Frei Caneca, em dezembro de 1823. O *Tifis* era um jornal que denunciava os crimes da elite, radicalmente ideológico, combatia o absolutismo, requeria a liberdade de imprensa e combatia a exploração do trabalho escravo. Em virtude de sua ideologia, Frei Caneca foi preso e morto em 1824.

Após o evento da independência, surgiram debates almejando a estruturação nacional, projetos em busca de uma genuína identidade cultural, além da necessidade de fortalecimento e modernização da nação recém independente.

A proliferação das tipografias e, conseqüentemente, dos periódicos, representou, acima de tudo, a reestruturação dessa nova sociedade brasileira, que foi influenciada pela imprensa num progressivo processo de redefinição das relações entre as pessoas e, principalmente, entre as instituições e as novas formas de poder que estavam sendo instauradas.

Apesar de todas as dificuldades e carências para se estabelecer - e manter - uma oficina tipográfica, ela representava, naquele momento da vida brasileira, mais que a simples transmissão de textos impressos, mas um espaço de debates (profusão também de discursos) que foram fundamentais na construção de uma opinião pública visando à estruturação do Estado brasileiro emergente.

Com a proliferação das tipografias - e dos periódicos -, uma profusão de “vozes discursivas” igualmente se instalou. Surgiram os jornais opinativos (ideologicamente políticos) e também os mais “exaltados” ou “perturbadores da ordem”. Mas não se pode negar que, em muitos desses periódicos, já havia a consciência em relação aos principais desafios da nova nação e o reconhecimento da responsabilidade da incipiente imprensa brasileira, conforme atesta Isabel Lustosa (2000, p. 31), os jornais deveriam “[...] educar as pessoas, preparando-as para o processo constitucional e procurando igualmente suprir-lhes as deficiências culturais e educacionais”.

Ao instaurar esse novo “espaço público” através dos jornais, destacaram-se as questões políticas. Caberia, portanto, à imprensa a mediação na disputa pela autoridade. E, assim, a imprensa transformou-se em tribuna de lutas discursivas e os periódicos; revestidos de “poder”.

Apesar do caráter opinativo e do “estigma” panfletário desses periódicos, não se pode negar a importância dos mesmos no Brasil colonial, no evento da independência, na estruturação do Estado brasileiro no 1º Reinado, até o período regencial. Os periódicos também mostraram a força do seu discurso no transcorrer do 2º Reinado, chegando fortalecidos ao combativo período republicano.

A cada tipografia instalada, a cada periódico que nascia (ainda que efêmero), refletiam-se as condições – e as contradições – sociais e políticas da sociedade brasileira. Mas, acima de tudo, a proliferação das tipografias e dos jornais permitia a expressão de idéias, a solidificação do pensamento histórico de uma época, além do registro da cultura, dos costumes e da mentalidade do homem na construção do seu discurso histórico nos diversos períodos da historiografia brasileira.

Os jornais do século XIX não podem ser relegados a um nível inferior de interesse levando-se em conta o conteúdo por eles expresso, independente do grau de veracidade do que ficou imortalizado em suas páginas, visto que a imprensa está vinculada às práticas sociais, à luta pelo poder, e dessa forma, sujeita às manipulações ideológicas de determinados grupos, podendo assim, se transformar em instrumento de solidificação de ideologias de determinados segmentos.

Independente das ideologias ali registradas, os jornais do século XIX devem ser analisados como importante fonte documental, pois da mesma forma que exerciam intervenção na vida social – graças aos interesses de uma elite – também não se pode negar que muitos padrões sociais só puderam ser alterados ou até mesmo rompidos, graças à presença cada vez mais efetiva da imprensa e através da força dos seus periódicos. Assim, paradigmas eram rompidos e novas fronteiras delimitadas.

Cada vez mais se incorporando à cena brasileira, as tipografias ampliavam as fronteiras de disseminação do texto impresso. Num processo ininterrupto, elas seguiram rumo ao interior. O ambiente da corte já era demasiadamente limitado frente à realidade da imprensa e à força adquirida pelos periódicos. As tipografias invadiram o cotidiano das cidades, arraiais e vilas. Era uma nova história sendo escrita pela imprensa, através dos seus periódicos.

CAPÍTULO II: A IMPRENSA OITOCENTISTA EM MINAS GERAIS

O século XIX foi um momento privilegiado à disseminação do pensamento impresso. E, em Minas Gerais, terra de grandes lutas pela liberdade, não poderia ser diferente.

Seguindo a tendência de interiorização da metrópole pelas páginas da imprensa, as tipografias percorrem também os caminhos da Província de Minas Gerais. Um número significativo de tipografias é implantado em Minas, bem como importantes periódicos proliferam por diversas cidades mineiras.

Na história da imprensa em Minas Gerais, há que se fazer justiça ao padre José Joaquim Viegas de Menezes, que já, em 1807; conseguira imprimir um opúsculo de 18 páginas (das quais 15 impressas) utilizando a técnica da calcografia. Muitos historiadores o consideram o precursor da imprensa mineira.

A pesquisa de José Pedro Xavier da Veiga, *A Imprensa de Minas Gerais*⁷, publicada em 1898, na Revista do Arquivo Público Mineiro, é um importante documento sobre a imprensa em Minas Gerais, no século XIX.

Xavier da Veiga (1898), nas 80 páginas do seu estudo, relata as condições de implantação da imprensa, no Estado, além de um inventário das publicações desse primeiro século da imprensa periódica mineira. Sua obra, ainda hoje, é referência quando se pesquisa a história da imprensa em Minas Gerais.

Nesse resgate da memória da imprensa mineira, Veiga (1898) descreve a primeira impressão feita, na então província, pelo Padre José Joaquim Viegas de Menezes, em 1807. A pesquisa de Xavier da Veiga cita o cronista e poeta Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos que teria homenageado, o então governador da capitania, Pedro Maria Xavier de Atayde e Melo com um poema, por ocasião do aniversário de tão ilustre autoridade. Mesmo sendo proibida qualquer atividade gráfica na colônia, o governador quis ver o texto impresso, e, para tal proeza recorreu à habilidade do Padre Viegas, pois era sabedor dos conhecimentos gráficos do sacerdote.

Após três meses de trabalho, abrindo onze chapas de diversos tamanhos, ao fazer uso da técnica da calcografia, o Padre Viegas, finalmente, realizou o seu intento, que é considerado um dos grandes momentos da historiografia sobre a imprensa no Brasil.

⁷ VEIGA, José Pedro Xavier da. A imprensa de Minas Gerais (1807-1897). In: Revista do Arquivo Público Mineiro. Ano III, 1898, pp. 169-249.

Além do relato de Xavier da Veiga, esse episódio também é descrito por Orlando da Costa Ferreira, onde ficam evidentes as condições materiais – que eram precárias – para se executar uma atividade impressa na colônia, a imposição das autoridades portuguesas e o trabalho intenso executado pelo religioso.

E, sabe-se que foi o próprio governador que, colocando a vaidade acima do respeito à proibição de imprimir, então vigente na colônia, recorreu à habilidade de Viegas, pondo à sua disposição [...] “as ferramentas afiadas, as lâminas de cobre, os ácidos e a prensa da Casa de Fundição e Moeda de Vila Rica”, onde o padre levou três meses para fazer a obra (FERREIRA, 1994, p. 243-244).

Considerando o contexto histórico e todas as dificuldades impostas para se produzir qualquer tipo de impressão no Brasil, esse feito do Padre Viegas (anterior a instalação da *Imprensa Régia*), além de enaltecê-lo, o coloca como o precursor da imprensa em Minas Gerais.

O poema de Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos é considerado o primeiro texto impresso em Minas. Apesar dos conhecimentos tipográficos - considerando as condições materiais inadequadas para o empreendimento - o Padre Viegas, para essa primeira impressão; optou pela técnica da calcografia, levando em conta também a dificuldade que teria ao construir um prelo apenas para satisfazer a vaidade do governador.

O Padre Viegas além conhecer a arte tipográfica, também dominava a arte do talho doce na ilustração, visto que já era acostumado às estampas de santos. Ao imprimir o poema que homenageava o governador, dispôs, à frente do texto impresso; uma ilustração do político, ao lado da esposa. Esse feito é também considerado extraordinário para as condições da época.

Ao Padre Viegas é também atribuído o mérito de produzir as primeiras estampas, autônomas, genuinamente brasileiras, conforme relata Orlando da Costa Ferreira (1994, p. 436) “as primeiras estampas autônomas, genuinamente brasileiras, foram os registros de santos gravados a buril saídos de 1806 em diante do tórculo do padre Viegas de Menezes em Vila Rica”. Além de ser considerado o pai da imprensa mineira, o Padre José Joaquim Viegas de Menezes é, também, o precursor da ilustração nas Minas Gerais.



FIGURA 1 – Gravura de Viegas de Menezes representando o governador Pedro Maria Xavier de Atayde e Melo e sua esposa (FERREIRA, 1994, p. 64).

Padre Viegas foi responsável pela construção de uma das primeiras tipografias construídas na capitania de Minas Gerais, onde seriam impressos, futuramente, os primeiros periódicos mineiros.

A monografia de José Pedro Xavier da Veiga (1898), *A Imprensa de Minas Gerais*, descreve o episódio que antecedeu à criação dessa – provavelmente a primeira - tipografia em terras mineiras.

Segundo Veiga (1898), o português Manoel José Barbosa Pimenta e Sal, que era chapeleiro e sirgheiro na então, Vila Rica; costumava folhear o "*Diccionario de Sciencias e Artes*", em francês; provavelmente, tratava-se da *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, publicada entre 1771 e 1772, em 17 volumes de texto e 11 de quadros, por M.Diderot e M. D'Alembert, além de outros pensadores.

O chapeleiro Manoel José Barbosa Pimenta e Sal dedicava atenção especial às páginas e ilustrações referentes à descrição de uma tipografia. Para facilitar-lhe a compreensão, o Padre Viegas traduziu essa parte ao amigo. Surgiu entre ambos uma parceria com o objetivo de colocar a idéia em prática, ou seja, fundir os tipos e construir um prelo.

Em 1821, foi concluída a tipografia com caracteres móveis, que ficou sob a responsabilidade de Pimenta e Sal. A autorização para o funcionamento só se efetivaria em 20 de abril de 1822. Esse retardamento da autorização impediu que a tipografia do Padre Viegas e de seu amigo chapeleiro, oficialmente, se consagrasse como a primeira tipografia em atividade, na Província de Minas Gerais.

Conforme afirma Veiga (1898), na sua obra *A Imprensa de Minas Gerais*, alguns meses antes, havia funcionado a tipografia provincial: “Os documentos seguintes, existentes no Arquivo Público Mineiro, provão que já em fevereiro de 1822 funcionava a minúscula typografia provincial, que aliás denominava se pomposamente – nacional...” (VEIGA, 1898).

A historiografia sobre a memória da imprensa em Minas Gerais jamais poderá denegar ao Padre Viegas o mérito de suas façanhas. Na rudimentar tipografia, por ele implementada, nasceriam os primeiros periódicos em Minas Gerais, no século XIX. Azevedo (2000) o considera não apenas o precursor da imprensa mineira, mas o pioneiro nessa arte no Brasil.

2.1 Os primeiros periódicos mineiros

No século XIX é que se consolida a imprensa em Minas Gerais. Além do início tardio, a imprensa periódica começou timidamente. Mesmo assim, durante o período oitocentista,

diversas cidades mineiras produziram vários periódicos, mostrando - ainda que tardia - a força da imprensa em Minas Gerais.

Nas primeiras décadas do século XIX, Ouro Preto, Mariana, Sabará, São João Del Rei e Diamantina produziram um número significativo de periódicos, de caráter combativo, vinculados à elite política, em sua maioria, caracterizados pela efemeridade.

De acordo com José Pedro Xavier da Veiga (1898), em *A Imprensa de Minas Gerais*, durante o século XIX, existiram no Estado um total de 863 gazetas, em 118 localidades mineiras (84 cidades, 3 vilas e 31 arraiais).

Só em Ouro Preto, até 1897, foram catalogados 163 periódicos, comprovando o poder e a influência, da então capital da província de Minas Gerais. Alguns desses jornais adotavam uma ideologia conservadora, mas a grande maioria defendia as idéias liberais.

Na antiga Vila Rica, capital da província de Minas Gerais, no dia 13 de outubro de 1823 foi criado *O Compilador Mineiro*⁸, sob direção do Padre Viegas. Esse jornal circulou até 9 de janeiro de 1824 e é considerado o primeiro periódico mineiro. *O Compilador* teve vida efêmera - cerca de três meses apenas - circulava três vezes por semana (segundas, quartas e sextas), perfazendo um total de 29 publicações. Apresentava um perfil nacionalista e, por diversas vezes, criticou a administração portuguesa.

Posteriormente, circularia em Ouro Preto, *A Abelha do Itaculmy*, editado de 14 de janeiro de 1824 a 11 de julho de 1825, adotando uma ideologia mais conservadora, pautando-se numa linha mais moderada de expressão.

Conforme ressalta Veiga (1898), em julho de 1825 foi lançado *O Universal*, um periódico que apresentava uma ideologia mais combativa, porém oscilava entre o posicionamento mais liberal e exaltado a uma linha mais conservadora. Circulou até o ano de 1842, sendo, portanto; o periódico de maior duração nesse período.

Nesse mesmo ano de 1825, seriam lançados, também em Ouro Preto, *O Patriota Mineiro*; *O Companheiro do Conselho*; *O Diário do Conselho do Governo da Província de Minas Gerais*. Entre periódicos de vida efêmera e outros de maior longevidade, seja adotando uma ideologia liberal ou até mesmo mais conservadora, esses jornais representavam a instalação de novas tipografias e a irreversível expansão da imprensa em Minas Gerais.

Tomando como referência a pesquisa de José Pedro Xavier da Veiga (1898), *A Imprensa de Minas Gerais*, nesse seu inventário sobre a imprensa periódica no Estado, fica

⁸ É conveniente ressaltar que Xavier da Veiga (1898) atribuiu ao jornal *A Abelha do Itaculmy* a primazia de ter sido a primeira folha periódica de Minas Gerais.

explícita a importância de Ouro Preto, enquanto centro formador de opinião pública, no século XIX.

Após destacar os primeiros periódicos impressos em Ouro Preto, Veiga (1898) relaciona as outras localidades, com seus respectivos impressos na imprensa oitocentista de Minas Gerais.

Depois de Ouro Preto, é a vez de São João Del Rei, em 20 de novembro de 1827, lançar *O Astro de Minas*, que circulava três vezes por semana (terças, quintas e sábados), sendo impresso até o ano de 1839. Foi o primeiro periódico veiculado além dos limites de Ouro Preto. Considerado de ideologia “liberal moderada”, criticava, por vezes, as autoridades políticas, defendia a escravidão, bem como a monarquia constitucional.

No inventário de Veiga (1898), Diamantina (o antigo Arraial do Tijuco) foi a terceira cidade mineira a publicar o seu periódico: o *Eco do Serro*, criado em 1828. Adotou uma ideologia liberal, sendo crítico ao regime monárquico.

Posteriormente, em 1830, foi criado o jornal *Estrela Mariannense*, tornando Mariana a quarta cidade mineira a conhecer a imprensa periódica. Ainda em 1830, Teófilo Otoni lançou *Sentinela do Serro*, na Vila do Príncipe, depois cidade do Serro Frio, sendo essa, a quinta cidade mineira a editar um periódico.

O *Pregoeiro Constitucional*, impresso na tipografia criado pelo cônego José Bento, em 1830, confere a Pouso Alegre o mérito de ser a sexta cidade a editar um periódico em Minas Gerais.

Segundo a pesquisa de Veiga (1898), a sétima localidade a editar um jornal foi Itambé do Serro, a oitava foi Campanha, seguida de Sabará em nono e Caeté a décima cidade a imprimir um periódico, no século XIX, em Minas Gerais.

O historiador Nelson Werneck Sodré, em *História da imprensa no Brasil*, (1999, pp.86-87), também destaca o advento da imprensa periódica, na então província de Minas Gerais. O autor ressalta, ainda, o seu surgimento tardio, relaciona os primeiros periódicos impressos no Estado, e atribui o mérito a Ouro Preto ao escrever as primeiras páginas da imprensa em Minas Gerais, além de destacar os principais jornais criados, posteriormente.

A província de Minas Gerais só conheceu a imprensa em 1823, quando, a 13 de outubro, apareceu, em Ouro Preto, o *Compilador Mineiro*. Em 1824, na velha capital, apareceu a *Abelha do Itacolomi*, logo a 12 de janeiro, que circulou até 11 de julho de 1825, ano em que surgiram *O Universal*, a 18 de julho, *O Companheiro do Conselho*, *O patriota Mineiro*, e, finalmente, *O Diário do Conselho do Governo da Província de Minas Gerais*. Em 1827, começaram a circular os primeiros jornais do interior mineiro, em São João D'El Rei, o *Astro de Minas* e *O Amigo da Verdade*, seguidos pelo *Eco do Serro*, de Diamantina, aparecido em 1828. Nesse mesmo ano, em Ouro Preto, circularia também *O Precursor das Eleições*, cheio de conselhos sobre os representantes mineiros à Assembléia Geral. *O Universal* durou até 1824. Nativista foi *O Patriota Mineiro*, mas o grande jornal liberal da província seria a *Sentinela do Serro*, fundada por Teófilo Otoni, em 1830, na Vila do Príncipe, depois cidade do Serro Frio, ao deixar, perseguido por suas idéias, a Academia de Marinha, e que parece ter resistido até 1833 (SODRÉ, 1999, p. 86-87).

Notadamente, a mineração contribuiu, sobremaneira, pra que a imprensa periódica se implantasse em Minas, nas regiões onde havia a exploração de ouro e diamante.

A atividade mineradora contribuiu para que cidades como Ouro Preto, Mariana, Diamantina, São João Del Rei, entre outras, ganhassem importância econômica e política, transformando-se em palco de conceitos liberais, destacando-se como importantes centros formadores de opinião. A partir delas, as idéias ganhavam eco e repercutiam pela província de Minas Gerais.

Em contrapartida, convém ressaltar que, por contradição; a atividade mineradora gerava maior fiscalização por parte das autoridades portuguesas. Dessa forma, a fim de evitar que se propagassem idéias liberais e se disseminassem focos de rebeliões, havia um maior controle sobre a implantação de tipografias ou veiculação de textos impressos. Quanto maior era a atividade econômica, maior era a atuação política para coibir a veiculação do pensamento.

Esse contexto, de certa forma, lança luz sobre os motivos que ocasionaram o surgimento tardio da imprensa em Minas Gerais. A partir de 1821, quando houve maior liberdade para a impressão e circulação de periódicos, proliferaram as tipografias, e conseqüentemente, impulsionou a publicação de jornais na província mineira.

Recorrendo à pesquisa de José Pedro Xavier da Veiga (1898), nesse estudo sobre a imprensa em Minas Gerais, no século XIX; evidencia-se a emergência das rudimentares tipografias e seus periódicos artesanais; bem como a disseminação dos prelos, inicialmente nas regiões de mineração, para depois conquistar outras regiões distantes das Gerais.

Ao abordar a proliferação das tipografias, bem como a propagação dos periódicos em território mineiro, Veiga (1898) vai delineando um esboço da expansão da imprensa e os seus novos domínios na Província de Minas, no século XIX.

Especialmente a partir de 1830, ocorre a expansão da imprensa e a sua consolidação em Minas Gerais. Ao elaborar esse inventário sobre a imprensa mineira (1807-1897), Xavier da Veiga (1898) evidencia essa expansão. As cidades, cujo desenvolvimento foi alavancado pela mineração, perdiam importância devido à decadência da atividade mineradora. O eixo principal desloca-se de Ouro Preto para outras regiões, da então província mineira. Diversas localidades - além da região de extração de ouro e diamantes - já contavam com um número significativo de periódicos, delineando uma nova geografia na expansão da imprensa em Minas Gerais.

Ao concluir, cronologicamente, em 1897, o seu inventário sobre a imprensa mineira, Xavier da Veiga relacionou centenas de jornais, editados nas mais diversas localidades: Ouro Preto com 163 periódicos, São João Del Rei com 41 publicações, Diamantina contabilizando 45 jornais, Uberaba com 57, Juiz de Fora com 55, Campanha registrou um total de 33, Serro com 10 e Tiradentes com 4.

Em Minas Gerais, a partir de 1830, ocorreu o processo de interiorização da imprensa - além das regiões mineradoras - configurando não apenas a expansão dos periódicos, mas também a diversificação das regiões que passaram a publicá-los. A imprensa teve grande impulso nas mais variadas regiões mineiras, especialmente na zona da mata e no sul do Estado, onde se destacou a cidade de Campanha com os seus 33 periódicos editados.

As tipografias avançavam em outras direções do território mineiro, rompendo limites e estabelecendo extensas fronteiras - nesse campo profícuo à profusão de novas idéias - rompendo paradigmas e estabelecendo novas práticas sociais, além da construção de novos discursos históricos.

CAPÍTULO III: CAMPANHA; O BERÇO DA CULTURA SUL MINEIRA

Localizada no sul de Minas Gerais, Campanha é considerada a mais antiga povoação desse vasto território. A origem da cidade está diretamente associada ao ouvidor-mor Cipriano José da Rocha, de São João Del Rei, que sabendo da descoberta de jazidas no sul de Minas Gerais, mais precisamente na região do Rio Verde, organizou uma expedição com a promessa de conceder mineração àqueles que participassem do desbravamento dessa região. O nome “Campanha”, segundo alguns historiadores, é originário dessa expedição desbravadora.

O ouvidor-mor Cipriano José da Rocha saiu de São João Del Rei em 23 de setembro e chegou à região no dia 2 de outubro de 1737. Essa data foi instituída para, oficialmente, celebrar a fundação da cidade de Campanha, conforme salienta Valladão (1937).



FIGURA 2 – Placa comemorativa quando, em 1937, Campanha completou 200 anos de fundação. A inscrição destaca a chegada do ouvidor-mor Cipriano José da Rocha, fundador da cidade. Esta placa encontra-se na atual Praça Dr. Jefferson de Oliveira.

Para comprovar esse fato são usados pela historiografia os documentos enviados por Cipriano José da Rocha ao governador da capitania de Minas Gerais relatando sobre a fundação do arraial, bem como as suas primeiras providências. Esses relatos do ouvidor-mor são citados por Bueno (1900, p. 3-4), na obra *Almanach do município da Campanha*, sendo que o referido autor toma como referência os relatos de Veiga (1998) em sua consagrada *Efemérides Mineiras 1664-1897*, esclarecendo sobre a fundação da cidade, conforme a narrativa do ouvidor-mor Cipriano José da Rocha.

Em 23 de setembro mal convalescido, fiz jornada desta Vila para o descobrimento das “Minas do Rio Verde” [...] Em todos os córregos e ribeiros se acha ouro que entra para terra, pelo que promete duração. [...] Fundei um Arraial em forma de Villa, a que se deu o nome de São Cypriano, que está povoado com praças e ruas em boa ordem e muito boas casas; e ficava-se entendido em fazer Igreja. Determinei terra para casa de Intendência que será precisa. Tem o dito Arraial a comodidade de quatro rios abundantíssimos de peixe grosso e miúdo [...] e o Rio Verde que leva ouro em conta pela experiência que se tem feito. [...] Serão as ditas Minas uma dilatada povoação tanto pela extensão, que cada dia cresce, como pela comodidade do País, terra produtiva de mantimentos, e os ares benévolos (BUENO, 1900, p. 3-4).

Segundo Casadei e Casadei (1989, p. 15), já havia ali, mineração clandestina e também um grande número de pessoas oriundas de São Paulo, além de enorme escravaria.

Ao tomar posse da região, as primeiras providências do ouvidor-mor foram a construção de uma capela e de uma casa de fundição. Constituiu-se o marco inicial da criação do *Arraial de São Cipriano* (em 1737), em homenagem ao referido ouvidor. Posteriormente, o povoado passou a se chamar *Santo Antônio do Vale da Piedade do Rio Verde*, integrado à comarca do Rio das Mortes. Por um ato régio, em 1752, foi elevada à condição de *Freguesia da Campanha do Rio Verde*.

Campanha apresentava, nessa época, considerável vigor econômico, bem como expressivo crescimento demográfico, gerando rivalidade e disputa política com São João Del Rey. Dessa forma, a emancipação campanhense seria um grande desafio a ser empreendido. Para assegurar o seu intuito na luta por maior autonomia, a elite da Vila da Campanha usou a estratégia de oferecer a terça parte de seus rendimentos à coroa portuguesa, contribuindo assim para o “aumento das rendas públicas”, além de demonstrar gratidão, fidelidade e obediência ao poder real.

Rezende (1987) relata essa estratégia para que a emancipação junto a São João Del Rei se efetivasse, além de ressaltar a riqueza ostentada por Campanha, nesse período.

E cumpre aqui observar, que era tal, naquele tempo, a sua riqueza, que, apenas criada a vila e eleita a câmara, um dos primeiros atos que esta praticou, e que mostra ao mesmo tempo qual a confiança que ela tinha na abundância e permanência dos seus rendimentos, foi o de oferecer voluntária e perpetuamente a uma das princesas (a da Beira, se não me engano) a terça parte da consignação que havia feito para o aumento das rendas públicas [...] aceito de muito boa vontade pelo príncipe regente, depois D. João VI, o qual, além de todos os agradecimentos do estilo, ainda mandou por carta de 6 de novembro, datada de Mafra, que o dinheiro se remetesse diretamente e em cofre separado ao erário régio, afim de ser logo entregue à princesa (REZENDE, 1987, p. 44).

Dessa forma, de acordo com Valladão (1942, p.31), pelo alvará régio de 20 de outubro de 1798, Campanha foi elevada à categoria de vila, sob a denominação de *Real Villa da Campanha da Princeza*, fato que também é relatado por Rezende (1987, p. 44).

O ouro trouxe riqueza a Campanha e impulsionou a sua economia. A mineração alavancou o desenvolvimento, trouxe-lhe glórias e grandeza; e a transformou na maior e mais importante povoação no sul da província de Minas Gerais. Segundo Rezende (1987), os paulistas, ávidos pelo ouro, em Campanha puderam encontrá-lo sem maiores dificuldades.

[...] aqueles mesmos paulistas andavam tão afanosos a procurar tão longe, ele ali o tinham, não só tão perto, mas ainda, ou para melhor dizer, à mão e tanto e tão na superfície da terra, que nas ruas da Campanha, quando a chuva é grande, se o pode ver, assim como eu mesmo muitas vezes o vi, misturado ou por cima do esmeril ou de areia preta e fina, lavada e batida pela enxurrada, se deposita e as conserva pelos interstícios da calçada (REZENDE, 1987, p. 40-41).

O desenvolvimento de Campanha – como consequência da mineração – além de grande, também se deu de forma rápida, segundo Rezende (1987, p. 43) “[...] como acontece a todas as povoações que devem a sua fundação a descoberta do ouro ou de pedras preciosas, o desenvolvimento da Campanha foi, com efeito, não só relativamente grande, mas extremamente rápido”.

Com a emancipação da Comarca do Rio das Mortes e do jugo de São João Del Rei, um vastíssimo território foi desmembrado e passou a integrar o Termo da Vila da Campanha da Princesa. Essa grande extensão de terras envolvia toda região sul mineira; delimitando as suas fronteiras, além de acentuar, consideravelmente, o poder econômico e a influência política e cultural de Campanha. A emancipação campanhense deu origem ao que, atualmente, é compreendido como o sul de Minas.

Conforme relata Rezende (1987), esse extenso território, aliado à grandeza alcançada por Campanha; fez com que a história reconhecesse a sua liderança e consagrasse o seu pioneirismo na formação da cultura sul mineira.

[...] essa região mais fria e ao mesmo tempo muito mais alta, onde quase que juntas se encontram as estreitas cabeceiras dos nossos longos e volumosos rios Grande, Doce e S. Francisco [...] esse canto tão aprazível da província que, tendo formado outrora uma das partes integrantes da antiga comarca do rio das Mortes, hoje se chama o sul de Minas; e que, tendo de um lado o rio Grande e do outro as divisas de S. Paulo, vai sempre subindo e se alargando, até que vai por fim fechar-se nesse alongado e tão majestoso muro que altíssimo lhe forma a Mantiqueira [...] Campanha do Rio Verde, Campanha da Princesa ou simplesmente Campanha, é a primeira cidade e a primeira vila que existiu no sul de Minas; assim também foi ela de Baependi para baixo a primeira paróquia e a mais antiga povoação que ali se fundou. A Campanha, portanto, que foi sempre a cabeça de todo aquele território, foi também considerada como a mais antiga das suas povoações e como o principal ponto de partida de todo o seu povoamento (REZENDE, 1987, p. 40-41).

Definitivamente, as minas de ouro não fizeram apenas Campanha progredir, mas também conhecer a riqueza e a opulência. A próspera economia, decorrente do ouro, impulsionou a vila de tal forma que, a lei mineira nº 163, em seu art. 1º, de 9 de março de 1840, ratificou a emancipação dessa que, além de mais antiga, é também considerada a cidade mãe da cultura sul mineira.



FIGURA 3 – Placa comemorativa destacando a elevação de Campanha à Vila (1798) e, posteriormente, à cidade (1840). Esta placa encontra-se na atual Praça Dr. Jefferson de Oliveira.

A exploração do ouro foi extremamente importante para o povoamento do sul de Minas Gerais, sobretudo para o desenvolvimento de Campanha, considerando a sua estratégica posição geográfica, ponto de confluência entre mineiros e paulistas (em busca de índios para aprisionar, e ansiosos por ouro e pedras preciosas), além de ser rota das tropas que buscavam o mercado consumidor da corte, através de um outro acesso que fugisse ao controle de São João Del Rei.

Essa localização privilegiada também contribuiu para que Campanha prosperasse, pois favoreceu a economia e o comércio - através do abastecimento - e colocou a cidade na rota da disseminação das idéias, na profusão e divulgação de variadas vertentes ideológicas, além de inseri-la nos mais importantes debates políticos.

No início do século XIX, o domínio territorial da *Campanha da Princeza* compreendia, praticamente, toda a região sul mineira. Ao longo desse mesmo período, esse vasto território foi sendo dividido em decorrência dos desmembramentos. Dessa forma, as sucessivas emancipações deram origem a, aproximadamente, 152 municípios no sul de Minas Gerais.

Apesar dos desmembramentos - que representavam perdas territoriais - e a atividade de exploração do ouro não ter sido tão extensa, Campanha conseguiu se manter ativa durante grande parte do século XIX, com um considerável crescimento populacional e um grande número de escravos devido à influência política da elite por ela representada. Dessa cidade surgiram influentes políticos que elevaram o nome de Campanha durante o império. Assim, a elite campanhense mantinha estreitos vínculos com a corte e sempre participava das questões políticas, econômicas e culturais.

A sociedade, ali representada, prosperou e atingiu um alto nível de evolução cultural, notadamente, devido à peculiar atenção direcionada à educação, mantendo-se fiel ao seu projeto ideológico de um povo “letrado”. As práticas educativas, em Campanha, estavam em consonância com a corte, e, muitas vezes, se destacavam de tal forma que eram consideradas superiores ao modelo cultural vigente no Rio de Janeiro.

De acordo com Rezende (1987), a cidade adquiriu grande importância política e regional em grande parte pelo advento da mineração, mas principalmente, devido à nobreza de seus filhos, pela grandeza de suas manifestações culturais, aliadas ao alto nível do ensino (especialmente do latim), além da visão progressista de sua elite intelectual.

Tais feitos, especialmente no que tange aos aspectos educacional e cultural, eram motivos de grande orgulho para a elite intelectual campanhense que denominou a cidade com

a altivez do título “*A Athenas sul mineira*”, projetando assim, o ideal de modernidade, progresso e civilização daquela sociedade oitocentista.

3.1 A imprensa no sul de Minas Gerais: a cidade de Campanha

Inserida no processo crescente de implantação da imprensa nas cidades e vilas mineiras, já na primeira metade do século XIX, a cidade de Campanha - no sul de Minas Gerais – já havia absorvido essa tendência de “interiorização das tipografias”.

Campanha exercia grande influência na região sul do Estado, além de estar sempre atenta a todos os acontecimentos da corte, fato esse que a fazia, cada vez mais, interagir com o centro do poder imperial, em diversos aspectos, especialmente nas questões culturais, sociais e políticas.

Segundo Valladão (1942, p. 211), em 1831, essa cidade sul mineira já contava com tipografias, e em 1832, editou o seu primeiro periódico o *Opinião Campanhense*, que seria o primeiro de muitos outros publicados na cidade.



FIGURA 4 – Foto de litogravura da cidade de Campanha, no ano de 1840.

Fonte: Acervo CEMEC - Centro de Memória Cultural do Sul de Minas. O original encontra-se no Arquivo Nacional.

Até o ano de 1897, Campanha editou 33 periódicos. Sendo que alguns deles exerceram grande influência no sul de Minas, bem como projeção até mesmo na corte.

A cidade, através da sua imprensa periódica, absorvia as transformações políticas, sociais e culturais que ocorriam no Rio de Janeiro, no século XIX, e idealizava o seu projeto de uma sociedade culta (letrada) que atingisse um elevado grau civilizatório, tornando-se referência nos aspectos educacional e cultural, além de perpetuar as glórias do passado - através do brilhantismo dos filhos nascidos e educados em solo campanhense - estendendo esse orgulho às gerações vindouras.

A imprensa era fundamental àquele ideal a ser implementado. Dessa forma, diversos jornais foram criados na cidade de Campanha, a partir de 1832, e depois proliferaram por todo o século XIX. Cada periódico criado apresentava as características próprias do conturbado momento histórico oitocentista, traduzindo em suas páginas a ideologia da época, bem como a sua efervescência. Muitos desses jornais se caracterizaram pela efemeridade, embora alguns tenham conseguido relativa longevidade. Como paradoxo, surgiram gazetas que apresentaram caráter conservador ou moderado, enquanto outras adotaram ideologia liberal, combativas, politicamente revolucionárias, especialmente ao final do período imperial.

Esses jornais refletiram as transformações e a efervescência vivenciada no Brasil do século XIX, e mais notadamente na sociedade sul mineira, representada pela cidade de Campanha.

A imprensa, através das páginas dos periódicos, testemunhou essa profusão de idéias e de discursos e, sobretudo refletiu um novo espaço de lutas diante da ascensão dos jornais e desse momento histórico pelo qual passava a sociedade campanhense, que vivia esse emergente “acontecimento”, o qual é sintetizado por Michel Foucault como

[...] uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada mascarada. As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta (FOUCAULT, 1996, p. 28).

Nesse espaço aberto aos “dizeres”, e diante desse novo campo de batalhas discursivas que se constituiu a profícua imprensa campanhense, diversos periódicos difundiram (e repercutiram) as suas idéias, implantaram uma nova maneira de informação e, sobretudo, visavam à implantação do projeto de construção do sujeito letrado e “civilizado”, como preconizava o projeto cultural campanhense.

Esses aspectos serão retomados no Capítulo V, da presente Dissertação, quando - considerando o pensamento focaultiano - destacaremos o saber e o poder na imprensa campanhense oitocentista, então representada pelo *Monitor Sul-Mineiro*.

Valladão (1942, p. 213) toma como referência o inventário de Veiga (1896) e destaca os importantes periódicos editados na cidade de Campanha, sendo eles: *Opinião Campanhense* (editado de 7 de abril de 1832 a 5 de agosto de 1837); *Nova Província* (de 3 de maio de 1854 a 1º de junho de 1855); *Sul de Minas* (editado de 23 de julho de 1859 a 18 de novembro de 1863); O Sapucahi, (veiculado de 4 de setembro de 1864 a 11 de setembro de 1869); *Planeta do Sul* (23 de julho de 1865); *Radical Sul-Mineiro* (1868); *O Conservador* (19 de setembro de 1869); *Liberal Campanhense* (1º de janeiro de 1871); *O Monarquista* (1º de janeiro de 1872); *Monitor Sul-Mineiro* (1º de janeiro de 1872 a 23 de novembro de 1896 – a sua primeira fase); *Colombo* (12 de janeiro de 1873); *Sexo Feminino* (1873); *Sete de Abril* (abril de 1876); *Minas do Sul* (1876); *Atalaia do Progresso* (1879); *Atalaia* (1880); *A Locomotiva* (1884); *Sul de Minas* (5 de novembro de 1885, o segundo com esse nome); *Conjuração* (8 de setembro de 1886); *O Despertador* (6 de maio de 1886); *Gazeta dos Estudantes* (novembro de 1887); *O Independente* (1887); *A Revolução* (5 de janeiro de 1889); *A Idéia* (4 de abril de 1889); *Ensaio Juvenil* (3 de maio de 1889); *O Normalista* (1891); *Gazeta da Campanha* (24 de junho de 1891); *Minas do Sul* (19 de fevereiro de 1892, o segundo desse nome); *O Constitucional* (23 de fevereiro de 1893); *A Consolidação* (28 de setembro de 1896).

Essa extensa relação de jornais compreende o período de 1832 a 1896, espaço onde Veiga (1896) destaca quanto foi significativa a imprensa campanhense da época.

Ao ser respaldado pela narrativa memorialista de Valladão (1942), esse inventário sobre os periódicos, em Campanha, permite dimensionar a proliferação dos jornais, na referida cidade, bem como a intensidade na veiculação dos mais variados discursos e ideologias, além de esboçar a realidade mineira do período.

Ao refletir essas transformações (e inquietações) do século XIX, a imprensa oitocentista campanhense veiculou diversos valores e discursos, envolvendo ideologias distintas, tais como: campanhas monarquistas, ideais republicanos, lutas abolicionistas, movimentos liberais e separatistas, ações em favor da liberdade feminina, dentre outros.

Esses periódicos do século XIX ratificam a importância da cidade de Campanha - naquele contexto histórico - no que tange aos aspectos social, econômico, cultural e político, quando se dimensionou o jornal como uma importante ferramenta na consolidação do pensamento, como precioso articulador na construção de consensos e, sobretudo, na

cristalização de ideologias, pois através da sua prática educativa atuaria na formação daquele sujeito histórico.

Conjeturamos que a imprensa periódica do século XIX, em quase sua totalidade, estava atrelada aos interesses e à manutenção do poder de uma elite econômica, a qual se empenhava em estabelecer mecanismos que assegurassem a sua hegemonia.

Corroborando com esse conceito, a imprensa periódica campanhense se prestaria aos propósitos de uma elite, à medida que se firmava como propagadora dos ideais de um grupo cultural representado pela família Veiga.

3.2 A família Veiga e a implantação da imprensa em Campanha

O expressivo progresso alcançado pela cidade de Campanha, decorrente da mineração no século XVIII, fez com que ela se desenvolvesse, exercendo grande influência política e econômica em toda a região sul mineira.

Sempre em sintonia com a vida política, social e cultural da corte, Campanha se desenvolvia tendo em voga o seu projeto civilizatório, baseado na educação, cultura e progresso que, para a sua elite cultural, representavam pilares fundamentais na condução da *Athenas Sul Mineira* rumo aos novos tempos e à posteridade.

A denominação *Athenas Sul Mineira*, que é incansavelmente descrita e decantada - até mesmo em tom ufanista - por Valladão (1940) ilustra o imaginário da elite campanhense nessa relação de identidade entre a cidade e a cultura clássica, fazendo dessa, um modelo civilizador a ser seguido.

É nesse contexto que se desenvolve a imprensa em Campanha. Artífice de lutas políticas, mas também disseminadora de cultura, padronizando costumes e formando valores sociais.

Em Campanha, a imprensa proliferou substancialmente, considerando o grande número de periódicos ali editados a partir de 1832, quando foi lançado o *Opinião Campanhense*, editado por Bernardo Jacinto da Veiga; seguido do *Nova Província* que circulou de 3 de maio de 1854 a 1º de junho 1855, criado por Lourenço Xavier da Veiga (irmão de Bernardo da Veiga); *O Sul de Minas*, também editado por Lourenço Xavier da Veiga, de 23 de julho de 1859 a 18 de novembro de 1863, defendendo idéias separatistas.

A propósito, não se pode falar da imprensa e da vida social e cultural de Campanha sem recorrer à família Veiga, de onde surgiriam influentes políticos, jornalistas, professores,

advogados, médicos e escritores, envolvidos em questões relevantes no contexto histórico e social do século XIX.



FIGURA 5 – Membros da Família Veiga.

Ao centro, Francisco Luís Saturnino da Veiga; (1) João Pedro da Veiga; (2) Evaristo Ferreira da Veiga; (3) Bernardo Jacinto da Veiga; (4) Lourenço Xavier da Veiga.

Foto doada por Zuleika da Veiga Oliveira.

Fonte: APM - Arquivo Público Mineiro.

A história dessa família, no Brasil, começa com Francisco Luís Saturnino da Veiga, que veio de Portugal, em 1784, com 13 anos, fixando residência no Rio de Janeiro.

Francisco Luís Saturnino da Veiga contraiu núpcias com D. Francisca Xavier de Barros com a qual teria quatro filhos: João Pedro da Veiga, Bernardo Jacinto da Veiga, Lourenço Xavier da Veiga e Evaristo da Veiga.

A propensão à atividade impressa, bem como a habilidade para o comércio fez com que esse imigrante português captasse o novo contexto que se instaurava no Rio de Janeiro oitocentista, quando a atividade cultural auferia parâmetro civilizador àquela sociedade, bem como o *status* de civilização européia à colônia sul americana.

Conforme salienta Sodré (1999), Francisco Luís Saturnino da Veiga, em 1821, era dono de uma livraria no Rio de Janeiro, atividade incerta naquele momento onde havia restrição aos livros e, como se não bastasse, diante de uma população de maioria analfabeta.

O país passaria por um momento de europeização dos costumes e os livros - assim como os jornais - seriam agentes desse processo.

Apaixonado pela atividade impressa, bem como pela vida cultural, o patriarca da família Veiga estimulava a atividade cultural e comercial nos filhos, pois acreditava que diante do novo contexto que se vislumbrava na corte, o negócio de livros já “dava para viver”.

[...] Mas já a imprensa dava sinal, em anúncios, da venda de livros usados e, em 1823, o livreiro Francisco Luís Saturnino da Veiga, desejando contrair segundas núpcias, auxiliava os filhos a abrirem nova casa do gênero, sob a firma João Pedro da Veiga & Cia; à esquina das ruas da Quitanda e S. Pedro, prova de que o negócio de livros dava para viver. Aí Evaristo da Veiga se iniciou no ramo [...]. Em 1827, os irmãos se separariam, permanecendo ambos no mesmo mister, no entanto; João Pedro continuou na rua da Quitanda, Evaristo montou sua loja à rua dos Pescadores, onde vendeu muito Rousseau, Montesquieu, Beccaria e outros (SODRÉ, 1999, p. 38-39).

Os quatro filhos de Francisco Luís Saturnino da Veiga herdaram do pai a propensão à atividade cultural. Dessa forma, os filhos do livreiro de origem portuguesa exerceriam atividades relacionadas à venda de livros, bibliotecas, aptidão essa que se manifestou, sobretudo, através da vocação à imprensa.

Ao salientar a ascendência dos Veigas se reconhece a importância dessa família na consolidação da imprensa no Brasil, especialmente no sul de Minas Gerais.

Evaristo da Veiga, nascido no Rio de Janeiro, em 8 de outubro de 1799, foi escritor, político e jornalista, fundando em 1827, sob ideologia liberal, o respeitado jornal carioca *Aurora Fluminense*. Evaristo foi partidário da independência do Brasil (é o autor da letra do hino que celebra a libertação do país) e adepto da campanha pela abdicação de D. Pedro I.

Elegeu-se deputado pela província de Minas Gerais, sendo reeleito três vezes. Passou a viver em Minas, onde se dedicou à literatura.

Conforme relata Rezende (1987, p. 72), Evaristo permaneceu em Campanha por alguns meses. Em 1837, retornou ao Rio de Janeiro, falecendo no dia 12 de maio desse mesmo ano, com apenas 37 anos, mas já reverenciado como jornalista, político e escritor.

Bernardo Jacinto da Veiga e Lourenço Xavier da Veiga (irmãos de Evaristo) deixaram o Rio de Janeiro e fixaram residência em Campanha, respectivamente em 1818 e 1822, conforme atesta Valladão (1942, p. 79).

Cultivando a vocação familiar para a imprensa e a política, fundaram nessa cidade sul mineira uma livraria e os primeiros periódicos ali editados, com proposta ideologicamente separatista, pois pregavam a criação de uma nova província no sul de Minas, cuja capital seria Campanha.

Valladão (1942) relata a chegada dos irmãos à cidade, bem como a livraria por eles criada, até então, fato único no interior do país.

[...]Lourenço Veiga, - localizado na Campanha desde 1822, em seguida a seu irmão mais velho Bernardo, - um autodidacta formado na loja de livros, de igual modo que seu irmão Evaristo. [...] uma livraria, facto certamente unico, por aquella epocha, em localidade do interior do paiz, se conta na Athenas Sul-Mineira, fundada por Bernardo Jacinto da Veiga, em 1830 mais ou menos, e mantida depois por Lourenço da Veiga, irmãos de Evaristo da Veiga, o heróe do 7 de Abril, numa como predestinação da família e da significação que teve [...] (REZENDE, 1942, p. 218, p. 12).

Conjecturamos que os Veiga consolidaram o seu prestígio cultural na sociedade campanhense e, através dos jornais, imprimiram àquela urbe a sua ideologia.

A imprensa auferiu distinção social à família Veiga que se tornaria responsável pelos primeiros periódicos campanhenses, visto que Bernardo Jacinto da Veiga fundou o *Opinião Campanhense* (que circulou de 7 de abril de 1832 a 5 de agosto de 1837); e Lourenço Xavier da Veiga o responsável pelo *Nova Província* - clara alusão à ideologia separatista - (circulou de 3 de maio de 1854 a 1º de junho de 1855); e *O Sul de Minas* (editado de 23 de julho de 1859 a 18 de novembro de 1863).

Segundo Casadei (1987) Bernardo Jacinto da Veiga foi comerciante, livreiro, jornalista, juiz de paz, vereador, presidente da câmara, deputado provincial e, posteriormente, foi nomeado presidente da província de Minas Gerais, em 26 de fevereiro de 1838, cargo que ocupou até 1840, quando se demitiu, solidário com o seu partido conservador, que havia sido substituído no poder pelos liberais.

Em 1841 foi nomeado para o cargo de diretor geral dos Correios, mas não tomou posse, pois a 25 de abril desse mesmo ano foi novamente nomeado presidente da província de Minas Gerais, marcando a volta do partido conservador ao poder, mediante grave crise política.

Segundo Casadei (1987) a efetiva participação de Bernardo Jacinto da Veiga foi crucial para debelar o movimento conhecido como “Revolução de 1842” restaurando, assim, a “ordem e a estabilidade do governo”.

Mediante os serviços prestados “à estabilidade do partido conservador”, o imperador D. Pedro II o agraciou com a Carta de Conselheiro do Império e a condecoração da Ordem da Rosa.

Esse episódio permite vislumbrar que a família Veiga usufruía de prestígio ante o governo monárquico e, enquanto defensores dos ideais conservadores, beneficiariam-se da política do favorecimento, através de nomeações políticas, além da ocupação de cargos de confiança do imperador.

Ressaltamos que, naquele contexto do século XIX, segundo os relatos de Rezende (1987), os Veiga eram respeitados pela atuação política e pelos altos cargos que ocupavam, tornando-se os mais representativos membros do Partido Conservador Mineiro.

À medida que consolidava a sua ascensão social e política, a família Veiga também assegurava a distinção cultural através da imprensa e dos diversos jornais editados, em Campanha.

Reafirmamos que os periódicos eram estratégicos à legitimação do discurso dessa elite cultural, pois através da imprensa implantariam-se os mecanismos necessários à validação das suas ações e, conseqüentemente, asseguraria-lhe o poder

Fiel a esse princípio, na genealogia dos Veiga, merece destaque Lourenço Xavier da Veiga - editor dos jornais *Nova Província* e *O Sul de Minas*, pioneiros na imprensa campanhense oitocentista.

Lourenço Veiga era sócio do irmão Bernardo Jacinto da Veiga e auxiliou-o na implantação da primeira livraria de Campanha, assim que se estabeleceram nessa cidade, nas primeiras décadas do século XIX. Após a morte do irmão, Lourenço não só manteve a livraria, bem como a melhorou consideravelmente, conforme atesta Valladão (1940).

Também merece destaque a efetiva participação de Lourenço Xavier da Veiga na redação do *Opinião Campanhense*, o primeiro periódico editado nessa cidade sul mineira, conforme atesta Valladão (1940).



FIGURA 6 – Lourenço Xavier da Veiga e D. Jesuína de Salles (ao centro).
Genealogia da família.

Fonte: CEMEC/SM – Centro de Memória Cultural do Sul de Minas Gerais – Campanha MG. Acervo Paulino de Araújo.

3.3 A gênese da 3ª geração da família Veiga no Brasil

Dentre os muitos filhos de Lourenço Xavier da Veiga - médicos, políticos, jornalistas e escritores - destacaram-se: José Pedro Xavier da Veiga, Evaristo da Veiga e Bernardo Saturnino da Veiga (sobrinhos do fundador do *Aurora Fluminense*).

José Pedro Xavier da Veiga está diretamente associado à historiografia da imprensa mineira. Nascido em Campanha, no dia 13 de abril de 1846, foi jornalista, historiador e político. Aos 11 anos mudou-se para o Rio de Janeiro onde trabalhou em livraria. Aos 21 anos, foi para São Paulo cursar Direito, mas por problemas de saúde, regressou a Campanha antes de concluí-lo.

Em 1878, com 32 anos, transferiu-se para Ouro Preto, onde participou do lançamento do jornal *A Província de Minas*, que defendia uma ideologia conservadora. Foi deputado provincial e senador por Minas Gerais.

De ideologia conservadora e adepto dos ideais separatistas; defendeu (a exemplo dos antepassados da família Veiga) a criação de uma nova província no sul de Minas auferindo a Campanha a categoria de capital dessa nova jurisdição. Como membro efetivo do partido conservador mineiro participou ativamente na defesa desse ideário separatista do sul de Minas Gerais.

Posteriormente, deixou o cargo de senador para dedicar-se à criação, em 1895, do Arquivo Público Mineiro. Em 1896, criou a *Revista do Arquivo Público Mineiro*, veículo onde publicou *A imprensa de Minas Gerais 1807-1897*, que o consagraria como o precursor dos estudos sobre o jornalismo em Minas. Conforme atesta Valladão (1942, p. 193), nessa mesma data - em virtude da citada publicação - lhe foi conferido o título de sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Em *A imprensa de Minas Gerais 1807-1897*, Xavier da Veiga apresenta uma pesquisa sistemática onde relata o primeiro século da imprensa no Estado, além de fazer um inventário dos jornais que foram editados, nesse período, nas diversas localidades mineiras.

Outra contribuição de José Pedro Xavier da Veiga à história mineira foi a publicação de *Efemérides Mineiras*, em 1897, considerada por muitos historiadores como a sua obra mais relevante em função do reconhecido valor historiográfico da mesma.

Exercendo múltiplas funções de caráter cultural ou político, Xavier da Veiga se manteve ativo no cenário mineiro. Considerado um dos mais importantes jornalistas de Minas Gerais exerceu as funções de diretor do Arquivo Público Mineiro e diretor da Revista, até

poucos dias antes de falecer, em 8 de agosto de 1900, em Ouro Preto, segundo Valladão (1942, p. 195).

Outro filho de Lourenço Xavier da Veiga foi Evaristo Ferreira da Veiga, nascido na então Vila da Campanha, a 5 de fevereiro de 1832.

Em 1850, dirigiu-se a São Paulo com o propósito de efetivar os estudos. Foi advogado, escritor, jornalista, juiz municipal e deputado eleito para a Assembléia Geral Legislativa em diversas legislaturas (1861/1863- reeleito 1864/1866- 1869/1872), sendo que de 1868 a 1869 presidiu a província de Sergipe.

Pela eloquência do discurso, Evaristo sobressaiu-se como advogado e orador. Acerca do seu dom para a oratória, seu irmão José Pedro Xavier da Veiga assim o definiu:

Se, como político, Evaristo tinha as justas indignações de consciência, revoltada contra a opressão triunfante, como patriota sua palavra sabia inflamar-se aos acentos das cóleras santas, concitadoras dessas emoções augustas que impelem os povos à vitória ou à morte (BUENO, 1900, p. 74).

Essa descrição a respeito da habilidade de Evaristo à oratória, permite afirmar o quão era importante a alocução para a família Veiga e como ela se valeu desse precedente para defender os seus interesses. Assim sendo, para esse grupo social, a imprensa se justifica como espaço de articulação do discurso, onde o mesmo é moldado às conveniências dessa classe dominante.

Evaristo da Veiga (a exemplo de seu irmão José Pedro Xavier da Veiga) foi um dos maiores defensores do ideal separatista, o qual se fundamentava na criação da Província Minas do Sul, auferindo a Campanha o *status* de sede administrativa da nova comarca devido à importância política e cultural alcançada por essa cidade, além de se constituir um importante baluarte do partido conservador mineiro, bem como notável disseminadora dos ideais libertários.

Conjecturamos que, na consolidação desse ideal, Evaristo da Veiga atuou ativamente. Enquanto jornalista, utilizou-se da força do discurso impresso fazendo dos periódicos editados pela família Veiga os suportes do seu ideário de provincialização dessa região sul mineira. Enquanto político, atuou sobremaneira visando à concretização do seu projeto político ao fazer uso das tribunas para manifestar as suas idéias partidárias à emancipação política do sul de Minas Gerais.

Quando eleito deputado em 1861 destacou-se pela atuação política favorável à criação da província de Minas do Sul quando a 3 de agosto de 1862, segundo Veiga (1998) apresentou à Assembléia Geral Legislativa o seu projeto de criação do novo território.

De acordo com o relato de Bueno (1900, p.35) o projeto apresentado por Evaristo Ferreira da Veiga foi assinado por 47 deputados e seria uma realidade se no ano seguinte não fosse dissolvida a assembléia geral.

Dissolvida a Câmara dos Deputados em 1872, não reeleito e sendo hostilizado, retirou-se da vida pública, passando a advogar em Campanha, além de contribuir na redação do *Monitor Sul-Mineiro*, periódico editado por seu irmão Bernardo Saturnino da Veiga.

No dia 2 de setembro de 1887 retornou à vida política ao ocupar uma vaga como senador do império. Segundo Bueno (1900, p.75) não houve muito tempo para Evaristo da Veiga exercer esse mandato, visto que no dia 7 de março de 1889, ele faleceu no Rio de Janeiro, aos 57 anos, vitimado pela febre amarela.

Segundo Valladão (1942, p. 201) Evaristo foi o maior colaborador na elaboração do *Almanach Sul-Mineiro* (1874), do *Almanach Sul-Mineiro* (1884) e da *Encyclopedia Popular* (1879), publicações implementadas por seu irmão, Bernardo Saturnino da Veiga.

Ao delinear o perfil ideológico da família Veiga e analisar a sua ação política e cultural pode-se aferir a sua influência na sociedade campanhense oitocentista.

Através de seus representantes, seja da 1ª geração no Brasil (Francisco Luís da Veiga), ou da 2ª (Evaristo Ferreira da Veiga, Bernardo Jacinto da Veiga, Lourenço Xavier da Veiga) ou ainda da 3ª geração (José Pedro Xavier da Veiga, Evaristo Ferreira da Veiga, Bernardo Saturnino da Veiga), configuramos uma ascendência abalizada pela efetiva atuação nos campos político e cultural, repercutindo sobremaneira naquela sociedade.

Ressaltamos que, na segunda metade do século XIX, a sociedade campanhense auferia aos Veiga considerável prestígio político e cultural. Respaldados por essa distinção social, os representantes dessa família utilizaram-se da imprensa para implantar a sua ideologia conservadora, visto que eram adeptos dos ideais monarquistas vigentes.

Destacamos que os periódicos editados pela família Veiga estavam em sintonia com o Partido Conservador, com a moral ortodoxa da Igreja e com a manutenção da tradição, ainda que o seu discurso propagasse o progresso e os novos ideais civilizatórios, recorrentes nos periódicos oitocentistas.



FIGURA 7 – Família Veiga. * *Da esquerda para a direita, em pé:* Saturnino Simplício da Veiga; José Pedro Xavier da Veiga; Francisco Luiz da Veiga; Evaristo Ferreira da Veiga. * *Da esquerda para a direita, sentados:* Bernardo Saturnino da Veiga; Lourenço Xavier da Veiga e João Pedro da Veiga.

Fonte: CEMEC/SM – Centro de Memória Cultural do Sul de Minas Gerais – Campanha MG. Acervo Paulino de Araújo.

3.4 O perfil de Bernardo Saturnino da Veiga

Na genealogia da família Veiga, faz-se oportuno destacar outro descendente: Bernardo Saturnino da Veiga. Ele desempenhou um singular papel na sociedade campanhense, além de participação ativa na vida cultural e política da província ao editar, juntamente com seus irmãos, um dos mais importantes periódicos da região: o *Monitor Sul-Mineiro*, conforme salienta Oliveira (1997).

Bernardo Saturnino, nasceu em 1842, em Campanha, Minas Gerais.

Era filho do Tenente-coronel Lourenço Xavier da Veiga e de D. Jesuína Bernardina da Veiga. Casou-se com D. Porcina Bueno da Veiga, sua companheira até o dia 1 de janeiro de 1901, quando Bernardo faleceu em Campanha, aos 62 anos, segundo Casadei (1987, p.220).

Bernardo Saturnino da Veiga, a exemplo do pai Lourenço Xavier da Veiga, era autodidata e, segundo Casadei (1987), sua propensão aos livros, à cultura, bem como a vocação para a imprensa, justifica-se pela ascendência de uma família de livreiros e jornalistas. Aptidão essa que era estimulada pelo pai, que instigava Bernardo à prática da leitura, bem como a habilidade com o prelo ao colaborar, ainda adolescente, no periódico *Sul de Minas*, editado no período de 23 de julho de 1859 a 18 de novembro de 1863.

A determinação o fez jornalista, historiador, político, empresário, suplente de instrução pública, diretor da 1ª Escola Normal Oficial da Campanha, além de ocupar vários cargos públicos, sendo eleito vereador e Presidente da Câmara. Ocupou o cargo de sub-administrador dos Correios no período de 23 de dezembro de 1897 a 31 de dezembro de 1900, além de sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, conforme ressalta Casadei (1987, p.220).

Segundo Valladão (1940), o jornalista exerceu o cargo de comandante da Guarda Nacional, ocupação essa que lhe conferiu a patente de Tenente-coronel, além de ser agraciado pelo imperador D. Pedro II com a comenda da Ordem da Rosa.

Reiteramos que certos prêmios ou honrarias eram concedidos pela Coroa àqueles que desfrutavam de certos privilégios junto ao Imperador. Essa atitude “benévola” do Monarca destacava os que eram afinados com os ideais de manutenção das bases da estrutura política e econômica brasileira.

Dessa forma, a patente conferida a Bernardo Saturnino da Veiga, além do título “ilustrativo”, denota o caráter conservador do jornalista, a sua condescendência à causa monárquica e o compromisso com os valores tradicionais de sua época, ainda que o discurso veiculado nos seu periódico fosse insuflado de ideais aparentemente “progressistas.”

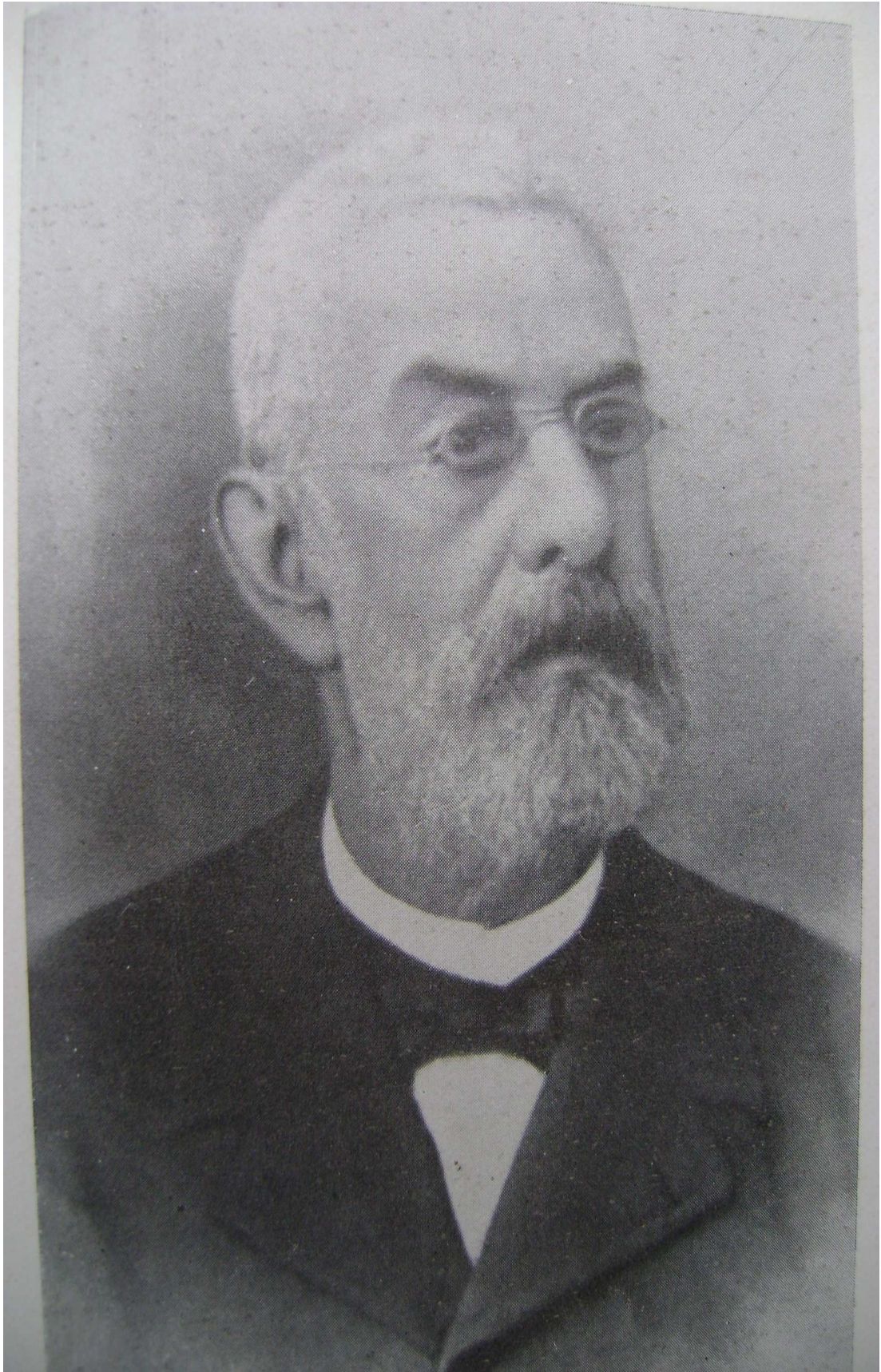


FIGURA 8 – Bernardo Saturnino da Veiga
Fonte: VALLADÃO, Volume III, 1942, p. 82

3.4.1 A vocação comercial e cultural de Bernardo Saturnino da Veiga

A elite urbana oitocentista compreendia a leitura e a educação como instrumentos de sociabilização e desenvolvimento. Fiel a essa ideologia, Bernardo Saturnino da Veiga foi responsável por intensa atividade cultural em Campanha. Tais manifestações se efetivaram através do comércio de livros, edição de periódicos, publicação de enciclopédias e almanaques e a obstinação em criar a Biblioteca pública campanhense.

Ao destacar o gosto acentuado de Bernardo Saturnino da Veiga pelos livros, Casadei (1987) recorre aos antepassados do mesmo e, através da genealogia dos Veiga, enfatiza os esforços e os empreendimentos de várias gerações, sempre direcionados a eventos culturais.

Faz-se oportuno ressaltar que assim como o seu avô (livreiro na corte) e o pai (editor de periódicos e livreiro), Bernardo também foi dono de uma livraria em Campanha.



FIGURA 9 – Anúncio referente ao comércio de livros de Bernardo Saturnino da Veiga

Fonte: Jornal Monitor Sul Mineiro, 20-01-1878, p. 04. Acervo CECML (Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort).

Segundo Casadei (1987, p. 218), essa livraria supria a culta cidade das melhores publicações editadas no país e no exterior. Esse empreendimento funcionava na própria residência de Bernardo Saturnino da Veiga (na parte térrea), situada na esquina da Praça D. Ferrão, no largo da Matriz com a Rua Direita.

Nessa livraria eram comercializados os mais diversos títulos envolvendo desde os dicionários de variadas línguas bem como as gramáticas de línguas latinas. Destacavam-se também os autores clássicos da Literatura Brasileira como Gonçalves Dias, José de Alencar, Álvares de Azevedo, Tomás Antônio Gonzaga, Joaquim Manuel de Macedo, entre outros. Os clássicos da Literatura Portuguesa também mereciam destaque, tais como: Camões, Camilo Castelo Branco, Almeida Garrett.

Valladão (1942) possibilita-nos aferir os principais livros comercializados:

E, de facto, importante livraria, para a epocha, e para o meio, um localidade do interior do paiz, nelles se revela, util em todos os sentidos.

Apparecem, desde livros elementares, até livros attinentes à instrucção superior.

(...) No que se refere aa litteratura franceza, essas obras de Fenelon, Lesage, Voltaire, B. de Saint Pierre, Chateaubriand, Lamartine (diversas), E. de Sue (diversas), Mme. Tristan, Victor Hugo (diversas), Paulo de Koch, Alexandre Dumas; e à Litteratura ingleza, italiana e allemã, respectivamente, as de Byron (completas), Alfieri, Goethe.

São obras sobre arithimetica, álgebra, sciencias physicas e naturaes, hygiene, como essas de Ávila, Teletan, Charles Lond.

E as de Historia Universal, César Catú, Milot, e de Historia de vários paizes, de Geographia e Atlas universal, Lê Beau, Balbi, W. Guthvi, Maltebrun, A. Delamarche. Diccionarios históricos e geographicos encyclopedicos.

As de Historia e de Geografia Nacional, Southey, Pereira da Silva, Abreu Lima, Xavier Pinheiro, Bellegarde, Diccionario Histórico e Geographico, Saint Adolph, Jean maure, Ferdinand Dinis.

São obras ainda de economia e de finanças, J. B. Say, PereiraGelart Wilson. E de direito: Código Penal Portuguez e Brasileiro, de Ferrão, Assessores forenses, civis e commerciaes, Direito Administrativo do Visconde de Uruguay, a celebre publicação americana “O Federalista”, sobre direito constitucional.

São os “Dialogos” de Platão.

Por fim molduram o quadro, em numero considerável, obras de educação moral, religiosa e de devoção (VALLADÃO, 1942, p. 80-83).

Aferimos que, naquele contexto oitocentista, essa atividade comercial era de caráter estritamente elitista, se considerarmos que a maior parte da população de Campanha era analfabeta, conforme o registro inserto na publicação do dia 17 de agosto de 1873, do *Monitor Sul-Mineiro*. Ou seja, em uma população estimada em 2.645 pessoas, 1686 não sabiam ler.

Analisando os títulos comercializados evidencia-se um acervo diversificado o qual contemplava, sem hierarquização, os mais diversos campos do saber. Ao mesmo tempo em que se apreciavam os clássicos da literatura universal, através da valorização das culturas grega e latina, não se desprezavam também os avanços na área das ciências físicas e naturais.

É também perceptível o caráter “pedagógico” das obras comercializadas que contemplavam desde os dicionários e as gramáticas de variadas línguas até os livros de educação moral e religiosa.

Impossível não ressaltar os exemplares de Byron, Goethe e Victor Hugo, bem como os livros didáticos, que conviviam “pacificamente” com os de Voltaire.

Ao analisar o arrolamento, anteriormente descrito por Valladão (1942), pode-se perceber formação conservadora e a inspiração de Bernardo ao compor e editar a sua enciclopédia popular, de 1879, bem como os almanaques (1874 e 1884), visto que essas publicações, em tese, se propunham a contemplar as diferentes áreas do saber, valorizando a formação ética, moral e filosófica do homem da segunda metade do século XIX.

Essa formação cultural o inspiraria na concepção do periódico *Monitor Sul-Mineiro* e seria determinante para que ele contemplasse nesse mesmo semanário, seções tais como: história natural; história sagrada; estudos históricos; literatura; pintura; escultura; religião; instrução popular; higiene; sistema métrico; jurisprudência criminal; entre outras.

Ressaltamos que ao estruturar o *Monitor Sul-Mineiro* com seções fixas que contemplavam as artes, especialmente a literatura, Bernardo Saturnino da Veiga reafirma o seu perfil conservador, utilizando-se dos padrões recorrentes nos periódicos do século XIX, especialmente o *Jornal das famílias* (1863 -1878).

Reiteramos que esses princípios tradicionais no perfil cultural de Bernardo da Veiga também se evidenciam diante dos extensos artigos onde eram, comumente, destacadas as idéias e as obras de grandes gênios da cultura clássica, seja na literatura, na escultura, na música, na pintura, entre outras manifestações artísticas.

Eram frequentes os artigos referentes à cultura clássica, tais como: Rafael Sanzio (*Monitor Sul-Mineiro*, 01/01/1872, p.1), Michelangelo (*Monitor Sul-Mineiro*, 28/01/1872, p.1), Leonardo da Vinci (*Monitor Sul-Mineiro*, 24/03/1872, p.1), a biografia completa de Sócrates (*Monitor Sul-Mineiro*, 30/06/1872, p.1), Albrecht Dürer (*Monitor Sul-Mineiro*, 18/08/1872, p.1), Esteban murillo e Diego Velásquez (*Monitor Sul-Mineiro*, 22/12/1872, p.1) entre outros, o que permite conjecturar a sua ideologia cultural conservadora.

Evidenciamos, através desses princípios, uma característica no perfil cultural e ideológico de Bernardo Saturnino da Veiga que seria recorrente durante a sua atuação na imprensa campanhense: a intenção de um discurso revestido de “modernidade” e que se apresentasse àquela sociedade como porta-voz de “novos dizeres”.

No entanto, por contradição, o que se verifica é a alocução ortodoxa e conservadora, mas cuidadosamente alicerçada sob o disfarce de uma aparente contemporaneidade ou vanguardismo.

3.4.2 A biblioteca pública campanhense

Bernardo da Veiga representou, sobremaneira, a elite cultural campanhense e valorizava o exercício da cultura, bem como a aquisição do saber, aliados à informação e à prática da leitura, como fator de distinção social.

Reafirmamos que esse projeto encampado por Bernardo Saturnino da Veiga - diante de uma sociedade iletrada - ressalta a contradição no discurso do jornalista. Ao “estabelecer índices civilizatórios” àquela urbe, através da prática da leitura, apenas se acentuava a distância abissal entre a elite cultural e a população, em sua maioria analfabeta.

Por extensão, podemos afirmar que a biblioteca campanhense era um empreendimento que visava auferir distinção a um grupo cultural distinto e não à população, como propagava Bernardo Saturnino da Veiga através da imprensa.

Fiel a seu princípio, Bernardo colocaria em prática o antigo ideal de criação de uma biblioteca pública, na cidade de Campanha.

O empenho para a instalação da mesma é atestado através de documento de seu próprio punho que foi enviado à Câmara Municipal, no dia 13 de março de 1873, a qual solicitava apoio a esse empreendimento.

Ilmos. Snrs. Presidente e mais membros da Câmara M. da Campanha
 Tenho a honra de comunicar a V.Sas. que desde maio do ano próximo passado trato de estabelecer nesta cidade uma Biblioteca Publica para cuja realização necessito ainda de auxílios e, reconhecendo nessa ilustre corporação pessoal ilustrado e amigo da prosperidade do Sul de Minas, animo-me a solicitar dela seus favores, na esperança de ser atendido.
 Foi no Rio de Janeiro que consegui para a biblioteca campanhense maior numero de livros e me ficaria por demais pesado si só pagasse o carroto de muitos caixões dali para a Campanha, e assim pedi ao Exmo. Sr. Ministro da Agricultura e passagem grátis na estrada de ferro dos caixões que trouxessem os livros para essa tão útil instituição e fui, benevolentemente, atendido por S. Exa.
 Hoje dirijo-me a V.Sa. pedindo se dignem concorrer com a importância do carroto até esta cidade, despesa que creio não chegará a 200\$000.
 Certo do amor que V.Sas. votam a tudo que for melhoramento deste lado de Minas, eu confio que atenderão o justo pedido que lhes faço.
 Deus guarde a V.Sa. por muitos anos.
 Ilmos. Snrs. Tte. Cel. Manoel Inácio Gomes Valadão, Presidente e mais membros da Câmara Municipal da Cidade.
 Bernardo Saturnino da Veiga
 Campanha, 16 de março de 1873 (CASA DEI, 1987, p. 217-218).

Pelo documento exposto, evidenciam-se os esforços de Bernardo ao implantar a biblioteca pública de Campanha. Uma verdadeira epopéia transportar os caixotes contendo os livros, considerando a dificuldade geográfica em relação à corte, além da utopia de tal empreendimento mediante uma população em sua grande maioria analfabeta.

De acordo com o relato de Valladão (1942), era antiga a idéia da criação de uma biblioteca, empreendimento que só foi possível graças aos esforços de Bernardo Saturnino.

[...] graças à iniciativa desse benemérito campanhense que foi Bernardo Saturnino da Veiga, a 24 de setembro de 1874 se inaugurava na Athenas Sul-Mineira, com a só contribuição dos particulares, a Biblioteca Pública, depois de tenaz e brilhante pregação do “Monitor Sul-Mineiro” de que era director (VALLADÃO, 1942, p. 83).

Ao relatar as solenidades de inauguração da biblioteca, Valladão (1942, p. 84), acima de tudo, traduz a ideologia da elite cultural campanhense, e o seu ideal de ilustração, ao afirmar que todos se confraternizavam “[...] na festa da intelligencia, na festa da cultura, da abençoada terra!” (1942, p. 84).

Bernardo Saturnino da Veiga foi reverenciado pelo esforço em prol do desenvolvimento de Campanha, através de nota veiculada no *Monitor Sul-Mineiro*, de 26 de setembro de 1874, conforme transcreve Valladão (1942).

Após dois annos de constantes esforços, conseguiu finalmente o tenente-coronel Bernardo Saturnino da Veiga inaugurar a 20 do corrente mez a bibliotheca campanhense, de cuja fundação se encarregou, por acreditar que deste modo prestava um bom serviço a seus concidadãos e preenchia na Campanha uma importante lacuna. Foi uma bella e patriótica festa o acto daquella inauguração, que marcará certamente nos modestos annaes de nossa terra uma data memorável, porque significa um novo passo dado na carreira de nosso progresso intellectual e moral (VALLADÃO, 1942, p. 84).

Segundo Valladão (1942), obras diversas compunham a biblioteca, que era bem constituída, servindo diversos ramos da cultura nacional e estrangeira.

Sobre os volumes que a compunham o referido autor, atesta:

Consta presentemente a bibliotheca da Campanha do seguinte:	
Livros encadernados.....	1.275 vols.
Ditos brochados.....	450 “
Revistas litterarias.....	186 “
Relatorios, memorias e Opúsculos diversos.....	596 “
	2.489 “

(VALLADÃO, 1942, p. 86).

O memorialista também destaca que ao receber os 600 volumes ofertados - e ainda não entregues - o acervo dessa instituição chegaria a mais de 3.000 livros. Segundo o mesmo autor, outras obras seriam adquiridas, inclusive sob intervenção do poder público, visto que já havia a aprovação no orçamento provincial vigente.

Bernardo Saturnino preconizava uma sociedade ilustrada e, sendo assim, a biblioteca pública campanhense - a seu ver - surgia com um ideal definido que consistia em uma “ação concreta” em prol da implantação desse projeto de elucidação coletiva.

Dez anos depois, ao publicar o *Almanak Sul-Mineiro* de 1884, o jornalista registrou a ampliação do acervo da biblioteca por ele empreendida, além de informar que a mesma encontrava-se, naquele momento, sob a tutela da Câmara Municipal de Campanha.

A Campanha possui uma bibliotheca publica, por nós fundada e, que conta cerca de 4.000 volumes. (p. 59) (...) A bibliotheca popular, fundada por nossos esforços, está hoje confiada aos cuidados da Câmara Municipal (ALMANAQUE SUL-MINEIRO, 1884, p. 84).

Reiteramos que a criação de uma biblioteca pública, por si só, não seria capaz de reverter o quadro de analfabetismo constatado na cidade, naquele contexto do século XIX.

O discurso do jornalista não corresponde àquela realidade e se torna utópico e - de certa forma - adquire caráter demagógico, pois não se pode civilizar através da leitura aqueles que não sabem ler. O discurso veiculado por Bernardo se esvazia e não se efetiva, na prática.

Ao dimensionar a referida biblioteca como o “embrião de uma nova mentalidade coletiva”, através da valorização da leitura, Bernardo da Veiga apenas acentua a desigualdade cultural daquela sociedade, visto que esse empreendimento seria um fator de distinção social do próprio jornalista e da elite da qual ele fazia parte.

3.4.3 Os almanaques de 1874 e 1884

O *Almanach Sul-Mineiro* é um documento sobre a formação política e econômica do sul de Minas, além de ser considerado um importante registro historiográfico sobre extenso número de localidades mineiras.

Segundo Valladão (1942, p. 200), o *Almanaque* de 1874, constituiu o primeiro trabalho sistemático sobre o sul de Minas, nos mais variados aspectos e, principalmente no que diz respeito “à sua alma mater, a Campanha da Princeza”.

Conforme salienta esse mesmo autor, a participação dos irmãos de Bernardo (Evaristo da Veiga e José Pedro Xavier da Veiga) foi fundamental para a conclusão desse projeto historiográfico.

Bernardo Saturnino da Veiga destacou o caráter inédito dessa publicação, exaltou a grandeza de Minas Gerais e destacou que o seu almanaque não abrangeria toda a extensão mineira, pois tal empreitada excederia a sua energia e, sendo assim, limitou-se à pesquisa e ao estudo sistemático do sul da província.

Segundo o jornalista, tal delimitação geográfica não implicou menor labor ou dispêndio. Entretanto, apesar das dificuldades mediante onerosa publicação, ele reiterou o desejo de que o seu almanaque proporcionasse conhecimento da importância de Minas Gerais e do seu futuro promissor.

E nem assim acreditamos ter feito trabalho isento de censura; mas quem calcular as dificuldades que se erguerão ante nossos passos, quem attender à que não são muitos os que prestarão a auxiliar-nos no empenho de organisarmos este Almanach, desculpar-nos-ha por não apresentarmos a obra completa. Entretanto diz-nos a consciencia que alguma utilidade tem elle, porque, pelo menos, dá conhecimento do que somos no presente, e esperanças do muito que podemos vir à ser no futuro (ALMANAQUE SUL-MINEIRO, 1874, p. 8).

O referido almanaque iniciou uma extensa abordagem sobre a então capitania de Minas Gerais até a fundação da Vila da Campanha da Princesa.

Em seguida, foi feita uma apreciação sobre o sul de Minas, em seu aspecto geral, levando em conta suas forças produtoras, elementos de prosperidade, grau de civilização, bem como informações sobre hidrografia, meteorologia, produtos naturais, população, agricultura, indústrias, comércio, instrução pública, escolas existentes, as divisões judiciária, administrativa, eclesiástica e eleitoral, dentre outras abordagens.

Bernardo Saturnino da Veiga dedicou-se também a retratar as localidades sul mineiras, ressaltando a questão histórica sobre a fundação de cada uma delas, bem como apontamentos biográficos sobre os seus filhos ilustres.

A publicação do *Almanach Sul-Mineiro de 1874* e a sua repercussão positiva na Província mineira, certificou o ingresso de Bernardo Saturnino da Veiga no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Ao tomar conhecimento de sua eleição para compor o quadro de membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Bernardo Saturnino da Veiga encaminhou um ofício ao secretário do referido Instituto, o Sr Dr Carlos Honório de Figueiredo, externando agradecimento. Tal ofício foi datado a 8 de outubro de 1880.

Ilmo. E Exmo. Sr.

De posse do ofício de V. Exa. com o qual se dignou comunicar-me minha admissão na qualidade de sócio correspondente no grêmio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro cabe-me responder a V. Exa. rogando-lhe que se sirva levar ao conhecimento daquela ilustre e benemérita Associação que profundamente grato e reconhecido à honra que me foi conferida, empregarei todos os meus esforços para corresponder dignamente a tão distinta posição que devo exclusivamente à benevolência dos conspícuos membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (CASADEI, 1987, p. 219-220).

Com o êxito do almanaque de 1874, Bernardo Saturnino publicou o segundo intitulado *Almanach Sul-Mineiro para 1884*, sendo este um complemento ao anterior, onde eram acrescidos os fatos ocorridos no decênio seguinte ao primeiro lançamento.

Os almanaques foram organizados e redigidos por Bernardo Saturnino da Veiga e impressos na tipografia do *Monitor Sul-Mineiro*, na parte térrea da residência do próprio jornalista, na esquina da Praça D. Ferrão, no largo da Matriz com a Rua Direita, onde também funcionava a livraria de sua propriedade. Ali, os almanaques também eram comercializados.

Ressaltamos que os almanaques (1874/1884) se propunham a mostrar a diversidade e a grandeza da região sul mineira que, segundo Bernardo da Veiga, eram mal aproveitadas.

Porém, identificamos no discurso do jornalista a ideologia política, visto que nessas publicações associa-se o desenvolvimento do sul de Minas Gerais à necessidade de se estabelecer uma economia independente, criando assim um novo centro de administração. Bernardo vincula o ideal de progresso da região à criação de uma nova província – Minas do Sul, que teria Campanha como a capital.

Assim, desnudamos nos almanaques de 1874 e 1884 o discurso de uma elite cultural e econômica que se utilizava da imprensa para legitimar o seu discurso conservador, especialmente no que se refere à manutenção de sua hegemonia e privilégios.

Destacamos que o discurso de Bernardo Saturnino da Veiga tornaria-se recorrente no que tange aos ideais separatistas da região sul mineira. Com esse propósito, o jornalista aproveitava-se da posição social privilegiada que ocupava e, sobretudo, dos mecanismos que a imprensa lhe conferia a fim de implementar esse projeto.

3.4.4 A enciclopédia popular

Sob auspício de Saturnino da Veiga, na tipografia do *Monitor Sul-Mineiro* foram editados o *Almanaque Sul Mineiro*, lançado em 1874 e, posteriormente, o de 1884; bem como a *Enciclopédia Popular*, em 1879.

[...] em sua typographia se editou, em 1879, essa Encyclopedia Popular, como um successo typographico e cultural, primeira publicação do genero que appareceu no Brasil, o importante Ammanach Su—Mineiro de 1874, com o seu complemento de 1884, e opúsculos [...] e que ao lado disso, da mesma typographia sahiam sem cessar, impressos de todo o genero, attinentes ao ensino primario, com grande vantagem para o seu desenvolvimento (VALLADÃO, 1942, p. 224).

A *Encyclopedia Popular*, editada em 1879, por Bernardo Saturnino da Veiga é considerada a primeira publicação desse gênero, no Brasil.

No prefácio, o editor apresenta a obra como uma coleção de leituras úteis e variadas destinadas a todas as classes sociais – agricultores, negociantes, artistas; e a todos aqueles cujas múltiplas tarefas não permitiam manusear bibliotecas, ou não dispunham de recursos para adquirir os caros livros.

Salientamos o detalhe do título da enciclopédia que a cognomina como “popular”, evidenciando o pretense caráter informativo e pedagógico dessa publicação.

Porém, destacamos que o fato de ostentar a palavra “popular”, não a credenciava para efetivar, na prática, a proposta exposta no título. Quando considerarmos que, na segunda metade do século XIX, na cidade de Campanha, de um universo de 2645 pessoas, cerca de 1686 eram analfabetas, atesta-se então que esse empreendimento editorial não visava especificamente à classe popular, visto que ela não desfrutava do direito ao letramento.

Destacamos a incoerência do jornalista ao denominar a sua enciclopédia como “popular”, pois uma população analfabeta não faria uso de mais de 700 páginas de texto impresso.

Nesse aspecto, ressaltamos que a enciclopédia de Bernardo Saturnino da Veiga, apesar do pretense propósito de ser popular, na verdade era direcionada à elite, ou seja, àquele grupo cultural privilegiado que tinha acesso aos livros.

Bernardo Saturnino da Veiga declarou que sentia a falta de uma publicação que contivesse conhecimentos “úteis” e que se fazia necessária a idealização de um compendio, que preenchesse essa lacuna para servir às cidades e, principalmente, aos estudantes.

Sentíamos de ha muito que entre tantas publicações interessantes e valiosas, com que escriptores distinctos têm enriquecido as letras patrias, nenhum tivesse por objecto compendiar n’um só livro, para leitura do povo, noticias e conhecimentos uteis e esparsos em numerosos volumes, em maior parte escriptos em lingua estrangeira, o que mais difficulta ainda sua consulta ou estudo. Nasceu d’hai o desejo de, imperfeitamente embora, preenchermos essa sensivel lacuna, no interesse de nossos cidadãos illetrados, organisando com os meios apoucados de que dispomos a primeira encyclopedia popular editada no Brasil... (ENCYCLOPEDIA POPULAR, 1879, prefácio).

Ressaltamos que a maioria da população não frequentava a escola, dessa forma as “leituras úteis” da enciclopédia se destinavam àqueles estudantes da classe burguesa onde Bernardo da Veiga estava inserido. A população pobre, escrava e analfabeta não se beneficiaria desse empreendimento editorial, ainda que se denominasse “popular”.

Dentro desse universo de “leituras úteis”, Bernardo da Veiga incluiu temas diversificados e importantes, que a seu ver, seriam relevantes àquela sociedade, tais como: notícias relativas às coisas e instituições do Brasil; apontamentos históricos, geográficos, estatísticos, biográficos, industriais e literários; entre outros; segundo a especificação do próprio autor, já no início de sua inscrição.

Diante dessas motivações é que Bernardo Saturnino da Veiga justifica a utilidade da sua enciclopédia, reafirmando a sua preocupação em relação à importância da educação, enquanto artífice e pilar do projeto campanhense de uma sociedade letrada.

[...] em resumo, o trabalho a que nos dedicamos e cujo resultado vimos hoje oferecer ao publico, não como documento de pretencioso merito, mas simplesmente, e outra cousa é elle, como singela offerenda do nosso profundo devotamento a causa santa da educação popular (ENCYCLOPEDIA POPULAR, 1879, prefácio).

Evidenciamos o caráter contraditório desse discurso, considerando os índices de analfabetismo naquela cidade, os quais dificilmente seriam revertidos apenas com a veiculação de uma coletânea de informações impressas.

De acordo com os relatos de Valladão (1942), para tal empreendimento, Bernardo Saturnino contou com a colaboração dos irmãos Evaristo Ferreira da Veiga, José Pedro Xavier da Veiga, Francisco Luiz da Veiga e Saturnino de Salles Veiga.

Essa publicação era composta de 751 páginas, de acordo com Valladão (1942, p. 120-121), contendo os mais variados assuntos, dentre eles: astronomia, química, mineralogia, botânica, cronologia, medicina, cirurgia, terapêutica, farmácia, higiene, mecânica, zoologia, geologia, indústria, agricultura, comércio, arqueologia, mitologia, filosofia, literatura, biografia, legislação, educação, pedagogia, civilidade, economia doméstica, poesia, música, dança, desenho, pintura, arquitetura, gramática, cerâmica, lapidação, fotografia, aritmética, álgebra, geometria, tipografia, história sagrada, teologia moral, religiões diversas, telefone, ciências ocultas, agricultura, constituição política, instrução pública, invenções, descobertas, ilustres falecidos e, por último um dicionário etimológico das palavras científicas oriundas do grego e do latim.

Além da multiplicidade de temas, a enciclopédia popular editada por Bernardo Saturnino da Veiga, destacou-se pela qualidade tipográfica, que fazia da mesma, um excelente livro para se tirar proveito não apenas os “indoutos”, a quem particularmente se destinava, mas os próprios “doutos”, segundo descreve Valladão (1942).

A imprensa da capital do império divulgou o empreendimento editado por Bernardo Saturnino da Veiga:

[...] O *Diario Official* dizia: “Como trabalho typographico, o presente volume foi para nós mui agradável revelação de um desenvolvimento artistico muito além do que poderíamos imaginar se desse em uma cidade remontada dos centros industriaes, e tanto mais para maravilhar quando sabemos que foi executado por sua familia (a de Bernardo da Veiga), sendo typographos, impressor, brochador, etc; gente de sua casa... Si como trabalho artistico, attendendo, sobretudo a estas circumstancias tão singulares (entre as quaes figura ainda, a do transporte difficil e dispendioso da Côrte para a Campanha, do prelo em que se imprimiu a obra, o do “Monitor Sul-Mineiro”) e tanto mais para admirar, merece-nos a Encyclopedica bem sólidos applausos e encômios; por outro lado, como obra intellectual e litteraria etc. (VALLADÃO, 1942, p. 124-125).

Além do *Diario Official*, outros órgão de imprensa da corte também noticiaram a publicação da enciclopédia, a exemplo da *Gazeta de Noticias*.

E a *Gazeta de Noticias* fallava por esta forma: “Preparal-a (a Encyclopedica), exigia tantos conhecimentos, acarretava tantas difficuldades, envolvia taes despezas, que mesmo aqui na Côrte, onde, mais do em qualquer parte do Brasil, as circumstancias eram favoraveis, ninguém teve coragem de meter hombros à ardua empreza. Pois um homem, em uma cidade central, longe dos focos mentaes, quasi sem collaboradores, acaba de dar o livro que todos desejavão. Deante de um arrojto tão heroico, francamente confessamos, a nossa calma de critico desaparece para transformar-se em admiração e enthusiasmo” (VALLADÃO, 1942, p. 125).

Reconhecemos a grandeza do empreendimento de Bernardo da Veiga quando consideramos as dificuldades em relação à veiculação de textos impressos em cidades do interior, afastadas do centro do poder imperial, em rudimentares tipografias, além da precariedade das estradas e dos meios de locomoção, no século XIX.

Entretanto, consideramos exageradas as adjetivações empregadas por Valladão (1942) ao referir-se à enciclopédia e à sua repercussão na imprensa da corte. É oportuno destacar que o memorialista, em questão, integrava a seleta classe social que desfrutaria dos benefícios desse empreendimento editorial.

Com relação ao destaque da enciclopédia na imprensa da corte, identificamos nesses relatos de Valladão (1942) um hábito comum, já no século XIX, que consistia na “política do favor” que visava ao favorecimento de determinado clã político que, assim, se beneficiava do prestígio junto à elite cultural e à imprensa.

Destacamos também que era usual o envio de livros ou periódicos para outros órgãos de imprensa - para a seção de apreciação – e, posteriormente era divulgada a avaliação como estratégia de promoção desses empreendimentos.

Convém ressaltar que ao creditar ao poder da palavra escrita e à força da imprensa enquanto agentes civilizadores de um povo, Bernardo Saturnino contribuiu, sobremaneira, para a manutenção de uma ordem social estabelecida. Tais atitudes, além de não contribuir para a formação de novas práticas sociais, foram responsáveis por instaurar um discurso conservador, segregador pois era uma alocução direcionada a poucos (a uma elite) que se investe de poder por meio do saber, como atesta Foucault (1996).

3.4.5 Os vínculos burgueses e as relações sociais de Bernardo da Veiga

Bernardo Saturnino da Veiga, manteve contato com eminentes personalidades da vida pública brasileira, visto que nomes respeitáveis do cenário político e cultural do país marcaram presença em Campanha, atestando a importância adquirida por essa cidade no contexto dos séculos XVIII e XIX.

Tradicionalmente, a cidade de Campanha acolhia ilustres visitantes, a saber, o Padre Diogo Antonio Feijó, por volta de 1838, segundo Casadei (1987 p. 127-128); e a Princesa Isabel e o Conde D’Eu, a 19 de outubro de 1868, conforme relato do referido autor (1987 p. 133). Assim sendo, tais fatos corroboram a íntima relação que havia entre essa cidade sul mineira e a corte.

Destarte, os escritores memorialistas, bem como os periódicos ali editados no século XIX (especialmente o *Monitor Sul-Mineiro*), atestam a presença em Campanha de notáveis personalidades, tais como: Afonso Augusto Moreira Pena, em 1889; Benjamim Constant, em 1889; Floriano Peixoto, em 1895; novamente o Conde D’Eu, a 22 de junho de 1884; Silvio Romero, em 1904/1905; José do Patrocínio, em 1901; Manuel Bandeira, em 1905.

Mediante uma análise criteriosa do *Monitor Sul-Mineiro*, pode-se elencar algumas relações sociais de Bernardo Saturnino da Veiga que permitem atestar os vínculos que ele mantinha com importantes personalidades da área política e cultural do Brasil oitocentista.

Merecem destaque a relação de amizade com o escritor Euclides da Cunha; os encontros com o Conde D’Eu e a princesa Isabel, a admiração confessa pelo imperador D. Pedro II, além dos vínculos mantidos com o escritor José de Alencar por intermédio de Evaristo da Veiga, sendo este amigo particular do eminente autor.

3.4.5.1 Euclides da Cunha e Bernardo Saturnino da Veiga

Os vínculos de amizade entre Bernardo Saturnino da Veiga e Euclides da Cunha se efetivaram após a chegada do escritor à cidade de Campanha, a 2 de abril de 1894, conforme ressalta Casadei (1987, p.191).

Euclides fora designado por Floriano Peixoto para implantar nessa cidade sul mineira o 8º Regimento de Cavalaria. Essa incumbência foi, no entanto, interpretada como uma espécie de exílio, a fim de mantê-lo afastado das agitações da capital do país, considerando o temperamento arrebatado e polêmico do jovem escritor, conforme salienta Casadei (1987, p. 230).

O jovem 1º Tenente, então com 28 anos, se integrou rapidamente à sociedade campanhense e dela participou ativamente, estabelecendo relações de amizade no seleto grupo que compunha a elite cultural da cidade.

[...] fez ele, jovem militar de grande cultura e excepcional inteligência, grande número de amigos e admiradores no seleto meio campanhense, entre os quais se destacam João Luiz Alves, Promotor de Justiça e advogado brilhante, **comendador Bernardo Saturnino da Veiga, jornalista de renome, historiador, professor e parlamentar, fundador e diretor do conceituado jornal o ‘Monitor Sul-Mineiro’, dos maiores de Minas [...]** (CASADEI, 1987, p. 288, grifos meu).

O escritor, engenheiro militar e 1º tenente Euclides da Cunha rapidamente tornou-se benquisto e respeitado na sociedade campanhense.

Euclides encontrava-se integrado ao cotidiano da cidade de Campanha de tal maneira que um outro elemento de aproximação estreitaria ainda mais os laços afetivos do jovem escritor àquela sociedade.

Euclides da Cunha fez grande número de amigos em Campanha e, sempre preocupado com os livros, ali encontrou a tranquilidade para escrever.

O periódico campanhense *Minas do Sul*, de 3 de março de 1953, destaca que Euclides já rascunhava, em Campanha, os primeiros capítulos do clássico *Os Sertões*, embora o título do livro naquela época, a princípio, não fosse esse.

Esse fato também é registrado por Casadei (1987, p. 231-232) que salienta ainda que desse período na cidade de Campanha, Euclides da Cunha teria escrito o poema “*As catas*”, tendo como motivação a decadência das cidades após o declínio da mineração e inspirado nas grandes escavações auríferas que circundavam a bicentenária cidade sul mineira.

Na visão de Euclides da Cunha, após o apogeu econômico das cidades auríferas restaram apenas o abandono, a paisagem desoladora e a reminiscência do esplendor perdido.

Que outros adorem vastas capitais
 Aonde, deslumbrantes,
 Da Indústria e da Ciência as triunfais
 Vozes se erguem em mágico concerto;
 Eu, não; eu prefiro antes
 As catas desoladoras do deserto,
 Cheias de sombra, de silêncio e paz...
 (...)
 Não invejo, porém, os que se vão
 Buscando, mar em fora,
 De outras terras a esplêndida visão...
 Fazem-me mal as multidões ruidosas
 E eu procuro, nesta hora,
 Cidades que se ocultam majestosas
 Na tristeza solene do sertão.
 Cidades ante as quais são como anãs
 As Londres, extensíssimas
 E as Babilônias, Bagdás pagãs;
 Tão colossais, tão cheias de grandeza,
 Nas construções amplíssimas,
 Que as contemplando eu penso na rudeza
 De uma raça já morta de titãs.
 (...)
 (Amplas mesquitas, vastos mausoléus,
 E góticas igrejas tão imensas (...))
 No entanto, atulmutuaram multidões
 Dentro delas outrora;
 E ao ritmo de esplêndidas canções
 Levantou-lhes os muros triunfantes
 Heróica e sonhadora,
 A coorte febril dos Bandeirantes,
 Nas marchas triunfais pelos sertões.
 Mas passaram – e o sol que tremeu
 A seus passos, deserto,
 Revolto e infinito, e como um mausoléu
 Imenso que pelo sertão se estende...
 Calcando-o, sentis perto,
 Um deslizar sinistro de duende:
 O fantasma de um povo que morreu.
 Viajantes que rápidos passais
 Pelas serras de Minas,
 Vindos de fulgurantes capitais,
 Evitai as necrópoles sagradas,
 Passai longe das ruínas,
 Passai longe das Catas desoladas
 Cheias de sombra, de tristeza e paz...
 Campanha, 1895

(EUCLIDES DA CUNHA, apud FRAGMENTOS DE POESIA, publicado em O Imparcial, Rio de Janeiro, 20 jan. 1929).

Se a paisagem sul mineira aguçou a veia poética de Euclides da Cunha e o inspirou ao retratar a decadência da mineração no poema “*As catas*”, entretanto foram os laços de amizade e a afinidade intelectual que uniram-no a Bernardo Saturnino da Veiga.

Extraímos do *Monitor Sul-Mineiro*, editado em 27 de março de 1895, um poema inédito de Euclides da Cunha, o qual é dedicado ao ilustre amigo campanhense.

Poema Rude
(Ao Comendador Bernardo da Veiga)

Que tarde feia... sob um céu nublado
O sol descamba – e rutilo, silente
Se embuça a pouco e pouco, vagaroso,
Na purpura vastíssima do poente.
A terra toda apavorada treme,
Sentindo a convulsão que além se externa
No espaço, – aonde a tempestade freme
– Como um leão num antro de caverna...
Que tarde feia... imenso cataclismo
Imprime em tudo um rígido desmaio:
– Desce dos céos estranho hypnotismo
Nas vibrações electricas do raio!
Em tumulto, violento, abalando
A terra, os ventos passam pelos ares...
Um *Dies irae* atarrador entoando
Nas harpas magestosas dos palmares.
E a noite desce pavorosa... o assomo
Dos haustos da procella – rudes, máos.
Agrupa as nuvens em desordem, como
– A miniatura tragica do cahos!
Reina o espanto e a mudez. A mais ferrenha
Fera, ante essa tormenta atroz que a assombra
Jaz a estas horas na mais funda brenha
Pavida e muda – a estremecer na sombra.

* * *

Mas no entretanto – que contraste! – em frente
A todo estrago que do céu deriva
Scinde os espaços, repentinamente
Alta e feliz uma canção, festiva...
Uma canção feliz! Quem é que segue
Tão descuidado assim pelas estradas,
Que uma canção festiva deixa entregue
De tal modo ao fragor das trovoadas?

* * *

O índio volta da caça – e inda distante
Fita sorrindo o seu casebre branco,
Tão pobre mas tão alto! erguido adiante
Da branca serra sobre o abrupto flanco!
Em breve irá sanar – tranqüilo pensa –
Calcando da choupana a estreita trilha
De seu triste viver a agrura immensa
Na doce luz do olhar da pobre filha...
E ligeiro caminha pelos campos...
E a tempestade erguendo a frente aos céos
Envolta numa aureola de relâmpagos,
Fulva – incendeia a cathedral de Deos!
E em tumulto, violentos, abalando

A terra, os ventos passam pelos ares,
 Um *Dies irae* aterrorador entoando
 Nas harpas majestosas dos palmares!
 Elle então pára – a contemplar, tremente,
 A convulsão extranha do infinito...
 Depois fita a choupana...
 Asp'ro, fremente,
 Em sua bocca bronzea estala um grito!
 Um raio alli tombara... mui mais lesto
 Do que o tufão que nas quebradas freme
 Chega ao local do pobre lar honesto
 Mas ao chegar – apavorado – treme!
 Jaz tudo em cinzas... que cruel desgraça!
 Naquelle peito quanta dor se ceva!
 E sua filha? Uma lufada passa
 E tudo que elle adora em frente leva...
 Uma lágryma então – sangrenta e fria –
 Extingue a luz do seu olhar sem calma:
 – Ultima estrella – estrella que fugia
 Da noite despovoada da sua alma...
 E se empertiga heróico – da vingança
 Empanão-lhe a razão os frios véos,
 O arco sopesa, para o largo avança:
 "Tu vais morrer, Tupan! "
 E frecha os céus...
 (MONITOR SUL-MINEIRO, 1895, p. 2).

O poema dedicado a Bernardo Saturnino da Veiga atesta a relação de amizade estabelecida entre o escritor e o jornalista campanhense conforme ratifica Casadei (1987, p.289).

Segundo esse mesmo autor (1987, p.231), eram comuns as reuniões entre os homens cultos do lugar e, Bernardo Saturnino da Veiga e Euclides da Cunha eram presenças indispensáveis. Os encontros constituíam verdadeiras assembléias literárias, onde se tornavam freqüentes as tertúlias na velha livraria dos irmãos Veiga.



FIGURA 10 – Elite intelectual campanhense reunida na tipografia do Monitor Sul-Mineiro. Ao fundo, lê-se “Typografia de Bernardo Saturnino” e, merece destaque a figura de Euclides da Cunha (sentado, 1º à direita).

Fonte: CEMEC/SM (Centro de Memória Cultural do Sul de Minas) – Acervo Paulino de Araújo.

Em Campanha, a relação de amizade entre Bernardo Saturnino da Veiga e Euclides da Cunha se estreitava, à medida que o escritor de *Os Sertões*, cada vez mais, tomava parte em acontecimentos de importância histórica e social, conforme salienta Casadei (1987, p. 233).

Apesar da interação ao cotidiano daquela sociedade, a missão de Euclides na cidade de Campanha deu-se por concluída com a transferência do 8º Regimento de Cavalaria para São João Del Rei.

O *Monitor Sul-Mineiro* do dia 23 de outubro de 1894, antecipadamente, contestava essa decisão governamental:

O Sr. ministro da guerra resolveu transferir desta cidade para S. João d' El-Rei a parada do 8º regimento, que aqui estava aquartelada.
 (...) Sabemos que em nada pôde nossa folha influir para modificar a resolução do governo, mas, tendo nós concorrido para uma representação dirigida ao Sr. ministro da guerra no sentido das ideias que defendemos (MONITOR SUL-MINEIRO, 1894, Ano XXIII, p. 1).

Ainda nessa edição do seu periódico, Bernardo Saturnino da Veiga lamenta tal fato, além de considerá-lo uma injustiça praticada pelo governo.

O jornalista se ressentia por não mais poder desfrutar da convivência com tão distintos oficiais, os quais conquistaram gerais simpatias da população. Acima de tudo, por extensão, percebe-se no artigo veiculado por Bernardo Saturnino da Veiga o lamento ao noticiar a partida do amigo Euclides da Cunha.

Não podemos, porém, deixar de lamentar nessas columnas a injustiça do acto do governo que, sem melhorar as condições do regimento, vai privar a população da Campanha da convivência grata com officiaes distinctissimos, como são esses do 8º regimento, que aqui tem captado geraes sympathias e respeitoso apreço, pela correcção de seu procedimento e gentileza de seu caracter (MONITOR SUL MINEIRO, 1894, p. 1).

Após a publicação dessa notícia, Euclides ainda permaneceria alguns meses em Campanha, retirando-se com sua família para Belém do Descalvado, no Estado de São Paulo, conforme é destacado no Monitor Sul-Mineiro do dia 21 de maio de 1895.

Depois de demorada permanência em nossa terra, daqui saiu com sua excelentíssima família com direção a Belém do Descalvado o nosso ilustrado amigo Dr. Euclides da Cunha, moço notável pelo brilhante talento e pela firmeza de caráter. O dr. Euclides da Cunha granjeou nesta cidade crescido número de amigos e admiradores de seu singular merecimento e sua ausência será profundamente sentida por quantos com S.S. conviveram e que saudosos se lembrarão sempre de sua simpática individualidade (MONITOR SUL-MINEIRO, 1895).

3.4.5.2 Os vínculos de Bernardo da Veiga com a monarquia

Tradicionalmente, a cidade de Campanha sempre procurou estreitar os laços de amizade com a corte. Foi assim que no ano de 1868, em visita à referida cidade que, a Princesa Isabel e o Conde D'Eu, foram recebidos com efusivos e entusiásticos cumprimentos, sendo que mais de 300 pessoas os foram receber a quase uma légua de distância, conforme atesta Casadei (1987).

Constata-se assim o prestígio que gozava a família real junto à população campanhense que acolheu efusivamente, em outubro de 1868, a Princesa Isabel a qual permaneceu na cidade até o dia 21 do referido mês.



FIGURA 11 – Foto do prédio que abriga o CEMEC/SM (Centro de Memória Cultural do Sul de Minas). No detalhe, a placa comemorativa que destaca a visita da Princesa Isabel, em outubro de 1868.

A elite campanhense implementava ações políticas no sentido de estreitar as relações com a corte, além de perceptíveis a admiração e o respeito que a autoridade real exercia sobre a cidade.

Corroborando para esse estreitamento dos laços de amizade entre o sul de Minas (representado pela cidade de Campanha) e o poder real é que, em junho de 1884, o Conde D’Eu e a Princesa Isabel novamente visitaram a referida cidade.

Por ocasião dessa visita, coube a Bernardo Saturnino da Veiga representar a elite intelectual campanhense, assim como registrar no seu periódico, o *Monitor Sul-Mineiro*, as manifestações referentes a essa data histórica.

A edição do *Monitor Sul-Mineiro*, de nº 698, do dia 23 de junho de 1884, transcreve o discurso de Bernardo Saturnino da Veiga proferido para saudar o conde D’Eu. Na oratória do jornalista, evidencia-se o respeito e admiração àquele representante do poder imperial, visto que Bernardo era politicamente adepto aos ideais monarquistas.

No entanto, a aquiescência à política do império não impediu que fossem apontadas as dificuldades enfrentadas pela Província de Minas, assim como o abandono a que a região sul mineira era submetida.

Nesse discurso dirigido aos representantes do poder imperial, Bernardo Saturnino da Veiga atribuiu a si a responsabilidade de falar em nome de seus conterrâneos, constituindo-se assim “ [...] écho de suas vozes, de suas aspirações e de seus gemidos”.

O jornalista enfatizou a grandeza de Minas Gerais e de sua gente, seguido de um diagnóstico da administração imperial, destacando a aplicação dos recursos financeiros advindos do Estado e destinado às províncias, nos últimos 10 anos. Ao apresentar os valores oriundos de cada Ministério, Bernardo Saturnino comprovou a insignificância das quantias destinadas a Minas Gerais e ratificou o descaso com a província mineira.

Diante dessa conjuntura apresentada pelo jornalista, evidenciou-se o atraso e o abandono que predominavam em terras mineiras, segundo a alocução do editor do *Monitor Sul-Mineiro*.

[...] O que vemos em Minas?

Inumeras e populosas povoações, segregadas umas das outras, cuidando todas somente de prover as necessidades do dia; - falta de vias de comunicação; - a lavoura rotineira, desconhecendo processos aperfeiçoados, que tornão o solo mais productivo, o producto melhor, e diminue consideravelmente o esforço humano; - a instrução publica, principal condição da vida moral de um povo, quasi que em abandono; - a educação da mocidade, ou despresada ou entregue a mãos preceptoras; - o crime alçando altivo seu collo; - a autoridade sem força, - e por toda a parte o desanimo e o infortunio (MONITOR SUL-MINEIRO, 1884, p. 1).

Nesse discurso proferido ao Conde D’Eu e à Princesa Isabel, o jornalista demonstrou preocupação com o ensino em Minas Gerais, tema esse que seria recorrente durante toda a existência do *Monitor Sul-Mineiro*. Bernardo Saturnino da Veiga acreditava que só a educação poderia reverter a situação de atraso e decadência, que comprometiam o desenvolvimento da província mineira, que ao invés de se adequar aos novos tempos de progresso preconizados pelo século XIX, ainda imergia nos “vícios” e resquícios do passado colonial.

As leis que regem os indivíduos e que se modificão conforme o regimen de vida destes, seus habitos, costumes e necessidades, tanto de ordem physica como da ordem moral, não tem tido applicação ás provincias do Império, que se conservão com os limites que lhe forão traçados nos tempos coloniaes.

[...] a população escolar de Minas não pode ser inferior a 337,142; entretanto as estatisticas das escolas offerece apenas a matricula de 39, 755 e frequencia de 24 mil alumnos de ambos os sexos!

Si o futuro politico e economico do paiz está preso à instrucção popular, que esperanças póde-se depositar nesse futuro?

Ha em Minas cerca de 300 mil individuos de menor idade que não tem o ensino primário, existindo 1,318 cadeiras creadas, mas destas 334 estão vagas.

[...] Incluindo-se cerca de 300 mil meninos privados da instrucção primaria, o numero dos analphabetos nesta provincia eleva-se à mais de 1,500,000!! - Tão grande multidão vaga entregue a seus instinctos e tira ao paiz toda esperança de regeneração de costumes e de progresso intelectual e moral (MONITOR SUL-MINEIRO, 1884, p. 1).

Ainda que o respeito e a admiração devotados à administração monárquica prevalecessem na oratória de Bernardo da Veiga, o jornalista direcionou o seu discurso à inevitável solução que, a seu ver, reverteria o descaso e o abandono da província mineira: a separação da região sul do Estado.

Contemplando o estado em que se acha a provincia de Minas, pobre, apesar da fertilidade de seu solo, amenidade de seu clima e das muitas riquezas naturaes que possui e que não tem sido exploradas; procurando conhecer as causas que determinão seu infortunio, não vemos outra mais importante, que a conservação de sua integridade, e acreditamos que só sua divisão pode fazer prosperar a parte em que vivemos (MONITOR SUL-MINEIRO, 1884, p. 2).

Aliás, a criação do Estado “Minas do Sul” foi uma das grandes causas encampadas por Bernardo Saturnino da Veiga e defendida, veementemente, pelo jornalista nas páginas do *Monitor Sul-Mineiro*.

A cidade de Campanha, que seria a capital dessa nova província, teria que se adequar ao progresso do século XIX e obter índices de desenvolvimento compatíveis ao centro administrativo a que aspirava.

Ao dirigir-se à Princesa Isabel, Bernardo Saturnino ressaltou o seu respeito à autoridade monárquica, justificou a necessidade de se criar a província “Minas do Sul” e reiterou a expectativa de aquiescência da ilustre visitante ao seu projeto político.

Queremos estabelecer nossa economia em separado, sem temermos a sorte do filho prodigo, pois não temos outra fortuna além do amor do trabalho, mas o trabalho a ninguém causa decepções, a ninguém conduz a miseria.

Somos pobres porque o que havemos ganho com o esforço constante de tantos annos não tem sido gasto em proveito nosso; somos pobres, mas sentimo-nos som forças para maiores commettimentos.

Temos maior ambição do que aquelles, cujo espirito só está preocupado com as glorias do passado, nós que depositamos esperanças no futuro.

Estas esperanças se bazeião no conhecimento do que somos e na segura previsão do que podemos ser.

Estas esperanças são robustecidas com palavras de animação que ouvimos a homem, cujo patriotismo levou-os a affirmar que a divisão de Minas é uma necessidade (MONITOR SUL-MINEIRO, 1884, p. 3).

O jornalista destacou que não se tratava de “mutilar” a província de Minas Gerais, mas retirá-la da inércia em que se encontrava e arraigada a uma organização política e administrativa do período colonial.

Bernardo Saturnino da Veiga utilizou esse discurso para legitimar, junto ao poder imperial, o desejo de uma elite, que ele representava. Ao traduzir os anseios desse grupo social, ele registra em seu discurso mais uma tentativa de assentimento da Princesa Isabel ao seu projeto político. O jornalista posiciona-se também como representante da imprensa e, por extensão, traduz em seu discurso a expressão da vontade do povo.

É este talvez o derradeiro recurso que vamos tentar; si se perderem as nossas palavras na amplidão dos ares [...], si não chegarem ao Throno Imperial as justas supplicas de todo o sul de Minas, que pede a vossa protecção.

[...] Recebestes o Império ainda em trabalhos de sua organização. Muito haveis já feito; muito, porém, vos resta a fazer!

Mas nada se nos affigura mais urgente que a divisão de Minas e a criação da provincia de Minas do Sul, e connosco opina quasi toda a imprensa desta parte da provincia, imprensa que é legitimo órgão da vontade popular (MONITOR SUL-MINEIRO, 1884, p. 4).

A preleção de Bernardo Saturnino da Veiga foi marcada por sentimentos ambíguos: o orgulho de um passado próspero que contrastava com a melancolia em função da decadência vivenciada por Campanha, na segunda metade do século XIX.

O jornalista relatou à Princesa Isabel a precariedade das estradas, a falta de apoio dos governantes à agricultura, a necessidade de investimento em educação, a ausência de

incentivo governamental à indústria, a incidência dos altos impostos sobre os mecanismos de produção e comércio, entre outras dificuldades.

As reivindicações de Bernardo da Veiga traduziram argumentos suficientes para justificar, diante do poder imperial – ali representado - o desmembramento do sul de Minas Gerais, pois segundo a concepção do jornalista, essa atitude política era condição fundamental ao progresso, revertendo o quadro de inércia e decadência da região.



FIGURA 12 – Foto do Monitor Sul-Mineiro, Ano XIII, nº 698, p. 1, 23/06/1884 (detalhe). Edição especial em homenagem à Princesa Isabel, em visita a Campanha. Fonte: Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort.

A presente pesquisa permite conjecturar que a presença, em Campanha, de autoridades vinculadas ao poder imperial, denota a importância política e econômica dessa cidade no contexto histórico do século XIX.

Aludimos à estratégia política da elite intelectual campanhense que, liderada pela família Veiga, estreitava os vínculos com a corte, conferia status àquela urbe, ao mesmo

tempo em que se estabelecia um parâmetro “civilizador” àquela sociedade ao tentar reproduzir o universo da corte, assim como os hábitos e as convenções sociais.

A pesquisa criteriosa de fontes documentais, a investigação nos periódicos dos oitocentos, assim como a observação dos relatos dos autores memorialistas permite-nos inferir que se firmou um incontestável vínculo entre Bernardo Saturnino da Veiga e ilustres representantes do império tais como: D. Pedro II, a Princesa Isabel e o Conde D’Eu os quais, nas visitas a Campanha, eram recepcionados pelo jornalista.

Ainda no ano de 1884, mais precisamente no mês de outubro, o Conde D’Eu fez nova visita “não oficial” à cidade de Campanha.

Ratificando esse vínculo de amizade firmado com o jornalista, o conde visitou a tipografia do *Monitor Sul-Mineiro*, fato esse que foi destacado no editorial do referido semanário, em 02 de outubro de 1884, que ostentava o título “Visita Ilustre”.

Sobre o periódico, o visitante assim se manifestou: “O Monitor Sul-Mineiro é sem dúvida alguma um bom jornal. É o pharol brilhante que illumina o Sul de Minas, lançando sua luz de as montanhas da Mantiqueira até os valles do Rio Grande” (CONDE D’EU apud MONITOR SUL-MINEIRO, 1884).

Ao destacar os vínculos do jornalista com eminentes personalidades dos oitocentos, queremos ressaltar que Bernardo Saturnino da Veiga integrava um seletto grupo social, o qual era responsável pela vida cultural e política daquela urbe.

Quando enfatizamos a relação desse periodista com importantes políticos, com escritores renomados como Euclides da Cunha e, especialmente, os vínculos com a família imperial, evidenciamos o prestígio que ele desfrutava naquela sociedade.

A autoridade atribuída a Bernardo Saturnino da Veiga - aliada à sua intensa atuação política e cultural - foi fundamental para a validação do discurso desse jornalista, através da imprensa periódica.

No entanto, aludimos que - apesar de Bernardo da Veiga se proclamar “o porta voz do povo campanhense” - ele não representava os anseios das camadas populares daquela urbe.

Ao contrário, o jornalista utilizou-se do *Monitor Sul-Mineiro*, para legitimar não apenas a sua autoridade mas, acima de tudo, o discurso e a hegemonia de uma classe dominante.

Esses aspectos constituem pontos fundamentais dessa pesquisa e serão retomados no Capítulo V, da presente dissertação.

3.4.5.3 A admiração de Bernardo da Veiga pelo escritor José de Alencar

Bernardo Saturnino da Veiga nutria grande entusiasmo por José de Alencar. Essa admiração materializou-se nas páginas do *Monitor Sul-Mineiro* em várias notícias e artigos dedicados ao escritor.

Sem grande dificuldade encontramos na gazeta de Bernardo Saturnino os folhetins (*Cinco Minutos, A Viuvinha*, entre outros), as notícias de viagens e, sobretudo, as iniciativas relacionadas à intelectualidade ou algum ato político do senador cearense. Não eram raras as edições do *Monitor Sul-Mineiro* dedicadas a exaltar os feitos do conceituado autor, assim como a sua nobreza de caráter, a ilimitada cultura e o nacionalismo latente.

Convém destacar que o jornalista campanhense e o escritor cearense compactuavam dos mesmos ideais políticos, visto que eram defensores do regime monárquico e adeptos às decisões emanadas do poder imperial.

O contato de Bernardo da Veiga com José de Alencar se deu por intermédio de Evaristo da Veiga (irmão de Bernardo) que, em 1872, residia no Rio de Janeiro e tornou-se amigo do escritor.

José de Alencar escreveu a Evaristo da Veiga, cumprimentando-o pelo surgimento do *Monitor Sul-Mineiro*. Nessa correspondência, o escritor expressou a admiração pelo povo mineiro e se comprometeu a escrever uma lenda que ouvira quando esteve a passeio em Minas Gerais e, assim sendo, essa seria a sua contribuição ao periódico de Bernardo Saturnino da Veiga.

A notícia do aparecimento do *Monitor Sul-Mineiro* foi por mim recebida com effusão.

Sabes que veneração e tributo a essa briosa provincia de Minas, que em passadas eras, se poderia chamar a nossa brazileira Sparta.

[...] **Com satisfação vi surgir ahi, onde floresceu outr'ora a Arcadia, uma publicação que vai accordar os echos da harpa de José Basilio, e das lyras de Gonzaga, Claudio e Alvarenga;** colhendo nas auras mineiras as melodias americanas de B. Guimarães e Salomé Queiroga.

Não podia, pois, esquivar-me ao convite que me fizeste de cooperar com meu fraco subsidio **para a folha que teu irmão creára** sob tão felizes auspicios.

Minha intenção era mandar-te alguma cousa inspirada pela terra mineira, uma das flores agrestes que lá colhi, durante o ultimo verão, na breve excursão que fiz ás aguas do Cachambú.

Minguou, porém o tempo para copiar da memoria uma lenda que alli me contarão, ainda impregnada do almo calor da fé, que alentavão nossos maiores (MONITOR SUL-MINEIRO, 1872, p. 3, grifos meus).

Atendendo à solicitação de Evaristo da Veiga, José de Alencar enviou para publicação no *Monitor Sul-Mineiro* o prólogo do poema *Nitherohy* que trazia como complemento ao título “*lenda do Rio de Janeiro*”.

Segundo o escritor, era o embrião de um projeto literário que talvez nem se efetivasse.

Para não ficar em falta, em quanto me não desempenho da promessa, ahi vai o que mais á proposito achei entre os meus rascunhos.
É o prólogo, e esse mesmo por acabar de um poemeto, que gisei ha annos e talvez não passe desse tentamen.
[...] É desse embryão litterario que te envio um fragmento (MONITOR SUL-MINEIRO, 1872, p. 3).

Ressaltamos que a íntegra dessa correspondência entre José de Alencar e Evaristo da Veiga, assim como o prólogo do poema *Nitherohy*, integram o Anexo 1 da presente pesquisa.

A análise sistemática das edições referentes aos 25 anos em que o *Monitor Sul-Mineiro* esteve sob a direção de Bernardo Saturnino da Veiga permitiu registrar que a promessa assumida pelo escritor não se efetivou.

Sobretudo, aferimos a importância da participação de José de Alencar no ano inaugural desse periódico e conjecturamos o prestígio conferido ao semanário, assim como a excelência das relações sociais engendradas pela família Veiga, não apenas em Campanha, mas também na corte.

Evidencia-se através desses vínculos de amizade o poder dos Veiga na elite campanhense, fator preponderante para legitimar - através do *Monitor Sul-Mineiro* - o discurso desse grupo dominante.

Se não foi possível registrar outra contribuição pessoal de Alencar no *Monitor Sul-Mineiro*, no entanto, o trabalho investigativo permitiu constatar a respeito e a veneração de Bernardo Saturnino da Veiga pelo escritor, como gratidão após a publicação de *Nitheroy*. Essa admiração se evidenciou através da publicação de folhetins, destaque à conduta política do senador do império, ênfase ao seu patriotismo e, sobretudo, o relevo à excelência da literatura produzida pelo eminente escritor.

O periódico sempre se referia a Alencar como “o grande gênio da literatura”, “o nosso maior escritor” ou “o ilustre senador” ao estampar a sua trajetória intelectual e política, além de deixar claro aos leitores a relação de amizade que mantinha com a família Veiga.

O falecimento do escritor no dia 12 de dezembro de 1877 causou consternação e coube a Evaristo da Veiga, através das páginas do *Monitor Sul-Mineiro*, expressar o sentimento de pesar pelo desaparecimento daquele ilustre representante da intelectualidade brasileira.

Naquela oportunidade, Bernardo Saturnino da Veiga e Evaristo da Veiga - redatores do *Monitor Sul-Mineiro* – lançaram a idéia de “glorificação” do escritor através da criação de um monumento.

Era o embrião de um projeto iniciado em Campanha, fruto da ação dos irmãos Veiga e para o êxito do mesmo, conclamariam - através do *Monitor Sul-Mineiro* -, não apenas os campanhenses, mas todos os brasileiros a essa empreitada cívica.

[...] Um tumulto a José de Alencar significa um testemunho eloquente de que seus contemporâneos não deixaram de todo à posteridade a homenagem de reconhecimento e de admiração a que o seu genio faz jus (MONITOR SUL-MINEIRO, 1877, p. 3).

Havia por parte de Bernardo Saturnino da Veiga a consciência de que ao pertencer a um grupo cultural distinto naquela sociedade, era conferido a ele a autoridade e também a missão de fomentar tal projeto, visto que desfrutava do prestígio conferido pela posição social que ocupava.

“[...] Por nossa parte nada mais ambicionamos do que a satisfação de consciência que nos impelle à tarefa que iniciamos, e nem se estranhe partir a idéia de tanta magnitude de quem não pode impor-se pelo prestígio das posições sociais” (MONITOR SUL-MINEIRO, 1877, p.3).

Essa alocação de Bernardo Saturnino da Veiga corrobora a questão principal da presente pesquisa quando destaca o papel de uma elite que legitimava a sua hegemonia através de um discurso instaurado pelo exercício do poder conferido pela esfera social. Tais aspectos serão retomados no capítulo V da presente dissertação.

O projeto de construção de um monumento a José de Alencar, no Rio de Janeiro, não seria implementado se ficasse restrito a Campanha e ao *Monitor Sul-Mineiro*.

O diretor do *Monitor Sul-Mineiro* abriu uma subscrição visando aos recursos necessários e solicitou a colaboração das famílias distintas da corte, assim como a adesão da imprensa da capital do império.

Segundo VALLADÃO (1942), a atitude de Bernardo Saturnino da Veiga contou com a adesão de alguns órgãos de imprensa do Rio de Janeiro, especialmente a *Gazeta de Notícias*, que louvou a iniciativa do jornalista campanhense.

Em sucessivos editoriais, Bernardo Saturnino da Veiga apelaria aos cidadãos - assim como a imprensa brasileira - conclamando-os à adesão a essa causa.

No editorial do dia 14 de junho de 1878, intitulado *Res, non verba*, que em latim significa “*Fatos, não palavras*”, Bernardo da Veiga expõe a sua indignação.

Ainda ha pouco, ferido o coração da patria pela morte prematura de José de Alencar, surgiu a idéa de erguer-se-lhe um tumulo por subscrição popular.

[...] A imprensa saudou unanimemente esse pensamento, em phrases de enthusiasmo. Pois bem: exceptuando-se o sul de Minas (honra a elle!), (...) – até agora ainda não foi o patriotico reclamo devidamente correspondido com a cooperação real, indispensavel a que a rhetorica de imprensa não pode substituir.

[...] Junto ao feretro de José de Alencar curvaram-se lacrimosos innumerous e grandes cidadãos: senadores, conselheiros, deputados, litteratos, jornalistas, advogados, poetas.

[...] Inicia-se, entretanto, a patriotica e desejada manifestação e de quantos – em numero avultado – chorarão junto ao funebre leito, a morte de José de Alencar, como um infortúnio nacional, um ou dois apenas tem contribuído para o cumprimento do grande e sagrado dever! (MONITOR SUL-MINEIRO, 1878, p. 2-3).

Se havia a falta de apoio da sociedade a esse empreendimento, Bernardo Saturnino da Veiga, no entanto, obteria a ilustre adesão de Machado de Assis, que assim se manifestou em uma de suas crônicas.

O Monitor Sul-Mineiro iniciou a idéa de um monumento no logar em que repousam as cinzas de José de Alencar. Esta idéa, annunciada ao Rio de Janeiro, foi saudada pela imprensa com as palavras merecidas de louvor e animação.

Pela minha parte applaudo com ambas as mãos o nobilissimo projecto. Já disse nestas columnas o que sentia acerca do elevado merito do autor do Guarany; fiz côo com todos que apreciaram em vida aquelle talento superior, que soube deixar um vivo sulco onde quer que passou, politica ou litteratura, eloquencia ou jurisprudencia.

Levantar o monumento merecido é dever dos que lhe sobrevivem, é dever sobretudo dos que trabalham nas imprensa, ou por meio de livros, ou por meio de jornaes, que uns e outros foram honrados com os escriptos daquelle espirito potente.

Parabens ao Monitor Sul-Mineiro (VALLADÃO, 1942, p. 106-107).

A importante adesão de Machado de Assis não foi suficiente para consolidar aquele projeto fomentado por Bernardo Saturnino da Veiga e, intensamente, propagado no *Monitor Sul-Mineiro*.

Bernardo Saturnino da Veiga prosseguiu no seu intento, conclamando o apoio da sociedade, ao mesmo tempo em que estampava a sua indignação por considerar aquela apatia um descaso à memória do ilustre escritor.

Esse tema era recorrente nos editoriais do *Monitor Sul-Mineiro*, ou em artigos ou notas onde o jornalista divulgava os valores obtidos e enfatizava o quanto ainda se fazia necessário para concretizar aquele projeto.

Apesar da determinação de Bernardo Saturnino da Veiga e dos esforços envolvendo o *Monitor Sul-Mineiro* e a imprensa da corte, o monumento a José de Alencar seria concluído 20 anos após morte do escritor.

Segundo Valladão (1942), a estátua em homenagem a José de Alencar foi concebida pelo escultor Rodolfo Bernardelli e inaugurada no dia 1º de maio de 1897. Esse evento contou com a presença de altas autoridades como o presidente Prudente de Moraes, além de jornalistas e escritores como Olavo Bilac.

A antiga praça do Catete passaria a denominar-se praça José de Alencar.



FIGURA 13 – Monumento dedicado ao escritor José de Alencar, Rio de Janeiro, 1897. Projeto idealizado por Bernardo Saturnino da Veiga e divulgado no *Monitor Sul-Mineiro*.

Fonte: www.fotolog.com.br/sorio.

Na inauguração do monumento, Ferreira de Araújo, do jornal *Gazeta de Notícias*, destacou a grandeza de Alencar, além de enaltecer a cidade de Campanha, o *Monitor Sul-Mineiro* e os seus redatores, Bernardo e Evaristo da Veiga, os primeiros a idealizar aquele projeto.

Essa idéa não ocorreu nem ao Ceará que foi seu berço, nem ao Rio de Janeiro, onde elle passou os melhores dias de sua vida, e onde luctou e soffreu, e onde está o tumulo que recolheu o envolucro frágil do seu grande espirito.

[...] A idéa partiu de Minas Geraes, da cidade da Campanha, onde era então publicado o Monitor Sul Mineiro. Foram os redactores desse jornal, que abriram uma subscrição para o pagamento desta divida nacional, mas não foi por acaso que a Minas coube tal gloria. É que os redactores desse jornal sentiam correr-lhes nas veias o sangue de Evaristo da Veiga, o grande jornalista do alvorecer de nossa vida política e literária (VALLADÃO, 1942, p. 113).

Consideramos relevante a concepção do monumento ao escritor José de Alencar, visto que foi um projeto idealizado pelos Veiga. Sobretudo, queremos ratificar a influência dessa família ao mobilizar a cidade de Campanha, o sul de Minas e a corte em torno de um projeto idealizado por esse grupo social.

Através desse episódio, ressaltamos a atuação de Bernardo Saturnino da Veiga e acentuamos as suas influentes relações sociais, bem como a capacidade de implementar ações para legitimar as suas convicções culturais e políticas.

No capítulo V da presente pesquisa, esses aspectos serão retomados visto que a atuação da família Veiga, na imprensa oitocentista, foi determinante para a legitimação de sua autoridade e, por extensão, uma forma de validar o discurso da elite que ela representava.

CAPÍTULO IV: O MONITOR SUL-MINEIRO: LER NO PRESENTE PARA SOLETRAR NO FUTURO

Na cidade de Campanha, a imprensa vislumbrou extraordinário e profícuo espaço para a sua proliferação, visto que havia, por parte da elite cultural; a consciência de que os jornais poderiam exercer um papel educativo, bem como atuar como veículo de consolidação da cultura de um povo. Dessa forma, pode-se compreender a grande quantidade de periódicos que foram editados, nessa cidade sul mineira, ao longo do século XIX.

Centralizando a ideologia dessa elite, a imprensa campanhense - através dos seus periódicos - captou as novas exigências estruturais oitocentistas e transformou-se em importante instrumento de combate, de propagação de ideais, bem como de consolidação de emergentes representações, no processo de construção do pensamento em consonância com os novos tempos, advindos a partir da segunda metade do século XIX.

Nesse contexto de profundas transformações e incertezas quanto às mudanças políticas, econômicas e culturais, é que foi lançado em 1º de janeiro de 1872 o periódico *Monitor Sul-Mineiro*, dirigido por Bernardo Saturnino da Veiga, o qual contou com a colaboração de seus irmãos Evaristo da Veiga, José Pedro Xavier da Veiga e Ângelo da Veiga.

Esse semanário foi editado, em sua primeira fase, até o ano de 1896, destacando-se por uma longevidade de quase 25 anos. Em uma segunda etapa (1898-1918), sob a direção de José Pedro da Costa, o *Monitor Sul-Mineiro* resitaria por mais 20 anos. Somadas as duas fases dessa gazeta, há que se ressaltar a sua longevidade de 45 anos - incomum aos padrões dos periódicos daquela época.

O jornal espelhava a ideologia de seus idealizadores (a família Veiga), e naquele cenário de confrontos políticos que caracterizaram o século XIX, apresentava um caráter monarquista e orientação política conservadora.

Entretanto, foi na figura de Bernardo Saturnino da Veiga que esse periódico tentou captar as transformações do período em que se insere e se destacou ao propor mais que a veiculação de notícias, sobretudo, preconizava um projeto político pautado nos ideais (tipicamente oitocentistas) de progresso e de civilização apesar de - em tese - esses princípios serem contraditórios quando consideramos a ideologia ortodoxa e conservadora do editor desse periódico.

O surgimento do *Monitor Sul-Mineiro*, em 1872, representava, segundo seu editor, a instauração de uma nova proposta política, social e cultural.

Um digno filho de Lourenço da Veiga, o illustre campanhense Bernardo Saturnino da Veiga, funda o *Monitor Sul-Mineiro*, o grande órgão local, que pelo seu formato, sua matéria, seu espírito, sua moderação, sua obra cultural, desfructava na prospera e vasta região do Sul de Minas, esse prestígio de que gozava e de que goza, no Brasil o “*Jornal do Commercio*”, e se impunha ainda à consideração em que era tido, pode se dizer, por toda a imprensa do paiz (VALLADÃO, 1942, p. 19).

Ao idealizar a sua gazeta, Bernardo Saturnino da Veiga colocava em prática - na sua concepção - um projeto de “ilustração” daquela sociedade, pois havia a consciência do papel da imprensa como agente de civilização.

O *Monitor Sul-Mineiro* estaria, portanto, atento às exigências da segunda metade do século XIX, quando os jornais assumiam a defesa dos valores morais, os ideais de liberdade e ilustração, além de inflamados discursos em favor da instrução popular e das questões sociais.

Segundo Ribeiro (2005), ao registrar os fatos, os meios de comunicação encampam situações discursivas quando selecionam ou atribuem sentidos, orientados por mecanismos ideológicos que lhe são convenientes.

No século XIX, o sistema educacional direcionado à população, era insipiente. Portanto, cabia à imprensa informar, instruir e, sobretudo, cristalizar concepções políticas, religiosas e morais, além de atuar na construção da identidade de um sujeito através da assimilação de um novo discurso histórico.

Esses aspectos são importantes para situar o contexto em que surgiu o *Monitor Sul-Mineiro* e, por considerá-los relevantes à pesquisa, salientamos que os mesmos serão retomados no capítulo V da presente dissertação.

Essa concepção de civilização e de sujeito intrinsecamente em voga no século XIX permite conjecturar o próprio nome *Monitor* como o guardião ou aquele que monitora os direitos democráticos de uma sociedade.

Segundo o dicionário *Michaellis*, “*Monitor*, do *latim monitore*, aquele que admoesta, adverte ou dirige”.

Ressaltamos que, ao nomear o seu jornal como MONITOR, explicita-se uma faceta da ideologia de Bernardo Saturnino da Veiga e, conseqüentemente, do periódico em questão. Nesse sentido, identifica-se uma conotação negativa, pois o jornal pode ser encarado como um órgão a serviço da classe dominante para impor os seus valores morais, políticos,

religiosos ou sociais - de forma arbitrária - sobre outras concepções valorativas antagônicas àquelas preconizadas pelo seu diretor.

Recorremos a Foucault (1996) para considerar que, diferentemente do que Bernardo Saturnino alegava, a sua gazeta não se colocava a serviço da implantação de um discurso de renovação e progresso daquela sociedade.

Pela ótica foucaultiana, evidencia-se o propósito de sustentação do discurso de uma elite e a manutenção do poder engendrado. O *Monitor Sul-Mineiro*, portanto, apresentava-se como estratégia para “monitorar”, controlar, vigiar e, se fosse o caso, punir os sectários de concepções contrárias à alocação estabelecida por aquele segmento que detinha o poder de veicular o pensamento impresso.

O *Monitor Sul-Mineiro* teria a função de instruir, orientar, criticar, aconselhar, governar e conduzir aquela sociedade oitocentista à medida que, além do conteúdo jornalístico, veiculava assuntos relacionados ao comportamento, à educação, literatura, arte, ciência, religião e política, segundo a visão conservadora do seu editor.

Ao delegar-se a missão de “monitor”, o jornal objetivava a produção de valores e discursos civilizatórios, legitimando-se como porta voz daquela urbe.

Ao analisar o *Monitor Sul-Mineiro* e a sua concepção no contexto oitocentista da cidade de Campanha, pode-se aludir que Bernardo Saturnino da Veiga, provavelmente, teria se inspirado no jornal *Le Moniteur Universal*, editado na França em 1789, por Charles-Joseph Panckouke.

Segundo Popkin (1996), o jornal editado por Panckouke, no século XVIII, apresentava caráter conservador e enciclopédico, publicando desde os assuntos políticos – debates, deliberações e decretos – até os elaborados artigos sobre ciência, economia, literatura e arte.

Notadamente, o editor do *Monitor Sul-Mineiro* demonstrava entusiasmo pela cultura francesa. Frequentemente, editava artigos destacando o modo de vida, o adiantamento e a ilustração dos grandes intelectuais franceses estabelecendo, portanto um modelo a ser seguido ou um parâmetro de civilização para a sociedade campanhense.

O *Le Moniteur Universal*, certamente, inspirou Bernardo Saturnino da Veiga na concepção do *Monitor Sul-Mineiro* especialmente no que se refere à visão doutrinária dos saberes e ao considerável espaço dedicado às mais variadas manifestações artísticas, bem como o acesso à cultura universal.

4.1 A concepção gráfica e ideológica do Monitor Sul-Mineiro

O periódico surgiu com uma proposta editorial diversificada, apesar de apresentar ideologia distinta no que se refere ao seu posicionamento político.

Segundo Valladão (1942, p. 220), o período 1872/1873, compreendeu o ciclo mais importante da imprensa em Campanha, visto que a cidade contava com quatro periódicos simultâneos, cada um com uma bandeira política ou social a defender: o *Monitor Sul-Mineiro* (monarquista e caracterizado pela política de moderação); o *Colombo* (de bandeira republicana); o *Sexo Feminino* (defendendo os direitos da mulher); e o *Monarchista* (apoiando a monarquia constitucional). Entretanto, destaca o referido autor, que apesar de opiniões tão diversas havia a tolerância recíproca, o que ressaltava o adiantamento cultural da cidade de Campanha.

Conforme os relatos de Valladão (1942, p. 223), a tradição da família Veiga era notória nas páginas do *Monitor Sul-Mineiro*, devido aos seus colaboradores, especialmente Evaristo da Veiga, que participava da redação desse periódico desde a sua criação em 1872, até o seu falecimento em 1889.

Valladão (1942) atribui a esse jornalista a qualidade e a variedade de cultura expostas nesse periódico, destacando as diversidades cultural, jurídica, social, literária, poética, e até o humor do seu redator, bem como a sua capacidade ímpar perceptível nas diversas seções do *Monitor Sul-Mineiro*.

MONITOR SUL-MINEIRO

SEMANARIO DE LITTERATURA, INDUSTRIA E NOTICIAS.

Publicado sob a direcção do Bernardo Saturnino da Veiga, editor proprietario.

Assigna-se no Officio da Companhia da Impressão a 10000 réis por anno, tendo os assignantes o abtimento da terça parte da impres-
são das publicações que fizerem. Aceita-se sem pagar matriculas e artigos do interesse geral, e não se admittie correspondencia sem
assinagem e identificação que contenha artigos contra quem quer que seja. Todo o pagamento é adiantado. Annuales 100 réis por Italia.

Anno I.

Campanha da Princesa. 1 de Janeiro de 1872.

Numero I.

BIOGRAPHIA.

Raphael Sanzio.

Raphael Sanzio nasceu em Urbino no anno de 1483, e morreu em Roma a 7 de abril de 1520, contando apenas 37 annos de idade, e sendo já o maior e mais fecundo dos pintores modernos.

Chegado Raphael a idade de 17 annos, deixou a escola do mestre Verrocchio, onde estudou tres annos, e entregando-se ao estudo da sua inspiração, ploteou no S. Nicotao que se podia fazer por obra de Perugino. Depois de pintar mais alguns quadros que se re-commendavam já por um estilo novo e por uma graça até então desconhecida nos physionomias, nas attitudes e nos traços, pediu Raphael para Florença onde se estudar os estilos d'uma antigas que estavam no palacio de Medici. As suas primeiras produções d'arte são as que se chamam as fidejuras que, segundo o opinião de Vasari, era impossível fazer maior perfeição.

Chegado a Roma a idade da sua fama, encontrou Julio II para pintar as salas de Vaticano. Para esse effeito pediu Raphael de Florença no anno de 1508, e sendo recebido pelo Pontifice com os maiores honras, foi encarregado de pintar a sala chamada della Signatura. E a sala em que se vêem as quatro



estadros em esta maravilhosa de execução que caracterisada pelas suas piazas, e cultiva depois para a escola do Caracci, que desde logo o occupava no trabalho das suas pinturas grandes. Fez progressos nos raptoes, e no fim de alguns annos bartraoquinada tanta superioridade na sua arte, que, tendo elle interrompido de pintar quadros em uma capella, para a qual Loiz Caracci tinha trabalhado, fôrto as obras de Guido plantado melhores que as de seu mestre, e em consequência de trabalhos muy importantes.

O seu estilo, nest'epoca, se distinguiu de los Caracci por mais alguma superioridade no colorido, e por uma luz mais abundantemente distribuida sobre todos os planos de seus quadros. Deu esta qualidade ao estilo especial que tinha sido das obras de Paulo Veronez, pinto que elle teve sempre pelo melhor de todos os coloridos, assim como tinha Rafael por o pintor de todos os desenhados.

Quando era ainda novo da época dos seus primeiros trabalhos, e a respeito que se re-feria as obras dos seus rivales, tanto as de logo que tinha de ver as bellas pinturas de Bernini, e decidio a partir para esta cidade. Pouco depois da sua chegada aproximou-se do cavalheiro Josep: muito estimado pelo pontifice, e um dos mais do grande talentos da sua pintura, e para a qual se mandava logo a elle, e principava a fazer os raptoes. Foi trabalhar logo em sua arte, e apresentou ao Papa, e remontrando a lousa de principios porcosos de florença, que tem depressa logo que fôrto diversas obras de grande valor, que

FIGURA 14 – Foto do Monitor Sul-Mineiro, Ano 1, nº 1, p. 1, 01/01/1872 (detalhe).

Fonte: Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort.

O *Monitor Sul-Mineiro*, a 1º de janeiro de 1872, apresentou-se à sociedade campanhense como o seu novo *semanário de literatura, indústria e notícias*, destacando-se pelo seu formato e pela qualidade editorial, levando-se em conta as condições da época.

A tipografia situava-se na parte térrea do sobrado onde residia Bernardo da Veiga, à Rua da Misericórdia, número 42. Somente a partir da edição 54, Ano II, de 5 de janeiro de 1873, o periódico passou a estampar o endereço identificando o “*Escriptorio e Typographia*” dos Veigas. Já a edição 77, Ano II, de 15 de junho de 1873 registrava a alteração do nome desse logradouro para Rua Direita.



FIGURA 15 – Residência de Bernardo Saturnino da Veiga, em Campanha, no século XIX. No térreo, funcionou a livraria e, posteriormente, a redação do *Monitor Sul-Mineiro*.

Fonte: CEMEC/SM – Centro de Memória Cultural do Sul de Minas Gerais – Campanha MG. Acervo Paulino de Araújo

Considerando o formato do *Monitor Sul-Mineiro*, salientamos que esse semanário era composto por quatro páginas, as quais apresentavam - em média - as dimensões de 34 cm de largura por 53 cm de comprimento.

No cabeçalho desse periódico, destacava-se a apresentação do editor “*Publicado sob a direcção de Bernardo Saturnino da Veiga, editor proprietário*” e, além de estampar o nome da Campanha da Princeza, o jornalista expunha o preço da assinatura (10:000 réis por anno) e a forma de se inscrever na lista de assinantes. Por sua vez, os *annuncios* eram orçados a 100 réis por linha. O valor da edição avulsa (320 réis) passou a ser estampado, junto ao cabeçalho, apenas a partir do Ano II.

Objetivando a interação com os leitores, Bernardo Saturnino divulgou que aceitaria, com prazer, notícias e artigos de interesse geral, contanto que não apresentassem linguagem virulenta ou injúrias.

O periódico destacava-se pela organização gráfica, assemelhando-se a uma revista devido à diversidade de temas abordados, além da variedade de seções, sendo que ainda nesse primeiro ano de existência, algumas se tornariam fixas e seriam responsáveis pela estrutura básica desse semanário.

Dentre essas colunas, podem ser destacadas: *Ephemerides da Semana* (onde se fazia um retrospecto da semana, bem como as principais datas históricas alusivas ao dia da publicação em questão); *Mosaico* (espaço reservado aos pensamentos de cunho filosófico, adivinhações, charadas), *Instrução Popular* (onde se ensinava desde remédios caseiros até dicas para construção de ferramentas, poço artesiano, etc), *Hygiene* (apresentava noções básicas de saúde, visto que esse era um parâmetro civilizador, na concepção de Bernardo Saturnino, editor do periódico).

Outras seções que ganharam amplo espaço foram: *Literatura; Editaes; Folhetim; Poesias*; e *História Natural*, onde sempre era apresentada a descrição de animais e plantas, em seus aspectos científicos.

Constatamos que no ano de 1872, quando ainda delineava o seu perfil ideológico e tentava se firmar junto àquela sociedade, o *Monitor Sul-Mineiro* apresentou considerável diversidade de seções. Essa oscilação nas colunas pode ser atribuída ao caráter experimental nesse ano inaugural, visto que algumas seções foram suprimidas e outras passaram a compor a estrutura editorial do semanário.

No capítulo V, no item 5.3 da presente Dissertação, faremos uma análise sistemática das seções que integraram as 53 edições do *Monitor Sul-Mineiro*, no ano de 1872. Nessa

apreciação serão destacadas as seções que apresentaram oscilação e as colunas que se efetivaram como fixas e integraram a linha editorial desse periódico.

Ao analisar os artigos que compunham o *Monitor Sul-Mineiro* - em sua essência - vislumbramos o caráter abrangente ao abordar os mais variados assuntos. Conjeturamos que especial atenção era atribuída à literatura e às artes em geral. Destacavam-se também os artigos com alusão a figuras mitológicas, bem como à cultura clássica.

Evidenciamos, assim, indícios do caráter conservador de Bernardo Saturnino Veiga e outro ponto contraditório à alocação renovadora e modernista do editor. Aludimos que a “pretensão modernidade” se efetivaria apenas em relação à concepção gráfica e estética desse periódico, visto que, notadamente, prevalecia o caráter conservador do jornalista nas abordagens, ainda que as mesmas adotassem um discurso vanguardista.

Semanalmente eram apresentadas descrições minuciosas a respeito da cultura de diversos países de forma que, em cada edição, também se veiculavam informações sobre as principais cidades européias (sutilmente sugeridas como um modelo civilizador), acompanhadas de ilustrações referentes.

Não passam despercebidas as ilustrações estampadas nas páginas do *Monitor Sul-Mineiro*. Através da técnica da xilogravura, as imagens interagem com o assunto abordado e complementavam - de forma didática e “instrutiva” - o tema veiculado nos artigos.

Evidencia-se a preocupação de Bernardo Saturnino em vincular a linguagem verbal a não-verbal como forma de facilitar a assimilação do seu discurso, além de aferir àquela gazeta uma aparência de modernidade e o aspecto vanguardista idealizado pelo jornalista.

MONITOR SUL-MINEIRO

SEMANARIO DE LITTERATURA, INDUSTRIA E NOTICIAS.

(Anno do presente - soleznica no futuro.)

Publicado sob a direcção de Bernardo Saturnino da Veiga, editor proprietario.

Assigna-se na Cidade da Campanha da Princeza a 10000 réis por anno, tendo os assignantes o abatimento da terça parte da importância das publicações que fizerem. Aceita-se com prazer noticiolas e artigos de interesse geral, e não se admittê correspondencias com linguagem virulenta ou que contenhão injurias contra quem quer que seja. Todo o pagamento é adiantado. Anuncios 100 réis por linha.

Anno 1.

Campanha da Princeza, 21 de Abril de 1872.

Numero 17.

Historia natural.

Os falcões.

Distado de não vulgar intrepidez, do sem igual ardo no combate, esta nobre ave, que, se tivesse tanta força quanto bicho tem, disputaria a aqua e o campo dos arcos, não chega em seu maior desenvolvimento senão ao tamanho de uma zambaba. Seu comprimento varia de 16 a 19 polegadas; seu talhe é esbulto e elegante, sua plumagem escura no dorso e reluzida no ventre por listas carregadas em fundo branco - é de agradável aspecto. As partes que lhe servem para exercer seu instinto guerreiro e de rapina, são bico, suas azas, suas garras, merecem particular descripção. A mandibula superior, que desde sua base começa a curvar-se, descreve um arco e acaba em vivida ponta, depois de haver formado de ambos os lados dentes aguçados; a mandibula inferior, algum tanto convexa, é tambem talhada como ponta: esse bico agudo e cortante faz cruas feridas, e agarra a presa com extraordinaria força. As azas, que abarcas tem 3 pés e meio de extensão e fecho de alcance quasi o fim da cauda, são delgadas, separadas e quasi directas; seus movimentos tem admiravel vigor, facilidade e rapidez. A resistência facilita a acção de tão valente aparelho; por esse gusão os falcões de vlar contra o vento, e quando alcançam as mais altas regiões do ar, entroço-se a seus brancos, recuão manobras e evoluções, tracção circulares, d'ixto-se cahir como uma massa, sobro como uma volla, e com tão maravilhosa rapidez, que a vista deslumbrada os não póla



OS FALCÕES.

com facilidade o fructo da victoria. Como não é espectáculo cheio de interesse e que offe-

los, cruza e torna a cruzar seu vôo, parte prompto e nada rapido a direcção que leva; no entanto esses esforços são quasi sempre inuteis, e depois de haver mais de uma vez sentido os mais formidaveis golpes de seu inimigo, o misero larga enfim sua presa, protestando com um grito de dor e de raiva contra abreo da força.

Quando é preciso, não mostra o falcão menor intelligencia do que coragem. É com notavel sagacidade que modifica seu ataque segundo a natureza do que caça. Se se trata de alguma ave de vôo rapido e tortuoso, o falcão não busca lona-la com suas garras, procura somente toca-la de passagem com o bico, ou com o peito, ou com as azas, para perturbar-lhe a effraguezela; trata-se porém de alguma ave de vôo pesado, o falcão, que não recua que ella oente, persegue-a sem lora-la até que lhe possa lancar as garras.

Em frente de um adversario capaz de resistir-lhe, tem cuidado de acenular-se ao tempo que toma a ofensiva. Assim, nos combates que dá as garras reaes alormenta muito tempo seu inimigo antes que o tome corpo a corpo; porque se o leva imprudente ardo, não deitaria de lefr-se a si mesmo no bico, que seu adversario vira sempre para o lado do acometido. É tambem com morral intelligencia que o falcão escolhe o lugar em que deve ferrir para que seus golpes sejam inevitaveis, e raramente acontece que a presa que tucou não fique fora de combate logo ao primeiro encontro.

Todos os habits do falcão estão em retardo com sua principal occupação, com sua paixão dominante. Como gosta de abroçar de longe e de alto uma vasta região, é nos lugares men-

FIGURA 16 – Foto do Monitor Sul-Mineiro, Anno 1, nº 17, p. 1, 21/04/1872 (detalhe)

Fonte: Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort.

O *Monitor Sul-Mineiro* destacou-se pelo aspecto gráfico e por veicular, em tese, um conceito de modernidade junto aos leitores. As notícias de Campanha, do sul de Minas Gerais, bem como das diversas províncias do império eram acompanhadas por ilustrações de reconhecida qualidade artística, conforme salienta Valadão (1942).

Impressionaram desde logo, as gravuras que apresentava nos sucessivos numeros de seus primeiros annos, 1872 e 1873, referentes a grandes vultos da humanidade, e logares, quadros e monumentos celebres, acompanhadas de texto elucidativo. Assumptos politicos, sociaes, litterarios, de cultura civica e moral, eram no mesmo tratados em interessantes editoraes [...] E, em certo periodo, o seu noticiario ainda era accrescido de uma secção especial, com summario relato do que ocorria nas diversas provincias do Imperio (VALLADÃO, 1942, p. 223-224).

As ilustrações constituíram elementos essenciais para que Bernardo Saturnino da Veiga pudesse conferir ao seu jornal a autoridade de um periódico moderno e em sintonia com o progresso científico e o adiantamento europeu - além de atribuir um conceito de vanguarda - tão idealizados pelo jornalista.

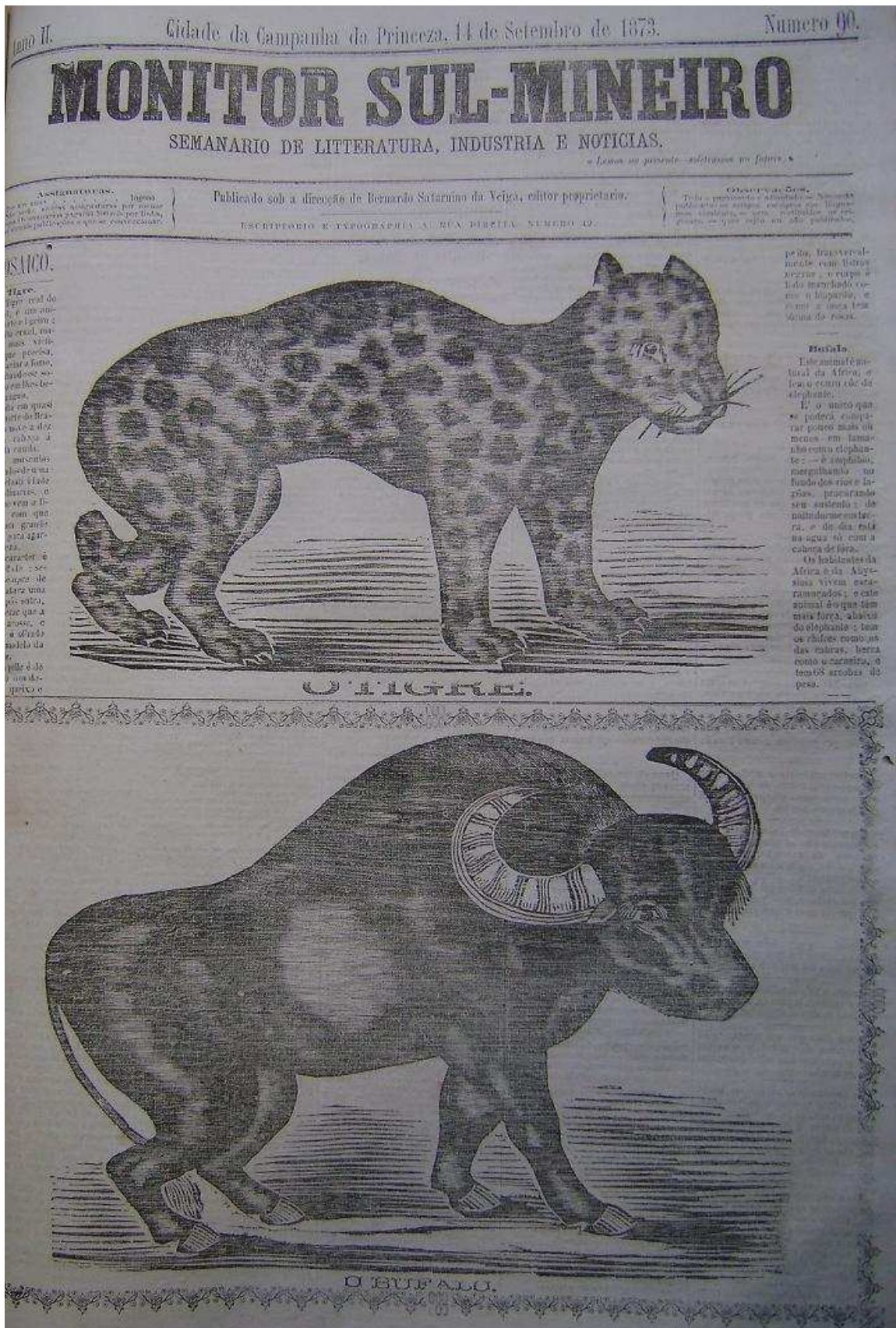


FIGURA 17 – Foto do Monitor Sul-Mineiro, Ano II, nº 90, p. 1, 14/09/1873.

Fonte: Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort

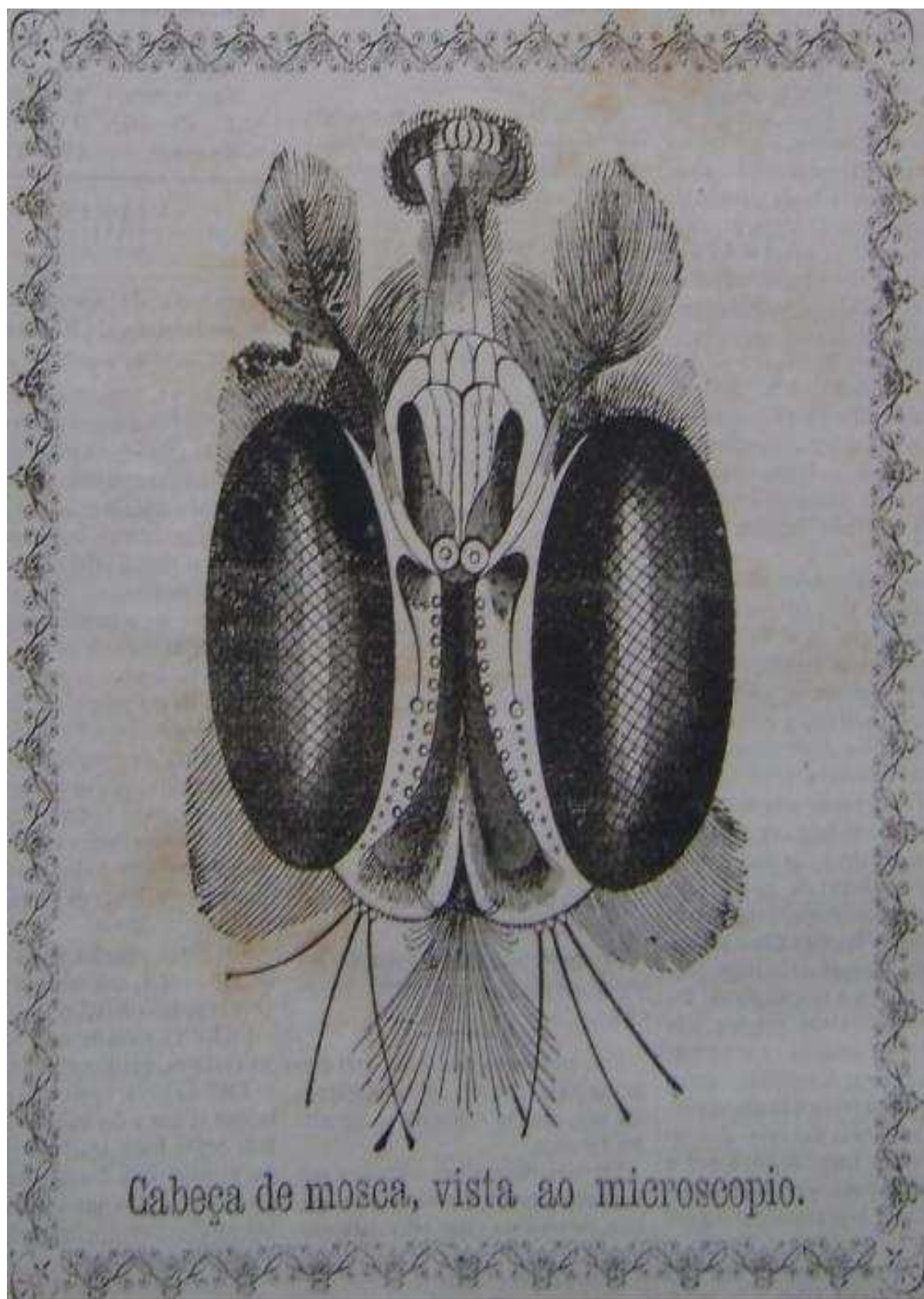


FIGURA 18 – Foto do Monitor Sul-Mineiro, Ano II, nº 78, p. 1, 22/06/1873.
Fonte: Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort.

Apesar de, ideologicamente, o *Monitor Sul-Mineiro* estampar a visão ortodoxa de Bernardo da Veiga, se considerarmos o aspecto gráfico e a diversidade de assuntos abordados, ressaltamos que, nesse aspecto, ele era condizente com o ideal de progresso e modernidade encampado pelo seu diretor.

O caráter diversificado nos temas abordados aproxima esse semanário ao formato de uma revista, considerando a variedade de assuntos estampados em suas páginas, sendo os mesmos de caráter cultural, literário, ético, informativo, educativo, entretenimento e, sobretudo, político.

Nas páginas do *Monitor Sul-Mineiro*, conviviam “pacificamente” os extensos artigos educativos, literários e culturais com os singelos jogos de adivinhação e charadas e, até mesmo, as receitas caseiras úteis à vida doméstica.

Insero a essas “trivialidades” o semanário também estampava artigos críticos e políticos, especialmente quando abordavam a defesa dos ideais monárquicos ou os interesses comerciais do seu editor. Assim, é possível vislumbrar a ideologia encampada por essa gazeta oitocentista, especialmente no que se refere ao teor dos seus editoriais.

Convém ressaltar que esses editoriais ocupavam um espaço privilegiado e propunham a reflexão sobre os temas considerados relevantes àquela sociedade. Muitas vezes, destacavam assuntos relativos ao poder imperial - revelando o quanto o seu editor era simpático ao regime monárquico - em voga no país, naquela segunda metade do século XIX.

Os editoriais constantemente faziam alusão a assuntos polêmicos envolvendo questões políticas, administrativas, educacionais ou até mesmo religiosas ou doutrinárias. Os editoriais passariam a compor a estrutura principal do semanário e, através deles, pode-se explicitar a linha editorial que seria adotada pelo *Monitor Sul-Mineiro*, bem como a ideologia do editor ao conceber esse periódico. Os editoriais foram constantes durante toda a existência do *Monitor Sul-Mineiro*, pois constituíam um espaço privilegiado onde Bernardo Saturnino da Veiga se pronunciava à sociedade campanhense de forma efusiva e entusiástica.

Normalmente, esses editoriais apresentavam um título, através do qual se antevia o teor do assunto que seria abordado e expressava também a síntese do posicionamento de Bernardo Saturnino.

No capítulo V, da presente dissertação, esses aspectos serão retomados. A partir do item 5.4 serão expostos detalhes acerca dos editoriais, visto que os mesmos constituem os pontos fundamentais dessa pesquisa.



FIGURA 20 – Foto do Monitor Sul-Mineiro, Ano 1, nº 46, p. 1, 10/11/1872 (detalhe)
Fonte: Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort.

As páginas do *Monitor Sul-Mineiro* também estampavam diversos artigos opinativos, obedecendo aos mais variados temas, tais como, a necessidade de bibliotecas públicas (vol. I, ano I, nº 17, p.3); o papel da imprensa no Brasil (vol. I, ano I, nº 21, p.3); a emancipação política e social da mulher (vol. I, ano I, nº 45, p.3); a educação ruim (vol. I, ano I, nº 44, p.2-3); a escravidão (ano II, nº 101, p.2), além de outros temas diversos relacionados à abertura de estradas, conservação das pontes e eram frequentes as notícias, editoriais ou artigos relacionados à educação, demonstrando a preocupação do periódico, ao que era concernente aos assuntos relacionados à formação cultural. Todas as notícias referentes a matrículas, aprovações, venda de material escolar, currículos; turmas concluintes, criação de novas escolas; enfim, nas páginas do *Monitor Sul-Mineiro* havia espaço para veicular tudo o que se referia à educação, na cidade de Campanha.

O jornal também veiculava a seção “*Annuncios*”, normalmente nas páginas finais, onde se podia deparar com recompensa por escravos fugidos, oferecimento de serviços médicos ou de advocacia, venda de chapéus ou outros relacionados à moda, fundição de sinos, animais roubados ou desaparecidos, dentre outros.

4.2 A tiragem e o público alvo do *Monitor Sul-Mineiro*

A gazeta de Bernardo Saturnino da Veiga não estampava no cabeçalho o número de exemplares veiculado a cada edição. Portanto, seria quase impossível precisar a tiragem do jornal naquele contexto do século XIX. Mas, ao analisar os editoriais do *Monitor Sul-Mineiro*, foi possível obter essa informação através da edição do dia de 16 de junho de 1872, ano I, número 25, p. 3, onde Bernardo Saturnino da Veiga publicou uma crítica contundente ao serviço postal em Minas Gerais.

No editorial dessa edição, o jornalista denunciou o descaso da administração pública no que tange às relações comerciais entre as províncias, a necessidade de reorganização dos correios, bem como a abertura de novas agências, visto que tais investimentos eram essenciais ao desenvolvimento da região sul mineira.

Uma melhor organização do serviço postal em Minas, constitue actualmente uma das necessidades mais urgentes da Provincia.

O desenvolvimento que tem tido nos ultimos tempos as relações commerciaes entre nós, o merecimento que tem recebido muitas povoações ha alguns annos decadentes ou que apennas despontavão, exigem da administração publica medidas que tornem certos nucleos de população coparticipantes dos favores que á muitos outros, em igualdade de condições, se tem outorgado.

Nem se compadece que a justiça – que deve ser a norma invariavel do poder – que certos pontos do paiz, igualmente onerados de imposições, fiquem privados dos direitos e regalias concedidos á outros em identicas circunstancias.

Fallamos da necessidade de serem creadas agencias do correio em varias parochias da provincia, que ainda as não possuem, e de estender-se as linhas de estafetes á pontos que até hoje tem jazido como que sequestrados do resto do paiz, de que só recebem noticias por tropas, viajantes ou expressos.

Em relação ao sul de Minas, por exemplo, essas medidas não podem ser por mais tempo adiadas, sem que sacrifique-se interesses respeitaveis e seja-se surdo aos mais justos clamores (MONITOR SUL-MINEIRO, 1872, p. 3).

O editorial de Bernardo Saturnino da Veiga destacava a necessidade de investimento no sistema de comunicação visando, especialmente, ao desenvolvimento da imprensa.

Evidenciamos a preocupação do jornalista em estabelecer as condições necessárias à disseminação da imprensa, mas, acima de tudo, o seu discurso denota o desejo de ampliação dos seus empreendimentos tipográficos tais como: os jornais, almanaques e enciclopédia.

Compreendemos que o Bernardo da Veiga valeu-se da estratégia de reivindicar - em âmbito público - aquilo que lhe asseguraria um benefício particular. Dessa forma, o seu apelo encontraria a presumida adesão dos leitores, bem como daquela sociedade que, através do discurso proferido no *Monitor Sul-Mineiro*, consideraria-se “representada” junto ao poder

público. O jornalista - em tese - estaria representando os anseios coletivos, quando, na verdade, eram os seus interesses comerciais que prevaleciam naquela oratória.

Isto constitue um mal immenso, porque dos embararaços creados à communicações das localidades entre si, todos participão; commercio, lavoura e particulares. Zellando do interesse publico e como orgão de constantes queixas das populações, não podemos deixar de soll'eitar para este objecto, (...) os justos clamores de populações inteiras, como todos, interessados no movimento politico, commercial e litterario do paiz. À nascente imprensa da provincia, tão desprotegida da administração que ella procura auxiliar sempre, se poderia attender ao menos sobre materia de correios, em que é ella directamente interessada, porque da regularidade delles e desenvolvimento de suas linhas muito depende a disseminação das folhas publicas (MONITOR SUL-MINEIRO, 1872, p. 3).

Ao reivindicar as melhorias e a expansão do serviço postal, Bernardo Saturnino da Veiga vislumbrava, sobretudo, a possibilidade de ampliar o alcance de sua gazeta. Por extensão, seriam implementados os meios para que o *Monitor Sul-Mineiro* pudesse circular não apenas em Minas Gerais, mas também em cidades da Província de São Paulo.

Ressaltamos que havia, da parte de Bernardo da Veiga, o interesse empresarial em ampliar a tiragem do jornal e a preocupação em viabilizar as futuras edições dos almanaques e enciclopédia.

Porém, aliado ao fator comercial, destacamos o objetivo político de estender o campo de ação do discurso daquele elite cultural a toda a região sul mineira e à Província de São Paulo, especialmente no que tange à adesão aos ideais separatistas que eram, veementemente, encampados pela família Veiga.

Reiteramos, com base nesse editorial, que prevalecia na alocação de Bernardo da Veiga o interesse comercial e político, o qual era mascarado pelo discurso em defesa de uma causa pública.

Através desse editorial, de junho de 1872, foi possível registrar que a tiragem do jornal - no primeiro semestre do ano inaugural - era de mil exemplares, mas havia o objetivo de duplicar o número de assinantes, desde que fossem criadas as condições estruturais para essa expansão.

O *Monitor Sul-Mineiro*, cuja edição atual é de cerca de mil exemplares apenas, poderia ter pelo menos dois mil assignantes se o serviço postal na província, particularmente no sul de Minas, estivesse organizado do modo porque poderia estar e desejão os povos.

De varios pontos, como S. José do Paraiso e Vargem Grande, nos tem escripto alguns amigos que numerosos assignantes nos ficão garantidos desde o dia em que forem nelles creadas as agencias. De outros lugares nos dizem: dem-nos correio e assignaremos seu periodico.

E de nossa parte só ha em resposta uma palavra de reconhecimento, porque fora realmente absurdo querer angariar assignaturas de folhas em lugares que estão privados de correio, ou naquelles onde não existem os empregados encarregados do recebimento, guarda e entrega da correspondencia. (MONITOR SUL-MINEIRO, 1872, p. 3, grifos meu).

O jornalista concluiu esse editorial reconhecendo o interesse em ampliar as assinaturas da sua gazeta, no entanto justificou que esse empenho traduzia o clamor daquela população. Bernardo da Veiga reafirmou que o poder público deveria favorecer a proliferação da imprensa, mediante a “missão civilizadora” que ela desempenhava.

Por analogia, naquele contexto do século XIX, identificamos a responsabilidade assumida pelo *Monitor Sul-Mineiro*, ou seja, apresentar-se como uma referência civilizadora àquela sociedade, colocando-se como baluarte dos ideais renovadores e progressistas, ainda que seu editor nutrisse princípios consevadores e ortodoxos.

Os interesses do commercio, da lavoura e dos particulares são altamente respeitaveis, e elles instão por uma media efficaz à respeito; tambem temos nisto interesses e interesses legitimos, de que se dirivão para a população outros, dignos de toda a sympathia, **porque se a imprensa honesta é civilisadora em sua missão** o poder publico deve favorecel-a, maximo quando à seus reclamos estão associados os reclamos da sociedade (MONITOR SUL-MINEIRO, 1872, p. 3, grifos meu).

Ao analisar o discurso de Bernardo da Veiga, as condições de produção e os níveis de sociabilidade engendrados, aferimos que o objetivo central desse jornalista - de acordo com a sua concepção - era “civilizar” aquela urbe. Essa argumentação será retomada no Capítulo V, da presente dissertação, quando serão apresentados os aspectos que fundamentaram a alocação de Bernardo Saturnino.

No contexto estabelecido entre a criação de um periódico e a irrupção de um discurso é necessário salientar os segmentos sociais que estariam receptivos a esses “novos” dizeres.

Para melhor compreender o discurso jornalístico de Bernardo Saturnino da Veiga é necessário investigá-lo em suas particularidades, a partir das condições materiais de produção e da teia de sociabilidade no qual se insere.

Apesar de pronunciar-se com pretensa imparcialidade e isenção política, o jornalista ocupava um espaço de embate, assumindo-se como enunciador de teias discursivas, especialmente da elite cultural e econômica que ele representava.

Idealizado por uma classe social privilegiada, o *Monitor Sul-Mineiro* ambicionava “fazer crer” que sua concepção, como veículo de comunicação, não seria restrita a essa categoria.

A análise sistemática desse periódico, especialmente das edições do ano inaugural, permite afirmar que a gazeta de Bernardo Saturnino da Veiga, pretendia envolver todos os segmentos sociais, ainda que estabelecesse um parâmetro civilizador pautado na elite em que o jornalista se inseria.

A edição do *Monitor Sul-Mineiro*, de 17 de agosto de 1873, publicou o resultado do recenseamento realizado na cidade de Campanha. Além de destacar os elementos humanos que compunham aquela sociedade, permitiu-nos o registro do total de habitantes, a religião predominante, a faixa etária e, sobretudo, a escolaridade.

O recenseamento á que se procedeu nesta cidade deu o seguinte resultado. Existem na Campanha 435 casas, 5 egrejas e 1 capella, 1 casa de misericordia, 1 theatro, 1 praça do mercado, 1 curral do conselho e 2 cemiterios. As casas são habitadas por 2.645 pessoas, sendo homens 1.188 e mulheres 1.457; são livres 2.076, escravos 569 e em litigio 9; são brancos 1.079, caboclos 153, pardos 699 e pretos 714; são menores de 1 anno, 59; de 1 a 7 annos, 359; de 8 a 14, 457; de 15 a 21, 418; de 22 a 28, 317; de 29 a 35, 237; de 36 a 42, 270; de 43 a 49, 138; de 50 a 56, 182; de 57 a 63, 101; de 64 a 70, 66; de 71 a 78, 14; de 79 a 84, 20; de 85 a 92, 6; de 92 a 98, 2; maiores de 98 annos, 2; são solteiros 1.779, casados 706 e viúvos 160; são estrangeiros 155; filhos de outras provincias 82 e mineiros 2.408; **sabem ler 959 e não sabem 1.686; frequentam estudos 271. Nesta epocha de descrença religiosa, é com prazer que registramos o seguinte facto que abona a civilização de nossa terra: - entre 2.645 pessoas recenceadas só duas se derão como acatholicos** (MONITOR SUL MINEIRO, 1873, p. 01, grifos meu).

Reafirmamos que o *Monitor Sul-Mineiro* era um jornal editado por um grupo social distinto que o concebeu como um instrumento dessa elite que almejava “civilizar” aquela urbe constituída por uma população analfabeta e que era nivelada por camadas humanas relativas à cor, conforme a organização imposta pelo urbanismo do período da exploração aurífera.

Nesse contexto, diante de uma população iletrada e saudosa do esplendor proporcionado pela mineração, o *Monitor Sul-Mineiro* delega si a “missão redentora” de “civilizar” aquela gente.

Segundo o editor do periódico, apenas a educação e a cultura veiculadas através da imprensa poderiam eliminar os resquícios e vícios do período colonial e assegurar o acesso na “caravana civilizadora do século”, conforme apregoou Bernardo Saturnino da Veiga.

O *Monitor* pode ser destacado não somente como um produto da elite intelectual campanhense, mas também como um registro histórico da sociedade na qual se insere - em sua maioria iletrada - à medida que tenta transformá-la pela ação do seu discurso elitizado.

Conjecturamos um discurso incoerente, visto que uma elite cultural e econômica se apropriava dos mecanismos proporcionados pela imprensa e se colocava como “redentora” de uma população, em sua maioria analfabeta, utilizando-se - por antagonismo - do texto escrito.

4.3 O Monitor Sul-Mineiro e a Abolição da Escravatura

Apesar de defender, veementemente, o progresso e o nível de “civilização” alcançado pela Europa, reiteramos que o *Monitor Sul-Mineiro* apresentava uma ideologia conservadora e era politicamente monarquista. Essa ideologia conservadora é ratificada ao abordar a situação do negro, no Brasil, na segunda metade do século XIX.

Considerando o aspecto ideológico da abolição, a análise do *Monitor Sul-Mineiro* - em diferentes anos - permitiu concluir que não havia um posicionamento crítico ou uma atitude política que contestasse esse período conturbado da vida social brasileira.

Ressaltamos, por extensão, a freqüente divulgação de negros fugidos, na seção *Annuncios*, explicitando recompensas pela recaptura desses escravos. Assim, deliberamos que não havia nenhum posicionamento crítico em relação à escravidão. Ao contrário, o *Monitor Su-Mineiro* adotou uma postura de alheamento a esse problema social e ao momento conturbado da cena política brasileira.

Criada em 1872, portanto 16 anos anterior à libertação dos escravos, a gazeta de Bernardo Saturnino da Veiga foi contemporânea às inflamadas discussões, assim como ao antagonismo dos discursos que antecederam à abolição.

Apesar da efervescência desse momento histórico, destacamos que o editor do *Monitor Sul-Mineiro* optou por não se manifestar de forma veemente, sem se posicionar explicitamente sobre a questão política que envolvia a situação social do negro.

Os raros artigos que destacaram a escravidão não apresentaram um discurso enfático ou uma atitude de repúdio a essa prática. Ao contrário, a servidão do negro era relacionada ao atraso do período colonial e, assim sendo, seria necessário revogar esse hábito primitivo que

nos distanciava ainda mais do idealizado nível de civilização aspirado por Bernardo Saturnino da Veiga.

Nos anos que antecederam à abolição, o *Monitor Sul-Mineiro* dedicou inexpressivo espaço à causa abolicionista. O periódico preferia exaltar a administração monárquica, as viagens da família real, bem como a generosidade do imperador.

Notadamente, ao divulgar a abolição da escravatura, o *Monitor* não demonstrou empolgação com o ocorrido. A notícia foi veiculada no dia 20 de maio de 1888, à página 1, na edição de nº 905, ocupando uma diminuta coluna e dividindo espaço com um extenso artigo de seis colunas sobre *Noções da vida doméstica*, na seção *Educação*. Ainda mereceu destaque, nessa página, a segunda parte do folhetim *O Filho*, ocupando o privilegiado espaço de sete colunas.

Ressaltamos que o entretenimento alienante de um folhetim burguês mereceu maior destaque do que o acontecimento social e histórico da Abolição da Escravatura.

Explicitamos outra contradição no discurso de Bernardo Saturnino da Veiga ao se posicionar como editor de um jornal, supostamente progressista e de vanguarda, mas que - intrínsecamente - atrelava-se a sistemas políticos conservadores e adeptos da exploração do trabalho escravo.

O posicionamento acrítico do *Monitor Sul-Mineiro* diante dos problemas referentes à escravidão, vincula-o aos valores mais tradicionais e reacionários de sua época, à monarquia e à manutenção de uma ordem social, política e econômica estabelecida e referenda por aquela elite oitocentista.

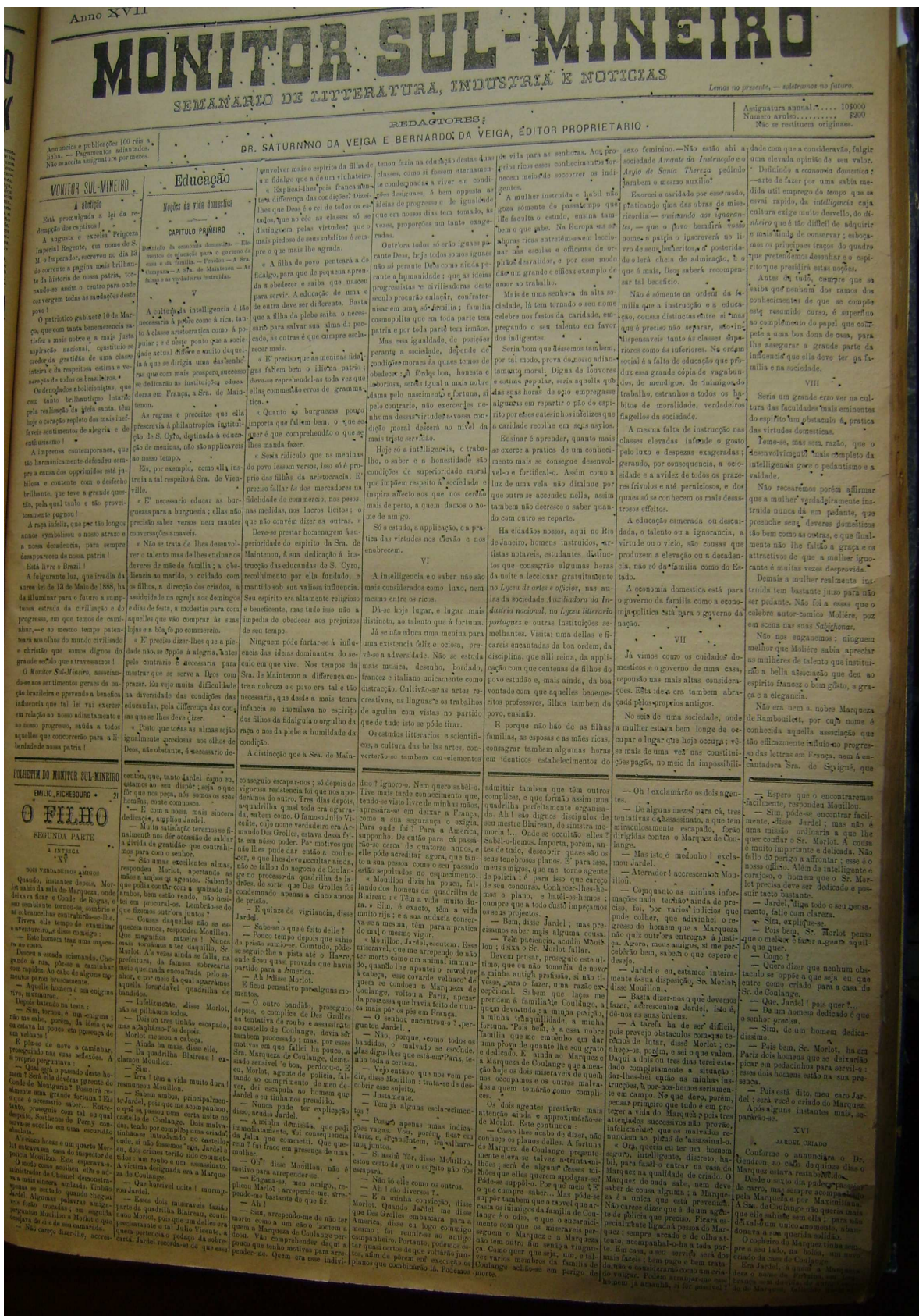


FIGURA 22 – Foto do Monitor Sul-Mineiro, Ano XVII, nº 905, p. 1, 20/05/1888. Fonte: Acervo ECNML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort

Para o editor do Monitor Sul-Mineiro, a liberdade concedida a essa “*raça infeliz*”, por analogia, representava a própria liberdade do país ao assim se expressar: “*está livre o Brasil!*”.

Está promulgada a lei da redempção dos cativos!

A augusta e excelsa Princesa Imperial Regente, em nome de S. M. o Imperador, escreveu no dia 13 do corrente a pagina mais brilhante da historia da nossa patria, tornando-se assim o centro para onde convergem todas as saudações desse povo.

O patriótico gabinete 10 de Março, que com tanta benemerencia satisfiz a mais nobre e a mais justa aspiração nacional, constituiu-se credor da gratidão de uma classe inteira e da respeitosa estima e veneração de todos os brasileiros.

Os denodados abolicionistas, que com tanto brilhantismo lutarão pela realisação da ideia santa, têm hoje o coração repleto dos mais inefaveis sentimentos de alegria e de entusiasmo!

A imprensa contemporanea, que tão harmonicamente defendeu sempre a causa dos oprimidos está jubilosa e contente com o desfecho brilhante, que teve a grande questão, pela qual tanto e tão proveitosamente pugnou!

A raça infeliz, que por tão longos annos symbolisou o nosso atraso e a nossa decadencia, para sempre desapareceu de nossa patria!

Está livre o Brazil! (MONITOR SUL-MINEIRO, 1888, p. 1).

Uma análise superficial dessa noticia, veiculada na semana posterior à abolição, denotaria um conceito errôneo de que o *Monitor Sul-Mineiro* teria defendido a causa abolicionista. Ao contrário, não se constata nenhum entusiasmo de Bernardo Saturnino da Veiga em relação a essa questão.

Fica evidente a idéia do editor que a escravidão simbolizava o atraso e a decadência do país e, portanto, desviava a nação da estrada da civilização e do desenvolvimento. A abolição não é destacada como uma conquista da raça negra, mas do próprio país que se apropriava da sua liberdade mediante esse “entreve” ao seu progresso.

A fulgurante luz, que irradia da aurea lei de 13 de Maio de 1888, ha de illuminar para o futuro a sumptuosa estrada da civilisação e do progresso, em que temos de caminhar, - e ao mesmo tempo patenteará aos olhos do mundo civilisado e christão que somos dignos do grande século que atravessamos! O *Monitor Sul-Mineiro*, associando-se aos sentimentos geraes da nação brasileira e prevendo a benefica influencia que tal lei vai exercer em relação ao nosso adiantamento e ao nosso progresso, saúda a todos aquelles que concorrerão para a liberdade da nossa patria! (MONITOR SUL-MINEIRO, 1888, p. 01).

Nota-se também que o Monitor Sul-Mineiro não questionou o futuro dos negros libertos e nem a falta de um projeto político e social para os mesmos.

No período que antecedeu a abolição, assim como nos meses subsequêntes, não identificamos quaisquer argumentos ou artigos que privilegiassem a causa abolicionista.

Ressaltamos o teor político que esse contexto requeria, mas Bernardo Saturnino da Veiga adotou a política do alheamento e o posicionamento acrítico, omitindo-se diante de um episódio crucial da história do Brasil.

Explicitamos, assim, a verdadeira ideologia de sua gazeta a qual se ocultava sob a máscara da modernidade e do discurso progressista e revolucionário.

Ratifica-se, nas páginas do periódico em questão, a ideologia monarquista e conservadora que caracterizou a existência do *Monitor Sul-Mineiro* e, por extensão, do seu editor.

4.4 O Monitor Sul-Mineiro e a Proclamação da República

Diferentemente do reduzido espaço dedicado ao episódio da abolição da escravatura, o *Monitor Sul-Mineiro* estampou, de forma detalhada, todos os acontecimentos que antecederam a Proclamação da República.

A gazeta de Bernardo Saturnino da Veiga enfatizou amplamente não apenas o período que antecedeu o fim da administração monárquica, mas também os primeiros meses de transição para o regime republicano. Extensos artigos exaltavam a família imperial, além de expor a temeridade do jornalista com relação ao futuro político do país.



FIGURA 23 – Foto do Monitor Sul-Mineiro, Ano XVIII, nº 984, p. 1, 24/11/1889. Fonte: Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort.

A edição do dia 24 de novembro de 1889 dedicou as quatro páginas aos acontecimentos que culminaram na Proclamação da República. Extensos artigos estampavam a opinião dos principais jornais do país, bem como as incertezas diante do incipiente governo republicano.

O *Monitor Sul-Mineiro* manifestou explicitamente a sua insatisfação através de um artigo intitulado *Os acontecimentos do dia 15*, veiculado na primeira página, considerando tais fatos como gravíssimos.

O periódico reafirmou a sua ideologia monarquista e solidarizou-se com a família real.

Os gravísimos sucessos do dia 15 do corrente, realizados no Rio de Janeiro, dão como extincta a monarchia no Brazil, vindo substituí-la um novo regimen, francamente republicano, sob a suprema direcção do Sr. Marechal Manoel Deodoro da Fonseca (...).

Os que tiverem lido os artigos que por vezes publicámos sobre o estado do paiz, alguns dos quaes merecerão ser transcriptos por distinctos collegas nossos, certamente hoje darão razão os receios que externámos e que mais depressa do que acreditamos se traduzirão em esmagadora realidade.

A culpa dos abusos que censuramos cabe a ambos os partidos constitucionaes e a progressão crescente dos escandalos determinou muito naturalmente a sedição militar da corte, que sahio vencedora com incrível facilidade e que em toda a parte faz sentir a influencia e prestigio com que na primeira cidade do Brazil foi acatada e respeitada.

Os republicanos regosijão-se com razão; e assim terão sempre motivos para manter a natural alegria e justo contentamento com que hoje se mostram.

O interesse pelo bem do paiz garante a sinceridade deste nosso sentir.

O *Monitor Sul-Mineiro*, que por tantas vezes affirmou, com inteira franqueza, a sympathia, respeito e adhesão que o ligava ao illustre e venerando Sr. D. Pedro II e a toda sua Augusta Familia, não pode deixar de registrar em suas columnas, com o mais profundo pezar, a noticia ingrata de que a sedição militar ergueu-se vencedora sobre os destroços de uma familia que por si não concorreu de certo para os escândalos que todos profligão e que foi tambem victima delles.

Os brasileiros, porém, e neste numero estão sem duvida comprehendidos todos os membros do parlamento republicano, hão de ter sempre em relação ao Sr. D. Pedro II e para com todos os seus os sentimentos de estima, veneração e reconhecimento de que são elles verdadeiramente dignos.

Estes sucessos nos tem naturalmente abatido o espirito, enchendo-o de apprehensões e receios (MONITOR SUL-MINEIRO, 1889, p. 1, grifos meu).

O *Monitor Sul-Mineiro* transcreveu, de forma minuciosa, todos os acontecimentos referentes ao dia 15 de novembro, no Rio de Janeiro.

Na página inicial foram destacadas as primeiras medidas adotadas pelo governo provisório da República, no entanto Bernardo Saturnino reiterava as incertezas em relação ao futuro do país. Repetidamente, o jornalista realçou o altruísmo da família real e a serenidade do imperador diante do episódio.

Destacamos que era explícita a indignação do redator diante desse novo momento político brasileiro. Contradiz-se assim, o alardeado discurso progressista de Bernardo da Veiga, pois a alocação do *Monitor Sul-Mineiro* sucumbe aos ideais conservadores.

Nessa mesma edição do dia 24 de novembro, todo o espaço da página 2 foi dedicado aos detalhes da transição do regime político, alternando com informações sobre o futuro político da família imperial.

Bernardo Saturnino da Veiga fez questão de ressaltar a importância da administração imperial, os avanços do país enquanto Estado democrático e independente, bem como a relevância das instituições sobre as quais o regime monárquico se alicerçava.

O periódico posicionou-se, explicitamente, em defesa dos ideais conservadores monárquicos, contradizendo o discurso vanguardista que Bernardo da Veiga pretendia aferir à sua gazeta e que, em tese, teria motivado a criação da mesma.

A edição do *Monitor Sul-Mineiro* do dia 24 de novembro de 1889 também relatava, minuciosamente, a rotina relacionada à família imperial após a Proclamação da República, além da preocupação do jornalista com a integridade física do imperador.

A' 1 hora da tarde chegou o Imperador ao paço, sem guardas, só, confiado no povo e no exercito, conscio de que seria respeitado.
 Lia-se na sua phsyonomia a maior aflicção. Ligeiro tremor vergava-lhe o corpo, já alquebrado pela idade e molestia.
 Pouco depois forão reunir-se a elle a Princeza, o Conde d'Eu, o Príncipe D. Pedro, senadores, camaristas e empregados do paço.
 Muitas senhoras cercarão a familia Imperial.
 Contrastava a serenidade do Conde d'Eu com a angustia que transparecia da phsyonomia da Princeza D. Isabel.
 Conferenciarão com o Imperador alguns homens de Estado (...).
 O Imperador manifestou desejos de conferenciar com o Sr Marechal Deodoro. Como este, porem não apparecesse, dirigirão-se á sua casa, no campo de Sant`Anna...
 (...) sua Magestade que, não tendo podido fallar com o Sr. General Deodoro, havião no entanto sabido de pessoa fidedigna, que estava definitivamente organizado o governo provisorio e feitas as nomeações das principaes autoridades; que a deliberação tomada tinha por origem a falta de confiança do exercito nos partidos monarchicos, pelo que fazião causa commum com os republicanos.
 S. Exa. declarou tambem que soubera haverem varias provincias adherido ao movimento, e que era assegurada a garantia de pessoa e vida de Sua Magestade o Imperador e de sua familia (MONITOR SUL-MINEIRO, 1889, p. 2).

Nas edições que sucederam o acontecimento histórico do dia 15 de novembro de 1889, Bernardo Saturnino da Veiga exaltou - explicitamente - o passado monárquico brasileiro e expôs as incertezas e o temor em relação ao governo republicano instaurado.

Aludindo a efeitos comparativos, a abordagem do *Monitor Sul-Mineiro* face à abolição da escravatura tornou-se insignificante e desproporcional, se considerarmos o espaço dedicado ao evento que pôs fim ao regime monárquico, no Brasil.

Ressaltamos que Bernardo da Veiga se considerava um defensor dos novos tempos de prosperidade e “civilização”. Sendo assim, não se justifica tanta apreensão diante do momento histórico que representava a ruptura com o sistema monárquico conservador e a instauração de um novo contexto político e social, com o advento republicano.

Contradizendo o momento histórico, mas coerente com a sua ideologia política, Bernardo da Veiga privilegiou os acontecimentos que culminaram com a queda do regime monárquico, em detrimento dos fatos que ocasionaram a abolição, refletindo, assim, a

ideologia daquela elite oitocentista, da qual o jornalista participava, ativamente, através das páginas impressas.

4.5 Lemos no presente e soletramos no futuro

Um aspecto relevante - e que não poderia deixar de ser destacado - refere-se à epígrafe inserida ao cabeçalho do *Monitor Sul-Mineiro* que, ao longo das várias décadas de sua existência, estampava a inscrição: “*Lemos no presente, soletramos no futuro*”. Nesse aforismo vislumbra-se o conceito máximo, não apenas do periódico em questão, bem como a ideologia de toda a imprensa praticada nos oitocentos.

Ler no presente remete à concepção de que os fatos presenciados ou os acontecimentos da realidade deveriam ser refletidos (lidos) em seus contextos político, social e cultural, pois a partir deles é que seriam implementadas as idéias transformadoras desse momento histórico, sobretudo através da ação discursiva da imprensa. Dessa forma, o *soletramos no futuro* estaria imbuído ou impregnado das lutas e conquistas que, futuramente, seriam lembradas (e recontadas) quando o suporte, representado pelo periódico, talvez não mais houvesse.

Enfim, um momento histórico a ser “lido”, compreendido e [re]escrito através das páginas da imprensa periódica, onde o pensamento seria [re]construído socialmente (junto com o indivíduo, sujeito desse processo) e, no futuro, deveria ser “soletrado”, depois de ultrapassadas as fronteiras históricas, quando não mais se fizesse presente o suporte e, tampouco, a inscrição e muito menos aquele que a concebeu.

Ler os fatos para depois soletrá-los envolve um processo discursivo que elege quais episódios são fundamentais no registro de determinado momento histórico pois, posteriormente, serão recordados.

Partindo desse princípio, Mariani (2003, p.33) afirma que o discurso “toma parte no processo histórico de seleção dos acontecimentos que serão recordados no futuro [e,] ao selecionar está engendrando e fixando sentido para esses acontecimentos”.

Ressaltamos que ao abordar com moderação os mais variados assuntos, tais como, as questões políticas, econômicas e sociais do seu tempo, esse periódico oitocentista conquistou prestígio entre a elite de Campanha e as oligarquias do sul de Minas, mas acabou contradizendo o lema que estampava no seu cabeçalho. Consideramos conflitantes tais princípios visto que não seria possível escrever - através da imprensa - um novo tempo de transformações (que seriam recontadas no futuro) se, ideologicamente, o *Monitor Sul-*

Mineiro alicerçava-se nos pilares mais tradicionais e conservadores de manutenção da ordem vigente.

Várias propostas ideológicas foram encampadas pelo *Monitor Sul-Mineiro*, dentre elas a valorização da educação enquanto direito do cidadão, além de representar um fator de elevação cultural de um povo, pelo nível de civilização conferido a uma sociedade, ainda que, em Campanha, apenas a elite tivesse acesso à instrução.

Outro importante ideal defendido pelo *Monitor Sul-Mineiro* foi a criação de uma nova província no sul de Minas Gerais - denominada Minas do Sul -, tendo Campanha como capital. Esse periódico contribuiu na propagação do separatismo, no sul de Minas, por compreender que tal atitude seria fundamental para garantir o desenvolvimento e o progresso da região, libertando-a da ação centralizadora de Ouro Preto.

Porém, a proposta política do *Monitor Sul-Mineiro* foi pautada pela moderação, no que se refere aos ideais separatistas no sul de Minas, visto que seu editor responsável era contrário ao radicalismo de alguns movimentos revolucionários.

Fiéis ao propósito separatista que consistia na criação da província Minas do Sul, no dia 31 de janeiro de 1892, na cidade de Campanha, eclodiram os ideais revolucionários. O movimento foi debelado dois meses depois, quando em março do mesmo ano, os separatistas foram reprimidos.

Em editorial veiculado no *Monitor Sul-Mineiro* do dia 10 de fevereiro de 1892, evidencia-se o posicionamento moderado com que Bernardo Saturnino da Veiga se manifesta sobre a questão dos ideais do movimento separatista, temeroso sobre as conseqüências à sociedade, advindas de formas radicais na concretização dessa empreitada.

Temos opinião conhecida sobre a necessidade de constituir-se no sul do Estado em que vivemos um governo independente e livre da tutela de Ouro Preto, e não precisamos de novo declarar que receberíamos com a mais viva alegria a feliz notícia de que essa aspiração se tornou realidade. Entretanto, afasta-nos atualmente das que se empenham por esse desideratum a questão do modo de criar-se o novo estado. Temos horror às revoluções, que arrastam após si incalculáveis desgraças, levando a divisão, o ódio e o luto ao seio das famílias, que desejaríamos ver sempre unidas nos mesmos intuítos, contundidos em sentimentos iguais, irmanados por identidades de afeto (MONITOR SUL-MINEIRO, 1892, p. 01).

Ressaltamos que Bernardo Saturnino da Veiga defendia, veementemente, a criação de um novo território no sul de Minas. Porém, no editorial supracitado, ele alega “horror às revoluções”. Advertimos para a contradição desse discurso veiculado, pois como se dizia

sectário do progresso e da modernidade, como poderia ter horror às revoluções? Afinal, foram elas que transformaram o mundo.

Compreendemos que, sem as mesmas e os pensamentos avançados a seu tempo, provavelmente a humanidade permaneceria estagnada e manipulada pelos detentores do poder.

Assentimos, dessa forma, que Bernardo da Veiga teria horror às revoluções justamente porque elas pressupunham a destruição dos sistemas conservadores dominantes, em detrimento de uma nova estrutura de poder. Se, de fato, os seus ideais fossem “vanguardistas”, ele não temeria as revoluções, mas estaria à frente dos demais combatentes nessa batalha para instaurar uma nova estrutura política e social.

Ao defender o movimento separatista, o jornalista vislumbrava simplesmente ampliar a sua esfera de poder, pois Campanha sendo capital da nova província privilegiaria diretamente os interesses daquela elite, especialmente no que tange à família Veiga.

Os ideais separatistas no sul de Minas eram aspirações remotas. Dentre várias tentativas frustradas, pode se destacar a proposta do então deputado Evaristo Ferreira da Veiga, que em 1862, já havia apresentado o projeto de criação da província de *Minas do Sul*, segundo os relatos de Rezende (1942).

A emancipação política da região sul mineira foi uma proposta defendida por várias gerações da família Veiga, utilizando como instrumento de disseminação desses ideais, as páginas impressas dos periódicos, sob a sua direção como o *Opinião Campanhense*; *Nova Província*; e o *Sul de Minas*, propagadores do projeto de desmembramento desse território e, no caso do *Monitor Sul-Mineiro*, era notório esse ideal separatista.

Na figura de Bernardo Saturnino da Veiga, o *Monitor Sul-Mineiro* interagiu com a sociedade campanhense, interferindo na conjuntura política, econômica, social e cultural dessa cidade, ao passo que implementava, ainda que por mecanismos subjetivos do discurso impresso, o seu projeto civilizador que consistia na formação de um povo culturalmente evoluído, desenvolvido, sem esquecer a sua identidade e o seu passado de conquistas.

Porém consideramos contraditórios tais princípios, pois se queria romper com o espírito colonial, em detrimento de um novo tempo de progresso e modernidade, mas - por antagonismo - não se concebia a ruptura com o sistema tradicional e ortodoxo de manutenção do poder conservador, especialmente o regime político monárquico que conferia àquela elite econômica e social, a hegemonia sobre aquela sociedade oitocentista.

CAPÍTULO V: A IMPRENSA PERIÓDIOCA OITOCENTISTA: DA COERÇÃO À LEGITIMAÇÃO DE UM DISCURSO

A imprensa é o termómetro da civilização de um povo e a expressão genuína do pensamento social (VEIGA apud MONITOR SUL-MINEIRO, 1872, p.3).

É imprescindível delinear a trajetória dessa pesquisa, a fim de que se explicitem as razões que a nortearam, bem como a linearidade e coerência das abordagens nela suscitadas.

Considerando o histórico da imprensa no Brasil, já no século XVIII, evidenciamos um embate entre os mecanismos de coerção e as forças de resistência. Na colônia, já se esboçava o antagonismo entre o poder político estabelecido e as tentativas de expressão do pensamento impresso, antes mesmo do advento da família real portuguesa e a implantação da imprensa régia. Constatamos que as iniciativas visando à veiculação das idéias impressas foram duramente reprimidas no período colonial. Assim, evidenciamos uma época marcada pela coerção, visto que havia por parte do poder represso a consciência da força da palavra impressa e o “perigo” representado pela iminência de novos discursos.

O capítulo I se ateu a esse embate entre a ideologia do poder político e a repressão à divulgação de novos dizeres, no Brasil colonial. Conseqüentemente, a imprensa surgiria de forma tardia, no Brasil, face à predisposição por parte do poder português em coibir a concepção de novos discursos.

Nesse itinerário, destacamos também que o cerceamento do discurso impresso não foi *suficiente para impedir a profusão de novas idéias. Nas primeiras décadas do século XIX*, após o nascimento da imprensa oficial, as tipografias proliferaram – inclusive rumo ao interior – disseminando ideais e discursos, através dos periódicos que se tornaram catalisadores da cena social e política do Brasil colonial. Já se faziam ouvir os ideais de liberdade e progresso, mediante a crescente urbanização e o anseio por novos ares “civilizatórios”.

No capítulo II, enfatizamos a trajetória da imprensa oitocentista rumo ao interior, destacando os periódicos emergentes em Minas Gerais e, mais uma vez, a luta travada entre o poder coercivo e a construção de novos discursos históricos. Ou seja, evidenciamos que o domínio político e as estruturas de repressão, mais uma vez, se opunham à veiculação do pensamento impresso como forma de manutenção do poder instituído por essa elite.

Nesse processo de interiorização da imprensa dos oitocentos, abordamos o sul de Minas Gerais, mais especificamente a cidade de Campanha. Essa cidade, considerada o berço

da cultura sul mineira, teve o seu apogeu em decorrência da mineração e exerceu grande influência econômica, cultural e política sobre essa vasta região.

O desenvolvimento dessa cidade sul mineira alavancou a imprensa de forma que, em Campanha, a proliferação de periódicos foi notável nos oitocentos, retratando o progresso e a opulência daquela sociedade que, idealizando um elevado grau civilizatório, absorvia as transformações políticas, sociais e culturais da corte.

Destarte, no capítulo III destacamos a profícua imprensa oitocentista campanhense que, mais do que editar periódicos deu voz a uma elite, possibilitou a disseminação de idéias, a cristalização de conceitos e, sobretudo, a articulação de discursos, respaldando a ideologia de um grupo intelectual.

Assim, destacamos a família Veiga, berço de políticos influentes em Campanha, bem como no contexto do Império. Os Veiga destacaram-se na imprensa campanhense, onde editaram diversos periódicos, utilizando-se deles para imprimir uma dinâmica especial à vida social e cultural dessa cidade sul mineira e, sobretudo disseminar conceitos, implantar valores, bem como a concepção de discursos que referendavam o seu ideário de progresso e a manutenção de sua hegemonia naquela sociedade.

Na segunda metade do século XIX, após a decadência da mineração, a cidade de Campanha conheceu uma nova realidade oposta ao esplendor do passado.

Constatamos, assim, a imprensa como instrumento na construção da identidade de um povo, parâmetro de civilização e, sobretudo, como agente de discursos visando referendar o ideal de uma elite econômica e social, representada pela família Veiga, mais notadamente por Bernardo Saturnino.

Dentre os periódicos editados pela família Veiga apresentamos, no capítulo IV, um enfoque especial ao *Monitor Sul-Mineiro*, o qual se tornou o alvo principal dessa pesquisa investigativa. Esse semanário de grande longevidade (aproximadamente 45 anos) tornou-se um instrumento para ratificar o ideário do seu editor, Bernardo Saturnino da Veiga, que almejava utilizar-se da imprensa para implementar um projeto de “ilustração” daquela sociedade. É conveniente ressaltar que tal objetivo era respaldado pelos ideais de progresso e civilização tendo como parâmetro a vida aristocrática da corte e, por extensão, a europeização dos costumes. Evidenciamos o padrão “civilizatório” francês adotado pelo jornalista, o qual o inspirou até mesmo na composição gráfica e ideológica do semanário.

Assim sendo, espelhando a ideologia do seu editor, o *Monitor Sul-Mineiro* insuflou na sociedade campanhense, da segunda metade do século XIX, o pensamento de uma elite intelectual que utilizou a imprensa para implementar o seu projeto político e cultural.

A imprensa dos oitocentos, mais especificamente o *Monitor Sul-Mineiro*, conferiu àquele grupo social (representado por Bernardo Saturnino da Veiga) o poder de implantar uma nova alocação civilizadora, à medida que validava o discurso de uma elite intelectual.

Ao legitimar o discurso dessa elite, o *Monitor Sul-Mineiro* tornou-se o porta voz (ou veículo) de uma “verdade”, a qual referendava o projeto político, social e cultural fomentado por Bernardo Saturnino da Veiga.

Considerando esses aspectos, a presente pesquisa constituir vínculos entre as abordagens até aqui suscitadas, ao ressaltar que desde a imprensa incipiente do Brasil colonial até a segunda metade do século XIX, a coerção, o poder e a legitimação do discurso se constituíram motes e vínculos de linearidade e, por extensão, de coerência entre os pontos apresentados.

5.1 O Monitor Sul-Mineiro, porta voz do discurso de modernidade de uma elite

Na segunda metade do século XIX, a cidade de Campanha não apresentava o mesmo vigor econômico do passado. Porém, se ela não mais representava o centro econômico sul mineiro, no entanto se mantinha como um importante centro cultural e político.

Nesse contexto de transformação e, sobretudo, de disseminação de novos discursos e consolidação do pensamento, estabeleceu-se uma luta entre forças políticas nas décadas finais do século XIX, onde a imprensa e os seus periódicos, impregnados dos ideais de desenvolvimento e atentos à necessidade de modernização da sociedade, desempenharam um papel de extrema relevância.

Tentando absorver esses ideais de progresso e civilização (tão em voga no período oitocentista), no dia 1º de janeiro de 1872, foi veiculada a primeira edição do *Monitor Sul-Mineiro*. Esse semanário foi publicado sob a responsabilidade de Bernardo Saturnino da Veiga que, no cabeçalho da edição, se proclamava diretor, editor e proprietário.

Poderia ser apenas mais um jornal entre dezenas de tantos outros que circularam naquela cidade, sob as vistas de uma sociedade habituada à coexistência com diversos periódicos, das mais variadas tendências.

Entretanto, o *Monitor Sul-Mineiro* não seria apenas mais um periódico de vida efêmera, como tantos editados pela imprensa oitocentista. Por mais de quatro décadas, esse semanário se manteve à frente dos principais acontecimentos relacionados à cidade de Campanha, ao sul de Minas Gerais, bem como aos fatos que marcaram a vida política e social da cena brasileira nos oitocentos.

Espelhando a ideologia de seu fundador, bem como os propósitos da elite intelectual campanhense, nele representada, o *Monitor Sul-Mineiro* surgiu com o propósito de não ser apenas mais um órgão veiculador de notícias, visto que o semanário nasceu sob os auspícios de uma proposta social, cultural e política, que caracterizaria a sua ideologia editorial.

No século XIX, o *Monitor Sul-Mineiro* se firmou como um importante veículo propagador do pensamento impresso e figurou entre os semanários de maior longevidade em Minas Gerais, fato incomum aos padrões da imprensa da época.

Se a efemeridade caracterizava a maioria dos periódicos oitocentistas, ressaltamos que, em contrapartida, Bernardo Saturnino da Veiga preconizava um periódico inovador – em consonância com a realidade do século XIX – e que apresentasse ainda uma ideologia distinta, bem como uma proposta editorial diversificada, com o propósito de atrair uma gama variada de leitores.

É oportuno ressaltar o desafio de tal projeto em face de uma sociedade - em sua maioria - iletrada e apegada aos resquícios de um passado colonial e à sombra da decadência da atividade mineradora.

O *Monitor Sul-Mineiro* foi concebido na pequena tipografia - instalada no térreo da própria casa de Bernardo Saturnino da Veiga - e dali emergiu na sociedade campanhense.

A primeira edição do *Monitor Sul-Mineiro* causou surpresa àquela sociedade. Seja pela organização, pela qualidade gráfica, ou ainda pela diversidade de temas abordados que contemplavam as artes, as ciências, a literatura, a política dentre outros. Ao analisar esse periódico, há que se destacar as ilustrações que, usando o recurso da litogravura, conferiam a esse semanário a estética moderna pretendida pelo seu editor, conforme salienta Valladão (1942).

A edição inaugural do *Monitor* destacava em sua primeira página, na seção *Biographia*, a vida e a obra de Rafael Sanzio. Ilustrando essa coluna, o semanário estampava a *Madonna della Seggiola*, onde o pintor retratou a figura da virgem Maria, trazendo ao colo Jesus menino e em segundo plano o infante São João Batista.

Essa ilustração, veiculada na edição de estréia do *Monitor Sul-Mineiro*, impressiona pela elevada qualidade gráfica ao reproduzir os detalhes, assim como as expressões retratadas pelo pintor renascentista.

A primeira página dessa edição inaugural trouxe como uma segunda ilustração, a reprodução da tela *A Aurora* através da qual o leitor do *Monitor Sul-Mineiro* tomou contato com a seção *Pintura*, onde foi retratada a obra de Guido Remi.

A segunda página, da primeira edição desse semanário, destacou *Ephemerides da Semana*, onde o editor apresentou a cronologia dos fatos marcantes na história do Brasil e do mundo, correspondentes ao período em questão (1 a 6 de janeiro). Essa seção passaria, futuramente, a integrar umas das colunas fixas do *Monitor Sul-Mineiro*, conforme salientaremos adiante.

Outro aspecto relevante a ser destacado na edição inaugural desse periódico é que na segunda e terceira páginas figurava o editorial, onde Bernardo Saturnino da Veiga começava a explicitar aos seus leitores as razões que o motivaram a idealizar o seu semanário, bem como as aspirações advindas desse empreendimento.

Na presente pesquisa, os editoriais do *Monitor Sul-Mineiro* constituíram relevantes subsídios para a compreensão dos ideais de Bernardo Saturnino, baseados na busca de implantação de um projeto de sociedade elevada culturalmente, a partir da assimilação da sua concepção pessoal e subjetiva acerca de progresso e civilização.

A terceira página dessa edição inaugural do *Monitor Sul-Mineiro* apresentou ainda as seções *Ineditoriaes* e *Noticiario* que posteriormente seriam instituídas colunas fixas desse periódico. Nessa mesma página merece destaque o poema *Penso em ti!* que preconizava a vocação desse semanário para as manifestações literárias.

Concluindo essa primeira edição, na página quatro foi veiculada a seção *Annuncios*, tendência que se verificaria nas edições posteriores.

Destarte, a primeira edição do *Monitor Sul-Mineiro* lançada em janeiro de 1872, constituiu-se o embrião de uma profícua interação na vida cultural, política e social da cidade de Campanha, fator que caracterizaria a ideologia desse periódico em sua primeira fase (até 1896, quando Bernardo Saturnino se manteve como editor e proprietário), assim como na segunda etapa do mesmo (1898 a 1918), sob a responsabilidade de José Pedro da Costa.

Esse periódico exerceu participação ativa na sociedade campanhense enquanto disseminador dos ideais de progresso e civilização, bem como na formação do discurso preconizado por uma elite econômica e social.

O *Monitor Sul-Mineiro* tornou-se, na segunda metade do século XIX, o porta voz de desse grupo social e o símbolo de uma elite que visava à manutenção de sua hegemonia através da disseminação de um discurso de “pretensa” modernidade, que na prática não se efetivaria.

5.2 Monitor Sul-Mineiro: presença constante no cotidiano de Campanha

Desde o seu lançamento, o *Monitor Sul-Mineiro* registrou de forma efetiva todos os acontecimentos relacionados à cidade de Campanha, integrando-se, assim, aos hábitos daquela sociedade. O semanário em questão apresentou considerável regularidade, visto que incorporá-lo ao cotidiano da população campanhense era o intuito do seu idealizador.

Analisando todas as edições do primeiro ano de existência desse periódico (1872), foi possível comprovar que houve circulação normal em todas as respectivas semanas de cada mês.

Constatamos que no primeiro semestre de 1872, em um universo de 27 semanas foram veiculadas 27 edições do *Monitor Sul-Mineiro*, fato esse que comprova a regularidade desse periódico em sua fase incipiente.

QUADRO 1 Freqüência da publicação do Monitor Sul-Mineiro, no 1º semestre de 1872.
Total de edições veiculadas: 27

ANO	Nº	DATA DA EDIÇÃO	Nº DE PÁGINAS	OBS:
I	1	01 jan. 1872	4	
I	2	07 jan. 1872	4	
I	3	14 jan. 1872	4	
I	4	21 jan. 1872	4	
I	5	28 jan. 1872	4	
I	6	04 fev. 1872	4	
I	7	11 fev. 1872	4	
I	8	18 fev. 1872	4	
I	9	25 fev. 1872	4	
I	10	03 mar. 1872	4	
I	11	10 mar. 1872	4	
I	-	10 mar. 1872	2	Suplemento
I	12	17 mar. 1872	4	
I	-	17 mar. 1872	2	Suplemento
I	13	24 mar. 1872	4	
I	14	31 mar. 1872	4	
I	15	07 abr. 1872	4	
I	16	14 abr. 1872	4	
I	17	21 abr. 1872	4	
I	18	28 abr. 1872	4	
I	19	05 mai. 1872	4	
I	20	12 mai. 1872	4	
I	21	19 mai. 1872	4	
I	22	26 mai. 1872	4	
I	23	02 jun. 1872	4	
I	24	09 jun. 1872	4	
I	25	16 jun. 1872	4	
I	26	23 jun. 1872	4	
I	27	30 jun. 1872	4	

Dados obtidos mediante análise do *Monitor Sul-Mineiro*, janeiro a junho de 1872.
Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort

Considerando ainda a regularidade desse semanário, observa-se através do quadro em questão, a constância do *Monitor Sul-Mineiro* no que se refere ao número de páginas que compunham a sua linha editorial. O periódico era composto, basicamente, de 4 páginas, estrutura essa que seria determinante não apenas na fase embrionária desse jornal, mas também durante toda a sua existência.

Evidencia-se, no quadro supracitado, um item que merece ressalva nessas 27 edições do 1º semestre de 1872. Os exemplares de nº 11 e 12, alusivos aos dias 10 e 17 de março, respectivamente, circularam com um suplemento de duas páginas acrescidas à edição normal.

Os apêndices referentes a esses dias se ativeram a editais, notícias das províncias e anúncios, temas esses que viriam, futuramente, integrar as seções do periódico em questão.

O *Monitor Sul-Mineiro* iniciava a sua história oferecendo aos leitores informação, cultura e entretenimento, na medida em que se integrava ao cotidiano daquela sociedade, de forma efetiva e regular.

No segundo semestre de 1872, verificamos também a regularidade do *Monitor Sul-Mineiro* quando em um universo de 26 semanas, circularam 26 edições, todas contendo 4 páginas, com exceção da edição nº 36, de 01 setembro, que apresentava duas páginas, conforme se comprova no quadro a seguir.

QUADRO 2 Frequência da publicação do *Monitor Sul-Mineiro*, no 2º semestre de 1872.
Total de edições veiculadas: 26

ANO	Nº	DATA DA EDIÇÃO	Nº DE PÁGINAS	OBS:
I	28	07 jul. 1872	4	
I	29	14 jul. 1872	4	
I	30	21 jul. 1872	4	
I	31	28 jul. 1872	4	
I	32	04 ago. 1872	4	
I	33	11 ago. 1872	4	
I	34	18 ago. 1872	4	
I	35	25 ago. 1872	4	
I	36	01 set. 1872	2	
I	37	08 set. 1872	4	
I	38	15 set. 1872	4	
I	39	22 set. 1872	4	
I	40	29 set. 1872	4	
I	41	06 out. 1872	4	
I	42	13 out. 1872	4	
I	43	20 out. 1872	4	
I	44	27 out. 1872	4	
I	45	03 nov. 1872	4	
I	46	10 nov. 1872	4	
I	47	17 nov. 1872	4	
I	48	24 nov. 1872	4	
I	49	01 dez. 1872	4	
I	50	08 dez. 1872	4	
I	51	15 dez. 1872	4	
I	52	22 dez. 1872	4	
I	53	29 dez. 1872	4	

Dados obtidos mediante análise do *Monitor Sul-Mineiro*, Julho a dezembro de 1872.
Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort

Constatamos a periodicidade regular do *Monitor Sul-Mineiro* nesse primeiro ano de sua existência (1872), sendo que foram veiculadas 53 edições em um universo de 53 semanas. Nesse primeiro ano o *Monitor Sul-Mineiro*, apresentou regularidade, incorporou-se ao cotidiano da elite campanhense ao veicular - semanalmente - informações, conhecimentos e registrar fatos relevantes àquela povoação (abrangência local), além de se ater aos acontecimentos do sul de Minas (abrangência regional), sem deixar de contemplar também em suas páginas os eventos ou episódios referentes ao Brasil e até mesmo à Europa (abrangência geral).

Percebemos que algumas características peculiares, tais como, a regularidade, a diversidade temática, bem como a abrangência na abordagem dos fatos (visão específica que remetia à visão geral), constituíram fatores que favoreceram a aceitação desse semanário junto ao público leitor fazendo com que o *Monitor Sul-Mineiro* se integrasse à vida cotidiana daquela elite cultural, o que pode ser comprovado pela longevidade alcançada por esse periódico - que se considerarmos as suas duas fases - sobreviveu por 45 anos, fato incomum à época oitocentista quando os jornais se caracterizavam, em sua maioria, pela efemeridade.

5.3 As seções que compunham a linha editorial do *Monitor Sul-Mineiro* (estratégias para efetivar o discurso)

A linha editorial do *Monitor Sul-Mineiro* contemplava respeitável diversidade de colunas ou seções.

Nesse primeiro ano de existência do periódico, quando analisamos a frequência das seções apresentadas nas 53 edições referentes ao ano de 1782, percebemos que algumas colunas se tornaram fixas e passaram a integrar a estrutura central desse semanário. Em contrapartida, outras seções apresentaram oscilação em relação à frequência com que estamparam as páginas do *Monitor Sul-Mineiro* e, portanto, pela incidência apresentada não se efetivaram como colunas fixas, mas mesmo assim a concebemos como parte de uma estratégia de Bernardo Saturnino da Veiga que, assim, imprimia maior dinamismo ao periódico com a alternância de algumas seções que ora eram utilizadas, ora eram suprimidas.

Analisando o QUADRO 3, que corresponde à maior frequência das seções veiculadas no *Monitor Sul-Mineiro*, nas 27 semanas do primeiro semestre de 1872, observamos que as colunas *Noticiário*; *Ephemerides da Semana* e *Anúncios* se configuraram como seções fixas, visto que foram veiculadas nas 27 edições analisadas.

QUADRO 3 *Monitor Sul-Mineiro* -Ano I - 1º semestre -1872. Colunas que apresentaram maior frequência nesse período. Total: 27 edições

Colunas	Veiculações - 1º semestre/1872
Noticiario	27
Ephemerides	27
Anuncios	27
Mosaico	23
Poesias	18
Ineditoriaes	16
Monumentos	12
Folhetim	11
Inst. popular	11
Viagens	10

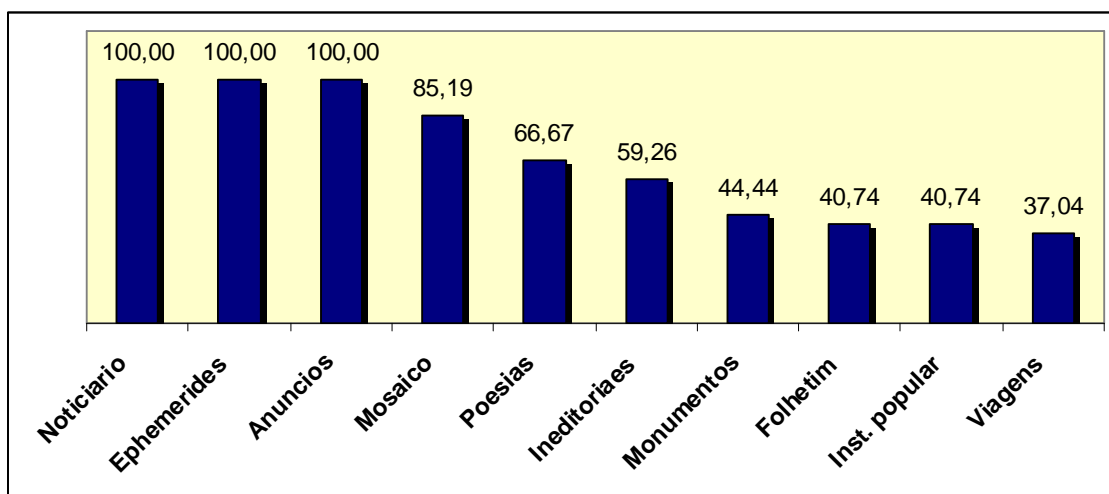
Dados obtidos mediante análise do *Monitor Sul-Mineiro*, janeiro a junho de 1872. Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort

Constatamos também que a seção *Mosaico* apresentou considerável regularidade, sendo veiculada 23 vezes, nesse universo de 27 edições. No primeiro semestre de 1872, a referida coluna deixou de circular apenas nos dias 1, 7 e 14 de janeiro e, posteriormente, foi suprimida no dia 12 de maio. Tais informações podem ser ratificadas a partir da análise detalhada da tabela 1 inserta no **Anexo 2**, de onde foram extraídos os dados constantes no quadro em questão.

De posse do **Quadro 3** e, considerando a regularidade das seções do *Monitor Sul-Mineiro*, podemos destacar as outras colunas distintas que ajudaram a compor a linha editorial desse semanário e apresentaram relativa frequência nesse universo de 27 exemplares referentes ao primeiro semestre de 1872. São elas: *Poesias* (18 edições); *Ineditoriaes* (16 edições); *Monumentos* (12 edições); *Folhetim* (11 edições); *Instrucção popular* (11 edições) e *Viagens* (10 edições).

Ainda que apresentasse uma extensa variedade na abordagem dos temas veiculados, nesse primeiro semestre do seu ano inaugural, o *Monitor Sul-Mineiro* já delineava as seções que seriam fixas e passariam a compor a estrutura central do periódico.

GRÁFICO 1 *Monitor Sul - Mineiro* – 1º semestre – 1872. Colunas que apresentaram maior frequência nesse período. Total: 27 Edições



Índices obtidos mediante análise do *Monitor Sul-Mineiro*, janeiro a junho de 1872.
Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort

As seções *Noticiario*, *Ephemerides* e *Anuncios* destacaram-se no 1º semestre/1872, sendo veiculadas em 100% das edições desse período. Em seguida, *Mosaico* (85,19%), *Poesias* (66,67%), *Ineditoriaes* (59,26%), *Monumentos* (44,44%), *Folhetim* (40,74%) e *Viagens* (37,04%) integraram as colunas fixas, as quais notadamente enfatizavam as informações referentes a Campanha, bem como ao sul de Minas, com acentuada tendência a privilegiar os conhecimentos gerais, além da literatura e a cultura geral.

Em contrapartida, uma análise atenta do **QUADRO 4**, permite-nos relacionar as seções que mais oscilaram e, conseqüentemente, apresentaram menor veiculação nas 27 edições desse primeiro semestre de 1872. Tais colunas, apesar de utilizadas de forma esporádica ou apresentar acentuada rotatividade, eram responsáveis por conferir maior dinamismo ao semanário. São elas: *Bellas Artes* (8 edições); *Editaes* (8 edições); *Historia natural* (7 edições); *Litteratura* (5 edições); *Hygiene* (5 edições); *Variedades* (4 edições); *Biographia*; *Pintura*; *Religião*; *Costumes* (2 edições cada uma); *Esculptura*; *Estudos Históricos* (1 edição cada uma).

QUADRO 4 *Monitor Sul-Mineiro* -Ano I - 1º semestre -1872. Colunas que apresentaram menor frequência nesse período. Total: 27 edições.

Colunas	Veiculações - 1º semestre/1872
Bellas Artes	8
Editaes	8
Historia natural	7
Litteratura	5
Hygiene	5
Variedades	4
Biographia	2
Pintura	2
Religião	2
Costumes	2
Esculptura	1
Estudos Históricos	1

Dados obtidos mediante análise do *Monitor Sul-Mineiro*, janeiro a junho de 1872.
Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort.

Ressaltamos que os dados apresentados no **Quadro 4** foram obtidos a partir da tabela 2 inserta no **Anexo 3**, da presente pesquisa.

Sobre a regularidade das seções, é conveniente ressaltar que o *Monitor Sul-Mineiro* apresentava algumas colunas que eram fixas, visto que as mesmas apresentaram alto índice de veiculação nas edições analisadas.

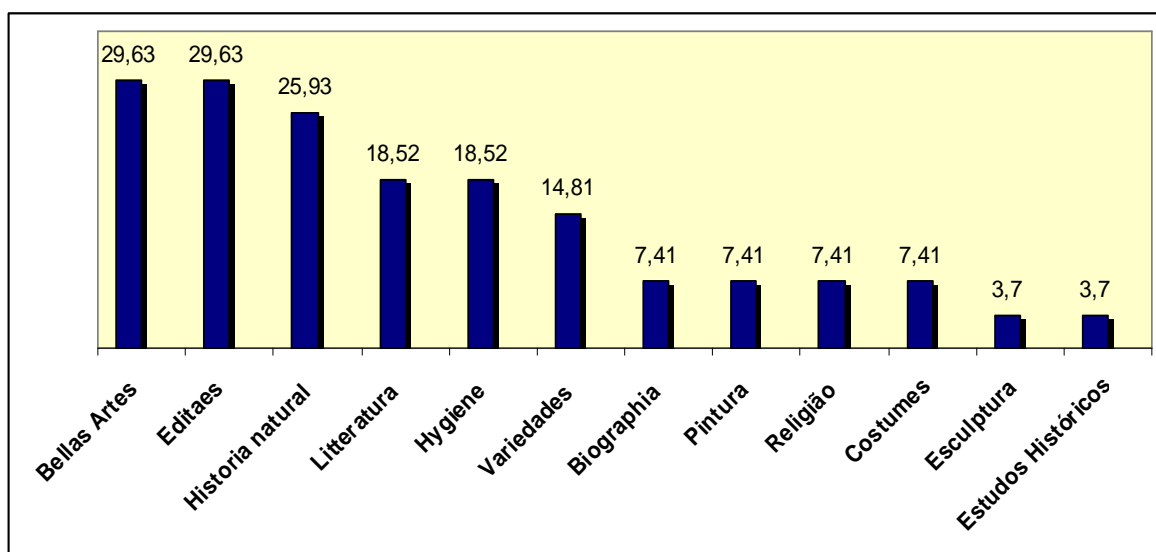
Já as seções que apresentaram menor incidência nas publicações, apesar de não se caracterizarem como “colunas fixas”, não eram menos importantes na concepção do periódico.

A análise sistemática da frequência das seções que compunham o *Monitor Sul-Mineiro* permitiu-nos comprovar a concepção de seu editor, Bernardo Saturnino da Veiga, ao idealizar a linha editorial do periódico, assim como a sua estratégia ao implantá-la: algumas colunas eram fixas e outras apresentavam um certo rodízio ou alternância, pois eram suprimidas em algumas edições e novamente veiculadas em edições posteriores.

Essa rotatividade de algumas seções conferia ao *Monitor Sul-Mineiro* um maior dinamismo, além de atribuir ao semanário a imagem de variedade sobre os temas abordados, evitando assim a previsível e constante repetição que poderia cansar o leitor.

Após a análise das publicações referentes ao 1º semestre de 1872, destacamos no gráfico a seguir, as colunas que apresentaram menor veiculação nesse período.

GRÁFICO 2 *Monitor Sul - Mineiro* – 1º semestre – 1872. Colunas que apresentaram menor frequência nesse período. Total: 27 Edições



Índices obtidos mediante análise do *Monitor Sul-Mineiro*, janeiro a junho de 1872.
Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort

Observando o gráfico 2, verificamos que em um universo de 27 edições analisadas, referentes ao primeiro semestre de 1872, apresentaram menor índice de veiculação as seções: *Bellas Artes* (29,63%), *Editaes* (29,63%), *Historia Natural* (25,93%), *Litteratura* (18,52%), *Hygiene* (18,52%), *Variedades* (14,81%), *Biographia* (7,41%), *Pintura* (7,41%), *Religião* (7,41%), *Costumes* (7,41%), *Esculptura* (3,7%) e *Estudos Históricos* (3,7%).

Alternando as seções (fixando algumas e suprimindo outras) em sua fase inicial, o *Monitor Sul-Mineiro* ajustava-se ao perfil dos seus leitores, ao mesmo tempo em que oferecia a eles a sua visão sobre a nova realidade que se apresentava na segunda metade do século XIX.

Direcionando a investigação ao segundo semestre de 1872, constatamos que foram veiculados 26 exemplares do *Monitor Sul-Mineiro*. Considerando a frequência das seções, destacamos no **QUADRO 5** as colunas que apresentaram maior veiculação nesse período.

QUADRO 5 *Monitor Sul-Mineiro* -Ano I - 2º semestre -1872. Colunas que apresentaram maior frequência nesse período. Total: 26 edições

Coluna	Veiculações- 2º semestre/1872
Ephemerides	26
Noticiario	25
Ineditoriaes	24
Folhetim	24
Anuncios	23
Mosaico	21
Poesias	14
Viagens	12
Historia natural	11

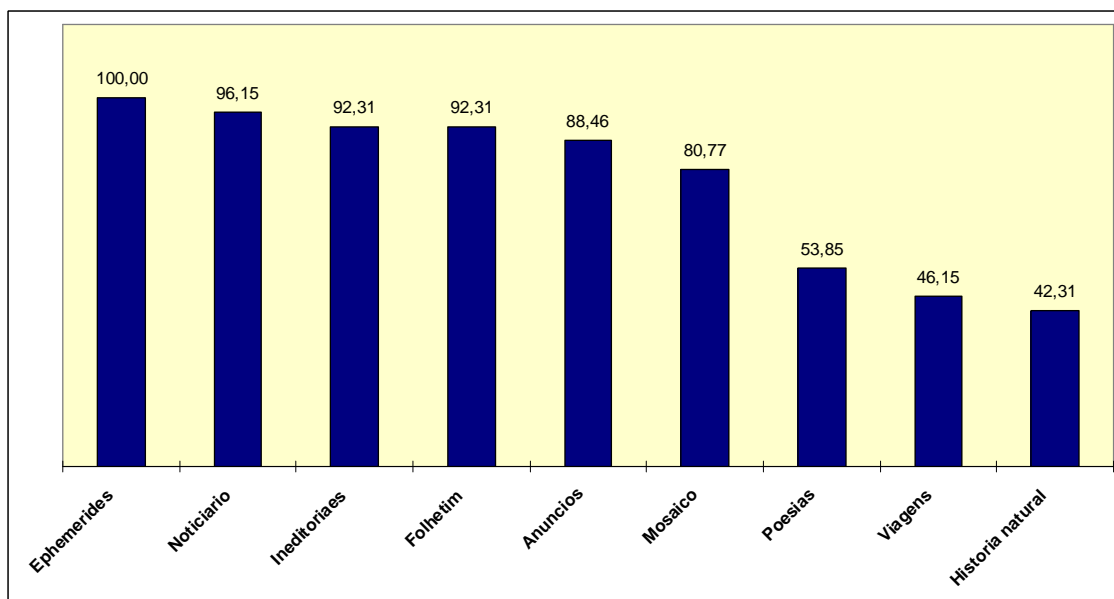
Dados obtidos mediante análise do *Monitor Sul-Mineiro*, julho a dezembro de 1872.
Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort

Pelos dados apresentados no quadro 5, destacamos as colunas com maior efetividade nas edições analisadas: *Ephemerides da Semana* (26 edições); *Noticiario* (25 edições); *Ineditoriaes* (24 edições); *Folhetim* (24 edições); *Anuncios* (23 edições); Mosaico (21 edições). As seções *Poesias* (14 edições); *Viagens* (12 edições) e *Historia Natural* (11 edições) completam a relação das colunas que apresentaram maior frequência editorial nos 26 exemplares do *Monitor Sul-Mineiro*, publicados no segundo semestre de 1872.

Esses índices foram obtidos tendo como referência a **Tabela 3**, que se encontra passível de verificação no **Anexo 4** da presente pesquisa.

De posse desses dados elaboramos o gráfico, a seguir, onde se explicita através de índices percentuais, as colunas que apresentaram maior frequência no *Monitor Sul-Mineiro*, no segundo semestre de 1872.

GRÁFICO 3 *Monitor Sul - Mineiro* – 2º semestre – 1872. Colunas que apresentaram maior frequência nesse período. Total: 26 Edições.



Índices obtidos mediante análise do *Monitor Sul-Mineiro*, julho a dezembro de 1872. Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort

Nesse universo de 26 edições semestrais, destacaram-se as colunas *Ephemerides* (100%), *Noticiário* (96,15%), *Ineditoriaes* (92,31%), *Folhetim* (92,31%), *Anuncios* (88,46%), *Mosaico* (80,77%), *Poesias* (53,85%), *Viagens* (46,15%) e *Historia Natural* (42,31%).

Ressaltamos que as seções *Ephemerides*, *Noticiário*, *Ineditoriaes*, *Anuncios*, *Mosaico*, *Poesias* e *Folhetim* apresentaram alto índice de veiculação nos dois semestres analisados.

No primeiro ano de existência do *Monitor Sul-Mineiro*, estas colunas já se configuravam como fixas. Convém ressaltar ainda que nos anos subsequentes, bem como durante toda a existência desse semanário, estas seções se mantiveram como permanentes e passaram a integrar a estrutura básica que compunha a linha editorial desse periódico.

Nesse espaço de tempo, que compreende o segundo semestre de 1872, analisando sistematicamente os 26 exemplares do *Monitor Sul-Mineiro*, através dos índices apresentados no **QUADRO 6**, observamos as seções que apresentaram menor incidência nessas publicações analisadas.

QUADRO 6 *Monitor Sul-Mineiro* -Ano I - 2º semestre -1872. Colunas que apresentaram menor frequência nesse período. Total: 26 edições

Coluna	Veiculações- 2º semestre/1872
Monumentos	9
Systema métrico	7
Variedades	5
Noticias das províncias	5
Exterior	5
Editaes	4
Litteratura	4
Colaboração	3
Instr. Popular	3
Jurisprudência criminal	2
Biographia	2
Pintura	2
Bellas Artes	2
Religião	1
Estudos Históricos	1
História sagrada	1
Bibliografia	1
Agricultura	1
Hygiene	-
Costumes	-
Esculptura	-

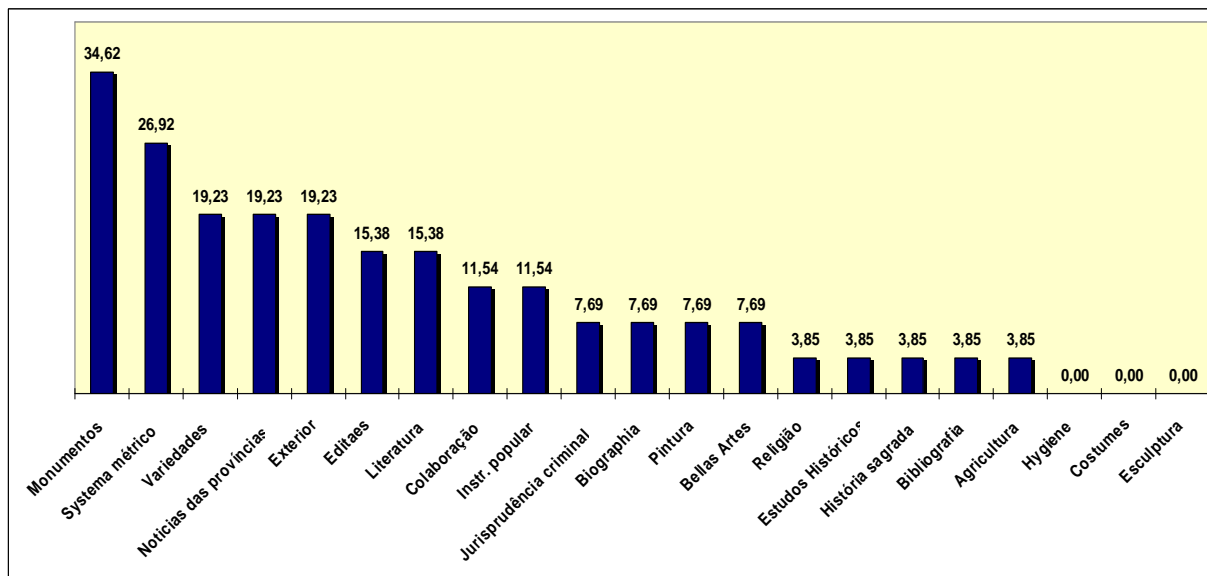
Dados obtidos mediante análise do *Monitor Sul-Mineiro*, julho a dezembro de 1872.
Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort

Constatamos menor incidência das seguintes seções: *Monumentos* (9 edições); *Systema métrico* (7 edições); *Variedades* (5 edições); *Noticias das Províncias* (5 edições); *Exterior* (5 edições); *Editaes* (4 edições); *Litteratura* (4 edições); *Colaboração* (3 edições); *Instrução popular* (3 edições); *Jurisprudência criminal* (2 edições); *Biographia* (2 edições); *Pintura* (2 edições); *Bellas Artes* (2 edições). Também apresentaram baixa frequência as colunas *Religião*; *Estudos Históricos*; *História sagrada*; *Bibliografia* e *Agricultura* as quais foram veiculadas apenas uma vez no período em questão.

Em contrapartida, não se verificou nenhuma incidência das seções *Hygiene*, *Costumes* e *Esculptura* nas 26 edições do *Monitor Sul-Mineiro* referentes ao segundo semestre de 1872.

Os dados apresentados no quadro 6 foram transpostos para índices percentuais conforme se evidencia no gráfico seguinte.

GRÁFICO 4 *Monitor Sul - Mineiro* – 2º semestre – 1872. Colunas que apresentaram menor frequência nesse período. Total: 26 Edições.



Índices obtidos mediante análise do *Monitor Sul-Mineiro*, janeiro a junho de 1872.
Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort

Destarte, evidenciamos as seções do *Monitor Sul-Mineiro* que apresentaram menor veiculação no segundo semestre de 1872. São elas: *Monumentos* (34,62%), *Systema Métrico* (26,92%), *Variedades* (19,23%), *Noticias das Províncias* (19,23%), *Exterior* (19,23%), *Editaes* (15,38%), *Litteratura* (15,38%), *Colaboração* (11,54%), *Instrução Popular* (11,54%), *Jurisprudência criminal* (7,69%), *Biographia* (7,69%), *Pintura* (7,69%), *Bellas Artes* (7,69%), *Religião* (3,85%), *Estudos Históricos* (3,85%), *História sagrada* (3,85%), *Bibliografia* (3,85%), *Agricultura* (3,85%).

Ratificando o que foi anteriormente destacado, as seções *Higiene*; *Costumes* e *Esculptura* não apresentaram índices percentuais porque não foram veiculadas no segundo semestre de 1872.

Os dados constantes no quadro 6, bem como os índices expostos no gráfico 4, foram obtidos a partir da Tabela 4. Para fins comprobatórios, a referida tabela compreende o **anexo 5** da presente pesquisa.

Apresentamos assim, por semestre, as seções que apresentaram maior e menor veiculação nesse primeiro ano de existência do *Monitor Sul-Mineiro* quando o periódico estabelecia as suas diretrizes e implantava a sua linha editorial.

Assim sendo, são oportunas algumas considerações após explicitarmos esses índices.

Atendo-nos a dados comparativos, se considerarmos os quadros 4 e 6 que apresentaram a síntese das colunas com menor incidência no primeiro e no segundo semestre de 1872, reiteramos que algumas seções como *Bellas Artes*, *Editaes*, *Historia Natural*, *Litteratura*, *Variedades*, *Biographia*, *Religião* e *Estudos Históricos* apresentaram baixa frequência na linha editorial desse periódico. No primeiro semestre elas constaram na relação das colunas menos editadas e se mantiveram nesse mesmo patamar no semestre subsequente, não apresentando, portanto, variação significativa.

Entretanto, analisando o quadro 6, podemos ressaltar três novas ocorrências peculiares diretamente relacionadas à linha editorial do *Monitor Sul-Mineiro* nesse ano inaugural. A coluna *Monumentos*, que no primeiro semestre integrava a relação das seções mais veiculadas (conforme atesta o quadro 3) passou, no segundo semestre, a figurar entre as que apresentaram menor constância nas páginas do semanário, justificando assim a sua inclusão no quadro 6.

Semelhante condição foi verificada com a seção *Instrucção popular*, relacionada entre as colunas mais veiculadas no primeiro semestre e incluída no quadro 3. Entretanto, por apresentar baixa frequência editorial no segundo semestre de 1872, passou a integrar o quadro 6, que aponta as colunas que apresentaram menor veiculação nesse período.

A análise sistemática do quadro 6 referente às seções do *Monitor Sul-Mineiro* que apresentaram menor veiculação, no segundo semestre de 1872, também nos permite comprovar a inclusão de novas colunas, que passariam a integrar - ainda que em menor escala - a linha editorial do periódico. É facilmente perceptível a inclusão de novas colunas, por parte de Bernardo Saturnino da Veiga, tais como: *Systema métrico*; *Noticias das Províncias*; *Exterior*; *Colaboração*; *Jurisprudência criminal*; *História sagrada*; entre outras.

Conforme já ressaltamos, a inclusão ou exclusão de algumas seções compreendiam o caráter experimental adotado por Bernardo Saturnino da Veiga, nesse primeiro ano de existência do *Monitor Sul-Mineiro*, à medida que imprimia uma dinâmica especial ao periódico e também moldava a sua gazeta às exigências do público leitor.

Confrontando os quadros 3 e 5, que correspondem à síntese das seções do *Monitor Sul-Mineiro*, que apresentaram maior frequência de veiculação no primeiro e no segundo semestre de 1872, respectivamente, podemos comprovar que a coluna *Ephemerides da Semana* foi a que apresentou maior regularidade nos dois semestres analisados. As seções *Noticiario*; *Anuncios* e *Mosaico* também mantiveram alto índice de veiculação.

A coluna *Poesias* apresentou pequena oscilação negativa (de 18 para 14 edições); ao passo que registraram ascendência as colunas *Ineditoriaes* (de 16 para 24 edições); e *Folhetim*

(de 11 para 24 edições) se considerarmos uma análise comparativa entre os dados apresentados nos quadros 3 e 5.

Constata-se também através dessa análise comparativa que a coluna *Instrução Popular* apresentou a maior oscilação descendente visto que, no primeiro semestre de 1872, foi relacionada no quadro 3 e figurava entre as seções que apresentaram maior frequência nesse período analisado. No entanto, no segundo semestre de 1872, em um universo de 26 exemplares do *Monitor Sul-Mineiro*, a coluna supracitada foi veiculada em apenas 3 edições, passando, portanto a integrar a relação das colunas com menor frequência editorial nesse período, conforme atesta o quadro 6.

A análise sistemática das seções que integraram o *Monitor Sul-Mineiro* nesse seu ano inaugural viabilizou o registro da variação apresentada (maior e menor frequência) por essas colunas nas edições atinentes ao ano de 1872. Observou-se, ainda, a inclusão ou supressão de seções nessa fase embrionária – ou experimental – do periódico, permitindo, dessa forma, a compreensão da dinâmica empreendida por Bernardo Saturnino da Veiga ao conceber a sua gazeta.

Ao concluir a análise dos quadros referentes às seções que compuseram a estrutura do *Monitor Sul-Mineiro*, em sua fase inicial, apresentamos a síntese da apreciação até aqui empreendida, considerando a frequência dessas colunas nas 53 edições que foram veiculadas no ano de 1872.

QUADRO 7 Monitor Sul-Mineiro -Ano I -1872. Frequência das colunas veiculadas nesse período. Total Anual: 53 edições

Coluna	Veiculação anual/1872
	Edições:53
Ephemerides	53
Noticiário	52
Anúncios	50
Mosaico	44
Ineditoriaes	40
Folhetim	35
Poesias	32
Viagens	22
Monumentos	21
História natural	18
Inst. popular	14
Editaes	12
Bellas Artes	10
Litteratura	9
Variedades	9
Systema métrico	7
Noticias das provincias	5
Variedades	5
Exterior	5
Hygiene	5
Biographia	4
Pintura	4
Religião	3
Costumes	2
Jurisprudência criminal	2
Esculptura	1
Estudos históricos	1
Agricultura	1
Bibliografia	1
História sagrada	1

Dados obtidos mediante análise do *Monitor Sul-Mineiro*, janeiro a dezembro de 1872.
Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort

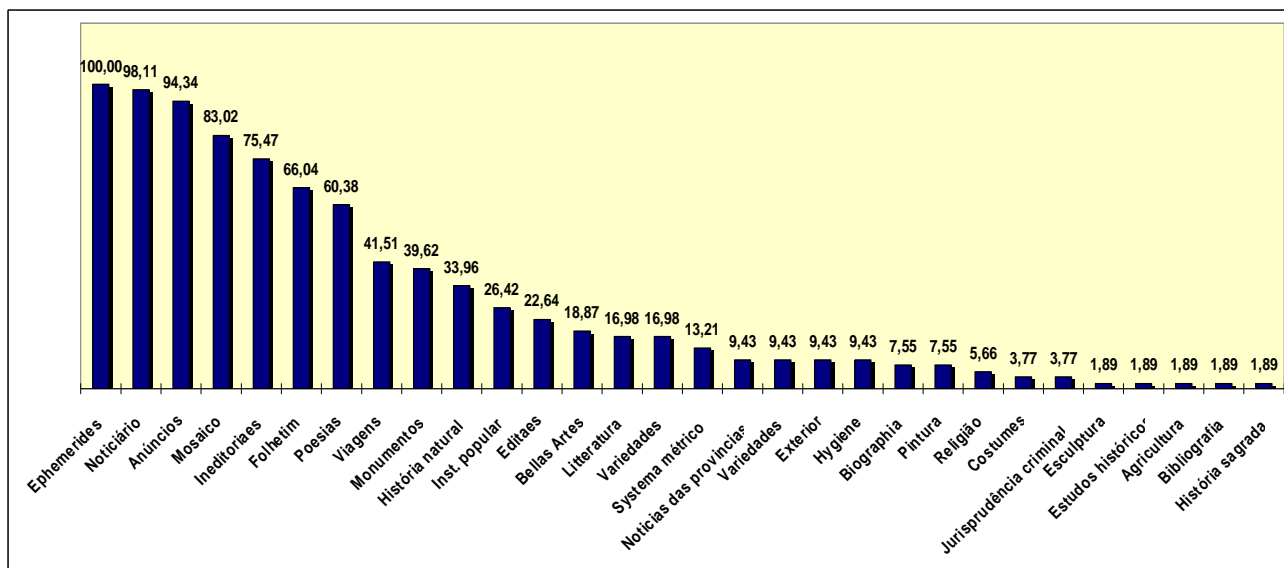
De posse dos dados expostos no Quadro 7, podemos observar a variedade de seções e, por consequência, os diferentes temas que integraram a proposta editorial do *Monitor Sul-Mineiro*, em sua fase incipiente.

Justifica-se a grande diversidade de temas e seções, pois Bernardo Saturnino da Veiga ainda “moldava” a sua gazeta à expectativa dos leitores, nesse ano inaugural.

Conclui-se também que *Ephemerides*, *Noticiário*, *Anúncios*, *Mosaico*, *Ineditoriaes*, *Folhetim*, *Poesias*, *Viagens* e *Monumentos* foram as seções que apresentaram maior índice de veiculação nesse primeiro ano de existência do *Monitor Sul-Mineiro*. Em contrapartida, *Variedades*, *Exterior*, *Hygiene*, *Biographia*, *Pintura*, *Religião*, *Costumes*, *Jurisprudência criminal*, *Esculptura*, *Estudos históricos*, *Agricultura*, *Bibliografia* e *História sagrada* foram as colunas com menor índice de veiculação nas 53 edições do *Monitor Sul-Mineiro*, no ano de 1872.

Destacamos a dinâmica apresentada na linha editorial desse semanário oitocentista, que ainda no seu primeiro ano de existência buscava se consolidar junto à sociedade campanhense, bem como em toda a região sul mineira.

GRÁFICO 5 *Monitor Sul - Mineiro* – Ano I – 1872. Freqüência das seções no período. Total anual: 53 Edições.



Índices obtidos mediante análise do *Monitor Sul-Mineiro*, janeiro a dezembro de 1872.
Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort

É conveniente ressaltar que os índices expostos no **gráfico 5** foram obtidos a partir da elaboração e análise sistemática da **Quadro 7**, da presente pesquisa.

Ao analisar as colunas que integraram esse veículo de comunicação da segunda metade do século XIX, registramos as seções que se tornaram fixas e passaram a compor a

“espinha dorsal” do periódico. Em contrapartida, delineamos também as seções com maior oscilação quanto à frequência editorial, visto que ora eram recorrentes, ora apresentavam menor incidência.

Nesse ano de 1872, em sua fase ainda embrionária, o *Monitor Sul-Mineiro* buscava sua auto-afirmação e, através de Bernardo Saturnino da Veiga - o seu redator, editor e proprietário - era moldado às exigências daquele público, à medida que fixava ou alternava seções, imprimindo, assim, ao semanário uma dinâmica especial que lhe garantiria uma longevidade de 45 anos.

5.4 Nos editoriais, a identidade do Monitor Sul-Mineiro e a gênese de um discurso

A análise dos editoriais do *Monitor Sul-Mineiro*, de 1872, bem como a apreciação da linha editorial adotada por esse semanário oitocentista, permite evidenciar a tentativa de implantação de um discurso idealizado pela elite cultural de Campanha, representada pela família Veiga, mais especificamente, Bernardo Saturnino.

Segundo Bourdieu (1982, p. 174), a competência de um discurso, sua razão de ser e sua eficácia não reside simplesmente no seu aspecto lingüístico de propriedade e correção, mas antes “no lugar socialmente definido a partir do qual ele é proferido”.

Consideramos que, em Campanha, esse lugar social se configurava ao conjecturar que após viver um período de prosperidade e opulência advindas da mineração, a cidade havia perdido a influência econômica e política. Era, portanto, imperioso resgatar não somente o prestígio perdido, mas também a motivação daquela povoação, conclamando-a a enfrentar os desafios impostos pela nova realidade do século XIX, que preconizava o progresso, a urbanização e a educação como fatores essenciais para aferir o desenvolvimento e o nível civilizatório de um povo.

Configurado o “lugar social”, o qual justificaria a implantação do discurso articulado por esse grupo intelectual, define-se também o espaço onde um conjunto de forças disputa o poder, bem como o limite entre o dizível e o indizível.

Para Foucault (2008a), é preciso considerar o discurso nas suas condições de produção, considerá-lo limitado por procedimentos de controle e delimitação, que se apresentam tanto de modo interno (como exclusão), como de modo externo (como classificação, ordenação e distribuição).

Ao considerar o discurso veiculado no *Monitor Sul-Mineiro*, especialmente nos seus editoriais, evidencia-se a análise de uma ação social, a decodificação de uma atuação política

e, sobretudo, o desvelamento de um discurso que preconiza o poder enquanto objeto de desejo, conforme atesta Foucault: “(...) a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é somente aquilo que traz lutas ou sistema de denominação, mas aquilo por que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2008a, p.10)

O pensamento foucaultiano se faz pertinente quando evidenciamos no *Monitor Sul-Mineiro* a gênese de um discurso que irrompe, caracterizando a ideologia de um grupo social.

O periódico em questão não apenas respaldaria o ideal manifesto na alocução dessa elite campanhense, mas também seria o suporte onde a escrita se inscreveria, tornando-se, assim, o canal onde se efetivaria a materialidade do discurso de Bernardo Saturnino da Veiga, fiel representante desse grupo cultural.

Ao compor o periódico e constituir a proposta editorial do semanário Bernardo Saturnino da Veiga deu ênfase aos editoriais, organizou as seções consideradas “úteis” àquela povoação, estabeleceu diretrizes políticas e ideológicas, além de selecionar as informações necessárias à aquisição dos saberes essenciais para atingir o ideal de cultura e progresso, tão em voga na segunda metade do século XIX.

Evidenciamos que Bernardo da Veiga preocupou-se em “moldar” o discurso aos seus próprios interesses, visto que detinha o poder de veicular o pensamento impresso. Assim sendo, visando aos objetivos que levaram-no à criação do *Monitor Sul-Mineiro* cabia-lhe selecionar, organizar e controlar os mecanismos de produção do discurso, de forma que justificassem a sua materialidade, ou seja, os princípios com os quais corroboravam.

Foucault (2008b) desnuda a ideologia de apropriação do discurso, ao afirmar que

(...) em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2008a, p. 8-9).

Particularmente, o *Monitor Sul-Mineiro* tornou-se o suporte do discurso de uma elite e o principal instrumento na implantação de um projeto civilizador pautado em propósitos estabelecidos por um grupo dominante.

Através do periódico em questão - especialmente através dos seus editoriais - esboçava-se a gênese de um discurso impregnado dos valores de um grupo social que, ao fazer uso da imprensa, estabeleceu a sua concepção de pensamento “adequado” àquele momento histórico, político e social do século XIX.

Em tese, a elite campanhense almejava o progresso coletivo daquela urbe, a qual estava condicionada à aquiescência de um discurso e, por extensão, à cristalização de uma consciência de indivíduo integrado àquele momento histórico.

Em termos práticos, tais princípios não se efetivariam. Ressaltamos que a análise da alocação adotada pelo *Monitor Sul-Mineiro* permite afirmar que havia a tentativa de instauração de uma aparente ideologia de progresso e desenvolvimento, bem como a construção de um discurso que se dizia “novo”, mas - em sua essência – vinculava-se aos ideais conservadores de dominação e manutenção da ordem política, econômica e social vigente.

Nesse antagonismo entre aparência e essência, ressaltamos que não havia um “novo discurso”, mas sim a alocação oficial proveniente da corte, da nobreza, da elite.

Bernardo Saturnino da Veiga pressupunha implantar uma verdade, através de um discurso que objetivava camuflar suas reais intenções, ao apresentar-se como “novo” ainda que, em sua essência, estivesse carcomido pelos ideais conservadores.

O discurso nada mais é do que a reverberação de verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar a interioridade silenciosa da consciência de si (FOUCAULT, 2008a, p. 49).

Para Foucault (2008a) há em todo discurso uma “vontade de verdade”, que manifesta em si o desejo de classificar essa alocação como verdadeira.

Todas essas questões relativas ao discurso implementado pelo *Monitor Sul-Mineiro* remetem à concepção do periódico ao conjecturar a sua linha ideológica, a qual era imbuída pelo objetivo de elevar aquela sociedade oitocentista ao patamar de progresso e civilização a que esse grupo social aspirava, através da instauração de um discurso “aparentemente novo”, mas corroído pela ideologia de um grupo dominante. Não havia, portanto, um novo discurso ou uma nova verdade. Ao contrário, havia um discurso ideológico e conservador que era mascarado pelo ideário de originalidade e de modernidade e moldado aos interesses de uma elite que ambicionava manter a sua supremacia.

5.4.1 O programa político e ideológico do Monitor Sul-Mineiro

Corroborando para identificar o perfil ideológico desse semanário, no editorial da primeira edição, Bernardo Saturnino da Veiga justifica o surgimento de sua gazeta e, por

analogia, ressalta o renascimento da esperança e da crença no progresso, visto que o seu periódico se colocava abertamente como um instrumento dessa causa.

Portanto, o *Monitor Sul-Mineiro* se apresentava como o “redentor” daquela urbe.

Nova tentativa em favor do progresso desta terra.
 - Surge o Monitor Sul-Mineiro!
 Surgem com elle renascidas aspirações, esperanças queridas, crenças ardentes.
 Aspirações de espiritos devotados à patria.
 Esperanças que o infortunio não mirrou.
 Crenças que reflorescem (MONITOR SUL-MINEIRO, 1872, p. 2).

Diante do quadro de letargia pela qual atravessava a sociedade campanhense, outrora progressista, mas naquele contexto do século XIX, ofuscada pela decadência econômica, Bernardo Saturnino da Veiga e a sua gazeta colocavam como a única possibilidade de redenção daquela sociedade.

Nas suas palavras: “*Nova tentativa em favor do progresso desta terra.- Surge o Monitor Sul-Mineiro!*”, evidencia-se o caráter messiânico ou mesmo profético que o jornalista encerra nesses dizeres. Bernardo atribui a ele e, por extensão ao seu periódico, a “redenção” daquela urbe, qualificando-a ao progresso e à civilização.

Explicita-se através desses dizeres a tentativa de se estabelecer o discurso de uma elite, o qual é constituído pela intenção de se implantar os mecanismos de coerção e de legitimação do poder estabelecido por um grupo dominante.

Na verdade, através dessa “apresentação”, o jornalista se qualifica à missão a ser empreendida. Conjeturamos que Bernardo da Veiga não traduzia os ideais populares e, tampouco, poderia representar tal segmento social, visto que o seu discurso estava em sintonia com a elite econômica e cultural.

Ressaltamos também que a oratória de Bernardo da Veiga configura a irrupção de uma alocação que visava estabelecer procedimentos que possibilitassem o controle sobre os demais discursos.

Sobre a aspiração da classe dominante em estabelecer ou impor - pela coerção - um discurso estabelecido, a crítica de Foucault é contundente:

(...) define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinado tipo de enunciados; define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção (FOUCAULT, 2008a, p. 39).

Para Foucault (2008a) as formações discursivas possuem as suas regras e constroem redes de significação transitórias na subjetividade das pessoas. Quando surge uma nova formação, conseqüentemente, com novas regras, ela não aparece de uma só vez, mas em “fragmentos”, com o deslocamento e a reativação de antigos elementos, os quais subsistem sob as novas regras. São elas que liberam e restringem as condições de funcionamento e o campo dos novos discursos.

Campanha, no contexto da segunda metade do século XIX, constituía um espaço aberto aos dizeres, com a profusão de idéias e de discursos. E, nesse campo de “batalhas discursivas”, Bernardo Saturnino da Veiga, alude à idéia de que ele poderia representar aquela população.

Para Foucault (2008a) ninguém entra na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo.

Certamente, Bernardo da Veiga não estaria qualificado para representar as camadas populares naquela urbe, como ele preconizava em sua oratória. O jornalista era um legítimo e autêntico representante do grupo econômico e social no qual se inseria a família Veiga.

Consideramos contraditória a alocação do jornalista que, após qualificar-se à missão “redentora” daquela povoação, reconheceu o momento crítico e os entraves que dificultavam o progresso da cidade, ressaltando também que tais dificuldades eram efêmeras e, portanto, seriam suplantadas. Caracterizamos, assim, a intencionalidade do discurso que visava convencer os leitores, apesar de ideologicamente contraditório.

O jornalista utiliza-se de expressões antagônicas para desnudar ao seu leitor a situação crítica pela qual a cidade de Campanha atravessava. Através de antíteses, tais como: *bulcão*, *turva*, *negrume x luminosa*, *cintila*, *estrela*, Bernardo Saturnino reconhece o momento adverso e se coloca, juntamente com a sua gazeta, disposto a reverter essa situação, acenando com um lampejo de esperança em um novo tempo onde, a seu ver, seria revertido o quadro de “trevas” com o qual a cidade se deparava. Superadas as dificuldades, ressurgiriam as luzes que no passado fizeram cintilar a Athenas sul mineira.

O bulcão, que turva o horisonte, vela a face luminosa de Vesper.
 Mas, a viração sopra – sibila o vento no espaço.
 Prestes desaparece o negrume.
 E de novo scintilla soberana a estrella da tarde.
 O bulcão é ephemero, - eterno o planeta.
 Quis Deos tambem que fossem.
 Eterna a esperança no coração dos fortes;
 Vencedores os que trabalham, inspirados na virtude
 (MONITOR SUL-MINEIRO, 1872, p. 2).

Bernardo Saturnino antevia as possíveis rejeições ao seu discurso demagógico ou as prováveis críticas dos opositores e a eles se dirigiu enfatizando o egoísmo e a indiferença que prevaleciam em suas atitudes.

A seu ver, fazia-se necessária a revitalização da cidade através da urbanização, do progresso e da civilização, bem como a reformulação da sociedade através do esforço individual e das ações coletivas. Assim, o jornalista conclama os seus leitores ao grande desafio patriótico de construir naquele contexto, o futuro daquela sociedade diante da nova realidade do século XIX.

Talvez sorriem os incredulos.
 Motejarão por ventura os indifferentes.
 E, quiçá farão com elles coro positivistas e ignorantes.
 (...) Impotentes os que não creem e os egoistas;
 Impotentes os ociosos e os parvos;
 (...) Trabalharemos com esperança.
 Será nosso phanal a felicidade e o voto de nossos concidadãos.
 A' estes pertencerá todo o fructo que o futuro sazonar nesta arvore da imprensa.
 É no futuro que paira o espirito dos que amão a patria.
 (MONITOR SUL-MINEIRO, 1872, p. 2-3).

Analisando a linha editorial adotada pelo *Monitor Sul-Mineiro*, bem como o discurso que esse grupo intelectual pretendia arraigar, percebemos que, ao se dirigir por diversas vezes a seus opositores (ou prováveis focos de resistência à alocação proposta pelo jornalista), Bernardo Saturnino expõe um embate que seria travado através da imprensa até que o seu projeto de progresso e civilização fosse assimilado por aquela povoação. Ou seja, o periodista antevia um embate ideológico naquele espaço onde um conjunto de forças disputava o poder.

Porém, quando nos referimos ao poder que se almeja instituir em um determinado “lugar social”, a partir de uma motivação centrada no contexto histórico e político, ressaltamos o pensamento foucaultiano ao romper com as concepções clássicas deste termo.

Para o pensador francês, o poder não pode ser localizado apenas em uma instituição ou no Estado. Segundo Foucault (1996, p. 183), o poder não pode ser compreendido como uma força compacta e homogênea de dominação de um indivíduo ou de um grupo. Para ele, o poder funciona e se exerce em ramificações ou em “redes”. Portanto, é difuso, está em todas as partes, circula entre todos os indivíduos e só funciona em cadeia. Nessa “malha” que se estabelece, os indivíduos não só circulam, mas se colocam em condições de exercer o poder ou sofrer a sua ação, estabelecendo assim, uma relação de forças.

(...) não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder (...) não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está em mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer a sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (FOUCAULT, 1996, p. 183).

Nesse contexto, a partir da ótica foucaultiana, é que destacamos a ação de Bernardo Saturnino da Veiga, ao tentar instituir o seu discurso através das páginas do *Monitor Sul-Mineiro*.

Antevendo as críticas ou opositores, nos primeiros editoriais, ele conclama aquela população a aderir às suas idéias, visto que ao perpassar ou circular o seu discurso entre os leitores - com a conseqüente aceitação dos mesmos -, acima de tudo, era o poder daquela elite cultural que se legitimava.

Apossamo-nos do pensamento de Ribeiro (2005) para compreender aquele momento vivenciado em Campanha, no século XIX, quando sugiu o *Monitor Sul-Mineiro* e a relação entre imprensa, discurso e poder estabelecido. Segundo a autora, ao registrar os fatos e inserir-se no cotidiano, os meios de comunicação engajam-se em operações discursivas de seleção e de atribuição de sentidos, orientadas por mecanismos ideológicos que lhes são próprios e lhes conferem o poder.

Por extensão, reiteramos o pensamento de Foucault (1995) que destaca o exercício do poder como a forma de “conduzir condutas” ou o meio de “estruturar o eventual campo de ação dos outros”:

[o exercício do poder] é um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo da possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre uns ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações. eles (FOUCAULT, 1995, p.p 243-244).

A partir desse contexto foucaultiano, destacamos o redator do *Monitor Sul-Mineiro*, ainda no editorial da edição inaugural, ao citar as intenções que motivaram a criação do seu

periódico. Evidencia-se a posição privilegiada que Bernardo Saturnino ocupava junto àquela sociedade e o poder que lhe era conferido através do exercício da atividade impressa.

Utilizando-se de um discurso doutrinário, ele expôs que o seu semanário foi concebido com o objetivo de “*avisar, ensinar e admoestar*” e, mais uma vez, adverte os opositores nessa batalha por ele encampada. O seu discurso deveria convencer e ser aceito:

Si julgaes mesquinho o trabalho à que nos propomos, e pequena a offerenda que vos mettemos, não a recuzeis – que não é profana a intenção que a dita.
Ninguém censure o nome de nossa folha, que não foi inspirado por nenhum sentimento de orgulho ou pretensão.
Para avisar, para ensinar e para admoestar, não é preciso ser-se mimoso da fortuna.
Deos, que conhece as intenções que determinarão a criação do *Monitor Sul-Mineiro*, que o guie na senda que deve trilhar, e se em sua marcha elle encontrar o desprezo de uns, e o escarneo de outros... que elles escutem as palavras de Christo:
“Perdoai-lhes, Senhor, que elles não sabem o que fazem.”
(MONITOR SUL-MINEIRO, 1872, p. 2-3, grifos meu).

Bernardo Saturnino da Veiga era um autêntico representante da elite campanhense e participava ativamente das questões sociais e culturais, bem como dos embates políticos, além de defender um modelo de ilustração àquela sociedade como forma de acesso à modernidade e à civilização. Politicamente, era fiel às idéias monarquistas.

Reproduzindo a ideologia política do seu proprietário, diretor e editor, o *Monitor Sul-Mineiro* absorveu em seu programa político e ideológico, ainda que demagogicamente, esse ideário de progresso e civilização. O periódico assumiu um posicionamento de moderação, sendo identificado como um jornal com características conservadoras, apesar do caráter inovador pretendido por Bernardo Saturnino da Veiga.

A política de “moderação” pode ser verificada pelo “tom conciliador” adotado em determinadas questões políticas como o desmembramento do sul de Minas.

Aludimos, porém que por detrás desse aparente “comedimento”, embutia-se um discurso separatista, conservador e, sobretudo, segregador. Ocultava-se o não compartilhamento das riquezas da região sul mineira que, na ótica do jornalista, seriam restritas à nova província, ou seja, sob o pleno controle daquele grupo dominante que postulava os ideais separatistas.

O caráter moderado ou conservador desse semanário não o impediu de defender os ideais de modernização, em que adotou um discurso progressista ao propor não apenas a veiculação de notícias, sobretudo, um projeto de ilustração da sociedade, através do acesso à cultura e à educação, consideradas como requisitos à civilização de um povo.

Compreendemos que esse discurso apresenta caráter segregador, pois ao valorizar o exercício da cultura e a aquisição do saber pela prática da leitura como fatores de distinção, em uma sociedade majoritariamente analfabeta e sem direito de acesso ao letramento, configura-se uma alocação essencialmente contraditória.

Reiteramos que, inversamente a que Bernardo da Veiga alardeava, o seu projeto civilizador apresentava como meta civilizar a elite (que tinha acesso à alfabetização) e não o povo (que além de não saber ler, não tinha acesso ao letramento).

Percebemos que, mesmo consciente da natureza política dos seus propósitos, o editor desse periódico fez questão de ressaltar, já nos editoriais das primeiras edições, a sua desilusão com a política – especialmente, a partidária.

– Inteiramente alheio às lutas incandescentes dos partidos, o *Monitor Sul-Mineiro* aspira também, em humilíssima esfera embora, esse apostolado caridoso de quem prefere à glória faustosa das pugnas cruentas, o contentamento íntimo do obscuro missionário, na evangelização da verdade e na apoteose do dever.

Pobre mas fraternal asylo à todos os desiludidos da política, essa esphinge terrível que tem devorado a flor de nossa mocidade, esta folha não pretende, não pretenderá jámais convidar à indiferença os espiritos. Fora isto um erro deploravel, por ventura um delicto de leso-patriotismo.

O que desejamos é convencer os reluctantes, de que fóra dos gremios politicos também se pode servir ao paiz, o que cumpre dirigir melhor as intelligencias, em excesso identificadas com as polemicas partidarias, de que poucos, bem poucos beneficios tem auferido a Nação (MONITOR SUL-MINEIRO, 1872, p. 3).

Teoricamente, os propósitos de Bernardo Saturnino da Veiga suplantavam as ideologias partidárias, ainda que a consolidação dos mesmos dependesse de atitudes e iniciativas políticas. Mascando seus objetivos políticos e objetivando tranquilizar os sectários das idéias conservadoras e os seguidores das causas liberais para a natureza superior de sua empreitada, Bernardo Saturnino conclama-os à paz e à confiança no futuro independente da ideologia partidária, visto que, a seu ver, os ideais políticos encontravam-se alicerçados sobre o círculo vicioso dos partidos e contaminados pela corrupção.

Podem ficar tranqüilas as phalanges conservadora e liberaes; não hasteamos flamula de guerra: – sobraçamos a bandeira branca da paz, bandeira de confraternidade e de esperança, que esquece o passado, porque o passado memóra recriminações; que aceita o presente apenas como uma promessa de felicidade porvir, e que confia no futuro – porque a perfectibilidade do homem é uma lei providencial. Desprendida do circulo vicioso dos partidos, nesta época em que o bom senso nacional dezerta a politica, porque a política se ostenta eivada de corrupção, nossa folha aspira contribuir com o contingente de seus esforços para a propaganda civilisadora que se traduz n'uma palavra luminosa: emancipação (MONITOR SUL-MINEIRO, 1872, p. 3).

O editor do *Monitor Sul-Mineiro*, já nas primeiras edições, traz à luz o argumento de que acima de paixões ou ideologias políticas deveria prevalecer um ideal maior a ser conquistado: a elevação moral e intelectual da sociedade.

Destarte, completando o pensamento exposto nessa primeira publicação do *Monitor Sul-Mineiro*, a edição seguinte, veiculada a 07 de janeiro de 1872, reitera os ideais de cultura, educação, progresso e civilização, encampados por esse semanário, além de aludir às necessidades imediatas daquela urbe, considerando-as essenciais e pré-requisitos ao almejado desenvolvimento.

Instrucção publica, colonisação, meios de transporte rapidos e baratos, – são evidentemente os principaes reclamos de nossa sociedade, – questões de vida e morte para o paiz. O governo que, identificando-se com ellas, mais se avantajjar neste sentido, será o de melhor política; – o cidadão que por taes melhoramentos mais se esforçar; o maior patriota (MONITOR SUL-MINEIRO, 1872, p. 3).

Evidenciamos, mais uma vez, no discurso de Bernardo Saturnino da Veiga, a pretensa dissimulação dos seus propósitos políticos. O jornalista queria “fazer crer” que nutria o intuito de não se enveredar pelos caminhos da política, visto que a julgava corrompida e responsável pela decadência e inércia vivenciadas naquela sociedade.

Basta de illusões; é tempo de reflectir. Renunciemos todos, por uma vez, às subtilezas e argucias de estereis polemicas, freqüentemente saturadas de recriminações e odios – e tracemos, com o estylete do patriotismo, novo roteiro à actividade dos espiritos:

– EM VEZ DO TRABALHO DA POLITICA, A POLITICA DO TRABALHO.

Esta será a divisa do *Monitor*.

No intuito de proclamar-a, acudimos á imprensa, que, na frase de Laboulaye, é o thermometro da civilisação de um povo e a expressão genuina do pensamento social (MONITOR SUL-MINEIRO, 1872, p. 3).

Nesse mesmo editorial veiculado no dia 07/01/1872, nº 2, p.3, O jornalista expressou também o intuito de não se envolver em polêmicas que não fossem edificadoras e elegeu o patriotismo e a disposição para o trabalho como as molas propulsoras do seu projeto de ilustração daquela população. Segundo o proprietário do periódico, essa seria a principal divisa do *Monitor*, ou seja, um instrumento que levaria a luz, a instrução e a informação àquela sociedade, sem se desviar do seu ideal, em detrimento de embates políticos.

Notoriamente, essa alocução do jornalista é revestida pelo caráter contraditório quando consideramos os reais interesses de Bernardo da Veiga que almejava “civilizar” a própria elite em que se inseria e prepará-la para assimilar o seu discurso separatista e, dessa forma, proclamar a autonomia da província sul mineira.

Se considerarmos o contexto histórico em que foi criado o *Monitor Sul-Mineiro* (1872), vislumbramos um período de efervescência política, visto que 16 anos depois seria abolida a escravidão, além da proclamação da república que se efetivaria 17 anos depois do surgimento desse semanário editado por Bernardo Saturnino da Veiga. Os movimentos abolicionistas, assim como os ideais republicanos se intensificavam e estavam na ordem do dia, no contexto em que foi criado o *Monitor*.

Evidentemente, seria inevitável que um periódico não recorresse a temas políticos face às transformações ocasionadas pelas novas idéias originadas nas últimas décadas do século XIX. Se, inicialmente, o intuito do jornalista era não se ater às questões políticas, podemos afirmar que o *Monitor Sul-Mineiro* não se manteve à margem desses fatos, visto que o seu editor desenvolvia intensa atividade social e política naquela cidade, portanto seria inconcebível a sua omissão diante dos assuntos relacionados a esse tópico.

Segundo Gramsci (2001), o intelectual não constitui camadas externas às lutas sociais, culturais e políticas. Ao contrário, ele se caracteriza pelo imiscuir-se nas diferentes esferas da vida societária. E o jornalismo, por extensão, passou a exercer um espaço profícuo no processo de constituição de novos modos de pensar, de agir, de sentir e de ser.

Sendo assim, apesar de afirmar o contrário, Bernardo da Veiga se enveredou pelos caminhos da política, especialmente ao defender e provocar o debate aos temas que eram convenientes à defesa dos seus propósitos e os do elite econômica e cultural que ele defendia.

Sendo assim, nesse ano inaugural do semanário - bem como nos subseqüentes - Bernardo Saturnino já acenava com editoriais críticos, de cunho político, onde destacou a falta de escolaridade e de cultura da população, a necessidade de uma política para implementar a indústria na região assim como a agricultura, já que eram as alternativas viáveis ao desenvolvimento daquela povoação, depois da decadência da mineração e, como não poderia deixar de destacar: a questão do separatismo.

Editoriais como “Correios” (16/06/1872), “Iniciativa individual” (08/09/1872), “O poder da vontade” (20/10/1872), “Agua thermaes de Caldas” (22/12/1872), “Um imposto injusto” (26/01/1873) e uma seqüência direcionada à agricultura, tais como: “Agricultura I, II, III, IV, V, VI” (do dia 07/01/1872 a 17/03/1872), depois uma nova seqüência de editoriais intitulados “Nossa Lavoura I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII” (do dia 24/11/1872 a 09/03/1873), onde foi feita uma abordagem sobre a situação dos agricultores e da lavoura de batata, café, algodão, cana, já explicitavam que o *Monitor Sul-Mineiro* não excluiria os temas políticos, ainda que o seu proprietário afirmasse, contraditoriamente, que esse semanário não se enveredaria pelos caminhos da política.

Outros temas polêmicos, naquele contexto histórico e político, também estamparam os editoriais do *Monitor Sul-Mineiro*, a saber: “Nossas prisões” (18/08/1872); “A política I” (23/03/1873), “A política II” (30/03/1873) e “Nossas estradas” (19/12/1874).

Nos anos iniciais, a maior abordagem de cunho explicitamente político estampada nos editoriais do *Monitor Sul-Mineiro* referia-se aos ideais separatistas, encampados pela família Veiga. Era latente o desejo de Bernardo Saturnino da Veiga em proclamar a autonomia política do sul de Minas, tendo como capital a cidade de Campanha. Diversos artigos estampariam as páginas do periódico em questão, defendendo as idéias de formação de um Estado autônomo, denominado Minas do Sul.

Novamente, sobressaía a ideologia do poder através da dominação política da região sul mineira que garantiria a hegemonia política, econômica e social da família Veiga.

Conjeturando que os editoriais imprimiam ao discurso de Bernardo Saturnino um caráter opinativo e desnudavam a ideologia política desse jornalista, citamos alguns títulos que contemplaram esse polêmico tema ligado à política sul mineira: “A bandeira do mineirismo” (23/06/1872); “O Sul de Minas” (15/09/1872); “O Sul de Minas” (03/11/1872); “A divisão de Minas” (15/05/1873); “A divisão de Minas” (01/06/1873); “Minas do sul” (22/06/1873); “Minas do Sul – aspiração popular sul mineira” (29/06/1873); e nas seis semanas seguintes, a série de editoriais “Minas do Sul” (de 06/07/1873 a 10/08/1873); “Divisão de Minas” (19/10/1873); “Divisão de Minas” (edições de 07/11/1874 a 21/11/1874).

O **anexo 6**, da presente pesquisa, apresenta uma síntese dos editoriais do *Monitor Sul Mineiro* - por temas afins - no seu ano inaugural (1872). Esquematizamos, através de categorias temáticas, a pauta dos temas considerados prioritários para Bernardo Saturnino da Veiga - os quais deveriam repercutir naquela urbe - quando o jornal tentava se firmar como porta-voz da sociedade campanhense.

Reafirmamos o caráter político que envolvia as pretensões de Bernardo Saturnino ao fundar o *Monitor Sul-Mineiro*, tendo em vista o seu projeto de manutenção da hegemonia de um grupo social. Antagonicamente, o jornalista afirmava que a causa maior a ser defendida seria o ideal coletivo e, assim sendo não poderia ser comprometida em função de embates políticos e ideológicos. Bernardo Saturnino da Veiga, desiludido com a política, preferiu suprimi-la – ao menos, em tese - do perfil idealizado para o seu semanário.

Ao colocar-se contrário aos embates políticos e partidários, ainda que o seu discurso para aquela sociedade estivesse permeado de atitudes políticas, configuramos na alocação de Bernardo Saturnino a entrada em cena de novas estratégias que marcariam a irrupção daquele acontecimento.

É o uso do disfarce como forma de mascarar a verdadeira essência da ideologia do discurso que Bernardo da Veiga pretendia ocultar.

Para compreender esse momento, recorremos a Foucault (1996) quando enfatiza que o poder faz a sua entrada mascarada e que essas forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta. O pensador reafirma que o aparecimento de um discurso só é possível em um determinado momento histórico porque há um espaço de ordem que o possibilita.

Ao querer desassociar o seu periódico de embates políticos - ainda que isso não correspondesse à realidade estampada no jornal - Bernardo Saturnino intencionalmente “moldava” o seu discurso àquele contexto histórico, à irrupção dos acontecimentos, à instância do jogo, conforme descortina Foucault (2008b).

Ao tentar, teoricamente, suprimir a política da linha editorial do seu semanário identificamos nessa relação de poder que se configurava, aquilo que Foucault (apud GREGOLIN, 2004, p. 95) sugeriu ao se referir à institucionalização do discurso – “exatamente por serem objeto de luta, as práticas discursivas determinam que nem sempre tudo pode ser dito, que aquilo que pode ser dito é regulado por uma ordem do discurso.”

A partir dessa concepção, destacamos a oposição entre a estratégia adotada por Bernardo Saturnino e o pensamento foucaultiano (2008b) quando esse reitera que o discurso determina o que o sujeito deve falar e, assim sendo, esse último, apenas estipula as modalidades enunciativas, bem como a seleção de elementos discursivos, de conceitos, palavras, estrutura linguística e valores.

E, naquele contexto histórico, diante da nova realidade configurada na segunda metade do século XIX, todos os esforços de Bernardo Saturnino da Veiga estavam atrelados ao propósito do semanário emergente, ou seja a implantação de mecanismos que possibilitassem a assimilação e, sobretudo, a legitimação de um discurso embuído de uma “verdade” conveniente àquela elite e à manutenção do poder engendrado por ela.

No editorial do dia 7 de janeiro de 1872, objetivando validar o seu discurso progressista, Bernardo Saturnino da Veiga expõe um dos pilares ideológicos onde seria edificada a história do seu semanário, reafirmando o indiscutível pressuposto ao progresso e à libertação do cidadão que estava fadado ao atraso e à ignorância, totalmente à margem das luzes civilizatórias alardeadas pela nova realidade do século XIX.

O discurso do jornalista se esvazia, quando consideramos que não traduz as reais intenções do editor, visto que não explicita a verdadeira ideologia de sua ação:

Libertar o espírito publico do jugo enervador da ignorancia, do indifferentismo, e das praticas erroneas em todas as espheras da actividade social; erguel-o pela diffusão das luzes, das doutrinas sãs em moral, orthodoxas em religião à altura nobilissima de sua natureza e de seus destinos; – tal é effectivamente a generosa aspiração do patriotismo intelligente no periodo *chrysalido* que atravessamos.

Somos demasiadamente pequenos, muitissimos humildes para nutrirmos a stulta pretensão de sermos os guias ou inspiradores de um povo, por maior que seja o atrazo de sua civilisação.

Sabemo-lo assaz. Esta missão grandiosa é reservada pela Providencia à seus filhos eleitos, – esses genios sublimes que symbolisão éphocas e fulgurão na historia dos povos com suas aureolas da immortalidade.

Quem poderá, porém, por mais elevado que o collocasse o destino na hyerarchia social, por mais poderoso que a fortuna o erguesse, impedir que nós, embora fracos lutadores, obscurissimos soldados do pensamento, acendamos uma luz no altar santo da idéa e saudemos entusiastamente a caravana civilisadora do século? (MONITOR SUL-MINEIRO, 1872, p. 3).

Destacamos que a ideologia política exposta no *Monitor Sul-Mineiro*, não condiz com os propósitos do seu redator. Reiteramos a contradição na alocução de Bernardo Saturnino da Veiga que, inicialmente, julga a missão grandiosa e se considera demasiadamente pequeno e humilde na pretensão de conduzir a sociedade campanhense rumo ao progresso do século XIX, retirando-a do seu atraso civilizatório. Em seguida, o jornalista se credencia a essa missão, colocando-se apto a essa empreitada.

Mesmo reconhecendo a sua pequenez diante da desafiadora empreitada, demagogicamente, Bernardo Saturnino da Veiga se qualifica a essa batalha como um “soldado do pensamento”, em uma clara alusão à importância da imprensa na emancipação do livre pensar. E, para justificar a existência do seu periódico, já nas primeiras publicações (especialmente nesses editoriais das edições do Ano I, nºs 1 e 2, de janeiro/1872), percebemos no discurso de Bernardo Saturnino da Veiga as diretrizes que norteariam o programa político e ideológico do seu semanário. O jornalista evidencia a sua convicção em relação a dois aspectos cruciais naquele contexto da segunda metade do século XIX: a percepção sobre o quanto Campanha encontrava-se à margem do progresso civilizador e a consciência em relação ao papel da imprensa (nesse caso, por analogia, o *Monitor Sul-Mineiro*), que desempenharia a “nobre incumbência” de reverter aquela situação.

Analisando o discurso de Bernardo Saturnino, nessa “carta de apresentação” do seu semanário, fica evidente que, a seu ver, a criação do *Monitor Sul-Mineiro* representava “*uma vela acesa no altar santo da idéia*” e, certamente, seria essa a oportunidade para sociedade campanhense embarcar na “*caravana civilisadora do século*”, conforme o jornalista registrou na edição do dia 07/01/1872, Ano I, nº 2, p.3.

Através das “instrutivas páginas” do seu periódico, à “*luz das idéias e do pensamento esclarecido*”, Bernardo Saturnino da Veiga aspirava romper o atraso e a letargia que paralisavam Campanha, recolocando-a no caminho do desenvolvimento.

Ressaltamos que, novamente, o discurso do jornalista é esvaziado pela natureza subjetiva de sua argumentação. O discurso é pontuado pela abstração das metáforas, pelos jogos de palavras e pela prolixidade da oratória. Não são expostos elementos concretos e, tampouco, atitudes reais que demonstrem, de forma concisa, a objetividade das ações que norteariam o projeto assumido publicamente pelo editor.

A ausência de um projeto concreto que possa referendar os propósitos do jornalista, faz com que o discurso resvale para o vazio demagógico.

Outro aspecto que também nos permite conjecturar o programa político e ideológico do *Monitor Sul-Mineiro* é analisar a carta circular - de autoria de Bernardo Saturnino da Veiga - e publicada como uma extensão do editorial do dia 01/01/1872, p. 3. Segundo o jornalista, a referida correspondência foi enviada a diversos órgãos de imprensa, bem como a vários pontos da província de Minas Gerais.

O conteúdo expresso nessa carta (publicada na coluna *Noticiário*) expõe as razões que motivaram o jornalista a fundar o jornal e nos permite ratificar o perfil ideológico do emergente periódico. Mais uma vez, Bernardo Saturnino exalta a missão patriótica do seu empreendimento, visando transformá-lo em uma escola de “*bons costumes*”, atento ao desenvolvimento intelectual e moral daquela povoação.

Ressaltamos o antagonismo dessa afirmação, pois não há coerência em um discurso que ostenta a “libertação do pensamento coletivo”, à medida que se coloca como o “guardião dos bons costumes e da moral” e expressa o desejo de imprimir os valores que serão seguidos. Se a ideologia do jornal é promover a liberdade, jamais ele poderia controlar, vigiar ou cercear o campo de ação de um indivíduo.

Nessa circular, o proprietário do *Monitor Sul-Mineiro* apresenta à sociedade o periódico, justifica a existência do mesmo e esboça a linha editorial a ser implementada.

Um jornal litterario e noticioso póde ser considerado como uma escola de bons costumes; infelizmente, porém, poucos jornaes de semelhante natureza existem em nosso paiz, devido isto talvez em grande parte à circumstancia de geralmente absorver a política a atenção de todos.

Em Minas mais de uma vez tentou-se a publicação de uma folha que, junto à distracção que offerece a litteratura, proporcionasse o conhecimento de factos historicos; a biographia de grandes homens e divulgasse desconhecidas noções de diversas sciencias que interessão a nossa vida pratica.

Ou o desanimo dos que tomarão tão importante empreza, ou pouca animação daquelles que ella iria favorecer, fez cahir o projecto: – a idéa porem não morreu (MONITOR SUL-MINEIRO, 1872, p. 3).

Constatamos o caráter literário e noticioso atribuído ao periódico e a pretensão de seu proprietário para que o mesmo se apresentasse aos leitores como um semanário diferenciado ou uma alternativa face ao caráter político dos demais jornais da época.

São evidenciados também os propósitos do redator de que a sua publicação oferecesse distração, informação e, sobretudo, o conhecimento científico e “útil” à vida prática da população. Ainda, segundo Bernardo Saturnino da Veiga, nessa mesma *carta circular*, o atual quadro de atraso, inércia e desânimo provocado pela descrença na política, certamente seria uma situação desfavorável à implantação de um periódico. Assim se manifesta o jornalista nessa circular:

Empreendendo agora a publicação de um jornal nestas condições não me anima a crença de ter mais força e mais vontade do que aquelles que primeiros em Minas procurarão assim servir à seu paiz: – o desenvolvimento intellectual e moral que ha tido esta bella provincia, o zelo com que hoje se cuida da educação de nossa mocidade, a descrença que a política ha produzido em quasi todos os espiritos, – tudo isto póde determinar o auxilio de que preciso, e que é mister para serem levadas a effeito emprezas dessa ordem (MONITOR SUL-MINEIRO, 1872, p. 3).

A carta de Bernardo Saturnino atesta o panorama de desconfiança e descrença. Longe de consistir um obstáculo, configurava-se um agente motivador, pois em condições adversas é que, segundo o autor, se justificava a ação de empresas dessa ordem. Ou seja, mais do que nunca, se fazia necessária a intervenção da imprensa.

Antes de concluir a carta circular que expedira a variados pontos da Província de Minas Gerais, o proprietário do *Monitor Sul-Mineiro* justificou a necessidade de criação do seu semanário, expondo como argumento o atraso intelectual da população brasileira em relação à Europa, porém reafirmou a sua esperança de “cura” apesar do mal e de sua gravidade.

Novamente, o discurso se apresenta prolixo e subjetivo, pois não é apresentada nenhuma solução - de ordem prática - para reverter o problema detectado.

Um de nossos mais notáveis políticos, o distinto litterato Sr. Conselheiro Octaviano, disse no senado, que profundamente magoado conheceu na Europa o atrazo em que vivemos, vendo homens desconhecidos, simples operarios, obscuros artistas, fallando sobre sciencias, artes mechanicas, etc; com o criterio de quem aqui seria tido como profissional, e não assignalou para isto outra causa senão a que vem exposta no começo desta circular – a politica que fascina a todos, que preoccupa todos os espiritos e que inutilisa e mata muitos talentos, muitas vocações. O mal é grave, mas não está por demais adiantado, e nem se deve perder esperança de cura (MONITOR SUL-MINEIRO, 1872, p. 3).

Outro ponto que consideramos relevante e que deve ser ressaltado refere-se ao discurso de Bernardo Saturnino da Veiga, que após reconhecer o atraso intelectual da sociedade brasileira em relação à Europa e renovar a esperança na erradicação desse mal, convoca o apoio de todos para o desafio de criar uma folha literária e noticiosa, naquele contexto do século XIX, quando prevalecia a falta de hábito à leitura e, principalmente o analfabetismo.

Evidencia-se no discurso do jornalista não o compromisso imediato com a instrução pública. Sua preocupação mais urgente era a concretização do plano por ele idealizado e justificar a necessidade de um novo periódico:

Por grandes que fossem os recursos de que pudesse dispor, não seriam elles sufficientes **para a realização do plano que hei concebido** – e de ninguém se póde exigir sacrificios para a instrucção do publico: à vista disto venho solicitar o apoio de V. S. afim de poder traduzir em facto a vantajosa idea da criação de uma folha litteraria e noticiosa (MONITOR SUL-MINEIRO, 1872, p. 3, grifo meu).

O discurso subjetivo, generalizador e demagógico mascara o o problema da instrução popular quando o Bernardo Saturnino da Veiga pressupõe que apenas a criação de um periódico, por si só, resolveria os graves problemas educativos anteriormente destacados na alocução do próprio jornalista.

Reiteramos que Bernardo Saturnino da Veiga, ao introduzir o seu semanário na sociedade campanhense, objetivava modificar os costumes, redefinir as práticas sociais, bem como as relações com as instituições em um processo contínuo e progressivo de assimilação do seu discurso conservador, ortodoxo e imbuído da ideologia de manutenção do poder.

Considerando os aspectos destacados nessas primeiras edições do *Monitor Sul-Mineiro*, identificamos o programa político e ideológico que se pautaria esse semanário no primeiro ano de sua existência.

A oratória do jornalista incorre ao lugar comum, ou seja à subjetividade de um discurso acentuadamente utópico:

Sim, é tempo de lutar pela emancipação moral e intellectual de nossos irmãos, que, aos milhares, vegetão nas mais espessas trevas de ignorância e de ocio. Ha meio seculo que nos dizemos livres e independentes; – sel-o-emos na verdade? A liberdade terá por typo o íncola selvagem, à correr por montes e valles, sem fé e sem lei, idolatra aqui, anthropophago além? Será effectivamente independente um povo quasi extranho ás artes, ainda na infancia da industria, que recebe do estrangeiro parte da propria alimentação, e que, privado de luzes, não é no mundo moral, mais que um echo do pensamento transathantico? Desgraçadamente não se póde contestar: existe no pacto fundamental da nação brasileira a essencia de nossa liberdade e independencia politica; – cumpre, porém, fecundar o germen por meio da instrucção popular e da educação dos espiritos, se quizermos, num futuro que já tarda, sermos verdadeiramente livres e independentes. Objecto de nossos de nossos constantes votos ha-de-ser este reclamo da opinião, porque só da emancipação intellectual e moral da sociedade é que lhe póde provir sua tão almejada regeneração (MONITOR SUL-MINEIRO, 1872, p. 3).

Assinalamos que algumas palavras ou expressões são recorrentes no discurso de Bernardo Saturnino da Veiga. Expressões como: trevas da ignorância, instrução popular emancipação moral, desenvolvimento intellectual, educação dos espíritos, progresso e civilização, explicitam a ideologia utópica e demagógica do editor do *Monitor Sul-Mineiro*.

Ao recorrer a essas expressões, Bernardo Saturnino da Veiga faz uma clara alusão a um tema que seria recorrente no seu periódico, ou seja, a necessidade de instruir aquela população que, em sua maioria, era analfabeta. Mas, novamente, não é apresentado nenhum projeto além da oratória.

Recorrendo a índices numéricos sobre a escolaridade da população campanhense, destacamos os dados do recenseamento que procedeu na cidade, no século XIX, e foram publicados no *Monitor Sul-Mineiro*, do dia 17/08/1873, p. 01.

De acordo com essa publicação, a cidade contava com 2.645 habitante, sendo homens 1.188 e 1.457 mulheres. O recenseamento apontou ainda, que 271 freqüentavam estudos, 959 sabiam ler e 1.686 eram analfabetos.

Diante desse quadro de analfabetismo, justifica-se o fortalecimento da idéia de uma sociedade letrada, visando alcançar a ordem e o progresso, propósitos tão recorrentes na segunda metade do século XIX. O discurso de Bernardo Saturnino estava intimamente ligado a essa necessidade de lutar pela “*emancipação intellectual*” daquela gente e, assim, levar “*luz para as inteligências: a instrução*”.

Era, portanto, um momento crucial do século XIX, em que se almejava o conhecimento científico - verdadeira luz para a inteligência, segundo Bernardo Saturnino - e as ciências se instituíaam como doutrinas e, conseqüentemente, qualificavam uma urbe à inserção nos novos tempos de desenvolvimento e progresso, tão alardeados nos oitocentos.

Em Campanha, nesse período oitocentista, a educação exerceria um papel fundamental na mediação entre o discurso veiculado no *Monitor Sul-Mineiro* e os potenciais leitores advindos da instrução. A escola seria responsável por ditar normas e padrões de condutas, modificar costumes e, sobretudo, efetivar a apropriação do discurso daquele grupo social.

Quando recorremos ao pensamento foucaultiano, podemos compreender os propósitos de Bernardo Saturnino ao instituir a instrução escolar como sua aliada na implantação de uma sociedade letrada e, por extensão, aquela coletividade assimilaria também o discurso em voga no *Monitor Sul-Mineiro*.

Ressaltamos que além de, potencialmente, criar novos leitores para o jornal, a escola seria uma forma de intermediar - e facilitar - a apropriação do próprio discurso preconizado por Bernardo da Veiga.

Compreendemos que Bernardo Saturnino da Veiga não defende veementemente a educação enquanto instrumento de libertação do indivíduo e a escola como espaço de construção dessa liberdade. Ao contrário, para o jornalista, a escola é destacada como uma instituição responsável pela apropriação do discurso estabelecido pela elite que ele representava.

O pensamento de Bernardo da Veiga se opõe ao de Foucault (2008a) que apresenta uma crítica contundente ao saber institucional da escola e a apropriação social do discurso:

Sabe-se que a educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e pelas lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo (FOUCAULT, 2008a, p. 43-44).

Considerando o apelo do discurso de Bernardo da Veiga e sua ideologia que mascara a real intencionalidade de suas “ações educativas”, Justifica-se a constante preocupação do jornalista no que se refere à escola, enquanto instituição moralizadora e a instrução como instrumento de apropriação dos discursos.

Constatamos que não apenas nesse ano inaugural do *Monitor Sul-Mineiro*, mas também durante toda a sua existência, a instrução escolar passou a ser um tema freqüente nesse periódico, ocupando espaço privilegiado seja nos editoriais, nos artigos especiais ou até mesmo “sutilmente” introduzida nas diversas seções que compunham o semanário.

Acentua-se a visão de Bernardo Saturnino ao eleger a escola enquanto espaço institucional privilegiado à apropriação do discurso implementado por aquele grupo social e importante fator de elevação daquela sociedade ao *satus quo* idealizado por esse jornalista.

Buscando dimensionar o quanto a instrução era imprescindível à implantação do projeto idealizado por Bernardo Saturnino, visando a uma sociedade ilustrada, dentre os diversos editoriais relacionados à educação podemos destacar: A leitura – I (18/02/1872), A leitura – II (03/03/1872), Educação – I (10/03/1872), Educação – II (07/04/1873), Educação (25/08/1872), Bibliothecas publicas (21/04/1872), Bibliothecas publicas (05/05/1872), Instrução publica em Minas (22/06/1873), O livros de ensino (15/02/1874), A ignorância (22/03/1874), Instrução profissional (12/04/1874), A criação da Universidade (31/05/1874), O magistério em Minas (22/08/1874), Biblioteca campanhense (26/09/1874), Educação (17/10/1874), Educação e instrução (31/10/1874), Ensino Religioso (05/06/1875 e 20/06/1875), Escolas agrícolas-industriaes (13/11/1875), Instrução pública (27/11/1875), A educação moral (13/12/1875), Instrução secundaria (29/01/1876 e 05/02/1876), Escolas (27/08/1876), Ensino público (29/07/1877), Ensino Público II (12/08/1877), Ensino Público III (19/08/1877), Ensino Público III – Instrução livre e obrigatória – continuação - (26/08/1877), Ensino superior (02/02/1879), Educação e Instrução (20/03/1879), Educação e Instrução II (08/04/1879), Educação (26/09/1879), Os bons livros (08/01/1880), Escolas praticas de agricultura (14/04/1882), Escolas Agrícolas (06/07/1882), Instrução publica I (20/08/1882), Instrução publica II (26/08/1882), Instrução publica III (02/09/1882), Instrução publica IV (08/09/1882), Instrução publica V (14/09/1882), Instrução publica VI (20/09/1882), Educação I (26/01/1884), Educação III (08/02/1884), Educação IV (20/02/1884), Educação V (02/03/1884), Educação da família (08/10/1884), Instrução primaria (25/01/1885), Educação Selvagem (05/04/1885), Educação em Minas (15/08/1886), Frequência nas escolas (19/09/1886), Os professores públicos (24/10/1886), Instrucao publica (31/07/1887), Educação (14/08/1887), A instrucao primaria em Minas (30/06/1889), Instrucao publica (27/08/1893), Ensino primário (25/09/1895 e 06/10/1895) e O abandono das crianças (25/08/1896).

A preocupação de Bernardo Saturnino com a instrução era notória e o *Monitor Sul-Mineiro* seria o principal aliado na implementação desse projeto.

Eram comuns nesse periódico as notícias referentes aos resultados escolares dos alunos, a divulgação e venda de livros didáticos, as principais informações sobre a qualidade da instrução no Brasil e na Europa, a adequação e modernização dos currículos escolares, além de expressar a necessidade de melhor formação dos profissionais do ensino e,

especialmente, valorizar a educação, que era vista como fator de desenvolvimento e parâmetro para a elevação cultural de um povo.

Ao conjecturar a importância que a elite de Campanha atribuiu à educação, ressaltamos também que, a seu ver, não seria possível uma sociedade progressista se se mantivesse a maioria dos indivíduos analfabeta e relegada “às trevas da ignorância” conforme, muitas vezes, manifestou o jornalista.

Ainda que impregnados pela subjetividade, pelo tom político, doutrinário e demagógico, no *Monitor Sul Mineiro* eram frequentes os artigos destacando a necessidade de instruir as crianças, os presos, as mulheres (ainda que relegasse a educação feminina à economia doméstica e à administração do lar) e até mesmo os escravos.

O acesso à instrução configurava a necessidade de criar e manter esse mecanismo que promoveria a apropriação do discurso de um grupo distinto. O sistema de ensino conferiria, segundo Bernardo Saturnino, o desenvolvimento àquela sociedade, mas compreendemos que, acima de tudo, naquele contexto do século XIX, seria responsável por implantar costumes, normas e padrões, ou seja, os procedimentos de sujeição ao discurso estabelecido por aquele grupo dominante.

Esse saber meramente institucional não escapa à crítica incisiva de Foucault (2008a):

“O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes?” (FOUCAULT, 2008a, p. 44-45).

Evidenciamos o antagonismo entre o pensamento foucaultiano e o conceito educacional engendrado por Bernardo Saturnino da Veiga, naquele contexto do século XIX, quando uma elite viabilizava a implantação do seu discurso.

As idéias de Foucault (2008a) desmascaram os conceitos proclamados por Bernardo da Veiga quando explicitam os reais objetivos do jornalista. Ao invés da promoção do livre pensamento, o editor do *Monitor Sul-Mineiro* encarava a educação como um mecanismo necessário à assimilação do discurso estabelecido por aquele grupo social. Dessa forma, dizeres se estabeleciam e, conseqüentemente, os “saberes úteis e necessários” àquela população.

Sobre essa relação de forças que constituem uma alocação, o pensamento de Foucault (2008b), ressalta que as práticas discursivas se materializam através das regras a que o sujeito está submetido desde o momento em que enuncia um discurso.

Nessa relação estabelecida entre o *Monitor Sul-Mineiro* (personificando a alocação de Bernardo Saturnino) e a escola - enquanto espaço de apropriação do discurso - ratificamos a articulação entre o poder e o saber.

Segundo Foucault, (2008b) um saber é um campo de coordenação e de subordinação dos enunciados onde os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam; o saber é um elemento que perpassa os discursos e se define diante das possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas por esse discurso.

Nessa relação estabelecida entre a imprensa e a instrução do indivíduo, na Campanha oitocentista, enfatizamos o pressuposto foucaultiano quando o poder e o saber se articulam, a fim de legitimar o discurso de um grupo social.

Ratificamos essa consideração recorrendo ainda a Foucault (2008b), ao afirmar que o poder e o saber estão intimamente relacionados e tal relação é estabelecida e sustentada por estratégias e práticas que viabilizam a apropriação de um discurso.

Focalizamos, assim, um ponto crucial do pensamento foucaultiano ao ressaltar que em mecanismos sutis se encontram engajados todo um domínio do saber e todo um tipo de poder.

Destacamos que esses mecanismos sutis eram engendrados por Bernardo Saturnino da Veiga, visto que o editor do *Monitor Sul-Mineiro* articulava, através da imprensa, essa perspicaz relação entre o poder e o saber.

Para Foucault (1996, p.148), o poder não impede o saber, ele o produz.

(...) existe uma perpétua articulação do poder com o saber e do saber com o poder. Não podemos nos contentar em dizer que o poder tem necessidade de tal ou tal descoberta, desta ou daquela forma de saber, mas que exercer o poder cria objetos de saber, os faz emergir, acumula informações e as utiliza. (...) O exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder. (...) Não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder (FOUCAULT, 1996, p. 141-142).

O conhecimento do campo conceitual que envolve o pensamento de Foucault acerca da alocação nos possibilita delinear essa íntima e sutil relação entre o discurso, o poder e o saber, configurada nas páginas do *Monitor Sul-Mineiro*.

Assim, quando ressaltamos que o poder produz o saber, reiteramos também o quão emblemática era a figura de Bernardo Saturnino da Veiga naquela sociedade campanhense do século XIX. Ao implementar o projeto de revitalização da cidade, o jornalista se tornaria “o

porta-voz do saber” face aos vários empreendimentos que encampou, os quais eram diretamente relacionados à obtenção do conhecimento, ou seja, à aquisição do saber.

Para Bernardo Saturnino, ler e escrever eram princípios básicos para a construção de uma sociedade moderna. Diante disso, é conveniente destacar que a fundação da Biblioteca Pública Campanhense (1874), a edição de dois almanaques (1874 e 1884), a criação da Enciclopédia popular (1879), a criação de livrarias, bem como a concepção de diversos periódicos - notadamente o *Monitor Sul-Mineiro* - não representaram ações aleatórias de Bernardo Saturnino. Apresentando como suporte o pensamento de Foucault (1996), reiteramos que as iniciativas do jornalista eram imbuídas pelo poder e pelo propósito de legitimar o discurso daquele grupo social, à medida que se produzia o saber.

Articulamos na presente pesquisa, a tríade descrita pelo pensamento foucaultiano: discurso, poder e saber, visando à compreensão do contexto histórico e político de Campanha. Nesse “lugar social” implantava-se - através da imprensa - um dispositivo pautado em regras e estratégias para instruir, governar e convencer os indivíduos a aderir a um projeto civilizatório, eleito como parâmetro de ilustração, progresso e desenvolvimento.

Foucault (1996) explicita que o discurso, como objeto de análise, é indispensável para que se possa compreender em que campo de relações entre saber e poder está inserido um sujeito e, também, se possa entender como este faz do seu discurso um “dispositivo de poder” capaz de convencer e governar outras pessoas.

Nesse aspecto, quando vinculamos discurso, poder e saber, não podemos desassociar a figura de Bernardo Saturnino da Veiga. A análise do *Monitor Sul-Mineiro*, especialmente dos editoriais do seu ano inaugural, permitiu vislumbrar um caráter pretensamente “revelador” no discurso do proprietário desse periódico.

Em contraste à ideologia de Bernardo da Veiga, a ótica foucaultiana acrescentará um novo elemento à tríade discurso, poder e saber, se considerarmos essa idéia de “revelação” observada nos editoriais.

Destarte, se faz necessária uma nova incursão no programa político e ideológico do *Monitor Sul-Mineiro*; quando analisamos o editorial da primeira edição (01/01/1872) e percebemos o quão “revelador” é o discurso do seu editor ao responder a própria pergunta por ele formulada: “a que aspiramos?”.

- o que anhelamos?
 Bem pouco. Apenas o que se faz mister para que sejamos um povo livre, bom e feliz: a luz.
 Sim, a luz, essa sublime primogenita de Deos.
 - Luz para as intelligencias: instrucção.
 - Luz para as almas: religião.
 - Luz para os corações: confraternidade e amor.
 Eil-a a trilogia augusta de nossa regeneração, synthetizada n'um raio do céu!
 Cumpre adoral-a. – Diriamos melhor: cumpre possui-a.
 Novos Hebreos – nos transviaremos, se uma columna luminosa não esclarecer as fronteiras do futuro.
 Compreenderiamos então o que ha de horrivel n'uma palavra só: o cahos.
 Cahos de ignorancia e de vícios, mil vezes mais medonho do que o outro, desfeito pelo verbo de Deos no primeiro dia do genesis.
 Bemdicta seja a luz!
 Abençoados todos aquelles que amão-na.
 Mais abençoados ainda os que – por amor do proximo – fazem-n'a brilhar aos olhos da multidão (MONITOR SUL-MINEIRO, 1872, p. 3).

O editor do periódico idealiza a metáfora da LUZ como um raio esclarecedor sobre aquela sociedade envolta nas “trevas da ignorância”. E, para a sua regeneração, elege a tríade luminosa: luz para a inteligência (a instrução), luz para a alma (a religião) e a luz para o coração (o amor).

A metáfora remete à criação divina, no Gênesis, onde o criador extingue o caos instaurado fazendo prevalecer a luz sobre as trevas. O discurso de Bernardo adquire um pretense e oportuno caráter “revelador”, ou até mesmo “messiânico”, ao atribuir ao *Monitor Sul-Mineiro* a tarefa de “iluminação” das mentes daquela sociedade ainda atrelada aos costumes coloniais.

Comprendemos então, que ao referir-se a esse texto bíblico e utilizar-se dessas metáforas, Bernardo Saturnino da Veiga fez clara alusão ao atraso cultural e a ignorância que comprometiam o futuro não apenas da sociedade campanhense, mas também o da própria nação. A imprensa, representada pelo *Monitor Sul-Mineiro*, seria esse lampejo de progresso e civilização.

O jornalista reiterou a sua conjectura, ao apropriar-se de outra citação bíblica quando comparou a história do povo hebreu àquela sociedade, da segunda metade do século XIX. Ao afirmar “*nos transviaremos, se uma coluna luminosa não esclarecer as fronteiras do futuro*”, Bernardo Saturnino da Veiga elegeria a imprensa (e o seu semanário) como a grande luz que faria “brilhar os olhos da multidão” e o farol que guiaria a sociedade campanhense pelo caminho da instrução, do progresso e da civilização.

Repetidamente a alocação profícua e demagógica do editor se faz notar, pois não vai além dos arroubos da oratória. Percebe-se que o jornalista não apresenta nenhuma ação efetiva e visa convencer o leitor através da eloquência do discurso.

Conjeturamos, assim, nessa nova incursão aos editoriais do *Monitor Sul-Mineiro*, o caráter “revelador” que impregnava o discurso de Bernardo Saturnino da Veiga. Novamente, o periodista destacou a importância da instrução (luz para aquela sociedade) e ressaltou os “abençoados” (os jornalistas) que a faziam brilhar aos olhos daquela multidão (a maioria analfabeta).

Contrapondo ao conceito do caos e da escuridão (que remete à decadência em que se encontrava a cidade e, por extensão, a sociedade campanhense), o jornalista associou expressões tais como: “um raio do céu”, “coluna luminosa”, “brilhar aos olhos” e repetidamente a palavra “luz”. Consideramos que nesses símbolos, além do caráter metafórico, havia um certo apelo sinestésico, isto é as palavras objetivavam produzir sensações visuais, adquirindo uma idéia de “revelação”. Pretendia o jornalista incutir no seu discurso um teor de “verdade”, especialmente quando vinculado à alocução religiosa e doutrinária da qual fez uso Bernardo Saturnino da Veiga.

A partir dessa “verdade reveladora” observada no discurso do jornalista, pretendemos retomar o itinerário anteriormente delineado na presente pesquisa quando, de posse do pensamento foucaultiano, integramos discurso, poder e saber.

Se para Foucault (1996) poder e saber estão intimamente relacionados, agora, ele também articula um outro elemento: a verdade.

O importante, creio, é que **a verdade não existe fora do poder ou sem o poder** [...]. A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. **Cada sociedade tem o seu regime de verdade**, sua política geral de verdade: isto é, **os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros**; os mecanismos e as instancias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 1996, p. 12, grifos meu).

O filósofo francês procura estabelecer a que nível se articula o “discurso da verdade”. Ele afirma que em cada sociedade é preciso reconhecer qual o regime de verdade que qualifica um discurso como verdadeiro, que discursos ela acolhe e faz circular e que técnicas e procedimentos são utilizados para a obtenção dessa verdade.

Nesse sentido, o autor salienta também que há um combate pela verdade, a qual se insere em um conjunto de regras que permite distinguir o discurso verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro, efeitos específicos de poder. Nos editoriais do *Monitor Sul-Mineiro*, concebemos na alocução de Bernardo Saturnino da Veiga a implantação de um discurso

“revelador”, - por sua vez, revestido de poder – que qualificaria ou elegeria quais saberes constituiriam as “verdades úteis” àquela urbe.

Conjeturamos que através do *Monitor Sul-Mineiro*, na Campanha oitocentista, um grupo social utilizava-se da imprensa para qualificar o seu discurso, à medida que evidenciava saberes e fazia circular a “verdade” preconizada por essa elite cultural.

Coerente com o tema em questão, aludimos ao pensamento de Mariani (1998, p.29), ao afirmar que a imprensa é uma instituição que, apesar de ter a heterogeneidade como uma característica constitutiva, funciona homogeneizando os sentidos e instituindo verdades que ela mesma coloca em circulação.

Ratificamos a argumentação central da presente pesquisa, ou seja, a imprensa campanhense - notadamente o *Monitor Sul-Mineiro* -, que se apresentava como um instrumento de validação do discurso de um grupo social. Implantava-se através desse periódico um conjunto de técnicas ou estratégias visando à assimilação de normas reguladoras que efetivariam os saberes necessários à formação de uma nova mentalidade naquele “lugar social”.

O periódico em questão era portador dos saberes considerados necessários à formação de um indivíduo letrado, condição essencial à inserção daquela sociedade aos padrões civilizatórios, da segunda metade do século XIX.

A criticidade do pensamento foucaultiano se faz pertinente quando destacamos que o discurso proferido em um lugar social – no caso, Campanha MG – implicava a assimilação de saberes centrados no contexto histórico e político daquele período oitocentista, em que a enunciação era revestida de estratégias que visavam garantir o poder de um grupo intelectual.

Podemos confirmar essa hipótese ao destacar no discurso de Bernardo Saturnino o propósito para o qual teria sido criado o *Monitor Sul-Mineiro*: a “missão sagrada” por ele atribuída ao prelo - conclamar a população a sair da letargia e inércia através do imperativo “caminhai!”. Ou seja, avante, caminhemos rumo à civilização e em direção ao futuro.

Esse discurso idealista e com caráter persuasivo seria recorrente não apenas no primeiro ano de existência desse semanário, mas se tornaria a tônica de sua linha editorial.

(...) acreditamos que o – Monitor – será também uma luz, acesa pela esperança nestas regiões formosas, mas em tempos de sombra e de tristeza.
 (...) Faremos, pois do prelo uma pyra sagrada, sempre ardente de patriotismo e fé.
 (...) Para nós filhos – do século XIX – há uma voz íntima que brada: caminhai!
 É a senha do dever; avante!
 O trabalho é a cysalida.
 – Della brotará um dia a borboleta dourada que se chama – civilização.
 (MONITOR SUL-MINEIRO, 1872, p. 3).

Configuramos o perfil idealizado por Bernardo Saturnino da Veiga ao seu periódico, o qual consistia em um programa político e ideológico pautado no progresso e na pretensa emancipação cultural de Campanha.

E para que esse intento se efetivasse, o jornalista elegeu a imprensa (conforme atesta o editorial do dia 07/01/1872, Ano I, nº 2, p.3) como a sua grande aliada na efetivação desse projeto por considerá-la a expressão genuína do pensamento social e o termômetro de civilização de um povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi motivada a partir da interação entre diversos fatores que afluíram, a saber: a admiração pelo passado histórico e cultural da cidade de Campanha – considerada o berço da cultura sul mineiro, o desejo de compreender o universo vivenciado por aquela povoação entre os séculos XVIII e XIX em decorrência da mineração, além da pretensão de estabelecer a atuação da imprensa na cidade, visto que em consequência do avançado estágio de desenvolvimento alcançado por aquela urbe, ali, dezenas de periódicos foram editados no período oitocentista.

Pesquisar os periódicos seria uma forma de inserção nesse espaço aberto à proliferação das tipografias e, sobretudo, uma oportunidade de interagir nesse embate suscitado entre os novos campos discursivos advindos da atuação da imprensa nos oitocentos.

Partindo desse pressuposto, delineava-se o direcionamento da pesquisa, a qual teria como eixo central os periódicos oitocentistas editados em Campanha.

Iniciava-se um longo caminho a ser percorrido e que fomentaria um criterioso trabalho de levantamento das fontes documentais, especialmente o acervo do Centro de Estudos Campanhenses Monsenhor Lefort, onde são preservados os principais jornais campanhenses do século XIX.

A diversidade de periódicos oitocentistas analisados - a maioria caracterizada pela efemeridade -, bem como a heterogeneidade da linha editorial dos mesmos, permitiram-nos constatar a inviabilidade de uma pesquisa tão ampla.

Dessa forma, contemplamos o *Monitor Sul-Mineiro* como o alvo principal da nossa investigação, após considerarmos três aspectos: a longevidade desse periódico (incomum aos padrões da imprensa oitocentista), a importância auferida a esse semanário pela sociedade campanhense, assim como a figura emblemática do seu proprietário, editor e redator, Bernardo Saturnino da Veiga.

Já nas primeiras leituras percebemos a influência da tradicional família Veiga - responsável pela imprensa emergente em Campanha - que se destacou pela edição de diversos periódicos e também pela atuação nos campos político e cultural, integrando assim uma elite que promoveu diversas atividades relacionadas ao universo cultural da cidade.

A pesquisa sobre as ações da família Veiga – notadamente Bernardo Saturnino da Veiga - visando à implantação de periódicos, livrarias, bibliotecas, enciclopédia e almanaques

suscitou o porquê da íntima relação da cidade com a atividade impressa e qual a importância atribuída à veiculação do pensamento impresso naquele contexto do século XIX.

À medida que a pesquisa avançava, ao invés de respostas, deparava-me com novas indagações acerca do desenvolvimento daquela sociedade, bem como o papel da imprensa na implantação de novos discursos, os quais estavam diretamente relacionados a um grupo dominante que visava à manutenção da sua hegemonia.

Nesse contexto, a presente pesquisa apontava que nos oitocentos, através dos prelos, implementavam-se as práticas de manutenção da autoridade de um grupo dominante, já configurando a íntima relação entre a imprensa, a implantação do discurso e a manutenção do poder. Foi possível constatar que, a exemplo de Campanha, essa concepção acerca da legitimação do domínio de uma elite era recorrente desde o período colonial e, de forma tão intensa, que caracterizaria a própria instauração da imprensa no Brasil.

Assim, ao pesquisar as especificidades do local (Campanha), compreendemos a necessidade de se resgatar a história da implantação da imprensa em seu aspecto geral (Brasil), visando à compreensão daquela realidade do século XIX onde, notadamente, repercutiam os ecos de um passado de coerção, que marcaria o surgimento da imprensa em terras brasileiras.

Foi assim que, ao delinear a presente pesquisa, fez-se imperioso resgatar o advento da atividade impressa, no Brasil, a fim de que se elucidasse o contexto em que surgiu o *Monitor Sul-Mineiro*, alvo principal de nossa investigação, ao mesmo tempo em que buscávamos esclarecer como a pequena cidade de Campanha, através da imprensa, dialogava com o país e com o mundo de sua época.

Destarte, destacamos as primeiras tentativas de veiculação do pensamento impresso, no século XVIII, portanto anteriores à criação da imprensa régia, no Brasil. A partir daí, registramos uma história de luta e resistência à coibição engendrada pelo poder da autoridade vigente.

À medida que a pesquisa avançava, constatávamos como se articulava a relação entre a imprensa, o poder político e a construção de novos discursos históricos e o papel fundamental dos periódicos nessa profusão de ideais, assim como na manutenção do poder de uma elite.

Trilhamos o caminho do interior, registramos a proliferação das tipografias e, por consequência, a disseminação do pensamento através dos periódicos, que se tornaram instrumentos ativos na consolidação da imprensa brasileira, no século XIX.

Nesse aspecto, a pesquisa evidenciava que à medida que ocorria a interiorização da imprensa – ainda que sob a marca da coerção – paradigmas eram rompidos, novas práticas sociais se estabeleciam e, sobretudo, novos discursos históricos eram construídos.

Esse resgate da implantação da imprensa no Brasil foi fundamental para que compreendêssemos o contexto do século XIX, em Campanha, quando a família Veiga, além de precursora da atividade tipográfica na cidade, também se estabelecia como principal articuladora de uma elite, que acreditava na força do texto impresso e na capacidade de mobilizar um povo através da ação discursiva dos periódicos.

A pesquisa delineava o quão profícua foi a atividade impressa na cidade, ao mesmo tempo em que elucidava o nível de desenvolvimento alcançado por aquela povoação.

Nessa conjuntura, uma análise da historiografia sobre Campanha permitiu aferir o seu passado glorioso, além de constatar o elevado nível cultural atingido por aquela urbe nos oitocentos, bem como a notável influência que essa cidade exerceu, a ponto de ser cognominada a “Athenas Sul Mineira”.

Comprovamos que a sociedade campanhense se orgulhava do desenvolvimento econômico, político e cultural que a projetou não apenas no cenário do sul de Minas Gerais, mas também no ambiente da corte no Rio de Janeiro. Dessa forma, atenta a todos os acontecimentos relacionados ao poder imperial, Campanha buscava interagir com o centro do poder monárquico e, sobretudo, reproduzi-lo.

Evidenciamos a instauração de um microcosmo onde se projetavam as transformações políticas, sociais e culturais advindas da corte, a qual se tornaria uma referência de civilização para aquela sociedade, nos oitocentos.

Convém ressaltar que as mesmas fontes documentais que permitiram ratificar o esplendor atingido por Campanha, em decorrência da mineração, também comprovaram o declínio da cidade com o fim da exploração do ouro. Os documentos, os registros da época, assim como os diversos periódicos analisados evidenciaram a decadência econômica da cidade.

Compreendemos que os textos memorialistas são impregnados por uma perspectiva subjetiva, mas os relatos de Valladão e Rezende permitiram vislumbrar, em detalhes, o apogeu e o declínio da cidade de Campanha e evidenciaram que aquela sociedade oitocentista não estava preparada para enfrentar os novos desafios, especialmente sem os benefícios advindos da mineração. Os memorialistas supracitados ratificam uma sociedade “à deriva”, saudosista em relação ao seu passado, entretanto, sem perspectivas de reverter aquele quadro de letargia.

Constatamos que apesar de a cidade perder o vigor econômico e não ser mais detentora do mesmo prestígio político, a elite campanhense ainda mantinha o orgulho do seu passado progressista e se preparava para colocar em prática o seu projeto de (re)construção de uma sociedade letrada e em sintonia com a vida política, social e cultural da corte.

Como não havia mais o ouro para impulsionar o desenvolvimento da cidade, é importante salientar que a elite intelectual de Campanha elegeria então a educação, a cultura e o progresso como os pilares fundamentais para “reconstruir” a *Athenas Sul Mineira* e conduzi-la rumo aos ideais civilizatórios preconizados pelo século XIX.

Destacamos que a imprensa testemunhou essas transformações, bem como a profusão de idéias e de discursos, já que os prelos transformaram-se em um espaço de combate e os periódicos, veiculavam, acima de tudo, os valores, a ideologia e o discurso de um grupo distinto.

Nesse estágio da pesquisa, compreendemos os periódicos oitocentistas - notadamente o *Monitor Sul-Mineiro* - como um instrumento imprescindível na consolidação do pensamento de um grupo social.

Através de uma prática educativa distinta, a elite campanhense transformaria o jornal no suporte do seu discurso articulador. Acreditava-se que pela ação discursiva da imprensa, seria possível intervir na formação de um novo sujeito histórico, “moldado” aos interesses da elite cultural, naquele contexto do século XIX.

A presente pesquisa salienta que ao instaurar essas práticas educativas através de uma ação discursiva efetivada pelos periódicos, a elite campanhense lançou mão de uma estratégia para reestruturar aquela sociedade, mas sobretudo visava à manutenção do seu *status-quo* numa Campanha desprovida dos recursos do ouro.

Ao investigar a elite intelectual campanhense oitocentista, a presente pesquisa desvendou a figura emblemática de Bernardo Saturnino da Veiga. Integrante de uma família composta por influentes políticos, jornalistas, professores, advogados, médicos e escritores.

De origem humilde, ao longo do século XIX, Bernardo Saturnino da Veiga concentrou poder e prestígio que seriam visualizados pela consolidação do nome da família, pela posse de vários veículos de comunicação, além da ocupação de cargos administrativos e políticos.

A presente pesquisa salientou que, paralela à ascensão da família Veiga, ocorreu a consolidação da imprensa, em Campanha. Tão tênue foi a relação entre a imprensa e a família Veiga - notadamente Bernardo Saturnino da Veiga - que seria difícil desassociar um do outro.

Entendemos que para assegurar a sua hegemonia na elite cultural da cidade, Bernardo Saturnino implementou diversas estratégias tais como, a publicação de enciclopédia,

almanaques, fundação de biblioteca pública, livrarias, a fundação de escolas e, especialmente, a participação na criação de diversos periódicos sendo que o *Monitor Sul-Mineiro* mereceu destaque especial pela longevidade de 45 anos, dos quais 25 sob a direção do seu fundador.

Essa pesquisa evidenciou Bernardo Saturnino da Veiga como um homem empreendedor e idealista, porém, antagonicamente, conservador e detentor de um discurso que preconizava a ambição de uma sociedade civilizada através da aquisição do saber e pelo acesso irrestrito à informação e à prática da leitura, como fator de distinção social. Na visão de Bernardo da Veiga, o atraso, a decadência e a letargia só seriam suplantados através do aditamento cultural que o acesso à leitura poderia proporcionar.

Configuramos o intento do jornalista ao eleger a excelência da leitura e da erudição como parâmetros de civilização e um ideal a ser implantado naquela sociedade oitocentista, em sua maioria, analfabeta.

O ideal de uma sociedade letrada e a sua visão progressista remetem à consciência na força da palavra impressa como ferramenta na consolidação de um projeto civilizatório e revela o engajamento da elite sul mineira ao eleger a imprensa como espaço de formação de novas práticas sociais.

Nesse contexto, o discurso civilizador e o progressista se contradizem. Vislumbra-se a instalação de mecanismos que configuram uma política de manutenção da hegemonia e do poder instituído, conforme salienta Foucault (1996).

Reiteramos na presente pesquisa que os periódicos oitocentistas, sobretudo o *Monitor Sul-Mineiro*, foram catalisadores do pensamento daquela elite cultural e ao absorver as lutas políticas, transformaram-se em instrumentos de combate, propagadores de ideais, disseminadores de cultura, à medida que padronizavam costumes, formavam valores sociais, além de interferir na concepção do pensamento através da construção de discursos em consonância com a realidade do século XIX e, sobretudo, em conformidade com os ideais daquele grupo social.

Reconhecemos no discurso do *Monitor Sul-Mineiro* a afluência entre pontos extremos: o resgate da memória coletiva, através da valorização de um passado de glórias, ao mesmo tempo em que se buscava a transformação daquele momento histórico “desfavorável” como requisito para a *Athenas Sul Mineira* vencer os desafios impostos pela nova realidade do século XIX. Resgatar-se-ia não somente o prestígio perdido, mas também a motivação daquela urbe para visar à urbanização, à educação e ao progresso.

Nesse momento crucial de nossa ação investigativa, destacamos a importância do *Monitor Sul-Mineiro* ao materializar a alocação de Bernardo Saturnino da Veiga. Esse

periódico, enquanto suporte da ação discursiva de um grupo social, preconizou a reformulação do pensamento daquela população ao tornar-se um instrumento fundamental na apropriação de discursos que, apesar de sua identidade conservadora, eram “mascarados” e se apresentavam como “novos” .

Dessa forma, a presente pesquisa, apoiada no pensamento foucaultiano, configurou um “lugar social” em que, através do *Monitor Sul-Mineiro*, implantava-se o discurso articulado por um grupo social e também delimitou um espaço onde um conjunto de forças disputava o poder. Era gênese de um discurso que irrompia, caracterizando a ideologia de uma elite.

Concluimos que o *Monitor Sul-Mineiro* não apenas respaldou a alocação dessa elite cultural, como também se transformou no suporte onde a escrita se inscreveria, pois foi através desse periódico que se efetivou a materialidade do discurso de Bernardo Saturnino da Veiga.

Ao legitimar o discurso de uma elite, o *Monitor Sul-Mineiro* veiculou normas e padrões de conduta, tentou modificar costumes e, sobretudo, estabeleceu quais saberes seriam “úteis” àquela população. Configurou-se, assim, nessa pesquisa, a sutil relação entre o discurso, o poder e o saber.

Os aspectos analisados possibilitaram concluir que, notadamente, pela imprensa implantavam-se os mecanismos necessários à validação do discurso daquele grupo social. Dessa forma, nas páginas do *Monitor Sul-Mineiro*, articulavam-se discurso, poder, saber e verdade, na Campanha oitocentista.

Ressaltamos que esse tema é instigante e não se esgota nesse enfoque. O assunto pode - e deve - suscitar outras reflexões, pois atravessando as fronteiras do tempo e do espaço, o discurso jornalístico permanece um campo aberto aos dizeres e às novas perspectivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Djalma Alves de. **A imprensa nasceu em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2000.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BUENO, Júlio. **Almanach do município da Campanha**. Campanha: Gráfica do Monitor Sul Mineiro, 1900.

CASADEI, Antônio. **Notícias históricas da cidade da Campanha: tradição e cultura**. Niterói : Serviços Gráfis-Ímpar, 1987.

CASADEI, Thalita de Oliveira; CASADEI, Antônio. **Aspectos históricos da cidade da Campanha**. Petrópolis: Editora Gráfica Jornal da Cidade, 1989.

COSTELLA, Antônio. **O controle da informação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CHARTIER, Roger. **Les usages de l'imprimé (XVe – XIXe siècle)**. Paris: Fayard, 1987.

DE LUCA, T. R. **Historia dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, C. B. (org.). Fontes Históricas. São Paulo; Contexto, 2005, p. 111-153.

DIAS, Maria Odila de Oliveira. **A interiorização da metrópole (1808-1853)**. In: MOTA, Carlos Guilherme. 1822: Dimensões, 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.

DOURADO, Mecenas. **Hipólito da Costa e o Correio Braziliense**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1957.

ELIAS, Norbert, **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. Tradução brasileira de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, vol. 1, 1990.

FERREIRA, Orlando da Costa. **Imagem e letra: introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1994.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2008a.

_____. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b.

_____. **Microfísica do poder**. 12. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996.

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 243-244.

FRAGMENTOS DE POESIA. A **Coelho Netto**, O Imparcial, Rio de Janeiro, 20 jan. 1929. Datada de Campanha, 1895

FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

_____. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**, v. 02. Rio de Janeiro, 2001, p. 11-27.

GREGOLIN, M. R. V. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1994. (Item documento/doc.) p. 535-549.

LENHARO, Alcir. **As tropas da moderação**: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil, 1808-1842. São Paulo: Símbolo, 1979.

LUSTOSA, Isabel. **Insultos impressos**: a guerra dos jornalistas na Independência (1821–1823). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **O nascimento da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003.

MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. Narrativas e rituais enunciativos na imprensa: a “Intentona” de 35. In: RUBIM, Antônio Albino, BENTZ, Ione Maria, PINTO, Milton José (orgs.). **Produção e Recepção dos sentidos midiáticos**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 29-42.

_____. Os primórdios da imprensa no Brasil/ou: de como o discurso jornalístico constrói memória. In: ORLANDI, Eni Puccinelle. **Discurso Fundador: A formação do país e a construção da identidade nacional**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2003.

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**. São Paulo: Cultrix, Editorada Universidade de São Paulo, 1977.

MICHAELLIS, Dicionário. Melhoramentos. Versão eletrônica. (www.michaelis.uol.com.br), acesso em 18/03/2010.

MONITOR SUL MINEIRO, Jornal. Data limite 01/01/1872 a 31/12/1896. **Ênfase especial às edições de 1872**. Inscursões em edições dos anos de 1873, 1877, 1878, 1884, 1888, 1889, 1892, 1894, 1895. Typographia do Monitor Sul Mineiro. Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort.

OLIVEIRA, Roberto Jefferson de. **Campanhenses ilustres**. Campanha, Minas Gerais. Centro de estudos campanhense Monsenhor Lefort, jun 1997.

POPKIN, Jeremy D. Jornais: a nova face da notícia. In: DARNTON, Robert & ROCHE, Daniel (Orgs.) **Revolução impressa - a imprensa na França 1775-1800**. São Paulo: EDUSP, 1996.

REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de. **Minhas recordações**. Coleção Documentos Brasileiros. Belo Horizonte. Imprensa Oficial de Minas Gerais, jan 1987.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A mídia e o lugar da história. In: HERSCHMANN, M.; PEREIRA, C. A. M. **Mídia, memória e celebridades: estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade**. Rio de Janeiro: E-papers, 2005, p. 121.

RIZZINI, Carlos. **O Livro, o jornal e a tipografia no Brasil**. Rio de Janeiro: Kosmos, 1945.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. [atualizada]. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VALLADÃO, Alfredo de Vilhena. **Campanha da Princeza**. Volume I, Leuzinger S/A. Rio de Janeiro, 1937.

_____. **Campanha da Princeza (1821-1909)**, Volume II, Leuzinger S/A. Lavradio 162/166, Rio de Janeiro, 1940.

_____. **Campanha da Princeza**. Volume III. Vida cultural. Parte I. São Paulo: Empreza graphica da Revista dos Tribunaes Ltda, 1942.

VEIGA, Bernardo Saturnino da. **Almanach Sul Mineiro**. Para o ano de 1874. Campanha: Typographia do Monitor Sul Mineiro, 1874.

_____. **Almanach Sul Mineiro**. Para o ano de 1884. Campanha: Typographia do Monitor Sul Mineiro, 1884.

_____. **Encyclopedia popular**. Campanha: Typographia do Monitor Sul Mineiro, 1879.

VEIGA, José Pedro Xavier da. A imprensa de Minas Gerais (1807-1897). **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Ano I, Fascículo 3. Ouro Preto: Imprensa Oficial de Minas Gerais, jul./set 1896, p. 479.

_____. A imprensa de Minas Gerais (1807-1897). **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Ano III, 1898.

_____. **Efemérides Mineiras -1664-1897**. Belo Horizonte: Fundação Cultural João Pinheiro, 2. ed. V. 1 e 2, 1998.

VILAS BOAS, Crisoston Tertio. **Para ler Michel Foucault**. Imprensa Universitária da Ufop, 1993.

VOZ DIOCESANA, Jornal. Edição do dia 10/02/1979. Campanha: Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort.

ANEXOS

Anexo 1

Meu irmão. – Queres escriptos meus para o teu jornal e eu te os prometti. Dominão porém minha vontade extranhas circumstancias que não tem permittido o cumprimento de minha promessa.

Uma dellas eu te exponho.

A descrença que parece dominar todos que me cercão vai se apoderando tambem do meu espirito: - admiro o philosofo que traçava na areia figuras geometricas quando a patria era invadida por inimigos, mas não posso imital-o.

Difficuldades da vida, desgostos a que não hei dado causa, contrariedades politicas, tudo tira-me o prazer de escrever. Se o fizesse, meus escriptos nas candidas paginas do teu *Monitor* talvez fossem nuvem procellosa e turva em céu limpo e sereno: - não terião acolhimento senão de pessoas descrentes, e para essas não creastes o teu jornal.

Mas eu prometi auxiliar-te no nobre e louvavel empenho que tomaste creando um periodico tão util a nossa terra: - se não perdi de todo a ambição de gloria desejava compartilhar contigo a que te pertence pela fundação e feliz existencia do *Monitor Sul-Mineiro*.

A um de meus melhores amigos pedi que garantisse a promessa que te fiz, e Alencar, o genio da litteratura brasileira, attendeu com benevolência o meu pedido.

Mas a advocacia, a politica, compromissos tomados com o paiz, e a educação de seus filhos em que elle pensa com serio cuidado, tudo que lhe tem impedido de vir em meu auxilio.

Cansei de esperar, e há poucos dias penetrando na officina de eximio artista, entre muitos quadros sublimes que lá vi esboçados tomei um para te offerecer.

É o prologo de um poema inda não concluido, como verás da carta que o precede, escripta pelo illustre autor de tão magnifica producção.

Podia com a offerta do fragmento da Nitheroy julgar-me remido: - escriptos de Alencar são de extraordinario valor, não ha moeda que os pague.

Eu denominei Allencar o genio da litteratura brasileira, e não sei o que mais admirar nelle, - se o politico, o estadista, o parlamentar, o jurisconsulto ou o romancista: em tudo é elle grande e sublime, mas eu o venero principalmente por suas virtudes publicas e privadas.

Vê pois de que valor é a offerta que te faço.

Não quero que me dêes por cumprida minha promessa: alguma lenda da nossa terra terás escripta pelo autor das *Minas de Prata* e do *Guarany*.

Já vêes que te hei de dar mais do que esperavas, e se para os quadros são precisos sombreados tel-o-has quando eu tiver tranquillidade de espirito e puder escrever alguma cousa para o *Monitor Sul-Mineiro*.

Irmão e amigo
Evaristo da Veiga
Rio, 22 de junho de 1872.

22 de junho de 1872

Meu caro Evaristo. – A noticia do apparecimento do *Monitor Sul-Mineiro* foi por mim recebida com effusão.

Sabes que veneração e tributo a essa briosa provincia de Minas, que em passadas eras, se poderia chamar a nossa brazileira Sparta.

Guarda-se em minha familia a tradição de um exemplo do mais nobre civismo do povo mineiro, nos tempos em que a liberdade era no Brazil uma religião, e não bandeira como ficou depois.

Foi em 1829. Uma votação brilhante e expontanea inscreveu o nome de Alencar na mesma lista de patriotas em que figurava o nome do grande patriota Evaristo.

Qual a razão porque um cearense que nenhuma affinidade política tinha com a importante provincia apparecia entre os primeiros eleitos do povo mineiro?

Muita gente ignora hoje o facto; e alguns que delle se recordão, não atinão de certo com sua causa real.

O senador Alencar havia tres annos antes atravessado a provincia de Minas, como preso de estado, compromettido na revolução de 1824. O povo mineiro, que o vira martyr da liberdade, exaltou-o do infortunio com a sua eleição.

Estava ahi então a grande alma romana do severo Catão, a quem agradava a causa do vencido, ainda mesmo desdenhada pelos deuses.

Taes exemplos não são para estes tempos. Aquelle fogo sagrado de nossa mocidade politica, o generoso enthusiasmo da democracia, tanto se arreceavão delle que o sufocarão.

Deixemos em paz a politica; nada podia ella dar-nos de melhor do que o esquecimento, si fosse possivel à cidadãos deste Brazil, tão fadado à grandes destinos, descurar da patria de seus filhos.

Com satisfação vi surgir ahi, onde floresceu outr'ora a Arcadia, uma publicação que vai accordar os echos da harpa de José Basilio, e das lyras de Gonzaga, Claudio e Alvarenga; colhendo nas auras mineiras as melodias americanas de B. Guimarães e Salomé Queiroga.

Não podia, pois, esquivar-me ao convite que me fizeste de cooperar com meu fraco subsidio para a folha que teu irmão creára sob tão felizes auspicios.

Minha intenção era mandar-te alguma cousa inspirada pela terra mineira, uma das flores agrestes que lá colhi, durante o ultimo verão, na breve excursão que fiz ás aguas do Cachambú.

Minguou porém o tempo para copiar da memoria uma lenda que alli me contarão, ainda impregnada do almo calor da fé, que alentavão nossos maiores.

Para não ficar em falta, em quanto me não desempenho da promessa, ahi vai o que mais á proposito achei entre os meus rascunhos.

É o prólogo, e esse mesmo por acabar de um poemeto, que gisei ha annos e talvez não passe desse tentamen.

Quando appareceu *Iracema*, alguns amigos lamentarão que não a tivesse eu escripto em verso; e delles houve quem pretendesse que fora essa a primeira traça, pois o principio da lenda conservava a cadencia de metro.

Completo engano, porque nunca, desde a primeira inspiração até remate do livro, nunca me occorreu a idéa de metrificar-o.

Ao contrario minha convicção era que a prosa com a harmonia larga pelo numero do rithmo, traduzia melhor que o verso a linguagem ingenua do selvagem; e imprimia á narrativa certo cunho de singelleza que não se obteria com o metro.

Ainda penso do mesmo modo; e cousas ha em *Iracema*, que justamente por seu nenhum valor litterario, perderião para mim todo seu encanto si as transportassem para a melhor poesia.

Todavia querendo tirar bem a limpo essa questão de arte, esbocei outra lenda, que destinei escrever em verso, para cotejal-a com a prosa da primeira.

É desse embrião litterario que te envio um fragmento.

O juiso que farão do trecho, não o avento eu; mas asseguro-te que ao lavor desses versos, prefiro de muito a rude simplicidade da prosa, que falla a virgem dos labios de mel.

E tanto assim é que em alguma folga de occupações, não mais serias, porém mais conformes ao materialismo do seculo, pretendo escrever *Nitherohy* – ao modo de *Iracema*.

Antes disso porém acharei meio de fintar os autos e a política para dar conta da tua lenda mineira; tua duas vezes, porque é escripta em devoção ao amigo e á sua terra natal.

J. de Alencar

Nicterohy
(lenda do Rio de Janeiro)

Prólogo

I

Meia noite. Frouxa a lua
Palleja um ceo macilento
No largo voga a falúa
Ao sopro de escasso vento.
Arqueja o mar somnolento;
Na praia a vaga não plange,
Nem a folha a brisa agita;
Oh! que offegange mudez!
Como a vida se confrange
Como o silencio palpita
Nessa mésta placidez!

Mas teu seio arfa e entumesce
Soluçaste, Nicterohy!...
Porque tua alma estremece?
Choras tu por teu heróe?
Não te esquecerão, formosa,
Aquelles tempos felizes?
Na tarde meiga e calmosa,
Brincava em langues deslizes
A beijar-te leve a face,
Ligeira e subtil igara
Que impelia o remo audace
Do guerreiro Guanabara.

Como era gentil a igara,
Como era forte o guerreiro!
Jamais o raio affrontara
Outro olhar tão sombranceiro
Vencia, ao largo, a borrasca
Na mata o bravo jaguar;

A' enorme baleia a vasca
 Nas profundezas do mar,
 Levava o braço feroce
 Que ao céu disferia a morte
 Na longa seta veloce.
 Chegára um dia do norte;
 A tribu de seus valentes
 Deu-lhe patria nesta terra
 E ás selvas lançou frementes
 Seu fero grito de guerra:
 “Não há tamoio que escape
 Aos golpes de meu tacape!”

Como era bello e robusto
 O guerreiro Guanabara!
 No rosto moreno, adusto,
 O sol, os raios, vasára.
 Da flexa tinha a esbelteza,
 E do negro ibiratan,
 Que o aço, cospe a rijeza.
 Das pennas da jaçanan
 A mão de Cary mimosa
 Lhe prendera, carinhosa,
 A' espada, rubro arassoia.
 Era belo, Nicterohe,
 Era grande teu heróe,
 O valente Arariboia!

Tempos, tempos que fugirão
 Saudades de tua infancia!...
 Agora em teu mar se mirão
 Destes paços a elegancia
 E as galas da cortezã
 A taba humilde e selvagem
 Que ao despontar da manhã
 Te saudava entre a ramagem,
 Varreu da noite a lufada
 Como o folhiço da selva.
 A collina avelludada
 Ao matiz da fina relva,
 Eil-a, de pedra esqueleto
 Que o homem – verme carcome.
 A mata o fogo consome
 E bolcão de fumo preto
 Te envolve como um sudario.
 Olha! na praia bravia
 Lá se eleva solitário
 Dentre a negra penedia
 O rochedo nú e esqualido.
 Como um guerreiro precito

De vulto sinistro e pallido,
Zomba de ti, Nieterohe,
Com seu riso de granito.
Ah! quanto este eccarneo dóe!

Que te vestissem a flor,
A flor do valle emsombado,
Lindas galas de primor
E o regio manto dourado
Que d'altiva fronte pura
Tua c' rôa de boninas
E teu nastro de verdura
Trancem rosas peregrinas
Era, terra, o teu destino.
Este solo vigorso
Attesta o sello divino
No prospecto magestoso.
Nicterohe, da patria minha,
Throno e regaço fecundo,
Fez-te Deos para rainha
De um povo ingente, d'um mundo.

Mas, virgem do mar, perdeste
Doce nome brasileiro!
Como depressa esqueceste
O nome de teu guerreiro,
Do valente Guanabara,
Por um nome forasteiro?
De quem primeiro te amára
Já não és viuva esposa,
Nem mais te lembrás, ingrata,
Que em teu seio elle repousa!
Pelo mar que se dilata
Beijando a terra fagueiro
O echo só repercute
Fallas de labio estrangeiro.
Ai, que o triste não te escute!

No borborinho da praça
Que teu socego perturba,
Todo povo, cada raça,
Tem voz, nessa voz da turba.
Só a lingua do tupy
De teu primeiro senhor
Não se escuta mais aqui,
A's patrias brisas não falla
Nem vibra cantos de amor.
Apenas a rosa-opala
Flor da face que desbota

Ou branca e triste gaivota
 Alma nos mares errante,
 Do índio que se finára;
 Dizem ao vento inconstante
 O nome de Guanabara.

Passai, passai, lindas águas
 Das praias de Nicterohe.
 Lançae ao vento essas maguas
 Que o tempo tudo destróe

II

Voga a falúia. Na prôa batendo
 Marulha.
 A onda pesada e a espuma fervendo
 Borbulha.
 Na popa sentado o velho barqueiro
 Dormita;
 Ao peito curvado o rosto trigueiro
 Sopita.
 No mastro sem vento a vella banzeia
 E a escôta
 O grosso costão, da vaga que alteia
 Açouta.
 O remo esticado na borda plangente
 Rangia.
 E a tona subtil das águas cadente
 Frangia.
 Os quatro remeiros na borda escorando
 Se erguerão,
 Nos bancos porém de novo sentado
 Baterão.
 A pá que tangia a mão destemida
 Retalha
 O seio profundo da vaga dormida
 Que ralha.
 Os homens agora o lombo vergarão
 Deitados
 Aos ares salvando os remos alçarão,
 Crusados.
 Da vaga ao compasso um canto soturno
 Modulão
 As vozes, do mar ao quebro nocturno
 Ululão.

Grande dia vai nascer,
 É dia do grande santo.
 De que serve querer tanto

A quem não sabe querer?
 Rema! Que o vento banzeiro affrouxou.
 Eh-lou!...
 Hoje é dia de folgar
 Viva São Sebastião
 Ó gente, vá se enfeitar
 São horas da procissão!
 Rema! Que o vento banzeiro affrouxou.
 Eh-lou!...

A cidade já está perto
 Mais um pucho p'ra chegar.
 Menina, esse cós aberto
 É capaz de me matar.
 Rema! Que o vento banzeiro affrouxou.
 Eh-lou!...

III

Mais livida a lua
 A face velando
 De nevoa, fluctua.
 Um raio oscillando
 Na calva batia
 Do velho barqueiro.
 A barba tremia
 Ao bafo ligeiro
 D'um halito breve,
 Qual froco de espuma
 Que a vaga de leve
 Frizada, reçuma.
 O velho sonhava:
 Sua alma senil
 Aos tempos voltava
 Da infancia gentil.

Na torre fremente
 O bronze retrôa
 O echo dolente
 Ao longe reboa,
 O velho desperta
 E brusco alça a fronte;
 Olhar turvo, alerta,
 Contempla o horisonte.
 O braço já tropego
 Aos ares remonta.
 E, rapido e sôfrego
 No mar longe aponta
 D'um vulto a figura

Em pé no rochedo.
- É elle!... Murmura
O velho hirto e quedo;
Os outros de medo
Ficarão tremendo;
E mudos de espanto
Vão se benzendo.

O velho no entanto
Solemne se erguia
- Quem? Balbucia
Por fim um remeiro.
E o velho responde
- O indio guerreiro!
- O indio!... mas onde?...

A lua esmaece
Na estranha visão
Absorto emmudece
O calvo ancião.
Além entre as fragas
Na espuma das vagas
A nevoa assomava
Qual branco phantasma
Que o mar dominava
A gente olha pasma
Tangida de horror.
Da vaga ao sabor
O barco se embala
E atôa resvalla
Das aguas á flor.

J. DE ALENCAR

Anexo 2

TABELA 1 Monitor Sul-Mineiro -Ano I - 1º semestre -1872. Frequência das colunas: maior veiculação nas edições analisadas no período.
Total: 27 edições veiculadas.

Meses	Janeiro					Fevereiro				Março					Abril				Maio				Junho				
Coluna- Seção	1	7	14	21	28	4	11	18	25	3	10	17	24	31	7	14	21	28	5	12	19	26	2	9	16	23	30
Noticiario	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	X	x	x	x	x	x	x	X	x	x	x	x
Ephemerides	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	X	x	x	x	x	x	x	X	x	x	x	x
Anuncios	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	X	x	x	x	x	x	x	X	x	x	x	x
Mosaico				x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	X	x	x	x		x	x	X	x	x	x	x
poesias	x			x		x	x	x	x		x	x		x	x	x	x	x			x	x			x	x	x
Ineditoriaes	x		x					x		x	x	x		x	x		x	x			x	x	X		x	x	x
Monumentos				x	x		x	x	x		x	x		x							x		X	x			x
Folhetim		x		x	x					x					x				x	x				x	x	x	x
Instr. popular		x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x														
Viagens		x	x	x			x	x			x					x							X		x	x	

Dados obtidos mediante a análise do *Monitor Sul-Mineiro*, janeiro a junho de 1872. Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort

Anexo 3

TABELA 2 Monitor Sul-Mineiro -Ano I - 1º semestre -1872. Frequência das colunas: menor veiculação nas edições analisadas no período.
Total: 27 edições veiculadas

Meses	Janeiro					Fevereiro				Março					Abril				Maio				Junho				
Coluna-Seção	1	7	14	21	28	4	11	18	25	3	10	17	24	31	7	14	21	28	5	12	19	26	2	9	16	23	30
Bellas Artes			x	x		x			x								x	x	x			x					
Editaes									x	x	x	x	x	x									x	x			
Historia natural															x		x	x	x	x	x	x					
Litteratura										x	x					x	x		x								
Higyene														x	x					x						x	
Variedades							x				x															x	
Biographia	x																										x
Pintura	x	x																									
Religião													x	x													
Costumes																x										x	
Esculptura					x																						
Estudos Historicos																				x							

Dados obtidos mediante a análise do *Monitor Sul-Mineiro*, janeiro a junho de 1872. Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort.

Anexo 4

TABELA 3 Monitor Sul-Mineiro -Ano I - 2º semestre -1872. Frequência das colunas: maior veiculação nas edições analisadas no período. Total: 26 edições veiculadas

Meses	Julho				Agosto				Setembro					Outubro				Novembro				Dezembro				
Coluna-Seção	7	14	21	28	4	11	18	25	1	8	15	22	29	6	13	20	27	3	10	17	24	1	8	15	22	29
Ephemerides	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
Noticiario	x	x	x	x	x	x	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
Ineditoriaes	x	x	x	x	x	x	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x		x	x	x	x	x	x	
Folhetim	x		x	x	x	x	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
Anuncios		x	x	x	x	x	x	x		x	x	x	x	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	
Mosaico		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		x	x		x	x	x		x	x		x	
Poesias	x			x	x		x	x	x	x	x	x				x			x	x				x		
Viagens	x				x	x			x		x	x	x	x	x		x	x				x				
Historia natural			x		x	x	x	x	x	x	x	x	x						x							

Dados obtidos mediante a análise do *Monitor Sul-Mineiro*, julho a dezembro de 1872. Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort

Anexo 5

TABELA 4 Monitor Sul-Mineiro -Ano I - 2º semestre -1872. Frequência das colunas: menor veiculação nas edições analisadas no período.
Total: 26 edições veiculadas

Meses	Julho				Agosto				Setembro				Outubro				Novembro				Dezembro					
Coluna-Seção	7	14	21	28	4	11	18	25	1	8	15	22	29	6	13	20	27	3	10	17	24	1	8	15	22	29
Monumentos	x	x	x	x						x			x			x			x							x
Systema métrico																				x	X	x	x	x	x	x
Variedades						x												x	x		X		x			
Noticias das províncias																						x	x	x	x	x
Exterior																						x	x	x	x	x
Editaes	x					x	x																	x		
Litteratura		x													x	x	x									
Colaboração							x													x	X					
Instrução popular		x	x																						x	
Jurisprudência criminal																						x		x		
Biographia																		x					x			
Pintura		x																		x						
Bellas Artes							x																		x	
Religião																										x
Estudos Históricos																										x
História sagrada																					X					
Bibliografia																				x						
Agricultura																									x	
Hygiene																										
Esculptura																										
Costumes																										

Dados obtidos mediante a análise do *Monitor Sul-Mineiro*, julho a dezembro de 1872. Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort.

ANEXO 6

EDITORIAIS DO MONITOR SUL MINEIRO – ANO I – 1872

ÍNDICE POR CATEGORIAS TEMÁTICAS

	nº	p.	data
1 O SURGIMENTO DO MONITOR SUL MINEIRO			
1.1 A criação do periódico.....	1	2	01/01/1872
1.2 Redivivo Anhelto: surge o Monitor Sul-Mineiro.....	1	2-3	01/01/1872
1.3 Os ideais do Monitor Sul-Mineiro.....	2	3	07/01/1872
1.4 Aos leitores: o primeiro ano de existência do periódico.....	53	3	29/12/1872
2 A EDUCAÇÃO			
2.1 A instrução pública na França, na Alemanha e no Brasil	11	04	10/03/1872
2.2 A educação física, intelectual, moral e religiosa	15	04	07/04/1872
2.3 A educação familiar: o comportamento das crianças.....	35	03	25/08/1872
3 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA			
3.1 A indiferença pelo hábito de leitura no Brasil.....	08	3-4	18/02/1872
3.2 Leitura: lazer, fator de civilização, formação intelectual e moral..	10	3-4	03/03/1872
3.3 B.L. Garnier; livreiro, intelectual e incentivador da leitura.....	21	3	19/05/1872
4 A NECESSIDADE DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS			
4.1 Biblioteca popular: instituição civilizadora na instrução pública...17		3-4	21/04/1872
4.2 Bibliotecas públicas nos E.U.A, Europa, Brasil e Campanha.....	19	4	05/05/1872
5 A IMPRENSA			
5.1 A situação da imprensa no Brasil.....	47	3	17/11/1872
5.2 Estatística eloquente: a imprensa nos EUA e no Brasil.....	16	3-4	14/04/1872
5.3 Os correios e a disseminação dos periódicos no sul de MG.....	25	3	16/06/1872

6 A AGRICULTURA: FONTE DE RIQUEZA DO BRASIL

6.1 Modernização da agricultura x produção de alimentos.....	02	3-4	07/01/1872
6.2 A produção de gêneros alimentícios de primeira necessidade.....	04	3	21/01/1872
6.3 O aproveitamento do solo e a industrialização da uva.....	06	3	04/02/1872
6.4 Os impostos e a falta de uma política de apoio à agricultura.....	09	3	25/02/1872
6.5 O apoio aos pequenos produtores e arrendatários	12	3	17/03/1872
6.6 Café, algodão, cana e fumo, os principais gêneros de produção.....	03	3	14/01/1872
6.6.1 A falta de incentivo e o declínio da agricultura algodoeira....	39	3-4	22/09/1872
6.6.2 O algodão: perspectivas de produção e de industrialização...	43	3	20/10/1872
6.6.3 Histórico do algodão e vantagens do seu plantio.....	50	3	08/12/1872
6.6.4 A lavoura cafeeira: vantagens e desvantagens	48	3-4	24/11/1872
6.6.5 Método racional de plantio e cultivo da cana.....	49	3	01/12/1872

7 A RELIGIÃO; FATOR DE PROGRESSO MORAL E AGENTE CIVILIZADOR.

7.1 A importância da instrução religiosa.....	04	3-4	21/01/1872
7.2 A religião regenerando o homem e os costumes.....	07	3-4	11/02/1872
7.3 O ensinamento do domingo de ramos.....	13	3	24/03/1872
7.4 A mensagem da ressurreição de Cristo.....	14	3	31/03/1872
7.5 Decadência moral da sociedade e a perda da influência clerical....	22	3	26/05/1872
7.6 Clero: a ignorância e a corrupção dos apóstolos da verdade.....	27	3	30/06/1872
7.7 Religião protestante e o comércio de bíblias em Campanha.....	29	3-4	14/07/1872
7.8 Missões na Campanha: farol da verdade em meio à impiedade....	40	3	29/09/1872
7.9 A partida dos missionários, os santos levitas do Senhor.....	41	3	06/10/1872

8 POLÍTICA

8.1 Novo presidente da província de MG: conquistas e desafios.....	20	3-4	12/05/1872
8.2 Assembléia provincial mineira; interesses e conveniências.....	23	3	02/06/1872
8.3 A bandeira do mineirismo contra o desprestígio político de MG...	26	3	23/06/1872
8.4 A voz da província: a Minas o merecido destaque.....	30	3	21/07/1872
5.5 Campanha, sede do 4º distrito de obras públicas, reivindica.....	31	3	28/07/1872
5.6 Honradez, ética e honestidade aos governantes eleitos.....	32	3	04/08/1872
5.7 Títulos e condecorações; moedas especiais da monarquia.....	33	3	11/08/1872

9 O PROGRESSO DO SUL DE MINAS

9.1 O futuro do Sul de MG: progresso, indústria e civilização.....	45	3-4	03/11/1872
9.2 Águas termais: potencial para impulsionar o desenvolvimento....	38	3	15/09/1872
9.3 O potencial das fontes termais de Caldas.....	46	3-4	10/11/1872
9.4 O uso terapêutico das águas termais de Caldas.....	47	3-4	17/11/1872
9.5 Caldas: delimitação e construção do balneário.....	52	3	22/12/1872

10 PATRIOTISMO, INICIATIVA INDIVIDUAL E EMPREENDEDORA

10.1 O egoísmo: indiferença ao próximo e ao progresso da pátria.....	24	4	09/06/1872
10.2 O progresso contra a inércia e a indiferença do cidadão.....	37	03	08/09/1872
10.3 Progresso: resultado do trabalho e do espírito empreendedor.....	42	3-4	13/10/1872
10.4 Modernização de práticas agrícolas e processos de produção.....	43	3-4	20/10/1872
10.5 Implantação e diversificação da indústria no sul de Minas.....	44	3-4	27/10/1872

11 TEMAS DIVERSOS

11.1 Recenseamento da população do Império.....	05	4	28/01/1872
11.2 Paz ou Guerra: as conseqüências da guerra do Paraguai.....	28	3	07/07/1872
11.3 As péssimas condições de vida nas prisões.....	34	3	18/08/1872
11.4 Uma estátua a Tiradentes; um monumento à liberdade.....	51	3	15/12/1872
11.5 O beija-mão.....	20	3	12/05/1872
11.6 O jogo.....	18	3	28/04/1872
11.7 Conflito alemão.....	06	3-4	04/02/1872

Anexo 7

Frequência dos Editoriais no Monitor Sul-Mineiro 01 de janeiro de 1872 a 23 de novembro de 1896

ANO	Nº	DATA DA EDIÇÃO	PÁGINA (s) VEICULADA (s)	TÍTULO
I	1	01/01/1872	2 e 3	Redivivo Anhello
I	2	07/01/1872	3 e 4	A agricultura
I	3	14/01/1872	2 e 3	Religião I - Agricultura II
I	4	21/01/1872	3 e 4	Agricultura III- Religião II
I	5	28/01/1872	4	Recenseamento da população do Império
I	6	04/02/1872	3 e 4	Agricultura IV – conflicto allemão
I	7	11/02/1872	3 e 4	Religião III
I	8	18/02/1872	3 e 4	A leitura – I
I	9	25/02/1872	3	A Agricultura –V
I	10	03/03/1872	3 e 4	A leitura – II
I	11	10/03/1872	4	Educação – I
I	12	17/03/1872	3	A Agricultura –VI
I	13	24/03/1872	3	Domingo de ramos
I	14	31/03/1872	3	Domingo da ressurreição
I	15	07/04/1873	4	Educação – II
I	16	14/04/1872	3 e 4	Estatística eloquente
I	17	21/04/1872	3 e 4	Bibliothecas publicas
I	18	28/04/1872	3	O jogo
I	19	05/05/1872	4	Bibliothecas publicas
I	20	12/05/1872	3 e 4	Beija-mão/ Presidência de Minas
I	21	19/05/1872	3	B. L. Garnier
I	22	25/05/1872	3	O nosso clero
I	23	02/06/1872	3	Assembleia provincial
I	24	09/06/1872	4	O egoísmo
I	25	16/06/1872	3	Correios
I	26	23/06/1872	3	A bandeira do mineirismo
I	27	30/06/1872	3	O nosso clero – II

ANO	Nº	DATA DA EDIÇÃO	VEICULADO PÁGINA(S)	TÍTULO
I	28	07/07/1872	3	Paz ou guerra
I	29	14/07/1872	3 e 4	Religião protestante
I	30	21/07/1872	3	A voz da província
I	31	28/07/1872	3	4º Districto de obras públicas
I	32	04/08/1872	3	Municipalidades
I	33	11/08/1872	3	Graças e condecorações
I	34	18/08/1872	3 e 4	Nossas prisões
I	35	25/08/1872	3	Educação
I	36	01/09/1872	-	<i>(edição sem editorial)</i>
I	37	08/09/1872	3	Iniciativa individual
I	38	15/09/1872	3	O sul de Minas
I	39	22/09/1872	3 e 4	A cultura do algodão I
I	40	29/09/1872	3	As missões na Campanha
I	41	06/10/1872	3	A partida dos missionários
I	42	13/10/1872	3 e 4	O poder da vontade
I	43	20/10/1872	3 e 4	A cultura do algodão II O poder da vontade II
I	44	27/10/1872	3 e 4	O poder da vontade III
I	45	03/11/1872	3 e 4	O sul de Minas
I	46	10/11/1872	3 e 4	Fontes thermaes de Caldas
I	47	17/11/1872	3 e 4	A imprensa no Brasil Fontes thermaes de Caldas II
I	48	24/11/1872	3 e 4	Nossa lavoura I – A cultura do café
I	49	01/12/1872	3	Nossa lavoura II – A cultura da canna
I	50	08/12/1872	3	Nossa lavoura III – A cultura do algodão
I	51	15/12/1872	3	Uma estatua a Tiradentes
I	52	22/12/1872	3	Aguas thermaes de Caldas
I	53	29/12/1872	3	Aos nossos leitores

Dados obtidos mediante a análise do *Monitor Sul-Mineiro*, (01 de janeiro de 1872 a 29 de dezembro de 1872). Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort.

Anexo 8



Bernardo Saturnino da Veiga – Reunião familiar.

Fonte: CEMEC/SM – Centro de Memória Cultural do Sul de Minas Gerais, Campanha MG
Acervo Paulino de Araújo

Anexo 9



Família Veiga reunida em comemoração ao 15º aniversário do Monitor Sul-Mineiro
Fonte: CEMEC/SM – Centro de Memória Cultural do Sul de Minas Gerais, Campanha MG
Acervo Paulino de Araújo

Anexo 10

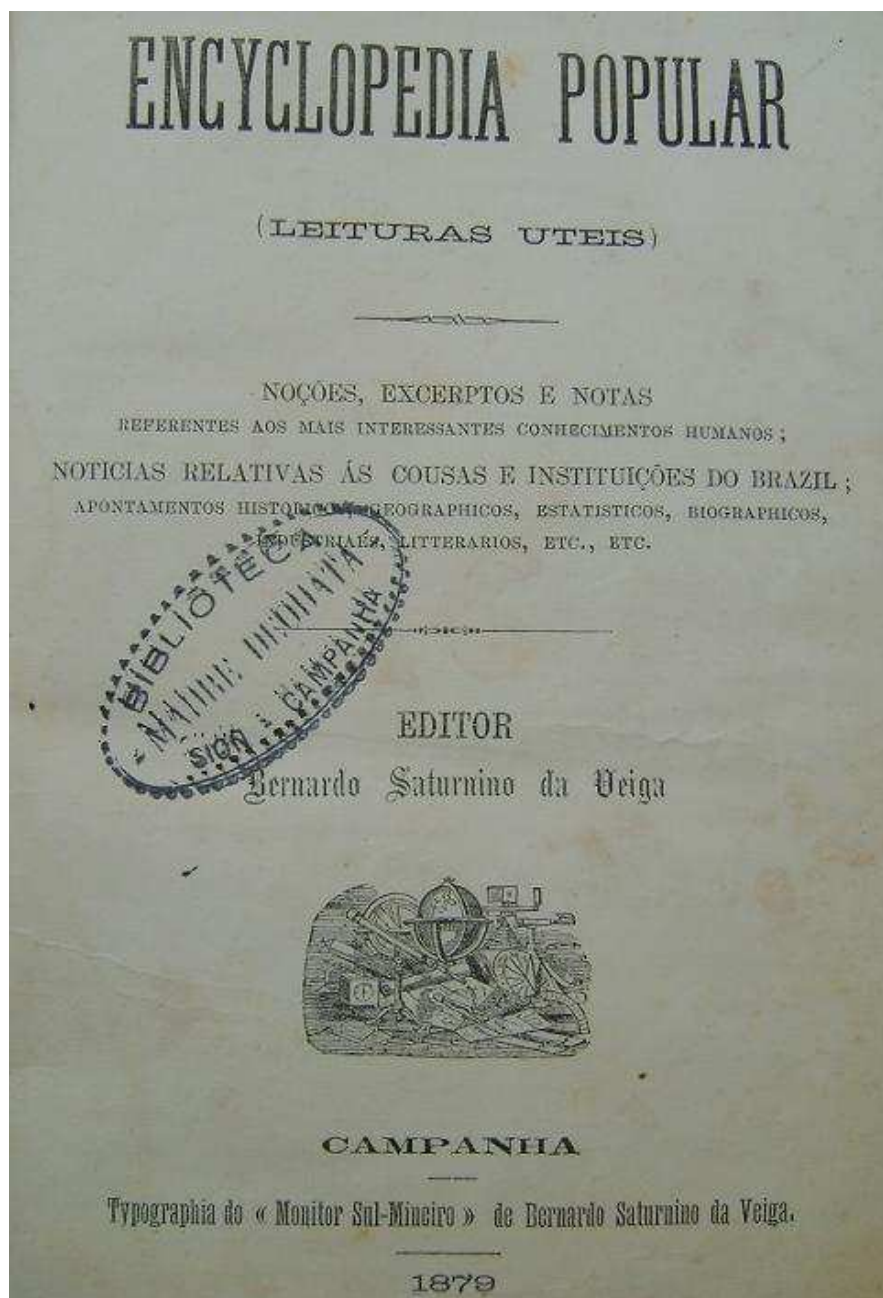


Residência de Bernardo Saturnino da Veiga, em Campanha, no século XIX.
Fonte: CEMEC/SM – Centro de Memória Cultural do Sul de Minas Gerais – Campanha MG
Acervo Paulino de Araújo



Foto da residência que pertenceu a Bernardo Saturnino da Veiga, em Campanha, MG
Fotografada no dia 2 de fevereiro/ 2010

Anexo 11



Encyclopedia Popular, editada por Bernardo Saturnino da Veiga, na tipografia do *Monitor Sul-Mineiro*, em 1879.

Fonte: CEMEC/SM – Centro de Memória Cultural do Sul de Minas Gerais – Campanha MG

Anexo 12



Estátua em homenagem a José de Alencar (idealizada por Bernardo Saturnino da Veiga), na praça que leva o nome do escritor, nas divisas do Flamengo, Largo do Machado e Catete.
Fonte: <www.henrique32.wordpress.com>, acesso em 18/03/2010

Anexo 13



Foto do Monitor Sul-Mineiro, Ano XXIV, 27 de março de 1895. p. 2

Ao centro, o *Poema Rude*, de Euclides da Cunha, dedicado a Bernardo da Veiga

Fonte: Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort

Anexo 14

MONITOR SUL-MINEIRO

SEMANARIO DE LITTERATURA, INDUSTRIA E NOTICIAS.

Publicado sob a direcção de Bernardo Saturnino da Veiga, editor proprietario.

Anno I. Campanha da Princesa, 31 de Março de 1872. Numero 14.

RELIGIÃO.

O descendimento da cruz.

O quadro de que hoje nos vamos occupar, nesta sessão do Monitor, representa o descendimento de Jesus Christo da cruz, e copia da uma das mais bellas concepções de Rubens, o mais notavel de todos os pintores da escola flamenga.

O invejavel pinel do illustre filho de Antwerp procurou representar na tela o mais horrivel drama que na terra se tem visto, e que, ha dezasseis seculos, teve por theatro o Golpho.

O grupo pyramidal de nove figuras que nosa gravura representa é justissimo e apreciado, e a figura de Jesus Christo merece sem duvida a admiração do espectador. E' impossivel exhibir a morte mais pallidamente do que se divisa no pallido, desarrancado e sanguento corpo do Salvador dos humans. A devota diligencia, expressa nos discipulos occupados em descerem o corpo sacrosanto do seu Mestre, é a mais viva e verdadeira. Os dous discipulos que estão no cimo das escadas e sobre a cruz, a fim de descerem o corpo, acham-se na postura mais conveniente para effectuarem a obra piedosa: um delles largou ja o corpo e com o braço estendido quanto pôde, parece mostrar o mais vivo interesse e exhortar os outros a que se hajão com a maior firmeza, em quanto que o outro parece recoso de largar o braço do seu divino Mestre, para que o peso do corpo não vença a força dos que não chão se dispõem a suspende-lo. José de Arimathea, em meio da escada, segura, com muita reverencia, o corpo que desce, sugelando-o por baixo do braço; e o amado discipulo, em pé, parece disposto a fazer todos os esforços para suspender o cadaver e impedir que caia. A Virgem Santissima, banhada em lagrimas e angustiada, estendo os braços maternos, e parece esperar ansiosa pela triste e ultima consolação de abraçar o inanimado corpo do seu Filho e do seu Deus. A obscuridade do horizonte annuncia a sympathia do céo e de toda a natureza. A cabeça, o corpo e o braço esquerdo de Christo, são com razão considerados a obra mais exquisita do pinel de Rubens. O panno branco e grande que ha de servir de sudario para o corpo de Jesus no sepulchro, segundo o costume dos Hebréos, está espidado com muita arte desde o braço da cruz, para servir de base a parte alta do grupo, aliviando na pintura, pela sua reflexão transparente, as côres azues e amareladas que prevalecem no quadro. Este panno branco foi destramente empregado para manter a harmonia geral, fixando a luz mais clara e viva no centro do grupo; e por este artificio do pinel, adquirem todas as côres maior luminosidade, estabelecendo em todas as partes principaes uma opposição eminentemente pittoresca.

A côr vermelha da tunica de S. José, as vestes verdes de Maria Magdalena, contrastadas com o pallido corpo do Salvador, contribuem muito para a projecção apparente do grupo da frente; ao passo que o omento azul da Virgem, mistado do qual está a sombra, a côr purpura da vestimenta de José de Arimathea, e do discipulo collocado á direita servem para arrolhar os contornos pelos lados.



O DESCENDIMENTO DA CRUZ.

Tal é o famoso quadro do descendimento da cruz, visto com o colorido que o destro pinel de Rubens lhe deu, de cuja qualidade está forçosamente privada a estampa que hoje damos, a qual sendo gravada em madeira, não pôde o buril comunicar toda a expressão que seria para desejar.

Aquelles que se educarão nos santos principios do christianismo não poderão ver este quadro sem dó.

A morte do Cordeiro de Deos, da Victimia innocente, acompanhada de mil martyrios, que findarão com o supplicio ignominioso da cruz, tudo motivado pela humanidade, cujas culpas Jesus Christo vinha remir, deve inspirar, nós, que nos dizemos filhos de Deos, um espirito mais religioso, mais puro, mais isento de paixões e de odios, do que aquelle que infelizmente lemos, e alimentamos com as nossas continuas faltas.

A paciencia, com que Jesus Christo soffreu todos os martyrios, que seus barbaos algosz quizerão fazer cair sobre Elle, deve ser imitada por nós nas contrariedades desta vida, tão pejuenas, e miseraveis se tentamos comparal-as áquelle sacrificio magestoso!

A humidade, com que Elle se curvou sub-

Ephemerides da semana

31 DE MARÇO.

1521 Morreu Felipe III de Castella e II de Portugal. Era doado de fraza real, e por seu consentimento que seu ministro, o duque de Lerme, governasse em seu nome. Querendo evitar a sublevação de Mouras os expulsou de seus estados (1609), fazendo assim perder a Hespanha os mais industrioses de seus habitantes: o numero dos exilados se elevava a quasi um milhão. A miseria do paiz foi ainda augmentada pelas continuas variações no valor das moedas. Foi durante o governo deste soberano que rompo a guerra dos trinta annos, na qual elle tomou parte á favor da casa d'Austria. Succeddo-lhe seu filho Felipe IV.

1732 Deu-se regimento aos juizes de orphãos creados nas villas mais povoadas do Brazil.

1815 Murat proclama independencia da Italia.

1866 Valparaiso é bombardada pela esquadra hespanhola.

1 DE ABRIL.

1808 Data do alvará do príncipe regente permitindo aos brazileiros o exercicio de toda e qualqur qualidade de industria, ficando revogadas as ellebrimas prohibições do alvará de 5 de Janeiro de 1735.

1810 Casamento civil de Napoleão com a archiduquesa Maria Luiza, da Austria, ajustado em 7 de Fevereiro.

1816 Nasceu o distincto paquista Gabriel José Rodrigues dos Santos.

1826 Da volta da Bahia, onde serenára a agitação do povo, chegou D. Pedro I ao Rio de Janeiro.

3 DE ABRIL.

1735 E' remettido preso para Lisboa o celebre príncipe do Brazil, que pelas capituladas das Alagoas e Pernambuco anillara distribuindo titulos de condés e marquizes a quem com elle maiores quantias despendia.

1791 Morreu o comde de Mirabeau, o mais distincto de todos os oradores da revolução franceza. Desde a infancia manifestou uma intelligencia extraordinaria, mas foi tão irregular sua mocidade que seus pais virão-se forçados a encerral-o nos prisões de Varennes, em 1777, por se ter elle tornado criminoso. Estive no exercito algum tempo, e em 1784 começou a dedicar-se á politica, sendo em 1789 eleito representante de Aix nos Estados Geraes. Ahi revelou ella, com o fogo das palavras de sua mocidade, os profundos conhecimentos da idade madura; dominou todos os oradores, e pronunciou tantos discursos eloquentes que lhe derão o nome de *Demosthenes francez*. Depois de se ter mostrado o mais audaz dos reformadores, e o mais perigoso adversario da corte, Mirabeau approximo-se da realza (3 de Julho de 1790). Procedeo deste modo por convencer-se de que estava imminente uma grande catastrophe, mas esta conducta deu causa ao apparecimento de numerosos inimigos desde principio da tribuna, e já a sua popularidade começava a ser abalada, quando elle repentinamente morreu, nesse dia, cansado da vida tempestuosa que levava. Seus restos foram conduzidos, com grande pompa, ao Pantheon douts annos depois d'ahi os tirou a população de Pariz para lançal-os aos ventos.

1866 Uma divisão da esquadra brasileira tomou posse no acima do Itapirú.

3 DE ABRIL.

397 Morreu Santo Ambrosio. Governava a Liguria quando o povo de Milho, encantado por suas virtudes, o elego bispó unanimemente. Tornou notavel seu occupado pelo zelo com que tratava das

Foto do Monitor Sul-Mineiro, Anno I, nº 14, 31 de março de 1872. p. 1
Fonte: Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort

Anexo 15

MONITOR SUL-MINEIRO
SEMANARIO DE LITTERATURA, INDUSTRIA E NOTICIAS.

Publicado sob a direcção de Bernardo Saturnino da Veiga, editor proprietario.

Anno I. Campanha da Princeza, 14 de Janeiro de 1872. Numero 3.

BELLAS ARTES

O sonho da vida humana.

O homem descansa sobre um tumulo aberto, na qual diferentes mascarar represento, nas diversas idades e condições da vida, a vaidade das nossas paixões e dos nossos prazeres. No repouso reza uma trombeta celeste; o homem acorda. Em derredor delly, em um arco mysterioso, uma mão invisivel apresenta as scenas da vida humana.

— Eis aqui primeiro a infância que ainda não está aborrecida com os estudos, com o colarinho e o vestido de menina. Quando o colarinho e o vestido sobre uma meza, olha para o vacuo e está meditativo.

— Qual é pois esta vida cujas portas se abrem diante delly? Quem o chamou a vida, e para que fim?

Atraz delle folio é a obscuridade, ignorancia, furtividade, — nada.

A vida com outras formas e em outros mundos dos paizes não lhe era lido conservar a lembrança?

— Não são poucos recordar-se, — nada sabe. Se repes não outros paizes e outros scenas, um paizo preto, espesso, humido, cálido, — delles o separa o seu espirito se afiga com lentes escuras para levantá-lo; causa-se de engolhar-se sem esperanças nesse anjano de trevas: lava suas vistas para d' elle de si; enlre o mundo e suas perspectivas infinitas alçada de uma escuridão vapor trillante: — imagens confusas, caprichosas, umas bellas e risadas, outras ameaçadoras e severas, passio diante delly e murmuro os seus ouvidos palavras que pertubam a sua alma.

— Mas o adolecente afirme forças e com ellas confiança. As suas paixões commoça a firmen-tar. Como os outros homens, acostuma-se ás cousas da vida, da qual cuida menos em sondar os mysterios, occupando-se mais a gosar della.

Essa garrafa que aperta nos labios não é so-mente um symbolo; a mocidade de out' ora, digamos-lhe por honra da de agora, amava mais o vinho do que a vida; — a orgia das festinas era mais frequente, até entre aquellos a quem distinguia o nascimento, a educação e o genio.

— Outras paixões succedem, outros movi-mentos arrastam o moço; os tumultos de seu cora-ção suspendem-lhe a carreira do tempo, cuja rapidez já não mede; cede aos transportes da natureza.

Suas esperanças não foram frustradas; — lio encantadoras emções e penetração o captívio, que principia a amar a vida e por ella.

Porém chega um momento em que estremes; — essas dias tão bellas, essas horas tão ligtras entra em um mundo novo que julgava con-hecer. Está iniciado nas alegrias, nas inquietu-dades, nas dores, nos deveres mais severos da vida; chegam ao cimo: as vertentes são arri-sadas e de breve ha de ser o precipicio.

Por muito tempo negara o egoismo, a ingrati-tude, a iniquidade, o amor do lucro; a ingrati-tude que todos esses males estavam derraman-dos pelo mundo; mas estava certo, dizia elle, de que o seu coração se abria, como outra caixa de Pandora, para lhos servir de ariete.

Alí por que atalhos inaprecibidos é levado a se demorar no cruelmente? — Que é feito d'esse desprezo da colica, que oppunha com a firmeza aos olhos do mundo?

— Ambição, o amor do ouro, pertubam agora seu somno; seguem as suas pisadas a toda hora e por toda parte.

— Porque é que esses velhos tinham tanto a morrer? Que fazem desses thesuros de quando



O sonho da vida humana.

podem gosar? Esperamos nós, para colhar a sua herança, que também tenhamos herdado a sua caduquice? — Assim rosna dentro de nós o horrroso egoismo.

E as demandas, as lutas, os pensamentos culpáveis devario toda essa parte da vida, que, somente para alguns homens, é tempo da madureza, do recolhimento e do estudo.

— Enfim o homem curva-se ao peso dos annos e cede, deixando atraz de si alguns memmos para o chorarem, e continuarem essa serie infimamente dobaldo da mão de Deus.

Parce-nos que tal a significação do *Sonho da vida humana*, um dos numerosos desenhos feitos a lapis ou penaa por Miguel Angelo, des-tinados da Europa, e que, ainda que não acaba-dos, e por mais imperfeitos que sejam, bastaria — na falta de outras obras — para provar a

VIAGENS.

A cidade de Vienna.

A cidade de Vienna, capital do imperio d'Austria, está situada na margem direita do Danubio; é a residencia do imperador e séda do archiepiscopo. Os muros da cidade formavam antes de 1809 uma fortificação militar, da qual grande parte foi pelo ar nessa epocha.

Entre os muitos edificios notáveis que ahí se observa, distingue-se em primeiro lugar o pa-lacio imperial ou o *Burg*, situado na parte occidental da cidade. É um immenso edificio, que contém magnificas colleções de minera-logia, objectos d'arte, curiosidades e medallhas; colleções que excedem talvez pela sua riqueza as das outras capitães da Europa.

Este palacio achase rodeado de admiráveis edificios, como a chancellaria do imperio, a bi-bliotheca imperial e outras, e em diversos pon-tos da cidade nota-se também a casa da moeda, o palacio do conselho de guerra, a universi-dade, os theatros, o observatorio, etc., etc.

As egrejas merecem também ser visitadas. Na torre de Santo Estevão, que gosa do titulo de cathedral, ha um sino que pesa 35,000 li-bras, e que é feito dos canhões tomados aos turcos, quando levantaram o cerco da Vienna. Esta torre tem mais de 400 pés de altura, e a egreja contém 38 altares de marmore, e os tumulos de Frederico IV, do principe Eugenio de Savoia, etc.

São tambem notáveis as egrejas de S. Pedro, que tem um zimbório coberto de cobre; de S. Agostinho, que encerra o mausoleo que Cano-va levantou á archiduquesa Christina; a de S. Roberto, que data do 710; a dos carpenters, que tem um soberano, onde se enterram os principes da casa d'Austria.

Devemos recordar aqui um uso singular que ha em Vienna, em relação ao modo de sepulta-



EGREJA DE S. CARLOS BORROMEIO, EM VIENNA.

Foto do Monitor Sul-Mineiro, Ano I, nº 3, 14 de janeiro de 1872. p. 1

Fonte: Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort

Anexo 16

MONITOR SUL-MINEIRO

SEMANARIO DE LITTERATURA, INDUSTRIA E NOTICIAS.

Publicado sob a direcção de Bernardo Saturnino da Veiga, editor proprietario.

Assigna-se na Cidade da Campanha da Princeza á 105000 reis por anno, tendo os assignantes o abatimento da terça parte da importancia das publicações que flozorem. Aceita-se com prazer noticias e artigos de interesse geral, e não se admittie correspondencias em gualquiera lingua sem que contenha injurias contra quem quer que seja. Todo o pagamento é adiantado. Annuaes 100 reis por linha.

Anno I.

Campanha da Princeza, 24 de Marco de 1872.

Numero 13.

RELIGIAO.

A ceia de N. S. Jesus Christo.

A gravura que acompanya este artigo representa a ceia de Nosso Senhor Jesus Christo, que a igreja commemorava no dia de quinta feira santa.

Foi a ultima vez que Jesus Christo reuniu seus discipulos, com os discipulos que ridos de seu coração, pôde ella ter lugar na vespera de sua morte.

Essa cerimonia tocante e magestosa é reavivada todos os annos pelos reis nas capellas de reis, e por outras pessoas de importancia nos lugares em que esta solemnidade tem lugar.

Essa cerimonia tocante e magestosa é reavivada todos os annos pelos reis nas capellas de reis, e por outras pessoas de importancia nos lugares em que esta solemnidade tem lugar.

A posição humilde em que ahi se collocou o Filho de Deus, o Redemptor dos homems, deve nos ensinar, a nós, pobres e miseráveis filhos da dor, o desprezo pelas illusorias grandezas deste mundo, e a indifference pelas vaidosas ambições dos homems.

Leonardo, o celebre pintor da escola florentina nascido em 1452 no castello de Vinci, perto de Florença, representou a ceia em um admiravel quadro, destinado para o refeitório dos Dominicanos de Milão, do qual se gravou uma copia.

O tempo porém que tudo consome, em seu passar destruiu, estragou bastante esta obra prima do grande genio, para o que tambem concorreu a extrema humidade da parede em que foileta pintada.

Restão porém algumas copias, que reproduzidas pelos esculptores e admiradores de Leonardo, tornaram ellesto o bello trabalho deste distinctissimo pintor.

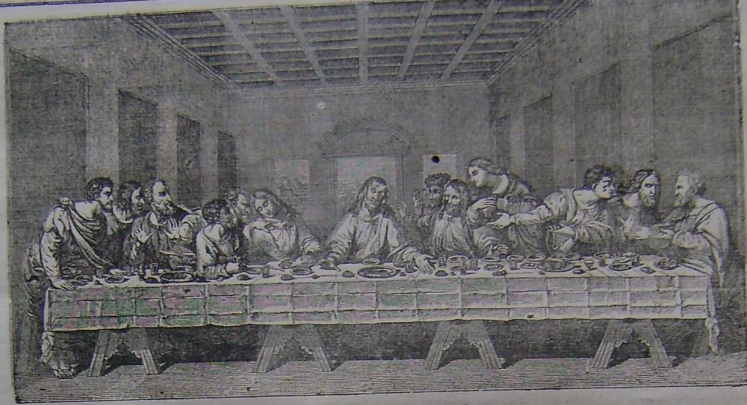
MONUMENTO.

Interior da capella dos Invalidos, em Paris.

A criação de um asylo para aquelles que desferam a patria, e que depois de saudades pela victoria, ou perseguidos pela derrota, voltão para a terra que os vio nascer, mutilados, feridos ou inhabilitados para o trabalho, de que poderiam tirar subsistencia, é um dever impensavel de todas as nações civilisadas.

Quozoo caro Brazil, apaz de não ser, felizmente, conuido no numero das nações que amão a patria, já resultou a necessidade da criação de um asylo no sentido em que fallamos na linha, e na capital do império, já o governo realisou esta ideia, com a edificação do Asylo dos Invalidos da Patria, que é hoje considerado entre os primeiros edificios do Rio de Janeiro.

Mas não é nosso fim tratar desso interessante, mas sim nos occuparmos do Hotel dos Invalidos, em Paris, do qual representa a nossa gravura uma parte importante. — a capella do Hotel dos Invalidos foi começada em 1670 por Luiz XIV, o grande rei, e só foi concluido em 1760.



A CEIA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO.

E' um dos mais admiraveis monumentos de Paris, construido com regia magnificencia, e no qual se nota uma excellente bibliotheca, quasi que composta somente de livros de guerra; bellissimos jardins; terraços magníficos; excellentes aposentos para officiaes etc., etc.

São as reliquias do valente exercito da França que dormem o sono eterno na casa de Deus, embaldadas pelos canticos sagrados, e com os tumulos perfumados pelo incenso dos altares.

larga e alta, carregada de pinturas, e as quatro cúpulas lateraes, tao pomposamente adornadas, os grandes vãos das janellas, brilhante variedade das côres e dos desenhos da marfaria, em que os pés ouzão apenas pisar... e nem uma cadeira, nem um banco para desarranjar-lhe a harmonia!



INTERIOR DA CAPELLA DOS INVALIDOS.

gada parte dessa gloriosa tapeçaria, e o apparecer desse lugar alguns dos trophés e que o orgulho nacional ahi guardava; mas as brechas das glorias francezas se reparão depressa.

Apesar de ser modesto e austero o espaço comprehendido entre a porta da entrada e o altar maior, embaixo do zimbório todo é rico, esplendido e grandioso, como o resultado de quem ordenou a construção deste soberbio edificio, e a época em que elle se fez, que é considerada na historia a idade de ouro da França.

Ahi vereis columnas de porphyro, ladhrios em mosaico, balaustradas de ouro, estalinas, quadros frescos, ludo e requintes do luxo, todo o luxo das artes. Essa cúpula é alta, carregada de pinturas, e as quatro cúpulas lateraes, tao pomposamente adornadas, os grandes vãos das janellas, brilhante variedade das côres e dos desenhos da marfaria, em que os pés ouzão apenas pisar... e nem uma cadeira, nem um banco para desarranjar-lhe a harmonia!

Este contraste de tanta magnificencia com tanta simplicidade diz alguma coisa á alma e aos olhos. Luiz XIV, tendo visitado a moradia de seus guerreiros mutilados, quiz deixar-lhe um symbolo estrondoso de sua realza; é o paraíso com todas as suas pompas e maravilhas no fim de uma vida humilde e austera...

As mesmas circumstancias, as mesmas impressões reproduz o exterior. O zimbório dos Invalidos, elevando-se alto, alto e tão brilhante sobre os teitos sombrios do resto do edificio, como uma tiara de ouro sobre frentes prostradas, compõe por si só todo o libél do monumento. Tira o zimbório, e o Hotel dos Invalidos não é mais que um quartel, um claustro, um hospicio; o zimbório faz delle um palacio, um templo, mais que isso. Se ha hoje alguém que não comprehenda bem para que serve o zimbório dos Invalidos, em comparação do dinheiro que custou, vá perguntar a esses velhos martyres das batalhas, de que elle é como a resplandecente aureola, e elles responderão com orgulho: Serve para ser bello!

Esta a descripção do grande e nobre Hotel dos Invalidos, e especialmente de sua interessante capella, de que copia a gravura que acompanya este artigo, como já dissemos.

Ahi—nesse asylo santo—paga a França, cuidando dos ultimos dias de seus valentes guerreiros, a gloria de que elles cercarão sua bandeira, nos centenas de combates em que ella era o ídolo dos que agora se chamão—velhos e mutilados soldados.

Ephemerides da semana.

- 24 DE MARÇO.
- 1625 Morreo Thago I, rei da Inglaterra e filho de Maria Stuart. Foi inimigo dos catholicos; teve favoritos indios que o dominarão; quiz ter um poder absoluto, e governar sem dar importancia ao parlamento, etc. Apesar destas cousas, que o desmerecem, foi considerado como um homem de grande instrucção e muito versado em theologia; seus hajalibores o denominavão — *Salomão da Inglaterra*.
- 1633 O coronel bellizor Rembach, por conselho de Calabar, ataca o Campo Real de

Foto do Monitor Sul-Mineiro, Ano I, nº 13, 24 de março de 1872. p. 1
Fonte: Acervo CECML - Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort